



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO (CEPAE)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

MATÍAS CASTARATARO

O LABIRINTO DA BNCC E A FILOSOFIA: os aportes da educação
filosófica no ensino médio para uma formação à prova de “fake news”

GOIÂNIA
2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Matias Castarataro

3. Título do trabalho

O LABIRINTO DA BNCC E A FILOSOFIA: os aportes da educação filosófica no ensino médio para uma formação à prova de “fake news”

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Evandson Paiva Ferreira, Professor do Magistério Superior**, em 01/10/2025, às 07:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Matias Castarataro, Discente**, em 08/10/2025, às 11:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5690000** e o código CRC **C17BD32D**.

MATÍAS CASTARATARO

O LABIRINTO DA BNCC E A FILOSOFIA: os aportes da educação filosófica no ensino médio para uma formação à prova de “fake news”

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes.

Orientador (a): Professor Doutor Evandson Paiva Ferreira

GOIÂNIA
2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Castarataro, Matias
O LABIRINTO DA BNCC E A FILOSOFIA [manuscrito]: os aportes da
educação filosófica no ensino médio para uma formação à prova de "fake news" /
Matias Castarataro. - 2026.
386 f.: 2026

Orientador: Prof. Dr. Evandson Paiva Ferreira
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Centro de
Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa de Pós-Graduação em Ensino
na Educação Básica (Profissional), Goiânia, 2026.

Anexo.

Apêndice.

Bibliografia.

Inclui: siglas, grafico, lista de tabelas.

1. Filosofia e Formação Humana. 2. Educação Básica. 3. Ciências
Humanas. 4. Pensamento Crítico. 5. "fake News"..

I. Ferreira, Evandson Paiva, orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E DO PRODUTO EDUCACIONAL

Aos vinte e nove dias do mês de setembro de dois mil e vinte e cinco, às 15h, por videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa da Dissertação intitulada O LABIRINTO DA BNCC E A FILOSOFIA: os aportes da educação filosófica no ensino médio para uma formação à prova de “fake news” e do Produto Educacional intitulado SUBJETIVIDADE, FAKE NEWS E FILOSOFIA: o compromisso com o debate democrático, pelo discente **Matías Castarataro**, como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Ao término da defesa, a Banca Examinadora considerou a Dissertação e o Produto Educacional apresentados APROVADOS.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica.

Proclamado o resultado, o(a) Presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata, juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Prof. Dr. Evandson Paiva Ferreira (PPGEEB/CEPAE/UFG) – presidente,

Prof. Dr. Danilo Rabelo (PPGEEB/CEPAE/UFG) – membro interno,

Prof. Dr. Heitor Coelho Franca de Oliveira (UERJ) – membro externo.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Evandson Paiva Ferreira, Professor do Magistério Superior**, em 29/09/2025, às 17:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Danilo Rabelo, Professor do Magistério Superior**, em 29/09/2025, às 17:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Heitor Coelho Franca de Oliveira, Usuário Externo**, em 14/10/2025, às 14:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5637866** e o código CRC **EA725C01**.

CASTARATARO, Matías. **O Labirinto da BNCC e a Filosofia: os aportes da educação filosófica no ensino médio para uma formação à prova de “fake news”**. 386 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

RESUMO

Em um tempo em que a informação se viraliza com fugacidade sem que, muitas vezes, os sujeitos que a compartilham participem da elaboração de seu conteúdo ou verifiquem minimamente a sua veracidade, os problemas estão à vista. A presente pesquisa intitula tem como objetivo demonstrar como a articulação, integração e relação de conceitos filosóficos - especialmente o conceito de “liberdade” em Jean-Paul Sartre e a “dúvida metódica” de René Descartes - é importante para o desenvolvimento de várias competências e habilidades, principalmente da competência específica número 6 da BNCC na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio, que mesmo tendo retirado a obrigatoriedade da Filosofia no Ensino Médio, não encontrará melhor ferramenta para seus objetivos e para o combate às “fake news”. Tais conceitos costumam ser estudados de forma separada, já que existem quase 300 anos de diferença entre um filósofo e o outro e a filosofia normalmente é ensinada como uma história ou relato que exhibe “a galeria dos heróis da razão pensante” (Hegel, 2006), sem que se convide o educando a dela participar, sintetizando os conceitos adquiridos em seu próprio filosofar. A “dúvida metódica” de Descartes oferece o entendimento de que ninguém está livre de erro, mesmo nas coisas mais simples, e, para que se evite o equívoco na máxima medida possível, o melhor é que o conhecimento seja submetido a um método que permita uma análise com rigor epistemológico. A “liberdade” de Sartre é a fundamentação filosófica para uma moral sólida que, em diálogo com a “dúvida metódica”, procura explicar que a responsabilidade do indivíduo é absoluta sobre todos os seus atos, uma filosofia essencial para o compromisso democrático. A pesquisa utiliza uma metodologia qualitativa, de tipo descritivo e com um procedimento técnico que se apropria de conceitos da pesquisa-ação. Nutrida de tal procedimento técnico executa uma análise bibliográfica do fenômeno em questão, e, por outra parte, desenvolve e aplica um produto educacional que consiste primeiro em um e-book intitulado: “Subjetividade, “Fake News” e Filosofia: O compromisso com o debate democrático” e, segundo, num plano de ensino com uma carga horária de 32 horas. Esta dissertação está vinculada ao Mestrado Profissional Stricto Sensu do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Palavras-chave: Filosofia e formação humana. Filosofia da Educação. Educação Básica. Ciências Humanas. Pensamento crítico. “Fake news”.

CASTARATARO, Matías. **The Labyrinth of the BNCC and Philosophy: The Contributions of Philosophical Education in High School for a Formation Resistant to "Fake News."** 386 f. Dissertation Thesis (Master Degree in Basic Education Teaching) – Postgraduate Program in Basic Education Teaching, Teaching and Research Applied in Education Center, Federal University of Goiás, Goiânia, GO.

ABSTRACT

In a time when information spreads rapidly, often without the individuals sharing it participating in its creation or minimally verifying its truthfulness, the problems are evident. This research aims to demonstrate how the articulation, integration, and relationship of philosophical concepts—particularly Jean-Paul Sartre’s concept of "freedom" and René Descartes’ "methodical doubt"—are essential for the development of various competencies and skills, especially Specific Competency No. 6 of the BNCC (National Common Curricular Base) in the area of Human and Social Sciences for High School. Even though the BNCC has removed the mandatory status of Philosophy in High School, no better tool will be found for its objectives and for combating "fake news." These concepts are usually studied separately, as there is nearly a 300-year gap between the two philosophers, and philosophy is often taught as a history or narrative that displays "the gallery of heroes of thinking reason" (Hegel, 2006), without inviting students to participate in it, synthesizing the acquired concepts in their own philosophical reflection. Descartes’ "methodical doubt" provides the understanding that no one is free from error, even in the simplest things, and that to avoid mistakes as much as possible, knowledge should be subjected to a method allowing rigorous epistemological analysis. Sartre’s "freedom" is the philosophical foundation for a solid morality that, in dialogue with "methodical doubt," seeks to explain that an individual’s responsibility is absolute for all their actions—a philosophy essential for democratic commitment. The research will use a qualitative methodology, of a descriptive nature, with a technical procedure that incorporates concepts from action research. Supported by this technical procedure, it carries out a bibliographic analysis of the phenomenon in question and, on the other hand, develops and applies an educational product consisting, first, of an e-book entitled “Subjectivity, ‘Fake News’ and Philosophy: A Commitment to Democratic Debate” and, second, of a teaching plan with a 32-hour workload. This dissertation is affiliated with the Professional *Stricto Sensu* Master’s Program of the Graduate Program in Teaching in Basic Education, at the Center for Teaching and Applied Educational Research (CEPAE) of the Federal University of Goiás (UFG).

Keywords: Philosophy and human formation. Philosophy of Education. Basic Education. Human Sciences. Critical thinking. "Fake news."

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CEPAE	Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
CF	Constituição Federal
COVID	Coronavirus Disease, em português, Doença do Coronavírus.
DICIO	Dicionário Online de Português
DNC	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica
FAPEG	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás
HIV	Human Immunodeficiency Virus, em português, Vírus da Imunodeficiência Humana
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
MEC	Ministério da Educação e Cultura
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	Plano Nacional de Educação
PPGEEB	Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica
TJDFT	Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios
UFG	Universidade Federal de Goiás

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Primeira pergunta do questionário respondida durante a aula inicial.....	66
Gráfico 02 – Segunda pergunta do questionário respondida durante a aula inicial.....	67
Gráfico 03 – Terceira pergunta do questionário respondida durante a aula inicial.....	68
Gráfico 04 – Quarta pergunta do questionário respondida durante a aula	69
Gráfico 05 – Quinta pergunta do questionário respondida durante a aula inicial.....	70
Gráfico 06 – Primeira pergunta do questionário respondida durante a aula encerramento.	84
Gráfico 07 – Segunda pergunta do questionário respondida durante a aula encerramento.	85
Gráfico 08 – Terceira pergunta do questionário respondida durante a aula encerramento.	86
Gráfico 09 – Quarta pergunta do questionário respondida durante a aula encerramento ...	86
Gráfico 10 – Quinta pergunta do questionário respondida durante a aula encerramento ...	87

SUMÁRIO

	Introdução	8
1	Capítulo I: Fake news, significação e combate	12
2	Capítulo II: Em busca de um conceito: o que são as “Fake news”	29
3	Capítulo III: A filosofia e a possibilidade do combate às "Fake News"	43
4	Capítulo IV: Formação crítica na escola	60
5	Considerações finais	89
6	Referências bibliográficas	91
7	ANEXO I	97
8	ANEXO II	99
9	ANEXO III	102
10	APÉNDICE I	104

Introdução

As “fakes news” e seus efeitos nefastos não são um fenômeno exclusivamente contemporâneo. Mas a velocidade com que tais notícias são fabricadas e se propagam o é. O “boom” das redes sociais tornou possível que qualquer indivíduo compartilhe informação com milhões de pessoas de forma instantânea. Como aponta Shu et al. (2017), começou assim uma mudança no comportamento de consumo de notícias, já que ler informação nas redes sociais toma menos tempo do usuário e tem um custo monetário menor em comparação com a mídia tradicional.

Essa simplicidade na recepção de informação, contudo, não é o único fator que impulsiona a viralização de conteúdo falso. Como adverte Shao et al. (2018), devido ao baixo custo de produção de “websites” fraudulentos e ao alto fluxo de perfis controlados por programas conhecidos como “socialbots”, a opinião pública pode ser influenciada em diversas questões, que vão desde políticas de vacinação até a campanhas políticas.

Essa pluralidade de fenômenos impulsiona a comunidade a atualizar constantemente o conceito de “fake news”. Tandoc Jr., Wei Lim & Ling (2018) apontam que um fator que está sendo passado por alto nessa tentativa de criar uma nova definição é a importância da audiência. Enquanto as notícias clássicas são construídas por jornalistas, pode-se perceber que as “fake news” são co-construídas pela audiência, já que para ocorrer a viralização é necessário que a audiência perceba o falso como real. Sem esse completo processo de engano, as “fake news” continuariam sendo uma mera ficção.

Se a audiência tem um papel fundamental na propagação das “fake news”, acontecimentos que afetam as emoções pioram a situação. A confrontação política, por exemplo, facilita a credulidade nas informações que alimentam o preconceito em relação ao polo oposto. Da mesma forma, uma crise sanitária que ocasione medo deixará a população mais crédula na existência de um medicamento milagroso ou na ideia de que a doença não existe.

De fato, em 2020, essa conjuntura, somada à necessidade das pessoas de informações acerca da pandemia causada pelo vírus COVID 19, ocasionou uma crise informativa sem precedentes, que teve como efeitos para suas vítimas danos para a saúde das mais afortunadas e morte para as que não tiveram a mesma sorte. Apesar do fim do período de emergência sanitária, a intensidade dessa crise persiste, espalhando-se por outros aspectos da vida em sociedade.

A extensão e a gravidade da crise informativa podem ser explicadas pela falta de políticas de Estado relacionadas à organização de uma comunicação eficiente que brinde tranquilidade à população; à corrosão da confiança nas instituições de controle, promovida pelas

próprias “fake news”; e à carência de uma formação que permita aos cidadãos lidarem com os altos fluxos de informação aos quais são submetidos. Esses fatores deram à luz um indivíduo negacionista.

Essa crise não admite soluções a curto prazo e a formação de uma cidadania responsável na transmissão de conhecimento, que participe ativa e criticamente nos conteúdos que difunde, precisa começar na Educação Básica.

A Base Nacional Comum Curricular – documento de caráter normativo, sancionado pelo governo federal no ano de 2017, que tem como principal objetivo estabelecer um patamar de aprendizagem e desenvolvimento, para que todos os estudantes da educação básica do Brasil desenvolvam as mesmas competências e habilidades ao longo da vida escolar – reconheceu tal necessidade, tendo, inclusive, estabelecido a competência específica número 6 da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio, que consiste em “Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.” (BNCC, 2017, p. 570).

Curiosamente a BNCC - em desencontro com a reforma de 2008, trazida pela Lei nº 11.684 - removeu a obrigatoriedade, como componente curricular específico, da disciplina que já foi glorificada em outros tempos como a mãe das ciências, a Filosofia. Apesar disso, se o espírito do documento é garantir que os alunos desenvolvam habilidades como a competência citada “ut supra”, cabe então afirmar que a única hermenêutica possível a respeito da presença da Filosofia na Educação Básica é a de que esta nunca foi tão indispensável e obrigatória.

De fato, desde a antiguidade que a filosofia debate como deve ser uma educação que garanta a autonomia dos educandos. Na antiga Grécia, no século V a.C., existiu um compromisso social de se substituir uma educação focada na ginástica, na música e na gramática por uma integral, que incluía a física, a oratória, a retórica, a ciência, a música e a filosofia. Essa noção de educação foi chamada de “Paideia” e foi descrita por Platão como “(...) educação na aretê que enche o homem de desejo e da ânsia de se tornar um cidadão perfeito, e o ensina a mandar e obedecer, sobre o fundamento da justiça” (Jaeger; 1986, p. 147).

Assim como em toda sua história, a filosofia continua intimamente comprometida com a formação humana. Com um menu quase inesgotável de ideias, pode oferecer aos educandos diversas abordagens sobre como conhecemos a realidade, o significado da existência ou a possibilidade de transcendência entre outras. Mas, tantas variedades de pensamentos podem, em um primeiro momento, parecer incompatíveis, contrárias entre si ou sem relação evidente,

confundindo os alunos e desservindo para auxiliar no desenvolvimento das competências e habilidades da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da BNCC.

Como dizia o filósofo italiano Franco Volpi, o que encontramos na filosofia “não são soluções ou receitas prontas, senão um inesgotável tanque de ideias, um formidável ginásio para pensar, um exercício de lucidez e inteligência crítica que reclama emulação” (Volpi, 2008). Fica nas mãos do professor guiar o aprendizado para mostrar que o valioso da filosofia não é, simplesmente, aprendê-la, mas vivê-la.

Para tamanho desafio, a seguinte pesquisa estabelece como pergunta norteadora: Pode o ensino da Filosofia no Ensino Médio fazer um aporte fundamental para o desenvolvimento de competências e habilidades que auxiliem o aluno a detectar e combater as chamadas “fake news”?

Da interrogação central surge tanto o objetivo principal como os objetivos específicos do trabalho:

O objetivo geral é avaliar o desenvolvimento de competências e habilidades propostas na BNCC por meio da aplicação de um produto educacional baseado num ensino não cronológico da filosofia que fomente a relação, a articulação e a prática de conceitos filosóficos com foco no combate às “fake news”.

Os objetivos específicos, por sua vez, serão:

- i) Estudar as dificuldades dos jovens para perceber informação falsa.
- ii) Analisar os aportes da moral sartreana e da dúvida metódica cartesiana para o desenvolvimento de uma cidadania responsável e comprometida com a transmissão de informação veraz.
- iii) Identificar, em sala de aula, contribuições da articulação de conceitos filosóficos no desenvolvimento da competência específica número 6 da área de Ciências e Sociais Aplicadas no ensino médio.

Para a pesquisa, de natureza aplicada, adotar-se-á uma abordagem qualitativa. O tipo de pesquisa será descritivo.

Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 70), a pesquisa qualitativa

[...] considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva.

Será uma pesquisa focada na interpretação de dados, surgidos tanto da análise de bibliografia quanto da aplicação prática do produto educacional.

O procedimento técnico será baseado na pesquisa-ação, na qual

Os pesquisadores e os participantes envolvem-se no trabalho de forma cooperativa. A pesquisa-ação não se refere a um simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação, os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados. (PRODANOV, FREITAS; 2013 p. 63).

Esse procedimento facilita o diálogo contínuo entre o pesquisador e os participantes envolvidos (os alunos), o que garante uma melhor detecção dos problemas que possam surgir no processo de aplicação do produto educacional que será executado no CEPAE/UFG para alunos do ensino médio.

O produto educacional terá o formato de um plano de ensino dividido em 06 (seis) unidades, que abordarão e relacionarão como diferentes filósofos dialogam, direta ou indiretamente, com o pensamento cartesiano junto ao afim de desenvolver competências e habilidades que possibilitem uma análise crítica da informação no educando.

A dissertação conta com quatro capítulos.

Depois da introdução, o primeiro capítulo “Em busca de um conceito: o que são as ‘Fake News’” procura indagar a sua significação, surgimento e reprodução das “fake news”, mediante o estudo da perspectiva sincrônica e diacrônica do fenômeno em questão.

Logo, o segundo capítulo “A filosofia e a possibilidade do combate às ‘Fake News’” foca-se no estudo dos fenômenos internos do sujeito que alimentam a desinformação. Sob o olhar escutador do psicanalista Sigmund Freud e do filósofo Cornelius Castoriadis, encontra-se a origem ontológica da desinformação e, porque não, o primeiro passo para a sua superação.

Com o fenômeno desvendado, o terceiro capítulo “A Base Nacional Comum Curricular e o espírito do neoliberalismo” denuncia como as sucessivas tentativas de produção de uma legislação educativa aparentemente eficiente, acabam dando luz ao questionamento da existência da filosofia, da sociologia e da arte como componentes obrigatórios no Ensino Médio.

Por último, o quarto capítulo “Formação crítica na escola” explica o percurso metodológico da pesquisa, o planejamento do produto educacional para abordar a crise informativa, o diário de campo fruto da aplicação da pesquisa em sala de aula e, finalmente, a análise dos resultados, exaltando a importância da contribuição da disciplina de Filosofia no Ensino Médio.

O homem, por assim dizer, tornou-se uma espécie de “Deus de prótese”. Quando faz uso de todos os seus órgãos auxiliares, ele é verdadeiramente magnífico; esses órgãos, porém, não cresceram nele e, às vezes, ainda lhe causam muitas dificuldades.

Sigmund Freud

Capítulo I

Em busca de um conceito: o que são as "Fake News"?

Quando empreende-se a tarefa de buscar o mais abrangente conceito possível de um fenômeno, rapidamente surgem diversos desafios. De acordo com os principais dicionários, “definição” é a “Delimitação precisa; exatidão” (Michaelis, 2024) ou “significação precisa de (algo); indicação do verdadeiro sentido de (algo)” (Houaiss, 2024). Restringir o processo de significação do termo “fake news” o mais possível ocasionará, nos altares da síntese, o nascimento de uma frase sintética que encante com excessivo reducionismo. Não obstante, a segunda acepção do vocábulo “definição” evoca a necessidade de uma análise filosófica que subjaz a tal restrição.

Mostra-se imprescindível, na procura pelo significado das “fake news”, o abandono de todo desmembramento de que o termo possa padecer nos dicionários contemporâneos. É que nestes, a definição costuma estar limitada a seus aspectos de significação sincrônicos - que demarque como os conceitos são percebidos pelos falantes -, carecendo de uma contribuição diacrônica explícita - que explique a evolução histórica dos conceitos e ilumine o fenômeno explorado.

Não é a intenção desta busca estabelecer uma diminuição do aporte sincrônico nos processos de significação e na compreensão do que são as “fake news”. Nas palavras do filósofo Ferdinand Saussure (2016, p. 106) tal ótica só conhece

[...] uma perspectiva, a das pessoas que falam, e todo o seu método consiste em recolher-lhes o testemunho; para saber em que medida uma coisa é uma realidade, será necessário e suficiente averiguar em que medida ela existe para a consciência de tais pessoas.

Desse modo, a visão sincrônica é vital na compreensão de qualquer conceito, uma vez que nos fornece um panorama do estado atual da língua. Tal perspectiva funciona como uma ferramenta que desnuda com efetividade os aspectos atuais do termo.

Partindo da perspectiva sincrônica, a locução “fake news”, que pode ser superficialmente traduzida ao Português como “notícias falsas”, pertence a uma série de estrangeirismos - uso de palavras estrangeiras na comunicação - de origem inglesa que foram incorporados à fala cotidiana durante a globalização digital (revolução comunicativa que alcançou seu esplendor com a chegada das redes sociais). O excesso de estrangeirismos na nossa língua tanto surge como uma tentativa do indivíduo falante de universalizar sua mensagem para receptores de diversas línguas, quanto é consequência da recepção de mensagens em diversas línguas por parte do indivíduo ouvinte.

A língua inglesa tem ganhado, desde a segunda metade do século XX, com um exponencial aumento com a chegada da internet, um destaque na produção de estrangeirismos no Brasil. Palavras como “troll”, “like”, “hater”, “boomer”, “youtuber”, “meme” ou abreviações como “bf”, “plz”, “lol” ou “tks” surgiram na fala digital e participam ativamente da cotidiana. Não é uma surpresa que o termo “fake news” e sua diminuição “fake” emanem a sensação de vertiginosa contemporaneidade.

Em convergência com a realidade dos falantes, o Dicionário Online de Português (DICIO), que jacta-se de adaptar suas definições ao contexto social, propõe uma definição de “fake news” fundamental para uma compreensão sincrônica: “Notícias falsas ou informações mentirosas que são compartilhadas como se fossem reais e verdadeiras, divulgadas em contextos virtuais, especialmente em redes sociais ou em aplicativos para compartilhamento de mensagens.” (Fake News, 2024).

Essa definição permite relacionar eficazmente a locução “fake news” com a análise realizada por Tandoc Jr., Wei Lim & Ling (2018), já mencionada na Introdução desta dissertação. Efetivamente, as “fake news” são um fenômeno que pode ser explicado através de dois fatores fundamentais. O primeiro é destacar seu meio, o ambiente digital: o surgimento das redes sociais que impulsionaram uma mudança tanto no consumo quanto na produção de informação, possibilitando que a viralização (espalhar-se de maneira a criar um efeito semelhante ao de um vírus) da informação aconteça instantaneamente. O segundo é a cumplicidade da audiência: todo vírus precisa de novos hospedeiros para subsistir a maior quantidade de tempo possível e, sem o compartilhamento massivo das “fake news”, a característica viral do fenômeno seria impossível.

Apesar de capturar aspectos vitais na compreensão das “fake news” pela ótica sincrônica, o DICIO falha na questão da análise diacrônica. Com efeito, o fato de o termo ter surgimento contemporâneo e origem estrangeira dificulta o rastreamento da gênese e evolução das palavras, desservindo no auxílio de uma significação abrangente. O dicionário já mencionado

só tem a oferecer uma tentativa de descrição etimológica do termo que não passa de uma tradução literal, como expõe: “Etimologia (origem de *fake news*). O termo *fake news* deriva do inglês ‘fake news’, e significa literalmente ‘notícias falsas’”. (Fake News, 2024).

Aprofundado no estudo sincrônico do termo, o dicionário inglês Collins - que mostrou um particular interesse no termo “fake news” e o considerou “a palavra do ano” em 2017 - o define como: “informações falsas, maiormente sensacionalistas, disseminadas sob o disfarce de uma notícia jornalística.” (Collins, 2024, tradução livre).

Essa definição, que percebe-se aparentemente diferente por não fazer ênfase nem na questão do ambiente digital nem no compartilhamento da informação, acaba sendo interpretada de modo similar quando desenvolvido o uso da palavra “disseminada”. Tal adjetivo, lido como sinônimo de propagado, generalizado ou divulgado, incorpora a definição das características fundamentais mencionadas das “fake news”.

A modo de exemplo, o título de notícia “Disseminar o coronavírus é crime” (TJDFT, 2020) publicado pela Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, durante a pandemia da Covid-19, expõe como a disseminação está intimamente ligada com a concepção de viralização. Para que um vírus seja disseminado, é necessário um comportamento conivente por parte de seu hospedeiro (cumplicidade da audiência), de indivíduo a indivíduo. Do mesmo modo, para que a informação falsa no formato de “fake news” propague-se, o ambiente ótimo é o digital, que permite a fluidez dos papéis de emissor e receptor no exercício da comunicação.

Essa fluência comunicativa resulta inovadora em termos de velocidade. Em comparação com nossa dinâmica atual na área da comunicabilidade, todas as formas de comunicação anteriores gozam de uma extrema rigidez. Para exemplificar a questão não é necessário pensar na comunicação antiga, medieval ou renascentista: a própria modernidade - principalmente durante o século XX - oferece um sem fim de veículos de comunicação de limitado espectro.

Os meios de comunicação unilaterais como a rádio, a televisão e os jornais inundavam os espectadores com informação que era compartilhada limitadamente. Desse modo, os veículos informativos demandavam grandes quantidades de recursos econômicos para, precisamente, atingir a maior quantidade de usuários e conseguir que a informação tivesse um impacto a nível social. E, finalmente, o rol de compartilhamento ficava, em maior medida, limitado a comunicações bilaterais como o telefone ou os primeiros celulares do final do século.

Como pode-se apreciar, a cena da comunicação mudou completamente graças a sites informativos de baixo custo, a redes sociais que possibilitam a comunicação plurilateral, a aparição de “socialbots” que aumentam o tráfego do conteúdo e o baixo custo para o consumo informativo.

Em resumo, a análise do dicionário inglês Collins demonstra que o termo “fake news” é utilizado de forma análoga pelos anglofalantes e pelos lusofalantes. Entretanto, a definição dada pelo dicionário Collins acrescenta dois pontos acessórios para o entendimento do fenômeno, ausentes na anterior análise.

O primeiro, baseado no apelo emocional, aflora com o conceito de “sensacionalista”, que, segundo o próprio dicionário, pode ser entendido, na sua função adjetiva, como “Histórias ou informes que são reprovados porque apresentam fatos de modo que causem sentimentos de ira, choque ou euforia.” (Collins, 2024, tradução livre). O segundo ponto, centrado na forma como são produzidas as “fake news”, surge no final da definição, com a frase “sob o disfarce de uma notícia jornalística” (Collins, 2024).

Ambos os aspectos se relacionam e explicam os bastidores do engano. O sensacionalismo dará um recurso emotivo que tenha por objetivo a suspensão do juízo por parte do receptor. A fachada profissional, tanto na formatação quanto na falsidade das fontes, aumenta a credibilidade e diminui a necessidade de checagem da veracidade da informação.

O sensacionalismo, no que concerne às fake news, evoluiu ao patamar da pós-verdade. Esta, como define o dicionário de Oxford, que a considerou a palavra do ano em 2016, significa: “Relativo ou que denota circunstâncias em que fatos objetivos têm menos influência na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal” (Oxford, 2024, tradução livre).

A proximidade temporal com a qual os dicionários de Oxford e Collins consideraram “fake news” e pós-verdade como as palavras do ano demarca como um conceito retroalimenta-se em sua definição junto ao outro. Não faz sentido pensar as “fake news” como um termo novo que expressa a evolução ou mudança da desinformação midiática na segunda década do século XXI sem o aporte da pós-verdade na sua concepção, e, por outra parte, a possibilidade de pensar a pós-verdade como a mais recente modalidade de sensacionalismo sem o mecanismo das “fake news” na sua difusão.

Em 2016, a revista inglesa “The Economist” publicou uma matéria alertando como o fenômeno desinformativo de Donald Trump alimenta-se da pós-verdade e das “fake news” estabelecendo um novo patamar de distanciamento com a realidade. A respeito do presidente norte americano, sentenciou: “Habita num reino fantástico no qual Barack Obama elaborou um certificado de nascimento falso, o presidente fundou o Estado Islâmico (ISIS), os Clintons são assassinos e o pai de seu rival político estava com Lee Harvey Oswald antes de disparar a John F. Kennedy.”. (The Economist, 2016)

Infelizmente, a campanha política de Trump em 2016 não é o único exemplo dos fenômenos em questão. Pouco antes, no mesmo ano, o Reino Unido aprovou, mediante um referendo, a sua saída da União Europeia. Durante o referendo, o ex-premier Bóris Johnson impulsionou a circulação de antigos boatos contra a União Europeia que careciam de qualquer fundamento. A modo de exemplo: o uso do bilhete Euro cria impotência sexual; a proibição de publicação em redes sociais de fotos tiradas nos principais monumentos de Londres e, entre tantas, a proibição do excesso no consumo do álcool. (Esteves, 2019)

Como é possível perceber, o coquetel para o caos pandêmico ia sendo preparado. Em 2018, o candidato Jair Messias Bolsonaro venceu, no Brasil, o pleito eleitoral, tendo essa vitória sido impulsionada por diversos disparates, dentre os quais: o mítico “kit-gay”, destinado a corromper as crianças de 6 anos; a agressão a simpatizantes de seu partido por eleitores de esquerda; a acusação da defesa do incesto e do comunismo por parte de seu adversário eleitoral; a legalização da pedofilia; a desinformação sistêmica contra o sistema eleitoral brasileiro. (Barragán, 2018).

Para finalizar os exemplos e terminar de compreender a magnitude global do fenômeno, cita-se que, na Argentina, em 2023, o vencedor da contenda presidencial, Javier Milei, cuja ascensão ao poder foi meteórica, afirmou que: Lionel Messi denunciou o candidato opositor Sérgio Massa de roubar suas doações destinadas ao combate da pandemia da COVID-19; Massa consumia estupefacientes cronicamente, promovia o consumo de insetos ante a impossibilidade de as pessoas comparem carne bovina e implementaria um salário exclusivo aos membros do coletivo LGBT. (Leiva, 2023).

É possível notar um ponto em comum. O ex-premier britânico Bóris Johnson, o presidente dos Estados Unidos Donald Trump, o ex-presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro e o presidente argentino Javier Milei denominam extrema-esquerda todo o espectro político contrário a eles.

Não é uma surpresa que, com a aparição deles na vida pública - principalmente de Bóris e Trump -, as pesquisas relativas às “fake news” e à pós-verdade tenham disparado. Não obstante, é vital não precipitar-se e julgar ditos fenômenos como algo endógeno ao movimento político da extrema-direita. Para esclarecer essa questão, é preciso partir da pergunta: por que a esquerda não obtém o mesmo crédito político pelo atual caos informativo?

Durante o século XX, o filósofo francês Jean-Marie Domenach (2001, p. 3) - estudioso da propaganda política - defendeu que: “Um dos fenômenos dominantes da primeira metade do século XX é a propaganda política. Sem ela, os grandes acontecimentos da nossa época: a revolução comunista e o fascismo, não seriam sequer concebíveis.”. Logo, explicou as simetrias

existentes entre a comunicação da revolução bolchevique com a chegada do terceiro Reich. Para ambos os regimes, a propaganda política era um arma moderna: “O principal - asseverou Lenin - ‘é a agitação e a propaganda em todas as camadas do povo’; Hitler disse: ‘A propaganda permitiu-nos conservar o poder, a propaganda nos possibilitará a conquista do mundo’” (Domenach, 2001, p.3).

Portanto, seria preciso encontrar em que ponto entre a segunda metade do século XX e o começo do século XXI a extrema esquerda perdeu a capacidade de utilizar a versão mais moderna da propaganda política, as “fake news”. A prova dessa perda vislumbra-se no fato de que as ditaduras latinoamericanas de Cuba, Nicarágua e Venezuela não utilizarem esse efetivo sistema de desinformação para aumentar sua popularidade, e terminam apoiando-se nos veículos clássicos como o jornal, rádio e televisão. No caso da Venezuela, o autocrata Nicolás Maduro usa os tradicionais sinais analógicos de televisão para transmitir seus programas diários de propaganda, conhecidos como “Com o martelo”, “Super Bigode”, “Contato com Maduro”, “Em contato com Maduro”, “Com Maduro +”.

A resposta à pergunta alhures é simples: resulta-lhes impossível. De fato, não só a extrema-esquerda está fora da atual crise desinformativa, mas todos os outros espectros políticos - esquerda, centro e direita, sem importar a nação - parecem impossibilitados de obter crédito político com a produção de “fake news”.

No cerne dessa conclusão, encontra-se um fator que acaba por colocar, definitivamente, as “fake news” como um mecanismo próprio da extrema direita: as bolhas informativas.

A filósofa brasileira Lucia Santaella (2018, p. 11) descreve as bolhas informativas como “[...] câmaras de eco, ou seja, o ecossistema individual e coletivo de informação viciada na repetição de crenças inamovíveis.”. Estas molduras ideológicas funcionam mediante um sistema de filtros comandados por algoritmos. A modo de exemplo, quando um usuário faz uma pesquisa no buscador Google, o resultado pode parecer imparcial, mas não passa de uma personalização do conteúdo que o algoritmo considerou relevante para o usuário, com o ocultamento de valiosa informação previamente descartada.

Desse modo, continua Santaella (2018, p. 11), os filtros são um mecanismo de manipulação que, com interesses políticos, aprisionam comunicacionalmente o indivíduo mal informado para evitar o acesso à informação de qualidade.

De fato, pesquisas realizadas por fontes confiáveis confirmaram que máquinas de buscas e mídias sociais promovem a segregação ideológica, pois o usuário acaba por se expor quase exclusivamente a visões unilaterais dentro do espectro político mais amplo.

As bolhas informativas mediam entre as “fake news” e o indivíduo, estimulando o viés cognitivo do falso consenso, amplamente utilizado em campanhas políticas. O usuário cercado de informações idênticas, repetidas até à náusea pelos “socialbots”, trolls, termina acreditando que esses comportamentos ou opiniões são normais, visto que são compartilhados, em aparência, pela maioria.

O linguista norte-americano Noam Chomsky e o economista da mesma nacionalidade Edward Herman, em sua obra intitulada “O Consenso Fabricado”, explicam que, ainda que a transparência midiática seja um dos postulados básicos da democracia, e que, com grande esforço, a mídia clássica defendia que suas notícias são independentes, controladas pela comunidade intelectual e objetivas, no final do século XX era evidente como essa visão estava completamente fora da realidade. Sobretudo, pela facilidade com que as elites tinham a capacidade de gerir a opinião pública, estabelecer que conteúdos seriam relevantes ou que era permitido assistir. (Chomsky, Herman, 2024)

Conscientes de que a ideia de uma elite que controla o conglomerado comunicacional da maior potência mundial poderia ser catalogada como conspiracionista, ambos os pensadores abordam a questão explicando que sua afirmação está baseada, surpreendentemente, num princípio básico da economia norte-americana: o livre mercado. (Chomsky, Herman, 2024).

De acordo com estes autores:

Antes que a publicidade se tornasse proeminente, o preço de um jornal tinha que cobrir os custos para se manter em funcionamento. Com o crescimento da publicidade, os jornais que atraíam anúncios podiam pagar um preço de cópia bem abaixo dos custos de produção. Isso colocava os jornais sem publicidade em séria desvantagem: seus preços tenderiam a ser mais altos, reduzindo as vendas, e eles teriam um menor excedente para investir na melhoria da vendabilidade do jornal (recursos, formato atraente, promoção, etc.). Por essa razão, um sistema baseado na publicidade tenderá a expulsar da existência ou jogar na marginalidade as empresas de mídia e os tipos que dependem apenas da receita das vendas. Com a publicidade, o mercado livre não produz um sistema neutro no qual a escolha do comprador final decide. As escolhas dos anunciantes influenciam a prosperidade e a sobrevivência da mídia. (Chomsky, Herman, 2024, p. 74, tradução livre).

Portanto, desde que o modelo de negócios baseado na publicidade nos meios de comunicação passou a ser aceito, os jornais da classe trabalhadora ou de esquerda passaram a se encontrar em sérios problemas, dado que a maioria de seus leitores é de baixa renda. Para as empresas que gastam em publicidade, resulta ilógico investir neles. Por outro lado, um jornal que conte com recursos para captar o interesse da classe média ou alta será favorecido pelo aumento dos ingressos em matéria de publicidade, garantindo assim sua prosperidade e sobrevivência. Essa lógica é aplicável tanto aos jornais impressos quanto aos demais meios de comunicação (rádio, televisão, mídia digital). (Chomsky, Herman, 2024)

Essa relação indivisível entre o patrocinador e o meio de comunicação estimula a autocensura. A empresa de comunicação que queira garantir que seus consumidores de alta renda não sejam ofendidos evitará qualquer matéria ou informação contrária à visão política predominante nesse estrato da sociedade. Da mesma forma, a empresa também se verá forçada a evitar conteúdo que possa ofender os seus patrocinadores.

Bastante ilustrativo foi o que ocorreu no ano de 2018, quando Mark Zuckerberg, CEO do conglomerado de redes sociais denominado “Meta”, foi citado pelo congresso estadunidense para responder pelo escândalo conhecido como “Facebook-Cambridge Analítica”.

No referido ano, a Cambridge Analítica - uma consultora que participou de uma série de pleitos políticos, dentre os quais, as vitórias de Donald Trump, nos Estados Unidos; de Mauricio Macri, na Argentina, e dos separatistas do “Brexit” - foi acusada de haver criado anúncios personalizados com base no uso não autorizado de dados de milhões de usuários que a rede social do grupo “Meta”, denominada “Facebook”, provia.

Durante o seu interrogatório, Mark Zuckerberg explicou que sua empresa “Meta” parece-se mais com um governo do que com uma companhia tradicional, graças a seus dois bilhões de usuários distribuídos em todo o mundo (Poder360, 2018). As dimensões da companhia, que afirmava brindar um serviço gratuito, levantaram as suspeitas do senador Orrin Hatch, que questionou ao CEO qual seria o principal ingresso de uma companhia de tal dimensão que presta um serviço gratuito ao consumidor. A resposta - em tom de burla, como de quem apontava uma obviedade - foi imediata: “Senador, nós usamos publicidade”. (Burch, 2018).

Nessa subjugação econômica que nasce do binômio publicidade-rede social encontra-se a razão pela qual as “fake news” são um fenômeno quase exclusivo da extrema-direita.

Basta imaginar que um algoritmo, sem importar a que rede social pertença, sempre estará configurado para maximizar os lucros, já que, de outra forma, as outras empresas teriam uma vantagem na subsistência e no desenvolvimento. Para isso, o algoritmo deverá: primeiro, estudar o perfil do usuário a fim de escolher uma bolha de conteúdo que aumente o tempo de interação com a rede social em questão. Segundo, autocensurar todo o conteúdo que possa ofender os patrocinadores e o pensamento político histórico do usuário, em detrimento da qualidade. Por último, tentar induzir o potencial cliente a bolhas mais rentáveis de informação, estimulando-o a comentar, compartilhar conteúdo e se engajar com essa comunidade.

Com um olhar pessimista, é possível observar que a extrema direita tem ganhado uma arma exclusiva em questão de propaganda política.

Mesmo que este não seja o ponto central da pesquisa, não é demais pontuar que, em matéria de combate institucional às “fake news”, a simples ideia de apagar perfis de usuários ou comentários é ineficaz. Um combate institucional sério deverá monitorar constantemente a configuração dos algoritmos e punir economicamente as empresas que obtiverem um benefício - ainda que indiretamente - com a difusão de conteúdo pseudocientífico, com difamações intencionadas à promoção de interesses político-partidários e com qualquer tipo de desinformação que atente contra a integridade física do indivíduo e a sociedade.

Retomando o exposto, o termo “fake news” está em sincronia com expressões da fala cotidiana, como “viralização”, “rede social”, “fake”, que são de cunho contemporâneo, porém, também possui um tautocronismo com elementos como “sensacionalista”, “informação jornalística”, “disfarce”, que possuem um pé no passado e permitem apreciar as “fake news” como um fato em si mesmo no presente mas com uma herança conceitual mais complexa que impele uma análise diacrônica complementar.

Este esforço não é mais que uma procura de uma significação esclarecedora que esteja além de uma definição limitada por um aspecto em detrimento do outro. Contudo, em palavras de Saussure (2006, p. 106): “Por exemplo - e para começar pelo fato mais evidente -, não tem importância igual. Nesse ponto, está claro que o aspecto sincrônico prevalece sobre o outro, pois, para a massa falante, ele constitui a verdadeira e única realidade.”

Tendo em vista que a perspectiva sincrônica consegue refletir sobre como a palavra é captada e reproduzida pela consciência dos falantes, só dela podem surgir com maior clareza os aspectos fundamentais (pós-verdade, ambiente digital, bolhas informativas, etc.) que dão ao termo “fake news” uma contemporaneidade inequívoca. No entanto, como continua Saussure (2006, p. 106): “Costuma-se dizer que não há nada mais importante que conhecer a gênese de um determinado estado; isto é verdade em certo sentido: as condições que formaram esse estado nos esclarecem acerca de sua verdadeira natureza e nos livram de certas ilusões”.

Portanto, a perspectiva diacrônica analisa fenômenos que, tendo sua razão de ser em si mesmos, relacionam-se mediante a evolução da linguagem, aprofundando nas suas raízes e complementando a significação sincrônica.

O termo “fake news/notícias falsas”, ao ser composto por duas palavras, dificulta a busca de uma gênese única que possibilite a execução da análise diacrônica de modo simplificado. Para obtenção dos resultados mais abrangentes possíveis é preciso iniciar o desenvolvimento de cada palavra separadamente para que, em seguida, seja feita uma síntese adequada.

No início do exame da palavra “falso” ressalta-se uma questão determinante: na língua existem termos que não subsistem por si mesmos, mas em oposição, irremediável contradição, com outros no sistema linguístico. A modo de exemplo, no estudo da termodinâmica, a melhor maneira de definir o “frio” resulta ser como a ausência de calor. Porém, sem que seja explicado anteriormente o significado do calor, essa definição perde toda precisão, visto que a palavra “frio” apenas significa uma carência específica.

Com o termo “falso” acontece o mesmo: tudo o que a incorpore expressará uma ausência de seu oposto, a “verdade”.

Isso encontra-se expressado no dicionário Michaelis (2024), segundo o qual a palavra “falso”, quando usada como adjetivo, possui seis acepções, das quais destacam-se as seguintes: “Oposto à verdade ou à realidade; inexato, infundado. Que não é verdadeiro, mas inventado; fictício, enganoso. Que se faz passar pelo que não é; impostor. Que não é leal; desleal, pérfido, traidor.”.

Por sua parte, o dicionário Houaiss (2024) reforça as observações do dicionário Michaelis, definindo a palavra “falso” com dez acepções, das quais destacam-se: “contrário à realidade ou à verdade; inexato, sem fundamento; que não é verdadeiro; fictício, enganoso; que é feito a semelhança ou à imitação do verdadeiro; falsificado; indivíduo falso”.

Essa relação dicotômica desvia o olhar do termo “falso” para a palavra “verdadeiro”.

Ambos dicionários definem com especial simetria o termo “falso”, mostrando que este exhibe uma série de expressões que funcionam como uma bússola na compreensão do que seu oposto - o verdadeiro - realmente é: realidade, carência de ardil, originalidade e indivíduo moralmente íntegro, leal.

Para esclarecer como as ramificações da significação do termo “verdadeiro”, diversas e precisas em seu conjunto, foram constituídas, deve ser considerado um fator fundamental, qual seja, a natureza evolutiva dos termos. Com essa afirmação surge a seguinte interrogação: contém a palavra “verdadeiro” um processo intrínseco de desenvolvimento linguístico que permitiu a multiplicidade de usos, interpretações, no seu entendimento?

Tal pergunta encontra uma resposta apropriada na leitura da obra intitulada “A Genealogia da Moral”, do filósofo Friedrich Nietzsche (2013, p. 3), que parte de uma interrogante similar: “sob que condições inventou-se o homem aqueles juízos de valor, bom e mau? E que valor têm eles mesmos? ”.

Com a delimitação da meta, o filósofo alemão iniciou uma busca pelas origens, um rastreamento da gênese do termo “bom” e da gênese do pensamento que lhe deu à luz. Nessa tarefa, a dúvida a respeito da origem dos termos “verdadeiro” e “bom” juntou-se numa única resposta.

Em palavras de Nietzsche:

[...] que significam exatamente, do ponto de vista etimológico, as designações para "bom" cunhadas pelas diversas línguas?

Descobri então que todas elas remetem à mesma transformação conceitual - que, em toda parte, "nobre", "aristocrático", no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu "bom", no sentido de "espiritualmente nobre", "aristocrático", de "espiritualmente bem-nascido", "espiritualmente privilegiado": um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz "plebeu", "comum", "baixo" transmutar-se finalmente em "ruim". (Nietzsche, 2013, p. 5-6).

Continua o filósofo alemão:

Com relação ao nosso problema, que por bons motivos pode ser chamado um problema silencioso, e que de maneira exigente se dirige a bem poucos ouvidos, é de interesse nada pequeno constatar que, nas palavras e raízes que designam o "bom", transparece ainda com frequência a nuance cardeal pela qual os nobres se sentiam homens de categoria superior. É verdade que, talvez na maioria dos casos, eles designam a si mesmos conforme simplesmente a sua superioridade no poder (como "os poderosos", "os senhores", "os comandantes"), ou segundo o signo mais visível desta superioridade, por exemplo, "os ricos", "os possuidores" (este o sentido de *arya*, e de termos correspondentes em iraniano e eslavo). Mas também segundo um traço típico do caráter: e é este caso que aqui nos interessa. Eles se denominam, por exemplo, "os verazes"; primeiramente a nobreza grega, cujo porta-voz é o poeta Teógnis de Megara. A palavra cunhada para este fim, [bom, nobre], significa, segundo sua raiz, alguém que é, que tem realidade, que é real, verdadeiro; depois, numa mudança subjetiva, significa o verdadeiro enquanto veraz: nesta fase da transformação conceitual ela se torna lema e distintivo da nobreza, e assume inteiramente o sentido de "nobre". (Nietzsche, 2013, p. 6).

Depreende-se do estudo de Nietzsche que a relação bom-mau é análoga à relação verdadeiro-falso. Essa síntese surge com o auxílio de uma série de vinculações anteriores: as denominações nobre-plebeu ou aristocrático-comum, entre outras similares, que foram absorvidas finalmente pela fórmula bom-mau. Nesta última expressão, o fator denominado "bom", que já incorporava atributos descritivos de grupos sociais influentes, encaminha-se a ser compreendido como "verdadeiro" na polis grega.

De modo que, para Nietzsche, essa aristocracia que constitui a verdade - verticalmente - o faz desde seu direito de dar nomes, compreendendo que a origem da linguagem não é outra coisa que a expressão de poder dos senhores. Simplesmente, "[...] eles dizem 'isto é isto', marcam cada coisa e acontecimento com um som, como que apropriando-se assim das coisas". (Nietzsche, 2013, p. 6).

O filósofo alemão humaniza a realidade com a figura do homem aristocrata. Este grupo, autodenominado "os verazes", em seu humanismo senhorial, torna-se a medida de todas as coisas. Graças à conclusão nietzschiana, compreendem-se as quatro acepções destacadas da palavra "verdadeiro".

Primeiro, a verdade preenche a existência com a realidade. Sem verdades, sem o ímpeto político de fazer do mundo um local verdadeiro, reinaria a incerteza do irreal, do enganoso, do “fake”. Segundo, a originalidade marca a essência do veraz como um pioneiro, aquele que procura responder às perguntas fundamentais que reclamam atenção. Por último, na carência de ardil e na lealdade expressam-se a bússola moral que deve guiar tal comportamento político. A realidade só pode ser constituída com um profundo compromisso do que é bom, belo, verdadeiro, já que o que a aristocracia nietzschiana tem como verdade a impele a converter em uma verdade no mundo.

A última afirmação remete a uma obrigação essencial do exercício democrático: o sujeito democrático deve responsabilizar-se pelo mundo e torná-lo verdadeiro.

Não obstante, é preciso advertir que uma interpretação reducionista, que inocule no famoso ditado de Nietzsche “não existem fatos, existem interpretações” um excesso de subjetivismo na composição do verdadeiro ou realidade, pode levar a conclusões niilistas que vulgarizam o valor do “verdadeiro”, esquecendo-se o comportamento moral que o compromisso democrático reclama.

Essa última questão, de genuíno interesse filosófico, foi abordada constantemente durante a história do pensamento em diversas teorias de conhecimento, dentre as quais é pertinente destacar o cartesianismo, que será abordado nesta pesquisa como ferramenta de conciliação no combate pela constituição do verdadeiro.

Transladando a análise diacrônica realizada, é possível concluir que o termo “falso” aporta um componente político ao termo “fake news” que não é perceptível unicamente com a perspectiva sincrônica.

Para continuar a exploração acerca da influência política que a origem do termo expõe, torna-se imperioso replicar o mesmo trabalho com a palavra “notícia”.

No tocante ao termo em questão, que apresenta uma possibilidade de contribuição tanto sincrônica quanto diacrônica sobre a análise já feita, o dicionário Michaelis apresenta sete acepções, das quais se destacam as seguintes três: “Informação sobre situação atual ou de acontecimento recente; nova, novidade. Informação e conhecimento sobre algo ou alguém. Relato de fatos e acontecimentos atuais de interesse público, veiculado em jornal, televisão, rádio, revista.”. (Michaelis, 2024).

Na mesma sintonia, o dicionário Houaiss apresenta oito noções do termo “notícia”, dos quais sobressaem: “informação a respeito de acontecimento novo, de mudanças recentes em alguma situação, ou do estado em que se encontra algo; nova, novidade; conhecimento do

paradeiro ou da situação de alguém; relato de fatos e acontecimentos, recentes ou atuais, ocorridos no país ou no mundo, veiculado em jornal, televisão, revista etc.” (Houaiss, 2024).

Por último, extraem-se do Dicionário Online de Português cinco definições da palavra “notícia”, das quais são escolhidas as seguintes: “Relato ou informação sobre um acontecimento, um fato real ou novas mudanças; informação. Algo ou alguém que se destaca ou chama a atenção. Informação sobre a vida ou situação de.”. (Notícias, 2024).

As similitudes na significação esboçada nos dicionários permitem um desdobramento sincrônico do termo “notícia” composto, principalmente, pelas palavras informação, fato e conhecimento, porém, tal composição torna-se rigorosa com uma ligação entre tais substantivos e os seguintes adjetivos, como se de uma única coisa se tratasse: informação-novedosa, fato-atual ou conhecimento-recreativo. Essa adição indissolúvel aparece como característica necessária que os conceitos de informação, fato ou conhecimento ganham ao intencional o receptor na modalidade de uma notícia.

Em uma posição periférica, os termos jornal, televisão, rádio, revista ou público também compartilham a família de palavras que acompanham o termo “notícia”, já que as quatro primeiras compõem o que se conhece como a mídia tradicional moderna - local exclusivo de veiculação de notícias até o final do século XX -, e a última invoca seu permanente destinatário. No entanto, pode-se perceber que as acepções propostas pelos dicionários são insuficientes, visto que ignoram os veículos próprios da comunicação digital, fundamentais na compreensão do fenômeno das “fake news”, e, pelo tipo de fonte, os estrangeirismos nativos do fenômeno.

A omissão nos dicionários acerca da capacidade das notícias de se replicarem em qualquer meio de comunicação que surja acaba por ocultar de sua significação seu papel na construção da “telerrealidade”. De fato, o arsenal difusor das notícias, que abarcou todos os meios de comunicação tradicionais modernos e já habita nos digitais, as deixa como um elemento constituidor dos acontecimentos e aspectos do mundo. A repetição incessante de uma mensagem pelos cada vez mais diversos canais comunicacionais remete o sujeito à relação fenomenológica proposta pelo filósofo francês Jean-Paul Sartre na obra intitulada “A transcendência do ego”.

Para Sartre,

O mundo não criou o *Moi*, o *Moi* não criou o mundo; são dois objetos para a consciência absoluta, impessoal, e é por ela que eles se acham ligados. Essa consciência absoluta, quando purificada do *Eu*, nada mais tem de um sujeito, nem é mais de uma coleção de representações: é simplesmente uma condição primeira e uma fonte absoluta de existência. E a relação de interdependência que ela estabelece entre o *Moi* e o Mundo basta para que o *Moi* apareça como “em perigo” diante do mundo, para que o *Moi* (indiretamente e pela intermediação dos estados), drene do mundo todo o seu conteúdo. (Sartre, 2021, p.60).

Em síntese, no seu primeiro ensaio sobre a fenomenologia, Sartre descreve a pedra angular que o regerá ao longo de sua produção filosófica: a existência-mundo. Nutrido pelos três grandes “H” da filosofia alemã - Hegel, Husserl e Heidegger -, Sartre propõe aprofundar na ruptura com o histórico dualismo epistemológico sujeito-objeto para entender ambos numa relação indissociável. Na tese sartreana, não existe um sujeito livre do objeto nem uma primazia do sujeito sobre o objeto, ambos acontecem ao mesmo tempo, com uma severa advertência: o sujeito, condenado a drenar constantemente do mundo seu conteúdo, encontra-se em perigo.

Sem poder “desconectar-se” do mundo, o sujeito drena inevitavelmente todo tipo de informações que tem por fim moldar seu pensamento, estabelecer seus valores morais, modificar gostos ou mudar interesses, entre infinitas modalidades com as quais o “mundo” tenta constituí-lo. Na crise informativa das “fake news”, encontra-se um exemplo preciso da metáfora sartreana dessa subjetividade “em perigo”.

Posteriormente, na sua principal abordagem à fenomenologia, intitulada “O Ser e o Nada”, Sartre amplia o entendimento acerca da existência-mundo, detalhando a participação dos outros em nosso ser.

Conjuntamente, enquanto sou instrumento de possibilidades que não são minhas possibilidades, cuja pura presença Para-além de meu ser só posso entrever, e que negam minha transcendência para constituir-me como meio rumo a fins que ignoro, estou em perigo. (Sartre, 2021, p. 344).

Com um maior detalhe, o perigo que o mundo coloca aos projetos do sujeito já não pode ser interpretado como uma questão difusa, um objeto ou uma força da natureza. O que coloca em perigo a existência - no sentido do controle sobre minhas possibilidades durante a vida - são os outros.

Esse pensamento funda o típico apotegma de Sartre (2021, p. 368): “O que está em perigo no mundo é o objeto que eu sou e que, como tal, devido à sua indissolúvel unidade de ser como o ser que tenho-de-ser, pode acarretar, com sua própria ruína, a ruína do Para-si que tenho-de-ser.”. E, continua Sartre: “O medo é, pois, descoberta de meu ser-objeto por ocasião do aparecimento de um Outro-objeto em meu campo perceptivo.” (Sartre, 2021, p. 368).

Em síntese, devido a que o sujeito não pode existir isolado do mundo e, por meio da consciência, drena - inevitavelmente - seu conteúdo, as “fake news” compõem um obstáculo para o exercício de sua liberdade, a realização de suas possibilidades e um passo

fundamental no processo de coisificação sob o senhorio dos outros. Em palavras de Sartre: o coeficiente de adversidade próprio de nossa “situação”.

Característica definida por Sartre da seguinte forma:

Sou um existente no meio de outros existentes. Mas não posso ‘realizar’ esta existência no meio de outros, não posso captar como objetos os existentes que me circundam, nem captar a mim mesmo como existente circundado, nem sequer dar um sentido a esta noção de ‘no meio de’, salvo se escolho a mim mesmo, não em meu ser, mas em minha maneira de ser. A escolha deste fim é a escolha de um ainda-não-existente. Minha posição do mundo, definida pela relação de utilidade ou de adversidade entre as realidades que me circundam e minha própria facticidade, ou seja, a descoberta dos perigos que corro no mundo, dos obstáculos que nele posso encontrar, das ajudas que podem me ser oferecidas, à luz de uma negação radical de mim mesmo e de uma negação radical e interna do Em-si, operada do ponto de vista de um fim livremente posicionado - eis o que denominamos situação. (Sartre, 2021, p. 671-672).

Além disso, a unificação das funções intencional-constituído aponta a faceta da produção de notícias como objeto de consumo.

Desse modo, as notícias contemporâneas podem compartilhar mecanismos de desenho e produção com as “fake news”. Enquanto o sensacionalismo parecia ser uma característica fundamental das “fake news”, que as diferenciava das notícias tradicionais, atualmente, as notícias contemporâneas padecem da mesma falta de qualidade, uma vez que a monetização de informação no ambiente digital influencia a natureza de todo seu conteúdo.

O sensacionalismo originário da hiperprodução de informação no ambiente digital termina sendo um modo de publicidade para que um conteúdo irrelevante ganhe atenção do público. Esse afã econômico da indústria comunicacional a leva a produzir conteúdo como se de uma publicidade se tratasse. Em palavras dos filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer (2025, 76) “[...] a publicidade é hoje em dia um princípio negativo, um dispositivo de bloqueio: tudo aquilo que não traga seu sinete é economicamente suspeito”.

Tal deformação das notícias tradicionais a uma mera publicidade acontece quando aquelas se transformam em um objeto de consumo e, “[...] na medida em que cada elemento se torna separável, fungível e também tecnicamente alienado à totalidade significativa, ele se presta a finalidades exteriores à obra” (Adorno, Horkheimer, 2025, 77). Pelo que se conclui que as notícias contemporâneas e as “fake news” compartilham aspectos sincrônicos devido a suas similaridades de produção na atualidade.

Essa observação perde presença na análise diacrônica, o que reforça o fundamento sobre a transformação contemporânea do termo “notícia”. De acordo com o dicionário Michaelis, a etimologia da palavra vem do latim “notitia”, que, surpreendentemente, conforme a definição proposta no dicionário de latim organizado por Ernesto Faria, é o contrário a um

fato recente, já que definida - em seu sentido primitivo - como “o fato de ser conhecido, notoriedade” (Faria, 2024).

Esse sentido primitivo da palavra “notitia” era utilizado, por exemplo, pelo Império Romano nos documentos oficiais. Na denominada “Notitia Dignitatum”, era plasmada a organização administrativa do império, o que mais que trazer uma novidade, reforça o já conhecido e aumenta a transparência do funcionamento público (Torresano, 2018).

Não obstante, com as mudanças organizacionais da administração do Império Romano, o instrumento era atualizado e publicado novamente. Tal situação permite pensar que, durante os períodos de repetidas crises no Império, começava a deformar-se o propósito da “Notitia Dignitatum”, deixando de conter um conhecimento de natureza evidente e antiga para comunicar um de natureza pouco conhecida e recente. (Torresano, 2018)

Esse tipo de mudança também pode ser percebido na “Notitia Episcopatuum”, que era um documento oficial do Império Bizantino no qual estavam detalhadas as sedes metropolitanas, as sedes arquiépiscopal autocéfalas e dioceses sufragâneas divididas por províncias eclesiásticas. Tal documento era de suma importância já que a hierarquia entre os bispos e arcebispos era determinada pela sua sede. (Cambridge, 2025).

Cada promoção que existia na organização eclesiástica do Império era comunicada pela “Notitia Episcopatuum”, o que dava um caráter dual ao documento. Primeiro, como um instrumento para comunicar a distribuição de membros nas diferentes sedes; segundo, para informar as mudanças organizacionais da instituição. (Cambridge, 2025).

Com o passar dos séculos, e o surgimento do jornalismo, o conceito jurídico de “notitia” evoluiu semanticamente para o atual conceito de notícia já desenvolvido na análise sincrônica do termo.

Como pode-se observar, a significação do fenômeno das “fake news” é extremamente complexa. Dependendo da abordagem de análise que seja empregada, dos aspectos focados ou da relação com a família de palavras que integra, o termo em questão tem sua sua interpretação ampliada.

Num primeiro momento, com a definição e a contribuição da análise sincrônica do termo “fake news” é possível encontrar a contemporaneidade específica da expressão. Destaca-se nesse estudo a viralização e o ambiente digital no qual acontece. Tal análise enriquece-se com a tradução do termo e a exploração das palavras “falso” e “notícias” na fala cotidiana.

A respeito do termo “falso”, observado desde uma inversão de seu sentido por meio da palavra “verdadeiro”, surge a necessidade de um aprofundamento diacrônico para uma contribuição na significação das “fake news”.

De maneira oposta, a visão sincrônica da palavra “notícias” faz brotar uma questão referente à técnica, que consiste em como o modo de produção das notícias influencia sua forma, seu conteúdo e os recursos linguísticos que elas empregam. Assim, a publicidade toma conta do labor comunicacional.

Procurando sempre um maior dinamismo informativo que estimule a viralização, a comunicação de notícias cairá no paradoxo do filósofo Jean Baudrillard (1996, 56-57), que afirma que “[...] a boa comunicação passa pelo aniquilamento de seu conteúdo. A boa informação passa pela transparência digital do saber. A boa publicidade passa pela nulidade, ao menos pela neutralização de seu produto.”.

Logo, mediante a ótica diacrônica do termo “verdadeiro”, a contemporaneidade do fenômeno das “fake news” impregna-se com uma historicidade da comunicação. A origem do “verdadeiro” em Nietzsche em contraste com o “falso” próprio da palavra “fake” do fenômeno em questão conduz - como um fio de Ariadne - ao desenvolvimento político que a comunicação humana tem praticamente desde sua gênese.

Essa comunicação, que pode parecer transparente, esconde uma intencionalidade política sobre o receptor que procura empurrá-lo às pulsões, desligando a razão.

Os efeitos da consumição da subjetividade crítica são devastadores. No tédio do cotidiano, o sujeito submerge-se no ambiente digital e transforma sua personalidade como um gafanhoto¹ que, rodeado por uma situação estressante, metamorfoseia de um inocente inseto para - já ausente de toda individualidade - constituir uma nuvem voraz, cujo único fim é subsistir mediante uma reprodução incessante sem importar a destruição do ecossistema.

Não obstante, esse obstáculo persiste inclusive em dicionários de língua inglesa, visto que, mesmo extirpando-se a dificuldade de busca pela gênese de uma expressão alienígena, a extrema contemporaneidade do termo faz com que a significação que lhe é dada seja similar à já mencionada.

¹ Em espanhol, os gafanhotos que atacam por enxame são conhecidos como “langostas”. As “langostas” são entendidas como uma fase de certas espécies de gafanhotos, na qual se observam mudanças morfológicas e comportamentais.

Os gafanhotos normalmente são inofensivos — seu número é baixo e eles não representam grande ameaça econômica para a agricultura. No entanto, em certas condições de seca, seguidas de um rápido crescimento da vegetação, a serotonina em seus cérebros desencadeia um conjunto dramático de mudanças: eles começam a se reproduzir em grande quantidade, tornando-se agressivos quando suas populações atingem densidade suficiente

O ser humano é um ente ontologicamente privilegiado porque em seu existir está em jogo o seu próprio ser.

Martin Heidegger

Capítulo II

A filosofia e a possibilidade do combate às "Fake News"

“Surpreendentemente”, em 2025 e em consonância com o retorno da extrema direita nos Estados Unidos, o CEO da rede social META, Mark Zuckerberg, anunciou, com um paradoxal entusiasmo, que os compromissos no combate às “fake news” - por ele assumidos frente aos parlamentares estadunidenses em 2018, no marco do escândalo denominado Cambridge Analítica - eram atos de censura devido a que “os verificadores têm sido muito tendenciosos politicamente e destruíram mais confiança do que criaram.”. (Helder, Salati, Souza, 2025).

A solução da problemática ocasionada pela suposta inclinação política dos verificadores de informação foi substituir a equipe de confiança, segurança e moderação de conteúdo radicada no histórico estado democrata da Califórnia por uma nova equipe, radicada no mítico bastião republicano do Texas.

A nova equipe de controle de conteúdo garante que as sanções a usuários e ao conteúdo que estes produzem estarão limitadas a postagens ligadas ao terrorismo e destaca que o restante da informação será catalogada como de menor gravidade, imune a qualquer tipo de sanção. Para simular algum tipo de combate a desinformação, permitirá que os usuários da plataforma acrescentem uma pequena nota no final dos “posts”, que servirá como uma sorte de desproporcionado direito a réplica.

A flamante equipe de moderação não demorou em divulgar uma série de diretrizes - aplicáveis a qualquer país que utilize alguma das redes sociais da plataforma Meta - que admitem abertamente o apoio aos discursos de ódio. A modo de exemplo, as novas diretrizes de meta consideram que estarão livres de sanções as “acusações de anormalidade mental relacionadas a gênero ou orientação sexual, especialmente quando discutidas no contexto de debates religiosos ou políticos, como questões de 'transgenderismo' e homossexualidade". (Causin, 2025).

Finalmente, Mark Zuckerberg afirma que a nova direção da empresa encontra resistências tanto na Europa como nos países latino-americanos. A respeito do primeiro grupo, Zuckerberg disse que “a Europa tem um número crescente de leis que

institucionalizam a censura e dificultam a construção de algo inovador" (CAUSIN, 2025). No tocante ao segundo grupo, a afirmação do CEO da Meta roça a conspiração: "os países latino-americanos têm tribunais secretos que podem ordenar que as empresas retirem as coisas silenciosamente". (Causin, 2025).

Para conseguir seu objetivo, o CEO da Meta garantiu que agora conta com um aliado especial: "Vamos trabalhar com o presidente Trump para pressionar os governos de todo o mundo, que visam perseguir empresas americanas e pressionar para implementar mais censura" (Helder, Salati, Souza, 2025).

Graças à explicação já dada por Chomsky e Herman (2024) é simples compreender a motivação econômica que leva Mark Zuckerberg a desmontar o sistema de autocensura no controle da propagação de "fake news". Por outra parte, o que escapa da análise já feita pelos pensadores estadunidenses radica na vertiginosa mudança de critério das instituições estadunidenses, que passaram de pressionar os empresários da comunicação digital para intensificar o controle de conteúdo, a incentivar a incursão dessa informação inclusive em países parceiros que a rejeitam institucionalmente.

Para compreender a conversão política das instituições estadunidenses, a esclarecedora análise da democracia estadunidense praticada pelo filósofo grego Cornelius Castoriadis torna-se sumamente esclarecedora.

A dissertação do filósofo grego começa com a seguinte visão crítica de fatos amplamente conhecidos por todos:

Por certo, há eleições nos Estados Unidos, para o Senado e para a Câmara dos Representantes. Por certo também, é um fato comprovado - é preciso ser politicamente analfabeto para ignorá-lo -, que lá ninguém põe em dúvida, é admitido assim como o fato de que Washington é a capital federal, que uma vez eleito senador, você se torna, exceto algum acidente, senador vitalício. Por quê?. (Castoriadis, 2004, p .216).

A pergunta de Castoriadis resulta extremamente incômoda para qualquer político. O que faz com que, uma vez eleito, este possa garantir a reeleição de forma quase perpétua? A resposta, para o filósofo grego, resulta ser mais simples que a pergunta: o dinheiro.

O dinheiro - que aqui está sendo concebido como uma sorte de maná para o político (e já torna-se válido o questionamento se unicamente o estadunidense) - é obtido, segundo Castoriadis, através do seguinte mecanismo:

Esse dinheiro é fornecido pelos PACs (Political Action Committes), previstos pela lei americana, que regulamenta muito estritamente, no papel, as atividades e os "limites" das contribuições. Quem dá o dinheiro ao PAC? Provavelmente não o mendigo drogado da esquina. Antes as pessoas que têm ao mesmo dinheiro e razões para dá-lo ao PAC

republicano e não ao democrata, e vice-versa. E sabe-se, mais ou menos, quem deu quanto - assim como se sabe com precisão o que cada senador votou. (Castoriadis, 2004, p.216).

Neste delírio báquico de “caixa dois” legalizado, Castoriadis funda o mecanismo de privatização da democracia, sentenciado com a poderosa afirmação: “O dinheiro será dado por aqueles que têm àqueles que votam bem. E a partir do momento em que um senador dispõe do dinheiro de um PAC mais rico do que aquele de seu adversário, ele tem praticamente a garantia de ser reeleito.” (Castoriadis, 2004, p. 216).

A já evidente possibilidade de extrapolar a seguinte análise ao resto das democracias ocidentais não demora em aparecer no pensamento de Castoriadis:

Eis o que temos sobre a realidade da representação. Mas na verdade não se deve falar da realidade da representação pela simples razão de que estaríamos lutando contra moinhos de vento. Pois, na maioria dos casos, os representantes eleitos não têm nenhum poder. Que poderes tem o Parlamento francês? Ou mesmo o Parlamento inglês? A bem dizer, nenhum. (Castoriadis, 2004, p.216).

Se a pena do filósofo grego desnuda a realidade das democracias ocidentais - no tocante a seu efeito nas instituições -, termina por colocar o último prego no caixão das defuntas repúblicas ocidentais.

Franco Volpi, filósofo italiano, descreve a filosofia de várias formas. Porém, a mais pertinente para o labor filosófico que Castoriadis faz acerca do estado atual das repúblicas ocidentais resulta ser a seguinte: (A filosofia) “Nos convida a aproximar-nos à janela, com olhos abertos e nariz ao vento, esforçando-nos, por assim dizer, de olhar através do vidro tentando ver o vidro.” (Página 12, 2008).

A respeito dos três poderes que caracterizam as repúblicas ocidentais, Castoriadis novamente aponta o já conhecido, conseguindo esclarecer o que pode passar despercebido. Logo de sua exposição sobre a representação democrática e como esta fere a práxis política dos diversos legislativos, destaca a função do partido majoritário no executivo:

O partido majoritário dispõe do poder legislativo; dispõe igualmente do poder que se costuma chamar hipocritamente de “executivo”, para deixar entender que não faz senão ‘executar’ as leis, o que é uma asneira: o poder “executivo” não executa nada, ele decide e governa. São os oficiais de justiça e os datilógrafos que “executa”. O poder “executivo” é na realidade o poder governamental; ele toma decisões que não são predeterminadas por nenhuma lei. Ele não aplica a lei, ele age no quadro das leis, o que é muito diferente. (Castoriadis, 2004, p.217).

Por último, a respeito do poder judiciário, Castoriadis comenta que:

Hoje ainda o poder não tem motivo ou interesse algum para intervir no funcionamento do aparelho judiciário em geral, quando se trata de casos civis ou criminais correntes. Mas há boas razões e grandes possibilidades de fazê-lo nos casos que lhe importam; e é

o que se passa habitualmente. A partir do momento em que se trata de um caso apresentando um aspecto “político”, o governo pode intervir por diversos meios, e efetivamente o faz. (Castoriadis, 2004, p.218).

Com os três poderes da república submetidos ao partido majoritário, e este subjugado ao poder econômico, a realidade política conduz à inevitável privatização da democracia, que termina por degenerar o sistema republicano na sua totalidade.

Em resumo, a mudança repentina das instituições estadunidenses são um espelho do funcionamento do próprio sistema. Um combate institucional às “fake news” que perdure ao longo do tempo não tem possibilidades de subsistência numa democracia privatizada dentro de uma república de exibição.

Por essa razão, a proposta de um combate urgente à crise informativa promovida pela propagação das “fake news” perde eficácia, parcialmente, se limitada ao âmbito jurídico. A modo de esclarecimento, a limitação do consumo da informação digital para diminuir a exposição ao conteúdo distorcido não tem cabimento. Essa atitude seria como olhar o meio copo vazio dos prejuízos que o uso normal da tecnologia comunicativa oferece, ignorando os benefícios.

Destarte, a confecção de um combate de maior efetividade precisa, num primeiro momento, focar-se na compreensão de que fenômeno impulsiona as pessoas a se aferrar sistematicamente a diversos vieses cognitivos para - em seguida - desenvolver o antídoto necessário.

Tal análise, intimamente ligada com a busca pela natureza humana, pode encontrar-se ao longo da história do pensamento. Os diálogos socráticos, os estudos de Aristóteles, a psicanálise de Sigmund Freud e o olhar scrutador de Cornelius Castoriadis são, sem dúvidas, tentativas exemplares de dita busca, imprescindíveis para compreender essa tendência à supremacia dos vieses cognitivos sobre os argumentos racionais.

Na antiga Grécia, entre os anos 400 a.C. e o 300 a.C., intensificou-se o diálogo a respeito da natureza humana em relação à verdade.

O filósofo Sócrates narra a explicação sobre o que é o amor dada por Diotime. Logo, aproveita a visão da sacerdotista sobre sua rejeição do mito de Andrógino - que consiste na visão de que cada homem ou mulher procura sua outra metade perdida durante a relação sexual - para afirmar a própria visão do amor:

“Mas eu afirmo que o amor não é o amor pela metade nem pelo todo, ao menos, meu amigo, que ele se encontra em aquilo que é bom; pois os homens cortam voluntariamente suas próprias mãos e pés, se acharem que são a causa do mal para eles. Eles também não cuidam e abraçam o que pertence-lhes, apenas porque é próprio; a menos, é claro, que alguém queira dizer que o que é bom está ligado à sua própria natureza e é seu, enquanto o que é mal é estranho e acidental; mas eles não amam nada além do que é bom. Você concorda?” “Certamente.” (Platão, O Banquete 91e-a, tradução livre).

O que Sócrates afirma, na narração de Diotime, é uma tendência dos desejos humanos ao bem, o qual pode ser entendido como a justiça, a felicidade, a beleza, a verdade etc. O ser humano procura, naturalmente, tudo o que é bom para ele. Por outra parte, esses desejos humanos evitam qualquer coisa que lhes seja imperfeita, malograda, falida ou falsa. E, para terminar de dimensionar o sentimento de mais forte práxis humana, continua a sacerdotisa:

“Podemos então simplesmente afirmar que os homens amam o que é bom?” “Sem dúvida” O que, então, devemos acrescentar que, além de amar o que é bom, eles amam que isso esteja presente neles mesmos?” “De fato, isso deve ser acrescentado” “E não apenas que esteja presente, mas que esteja sempre presente?” “Isso também deve ser acrescentado” “O amor, então, é coletivamente o desejo nos homens de que o bem esteja para sempre presente neles” “Muito verdadeiro” (Platão, O Banquete 92a-b, tradução livre).

Desse modo, a descrição socrática do maior motor humano radica em uma sensação com grande similitude à descrição da justiça do jurista romano Domício Ulpiano. Se, para Ulpiano, a justiça é a vontade constante e perpétua de dar a cada um o que corresponde, para Sócrates, o amor será o desejo constante e perpétuo pelo bem, pela felicidade, pela verdade, em conjunto, pela plenitude.

Posteriormente, o filósofo grego Aristóteles aprofunda-se na pluralidade de coisas que o homem deseja, para destacar uma - a verdade. Em palavras do Mestre Estagirita:

Todos os homens por natureza propendem ao saber. Sinal disso é a estima pelas sensações: até mesmo à parte de sua utilidade, elas são estimadas em si mesmas e, mais que as outras, a sensação através dos olhos. De fato, não apenas para agir, mas também quando nada pretendemos fazer, preferimos o ver a todas as outras (por assim dizer). A causa disso é que, entre as sensações, esta é a que mais nos faz conhecer e mostra muitas diferenças. (Aristóteles, A Metafísica, 980a2).

Começa a esboçar-se, da mão de Aristóteles, uma subjetividade que, com um impulso perpétuo como o amor socrático, tende à informação, ao conhecimento e - como último objetivo - à verdade. Essa subjetividade encontra-se dotada de mecanismos aptos para tal tarefa, num mundo que apresenta-se como fonte da realidade. Tal mecanismo de conhecimento descrito pelo filósofo consiste em:

[...] o gênero dos homens, por sua vez, vive também como técnica e raciocínios. É da memória que a experiência surge aos homens? diversas recordações de um mesmo fato perfazem a capacidade de uma experiência. E (por assim dizer) mesmo a experiência parece semelhante à técnica e à ciência, e a ciência e a técnica chegam aos homens através da experiência. De fato, a experiência produziu a técnica - como disse polo -, ao passo que a inexperiência produziu o acaso (Aristóteles, A Metafísica, 980b25).

Como pode-se apreciar, essa tendência à verdade conta com ferramentas fundamentais para ser atingida. A acumulação de experiências permitirá estabelecer uma noção universal a respeito da questão pesquisada, surgindo assim a técnica. Esta permitirá aproximar o sujeito a um grau de conhecimento ou saber superior, em comparação ao que pode-se obter pelo agir unicamente pela experiência. A modo de exemplo, para Aristóteles, quem conhece pela repetição compreende o “que” da coisa, não obstante, quem conhece pela técnica sabe o por que e a causa. (Aristóteles, *A Metafísica*, 981a 12)

Tal alinhamento natural com a verdade encontra-se também na comunicação, visto que, para o filósofo grego, um argumento verdadeiro e justo sempre será, por natureza, mais forte que um falso e injusto. De modo que, para que a falsidade seja vitoriosa num debate, é necessário um erro na comunicação de como alcançou-se tal conclusão, o que era considerado por Aristóteles como uma falta de retórica e não de veracidade. (Aristóteles, *Arte Da Retórica*, 1355a).

Infelizmente, a atual crise informativa repele abraçar completamente esse tipo de teoria, e assinala - com especial atenção - outras que estão nas suas antípodas. O estudo do psicanalista Sigmund Freud acerca da origem das religiões totêmicas e suas mecânicas resulta mais esclarecedor para compreender o atual cenário desinformativo.

A modo de resumo, as religiões totêmicas impõem a um grupo familiar tribal a adoração a um animal específico - denominado o totem -, uma série de tabus que devem ser respeitados pelos membros do totem e, por último, severas punições para quem atente contra as imposições proto religiosas.

Os tabus e as características que surgem da relação com o animal totêmico consistem em: certos animais não podem ser mortos ou comidos; se o animal totêmico morre acidentalmente deverá ser pranteado e enterrado como se de um membro da tribo se tratasse; em caso de extrema necessidade, como por exemplo inanição, para poder comer o animal adorado deverão ser praticados rituais de expiação e cerimônias que os livrem da culpa do assassinato cometido. Em algumas situações especiais, como cerimônias religiosas, pode se usar como vestimenta a pele do animal totêmico; ainda que o animal totêmico seja considerado perigoso, entende-se que este poupará os membros do clã, os protegerá e guiará. Por último, a mais curiosa característica do totemismo: os membros da tribo consideram que compartilham com o animal totêmico um laço de procedência em comum. (Freud, 2025).

Entendendo o totemismo como um início religioso que se apresenta em algum momento da fundação social humana, Freud, como se de um filósofo contratista se tratasse, recorre a um modo comum de compreender a natureza das coisas: a ruptura com o estado de

natureza. Tal ruptura - sempre hipotética - consiste em imaginar um momento de harmonia primitiva que entra em crise com a fundação da sociedade, um clássico exercício filosófico que permite defender a visão atual a respeito da natureza humana e da sociedade.

A proposta abraçada por Freud, apresentada anteriormente pelo cientista Charles Darwin mediante a observação dos hábitos de vida dos macacos, consiste em um estado social primitivo regido pelo ciúme do macho mais velho.

Essa tentativa relaciona-se a uma hipótese de Charles Darwin sobre o estado social primevo do homem. Darwin deduziu, dos hábitos de vida dos macacos superiores, que também o homem viveu originalmente em pequenas hordas, controladas pelo macho mais velho, de caráter violento e ciumento, que reserva todas as fêmeas para si e expulsa os filhos quando crescem. (Freud, 2025).

Para Freud, a ideia darwiniana do macho velho - violento e ciumento - que controla a tribo, remete à figura do pai. Portanto, estudando a relação que este mantém com os demais membros machos da tribo (seus filhos) sob a ótica da psicanálise, o Mestre de Viena espera arrojar luzes sob o surgimento do totemismo.

O aporte da psicanálise a que Freud recorre para explicar como essa complexa relação pai-filho que deságua na criação de um sistema religioso, lotado de proibições e esquemas, consiste em dois casos clínicos. O primeiro:

No primeiro volume do Anuário de Pesquisas Psicanalíticas e Psicopatológicas publiquei a “A análise da fobia de um garoto de cinco anos” [1909], que o pai do pequeno paciente havia colocado à minha disposição. Tratava-se de um medo de cavalos, em consequência do qual o menino se recusava a sair às ruas. Ele expressava o temor de que o cavalo entrasse no aposento e o mordesse. Verificou-se que este seria o castigo por seu desejo de que o cavalo caísse (morresse). Depois que o medo do garoto ao pai foi afastado, assegurando-lhe repetidamente que não havia razão para isso, percebemos que ele estava às voltas com desejos que tinham por conteúdo a ausência (partida, morte) do pai. Ele enxergava no pai, como claramente dava a entender, um concorrente no favor da mãe, para a qual se dirigiam, em vagos prenúncios, os seus desejos sexuais nascentes. Achava-se, portanto, na típica postura do filho homem em relação aos pais, que denominamos “complexo de Édipo” e na qual vemos o complexo nuclear das neuroses. O que aprendemos de novo, na análise do “pequeno Hahns”, é o fato - valioso para o totemismo - de que em tais condições a criança desloca, do pai para o animal, uma parte de seus sentimentos. (Freud, 2025, p. 77).

O ódio que surge da rivalidade com o pai pela atenção materna, na jovem psique do filho, o puxa para uma situação ambivalente, na qual tem que lutar com a admiração e o afeto que sente pela figura de seu pai. Diante de tal situação, a psique do pequeno Hans procura alívio para o conflito emocional trasladando seus sentimentos hostis para uma figura que substitua a do pai - um animal. Não obstante, como o simples deslocamento de figuras

não soluciona o conflito presente no pequeno Hans, a situação conflitante, a ambivalência afetiva, passam para o objeto escolhido. (Freud, 2025, p. 77).

Afinal de contas, o pequeno Hans não tem só medo pelos cavalos, também, como comenta Freud, sente respeito e admiração por eles. “Quando diminui seu medo, ele se identifica com o animal temido, dá pinotes como um cavalo e morde seu pai. Em outro estágio de dissolução da fobia, não se importa em identificar os pais com outros animais grandes.” (Freud, 2025, p. 77).

Para fundamentar ainda mais essa relação pai-animal revelada na psique do pequeno Hans, o Mestre de Viena traz outro caso à análise - o perverso Árpád:

Na época em que foi observado (tinha cinco anos) ele falava de novo, mas também nas conversas tratava exclusivamente de galinhas e de outras aves. Não brincava com nenhuma outra coisa, e cantava apenas canções em que havia menção de aves. Sua atitude para com seu animal totêmico era bastante ambivalente, ódio e amor desmedidos. Sua brincadeira favorita era a matança de galinhas. “A matança das aves é para ele uma festa. É capaz de dançar por horas em torno dos corpos dos bichos, tomado de excitação”. Mas seguida beijava e alisava o animal abatido, limpava e acariciava as galinhas de brinquedo que ele próprio havia maltratado. Árpád cuidava ele mesmo para que o sentido de sua estranha atividade não permanecesse oculto. De vez em quando ele traduzir seus desejos, da linguagem totêmica para a vida cotidiana. “Meu pai é o galo”, disse numa ocasião. “Agora sou pequeno, sou um pintinho. Quando eu ficar grande, vou ser uma galinha. Quando crescer mais ainda, vou ser um galo.” De outra quis comer um “ensopado de mãe” (por analogia com ensopado de galinha). (Freud, 2025, p. 77-78).

Frente a atitude do perverso Árpád com seu animal totêmico, Freud defende que a substituição da figura do pai com a do animal torna-se mais notável ainda. O Mestre de Viena começa a vislumbrar a relação entre os dois preceitos fundamentais do totemismo - não matar e não ter relações sexuais com uma mulher do mesmo totem - com os dois crimes de Édipo - que matou o pai e tomou a mãe como esposa - representando estes os dois desejos primordiais da criança. Esta, ao não conseguir reprimir seus desejos, termina formando o núcleo de, provavelmente, todas as psiconeuroses. (Freud, 2025).

Realizada a ligação entre a figura do pai e o animal totêmico, resta voltar à horda primitiva de Darwin para compreender o início do totemismo.

Freud defende que recorrendo a cerimônia de refeição totêmica pode finalmente se responder o interrogante:

Certo dia, os irmãos expulsos se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim terminando com a horda primeva. Unidos, ousaram fazer o que não seria possível individualmente. (Talvez um avanço cultural, o manejo de uma nova arma, tenha lhes dado um sentimento de superioridade). O fato de haverem também devorado o morto não surpreende, tratando-se de canibais. Sem dúvida, o violento pai primevo era o modelo temido e invejado de cada um dos irmãos. No ato de devorá-lo eles realizavam a identificação com ele, e cada um apropriava-se de parte de sua força. A refeição totêmica, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e a celebração desse ato memorável e criminoso,

com o qual teve início tanta coisa: as organizações sociais, as restrições morais, a religião. (Freud, 2025, p. 85).

Perpetuado o primeiro crime contra a humanidade, os filhos satisfizeram seu ódio, não obstante, os sentimentos afetuosos reprimidos até o momento manifestaram-se em forma de arrependimento, criando assim uma consciência de culpa - integrada por um arrependimento em comum. Assim, o morto tornou sua presença mais intensa na psique dos filhos que o que tinha sido em vida, levando-os a situação psíquica denominada obediência a posteriori.

A válvula de escape da primeira crise neurótica achou-se na revogação do ato criminal. Como o pai jazia morto, os filhos declararam a proibição do assassinato de seu substituto, o totem, e - para evitar voltar a cometer um crime contra um semelhante - renunciaram a todas as mulheres recém libertadas do jugo do pai. Desse modo, da semente da culpa dos filhos, surgem os dois tabus fundamentais do totemismo: proibição de matar o animal totêmico e de praticar o incesto. Reprimindo os desejos do complexo de Édipo.

Ainda assim, os dois tabus do totemismo que regem a moral da nova sociedade primitiva - o clã fraterno - não têm o mesmo valor psicológico. Para Freud (2025), a ideia de poupar o animal totêmico surge por motivos estritamente afetivos. Por outro lado, a proibição do incesto, tinha uma razão prática: “A necessidade sexual não une os homens, ela os divide. Os irmãos haviam se aliado para vencer o pai, mas eram rivais uns dos outros no tocante às mulheres. Cada um desejaria, como o pai, tê-las todas para si, e na luta de todos contra todos a nova organização sucumbiria.”. (Freud, 2025, p. 85).

Em resumo, o início do totemismo funciona como um contrato com o pai, mediante o animal totêmico, este concede todas as fantasias dos filhos, proteção, cuidado, indulgência; por sua parte, os filhos comprometem-se a respeitá-lo e cuidar sua vida - evitando que o crime se repita. Existe também, assinala Freud, uma tentativa de justificar o crime: “‘Se o pai nos tivesse tratado como o totem, nós jamais teríamos caído na tentação de matá-lo.’ Desse modo, o totemismo contribuiu para atenuar as coisas e fazer esquecer o acontecimento ao qual devia sua gênese.”. (Freud, 2025, p. 85).

Vislumbra-se aqui, na gênese do totemismo, a natureza da religião. Apaziguar a culpa. Todas as religiões subsequentes, apesar das variações culturais ou os caminhos que tomam, pertencem à mesma tentativa de solucionar o problema - o grande evento com que teve início a cultura - que não permite que a humanidade se pacifique (Freud, 2025).

Eventualmente, a proibição de matar o totem, de cunho religioso e afetivo, junto com a proibição de matar o irmão, de origem prática na dinâmica social, funcionaram num único mandamento: Não matarás. Tal imperativo excederá aos membros do clã fraterno para

incluir a todas as pessoas. Assim, a nova sociedade encontra sua base na culpa comum do assassinato cometido, criando um sistema moral fundado tanto na praticidade como na pertinência pelo ato cometido.

Com o passar do tempo, aponta Freud (2025), as mudanças culturais atentaram contra a igualdade democrática que regia no clã fraterno, e começa uma inclinação pela veneração de indivíduos - membros destacados do clã - trazendo de volta o ideal do pai, agora encarnado como uma divindade. Desse modo, revoga-se o antigo contrato com o totem para elevar ao pai assassinado a condição de deus, praticando uma tentativa mais profunda de expiação e reconciliação.

Nesta nova época, o animal é desprovido de todo elemento sagrado, convertendo-se em uma simples oferenda à nova divindade. Freud (2025) destaca, que o novo deus aparece como uma figura ilibada, com a qual só graças à mediação dos sacerdotes é possível ter contato com ele. Dando passo, portanto, a existências de governantes divinos na ordem social, colocando o sistema patriarcal primitivo no seno do estado.

Por último, o Mestre de Viena considera que o:

[...] sacrifício animal original era já um substituto para um sacrifício humano, para o assassinato cerimonioso do pai, e, quando o sucedâneo do pai readquiriu sua forma humana, o sacrifício animal pôde reconverter-se em sacrifício humano. Assim, a lembrança do primeiro grande ato sacrificial resultou ser indestrutível, apesar de todos os esforços para esquecê-la, e, justamente quando mais se buscou a distância dos motivos que levaram a ele, era inevitável surgir a sua repetição inalterada, na forma do sacrifício do deus. Não preciso assinalar os desenvolvimentos do pensamento religioso que, como racionalizações, tornaram possível esse retorno. (Freud, 2025, p. 88).

Graças ao trabalho de Freud é possível descrever a natureza humana como o contrário à busca da verdade. Desde seu início, o ser humano está procurando - inutilmente - não assumir a responsabilidade pelo primeiro crime cometido. Fundando a instituição religiosa, que possui similitudes com o pensamento negacionista da atualidade, escapou-se da dura realidade para se entregar a um mundo fantasioso.

Posteriormente, o Mestre de Viena, na obra intitulada "O Mal-estar na Civilização", aprofunda as características da natureza humana que aparecem na fundação da sociedade pela mão da religião totêmica. Partindo agora do antigo ditado "Amarás a teu próximo como a ti mesmo", Freud começa uma intempestiva análise do homem.

Essa exigência moral que, afirma Freud (2025), o Cristianismo reivindica como própria, negando sua vigência anterior a este, implode frente ao desafio de uma atitude ingênua: se o amor é algo valioso, não deveria o objeto do amor ser merecedor de tal distinção? Acaso o objeto do amor não precisaria ser como eu ou mais perfeito do que eu,

para que eu também possa me amar nele? Ainda tenho que amá-lo se for um completo estranho? Não seria desvalorizar os relacionamentos e o amor se eu afirmo para um ser querido que ele é tão amado quanto um estranho? Qual é o sentido de um enunciado cujo cumprimento é não razoável?

Um estranho que é naturalmente indigno de meu amor, continua Freud (2025), apresenta-se como digno da minha hostilidade ou de meu ódio. Afinal de contas, o estranho, além de não demonstrar nem um pouco de amor por mim, não duvidará em me prejudicar para obter alguma vantagem, ou pior, não precisa de vantagem alguma se, mediante insultos, calúnias, satisfaz qualquer tipo de desejo.

Para o Mestre de Viena, tal visão para com o outro pode ser contestada pelo seguinte clichê: “Acho que agora posso ouvir uma voz solene me repreendendo: ‘É precisamente porque teu próximo não é digno de amor, mas, pelo contrário, é teu inimigo, que deves amá-lo como a ti mesmo’. Compreendo então que se trata de um caso semelhante ao do Credo quia absurdum.”. (Freud, 2025, p. 28).

Em suma, o que esta classe de injunções promove é o ocultamento de uma dura verdade:

O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. - Homo homini lupus. Quem, em face de toda sua experiência da vida e da história, terá a coragem de discutir essa asserção? (Freud, 2025, p. 28-29).

Está a simples vista que a visão pessimista de Freud não carece de experiência de vida. Desde a denúncia de que o contrato com o pai assassinado transformou-se no espírito das diretrizes que regeram a sociedade primitiva e, surpreendentemente, persistem na sociedade contemporânea sob as mais diversas formas culturais e religiosas, passaram dezessete anos na vida do Mestre de Viena.

Já com a idade de 74 anos, Freud acrescenta uma nova característica da natureza humana - além da percepção fantasiosa do mundo que lhe permita fugir da culpa -, qual seja, uma inclinação pela agressividade. Com visível cansaço, o Mestre de Viena denuncia o que for possível: a exploração da mais-valia por parte do capitalista, a coisificação sexual própria de uma cultura do estupro, as consequências da ambição material desmedida e - como se de um profeta se tratasse - descreve as situações a que seriam submetidos os prisioneiros dos

campos de concentração pouco tempo depois da publicação da obra; humilhação, sofrimento, tortura e morte.

Com objetiva ironia, Freud afirma: “Em nenhum de meus trabalhos anteriores tive, tão forte quanto agora, a impressão de que o que estou descrevendo pertence ao conhecimento comum e de que estou desperdiçando papel e tinta” (FREUD, 2025, p. 32)

Evidentemente, a visão psicanalítica do Mestre de Viena a respeito da natureza humana apresenta duas características fundamentais dos usuários disseminadores de fake news: um apelo à irresponsabilidade, a fugir da culpa, defendendo toda falácia que apoie a pós-verdade - mentira emocional - que o disseminador esteja com vontade de exaltar; por outro lado, a agressividade inata que se satisfaz mediante discursos de ódio, que procura incessantemente luz verde para espalhar-se, como aconteceu recentemente com a mudança da forma de controle de conteúdo da rede social ‘Meta’.

Por outra parte, a distância entre a visão de Sócrates e Aristóteles e a de Sigmund Freud a respeito da natureza humana impele a um olhar pessimista sobre a natureza humana e, como se não bastasse, há uma primazia da análise psicoanalítica para explicar os violentos fenômenos comunicacionais que se desenvolvem na contemporaneidade. Ainda assim, o mundo no qual Freud ergueu sua teoria não é perfeitamente simétrico com o atual, de modo que a visão de Cornelius Castoriadis dialoga com e esclarece aspectos fundamentais da concepção freudiana do homem que podem auxiliar no diagrama da rota no combate às “fake news”.

Castoriadis, assim como o Mestre de Viena, desenvolve uma impiedosa análise acerca da instituição imaginária da religião. Para a compreensão do labor negativo da religião social no indivíduo - no pensamento de Castoriadis - é necessário, primeiro, ser esclarecido o conceito de Caos ou abismo ou sem Sem-Fundo, extensamente utilizado pelo pensador grego:

Em primeiro lugar, “O Ser” não é um sistema, não é um sistema de sistemas e não é um “grande encadeamento”. O Ser é Caos, ou Abismo, ou o Sem-Fundo. Caos dotado de uma estratificação não regular: isto é, que comporta “organizações” parciais, sempre específicas dos diversos estratos que descobrimos (descobrimos/construímos, descobrimos/criamos,) no Ser. Segundo, o Ser não existe simplesmente “no” Tempo, mas pelo Tempo (por meio do Tempo, em virtude do Tempo). Em essência, o Ser é o Tempo. (Ou ainda, o Ser está essencialmente, por-Ser). Terceiro, o Tempo não é nada, ou é criação. O Tempo, rigorosamente falando, é impensável sem a criação; caso contrário, o Tempo seria apenas uma quarta dimensão espacial supranumerária. Criação, aqui, significa evidentemente criação autêntica, criação ontológica, a criação de novas Formas ou novos eidê, para utilizar o termo platônico.[...] Quarto, estes fatos fundamentais relativos ao Ser, ao Tempo e à criação foram encobertos pela ontologia tradicional (e, na sua esteira, pela ciência) porque essa ontologia sempre procedeu, em sua vertente principal, por meio da hipercategoria fundamental da determinidade (péras, em grego, Bestimmtheit, em alemão). A determinidade leva à negação do tempo, à temporalidade:

se algo está verdadeiramente determinado, está determinado desde sempre e para sempre. Se esse algo se modifica, os modos de mudança e as formas que essa mudança pode produzir estão já determinados. (Castoriadis, 2002, p. 233-234).

Castoriadis adere e, num mesmo movimento, inverte a polaridade da tese sartreana do Ser, facilitando, desse modo, que se encontre uma saída ao labirinto da natureza humana no qual nos deixa o pensamento freudiano.

Adere, no sentido de que estabelece a centralidade do Ser como possibilidades - infinitas - de existência, nomeando esta realidade humana como Caos.

Inverte a polaridade da tese sartreana, por que, para Jean-Paul Sartre, a pura negatividade do homem - a consciência - nadiifica tudo o que é no Ser, criando um buraco insaciável que será preenchido continuamente pelas possibilidades de existência do ente antropológico; enquanto que, para Castoriadis, o fundamento da indeterminação do Ser é uma pura positividade, uma fonte de criação, que tem como principal arma a criatividade perpétua que projeta o Ser a ser mais do que já é. Ideia que será retomada no momento oportuno.

O quarto ponto do esquema do filósofo grego é a acusação de que a ontologia tradicional nega a essência do Ser, submergindo-o em determinações a fim de clausura-lo em uma dimensão atemporal, privado de toda criação autêntica que possa surgir dele. Manifesta um funcionamento similar ao do pensamento religioso estabelecido por Freud, o ocultamento. Mas esse ocultamento é natural do ser humano ou responde a uma necessidade contingente?

Para Castoriadis (2002, p. 393), a significação imaginária social emerge como um modo de ser cuja função é a de responder – ontologicamente - ao Caos. Resposta que tem por objetivo a completa negação do mesmo, para afirmar-se como a única perspectiva ontológica, é dizer, como forma predeterminada de existência. A raiz disso, toda organização social - sem importar o local - termina sendo essencialmente religiosa. Aqui, no eixo do pensamento do filósofo grego, a religião “[...] não ‘acompanha’, não ‘explica’, não ‘justifica a organização da sociedade’: ela é essa organização, em seu núcleo não trivial (organização que sempre inclui, na verdade, sua própria ‘explicação’ e ‘justificação’).”.

Essa organização social-religiosa - mecanismo de ocultamento do Caos -, assim como no pensamento de Freud, se impõe na vida humana para ocultar as dificuldades que estes têm para lidar com seus aspectos essenciais de existência. Por isso, para Castoriadis, não é a culpa do pecado original que cerca a psique humana, mas uma incapacidade de confrontar sua realidade frente ao Abismo. Em palavras do filósofo:

Isto quer dizer que ela tem a experiência do Abismo, ou que o Abismo se impõe a ela. Ao mesmo tempo, ela até agora foi incapaz de simplesmente aceitar essa experiência. Isso pode parecer paradoxal, mas torna-se evidente após uma reflexão: a religião sempre respondeu, desde o início, à incapacidade que os homens têm de aceitar aquilo que, inapropriadamente, se denominou “transcendência”, isto é, de aceitar o Caos e aceitá-lo enquanto Caos, de enfrentar, de pé, o Abismo. Aquilo que se pôde denominar necessidade de religião corresponde à recusa da humanidade a reconhecer a alteridade absoluta, o limite de toda significação estabelecida, o avesso inacessível que se constitui para cada direito a que se chega, a morte que se aloja em cada vida, o não-sentido que cerca todo sentido e que nele penetra. (Castoriadis, 2002, p. 399).

Em resumo, historicamente, o homem tem negado sua própria natureza, seu Ser, necessitando da instituição da religião, do pensamento religioso, para efetuar tal ação, sem que este atuar deva ser aceito como parte inerente ao Ser do homem, à sua essência, e, antropologicamente, à sua natureza. Com o esclarecimento do filósofo grego, o olhar crítico sobre a atual crise informativa começa a tomar um viés - em comparação com a visão psicanalítica - otimista.

As bolhas informativas, nas quais são submetidas algoritmicamente as subjetividades, atuam como um mecanismo análogo às instituições religiosas mencionadas por Castoriadis. O resultado dessa imersão comunicacional: uma subjetividade convalescente devido ao excesso de informação, da pior qualidade, que a submerge num claustro, no qual não consegue negar, não consegue criar, não consegue pensar. Alienada de tudo o que é, de tudo o que pode ser, encontra-se na centralidade da questão.

Desprovida de um auxílio duradouro por parte das instituições jurídicas, cada subjetividade deverá romper com essa situação indigna em um certo grau de desamparo. Quebrar o isolamento, fornecer as armas necessárias para combater as bolhas informativas, deve ser a prioridade de uma educação filosófica emergencial.

Começar esse projeto educativo, assumindo que o homem não é a busca pela verdade, não deve significar que ele é seu oposto, a busca pela crença, o dogma; já que isso implicaria afirmar que não existe nele possibilidade de mudança, ignorando os processos de transformação que lhe são próprios. Apesar disso, o ideal aristotélico-socrático, já afastado como natural do homem, pode ser pensado novamente como um objetivo - talvez o mais alto - que o ser humano e o ensino da filosofia possam aspirar.

Se os povos não se instruem, se seus direitos não se tornam de conhecimento comum, se cada homem não conhece o que vale, o que pode e o que lhe é devido, novas ilusões sucederão às antigas, e, depois de vacilar algum tempo entre mil incertezas, talvez lhes reste como destino apenas trocar de tiranos sem destruir a tirania.

Mariano Moreno

Capítulo III

A Base Nacional Comum Curricular e o espírito do neoliberalismo

Conforme o desenvolvido no primeiro capítulo, a atual crise informativa fez metástase nas áreas social, sanitária, política, educativa, de segurança etc. Tudo o que é objeto da comunicação digital tornou-se, em algum grau, alvo da desinformação.

Apesar de parecer, e ser, uma situação caótica, a solução para o núcleo da crise informativa recai na educação. De fato, mais importante do que compreender como os cidadãos abraçaram a realidade paralela em virtude do consumo de “fake news”, é trabalhar para que futuras gerações possam fazer frente a um fenômeno, que sem dúvidas, chegou para ficar.

Infelizmente, a sanção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta-se como o maior obstáculo a ser superado para uma educação que promova uma cidadania responsável, democrática e tolerante.

Sancionada em 2018, a BNCC se apresenta como um complexo documento de caráter normativo que estabelece as aprendizagens essenciais que todos os alunos da Educação Básica no Brasil deverão desenvolver ao longo das diversas etapas e modalidades do processo educativo.

A BNCC proclama que essas aprendizagens essenciais serão norteadas “[...] pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica” (Brasil, 2025, p. 7).

No entanto, essas afirmações são rapidamente contrariadas pela - aparentemente - incompreensível decisão de retirar a obrigatoriedade de diversas disciplinas essenciais para tais aprendizagens, como são a Filosofia, a Sociologia e a Arte.

Para entender como a BNCC parte de valores profundamente republicanos para se afirmar como uma norma de combate ao pensamento autônomo, é necessário compreender as pressões que tal documento normativo sofre por parte do restante do ordenamento

jurídico, sua situação, facticidade, o momento da sua sanção e, por último, se o espírito legal da BNCC coincide com as outras principais normas brasileiras a respeito da educação.

Em primeiro lugar, tendo em vista que toda legislação ordinária deve conformar-se com a Constituição Federal (CF), é de se supor que a BNCC obedece às normas e princípios da Carta Magna. A própria BNCC garante que sua existência acompanha o proposto pelos principais artigos da CF em matéria educativa, que seriam os artigos 205 e 210. Em palavras da BNCC (2025, p. 8):

A Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 205, reconhece a educação como direito fundamental compartilhado entre Estado, família e sociedade ao determinar que ‘a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho’ (Brasil, 2018).

Para atender a tais finalidades no âmbito da educação escolar, a Carta Constitucional, no Artigo 210, já reconhece a necessidade de que sejam ‘fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais’ (Brasil, 2018).

Não obstante, apesar da citação a tais artigos, a BNCC olvida-se da maior parte das disposições a respeito da educação constantes na CF, as quais se estendem, principalmente, pelos artigos 205 a 225.

A norma constante no inciso II do art. 206, segundo a qual a educação no Brasil deve ter por princípios a “[...] liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber.” (Brasil, 1988), é uma delas.

Não é insistência unicamente dos professores. Também o legislador constituinte clamou por uma educação que tenha como base a divulgação do pensamento, da arte e do saber. Evidentemente, a retirada da obrigatoriedade da Filosofia, da Sociologia e da Arte fere diretamente a ordem constitucional.

Por isso, pode-se afirmar que já na sua introdução vislumbra-se o trato incoerente que a BNCC tem com as normas, princípios e valores que regem o Brasil.

Verifica-se, também, afronta ao artigo 218 da CF, que assinala: “O Estado promoverá e incentivará o desenvolvimento científico, a pesquisa, a capacitação científica e tecnológica e a inovação” (Brasil, 1988). Explicar a relação e o aporte que a Filosofia e a Sociologia dão à pesquisa, à formação científica e ao desenvolvimento científico ou o aporte que a Arte dá à inovação deveria resultar redundante.

Embora esta questão possa ser completamente omitida pelos legisladores da BNCC, o próprio MEC, no ano de 2008, celebrou a obrigatoriedade da Filosofia e da Sociologia no Ensino Médio como um modo de exaurir tal obrigação:

De acordo com a presidente do Conselho Nacional de Educação, Clélia Brandão Alvarenga Craveiro, a escola brasileira, de um modo geral, carece muito de uma dimensão crítica e analítica. 'Não dá para deixar esse trabalho para fazer depois, quando o estudante chegar à universidade', diz. Em sua opinião, a escola precisa trabalhar com a metodologia investigativa desde o início e, no ensino médio, os conteúdos de filosofia e sociologia, temas que são extremamente importantes do ponto de vista da cultura escolar, também proporcionam uma metodologia muito mais intensiva em relação ao aspecto de refletir e tomar decisões a partir de uma análise da realidade.

Para Clélia Brandão, o conteúdo da filosofia é extremamente importante, pois dá a visão de desenvolvimento, das relações entre as pessoas. 'Para construir a cidadania, o cidadão precisa estar preparado para enfrentar a complexidade deste mundo. Uma das exigências é que ele tenha capacidade de selecionar informações e refletir sobre o que acontece no mundo', justifica. (Brasil, 2008)

A então presidente do Conselho Nacional de Educação aborda com simplicidade o que deveria ser tomado como óbvio, destacando a necessidade de nutrir o educando com a Filosofia e a Sociologia antes de sua chegada à universidade, justamente para potencializar a compreensão e mecânica da metodologia de investigação (injunção constitucional). Enfatiza, ainda, a importância de tal aprendizado no desenvolvimento de uma cidadania crítica.

Outrossim, as leis da mesma hierarquia que promoveram a criação da BNCC não acompanham a decisão de retirada da obrigatoriedade das disciplinas mencionadas.

O Plano Nacional de Educação (PNE) - documento normativo responsável pelas metas e estratégias da política educacional, vigente entre os anos 2014 e 2024 -, além de não dizer nada a respeito da necessidade da mudança na obrigatoriedade das disciplinas em questão, exalta os resultados obtidos no tempo em que elas eram consideradas obrigatórias.

Ao tratar da meta número 7 - que promove o fomento na qualidade da educação básica com melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem, visando obter melhorias nas médias nacionais do IDEB -, exalta que:

Nas duas últimas décadas, registram-se avanços no acesso, cobertura e melhoria da aprendizagem na educação básica, como revela o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), indicador criado pelo INEP, a partir de dados do Censo Escolar, SAEB e Prova Brasil, que leva em consideração o fluxo escolar e o desempenho nos exames, para fazer o acompanhamento da evolução da educação e para estabelecer o padrão de qualidade que o Ministério da Educação definiu como meta a ser atingida. (Brasil, 2014).

Como pode-se apreciar, o PNE não propõe um retrocesso na área da educação. Ao contrário, ressalta um avanço constante de melhorias na educação básica, melhorias produzidas com a Filosofia, Sociologia e Arte como matérias obrigatórias do currículo.

Por último, a Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN), novamente, exalta o aporte da Filosofia e da Sociologia na formação de um aluno crítico, pesquisador:

No referente à integração com a profissionalização, acrescenta-se que a base científica não deve ser compreendida como restrita àqueles conhecimentos que fundamentam a tecnologia específica. Ao contrário, a incorporação das ciências humanas na formação do trabalhador é fundamental para garantir o currículo integrado. Por exemplo: história social do trabalho, da tecnologia e das profissões; compreensão, no âmbito da geografia, da produção e difusão territorial das tecnologias e da divisão internacional do trabalho; filosofia, pelo estudo da ética e estética do trabalho, além de fundamentos da epistemologia que garantam uma iniciação científica consistente; sociologia do trabalho, com o estudo da organização dos processos de trabalho e da organização social do trabalho; meio ambiente, saúde e segurança, inclusive conhecimentos de ecologia, ergonomia, saúde e psicologia do trabalho, no sentido da prevenção das doenças ocupacionais. (Brasil, 2013, p.190)

Apesar do forte apoio promovido pela DCN às disciplinas de Filosofia e Sociologia na Educação Básica, quando o texto trata sobre a Educação Profissional de Nível Médio abre a brecha para uma proposta contraditória, na qual a BNCC se apoia assiduamente: a promoção do empreendedorismo. Cita-se:

As mudanças sociais e a revolução científica e tecnológica, bem como o processo de reorganização do trabalho demandam uma completa revisão dos currículos, tanto da Educação Básica como um todo, quanto, particularmente, da Educação Profissional, uma vez que é exigido dos trabalhadores, em doses cada vez mais crescentes, maior capacidade de raciocínio, autonomia intelectual, pensamento crítico, iniciativa própria e espírito empreendedor, bem como capacidade de visualização e resolução de problemas. (Brasil, 2019, p. 209).

Para a DNC, o empreendedorismo tem uma participação especial na Educação Profissional. As novas relações de trabalho, promovidas pela revolução digital, em conjunto com as competências e habilidades que o ensino da Filosofia aporta no educando, potencializam um espírito empreendedor que dista muito da compreensão de empreendedorismo que uma educação carente desta disciplina propõe. Assim, o empreendedorismo a que se refere a DNC não é o mesmo propalado na BNCC.

O sociólogo brasileiro Ricardo Antunes (2020, p. 22-23) denuncia o empreendedorismo precário como um novo tipo de desinformação:

Assim, se essa tendência destrutiva em relação ao trabalho não for fortemente confrontada, recusada e obstada, sob todas as formas possíveis, teremos, além da ampliação exponencial da informalidade no mundo digital, a expansão dos trabalhos “autônomos”, dos “empreendedorismos” etc., configurando-se cada vez mais como uma forma oculta de assalariamento do trabalho, a qual introduz o véu ideológico para obliterar um mundo incapaz de oferecer vida digna para a humanidade. Isso ocorre porque, ao tentar sobreviver, o “empreendedor” se imagina como proprietário de si mesmo, um quase-burguês, mas frequentemente se converte em um proletário de si próprio, que autoexplora seu trabalho.

Assim como na crise das “fake news”, e talvez coextensiva a esta, a infiltração da noção do empreendedorismo - precário - na educação leva consigo a intenção de preparar o futuro trabalhador para um novo tipo de bolha informativa, carente de direitos trabalhistas, lotada de discursos de superação, fazendo culto ao dinheiro, em uma estética na qual vendem-se relações laborais com direitos do século XIX como se fossem do século XXI.

Essa nova tendência política educativa, que necessita de um sujeito isolado, servil e submisso, não encontra suporte no direito positivo brasileiro e, como já mencionado, suas consequências no currículo escolar são abertamente inconstitucionais.

Por sorte, o histórico da BNCC permite detectar a relação histórica entre a presença do empreendedorismo, a retirada da obrigatoriedade de disciplinas como Filosofia, Sociologia e Arte na Educação Básica e a crise das “fake news”.

Em 2015, apresenta-se a primeira versão da BNCC, suficientemente longe dos escândalos já abordados no primeiro capítulo, ocorridos no ano 2016, para sequer nomear o termo “empreendedorismo” na totalidade do texto.

Ao contrário da versão vigente, as disciplinas de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio e na área de Ciências Humanas eram, então, consideradas componentes obrigatórios. Isso sugere que ainda não existiam forças políticas que rendessem culto à desinformação e precisassem atacar disciplinas que promovam o pensamento autônomo. (Brasil, 2015, p. 273).

Infelizmente, o texto foi rapidamente modificado e, em maio de 2016, publicou-se uma segunda versão que, timidamente, utiliza uma única vez - em suas mais de seiscentas páginas - o termo “empreendedorismo”, contextualizado na ideia de integração do ensino médio a uma educação profissional e tecnológica.

Não obstante, a citação do termo em questão é acompanhada de um forte apoio à disciplina de Filosofia. Para essa nova versão do texto educacional, a Filosofia não só tem que ser obrigatória no Ensino Médio; também, precisa ser destacada e estudada sua contribuição única na Educação Infantil. (Brasil, 2016)

De fato, essa segunda versão da BNCC destaca que as crianças são introduzidas na filosofia da ética e na filosofia política quando os professores tratam a socialização dos espaços comuns estabelecendo regras de convivência e jogos. Além disso, encampa o seguinte entendimento:

Também em sentido lato, e das formas mais diversas, essas questões atravessam as duas etapas do Ensino Fundamental, seja no raciocínio lógico-matemático, seja em questões

ligadas à relação do homem com a natureza, seja nos estudos históricos sobre a escravidão, sobre as relações de poder e formas de governo. (Brasil, 2016, p. 167).

Aprofundando a análise, o texto escrutado exalta que a formação filosófica específica não pode ser substituída ou entregue a docentes de outras áreas do saber. São os professores de Filosofia do Ensino Médio que devem capitalizar esses saberes escolares para facilitar a integração do componente curricular no currículo escolar, com a aplicação de procedimentos metodológicos e críticos próprios. (Brasil, 2016).

Finalmente, o texto conclui:

Trata-se, para o estudante, de fazer a experiência de questionamentos explicitamente filosóficos, ora a partir da discussão filosófica de assuntos de interesse, ora por meio do contato direto com textos filosóficos, seja, ainda, no enfrentamento de temáticas filosóficas ligadas aos campos da ontologia, da lógica e da retórica, da epistemologia, da ética, da política e da estética, os três últimos campos, não por acaso, usados como balizadores dos direitos gerais de aprendizagem e desenvolvimento que estruturam toda a BNCC. Tem-se aí uma boa medida da importância da Filosofia no projeto integral de formação básica ora proposto. (Brasil, 2016, p. 168).

Em síntese, a segunda versão da BNCC faz um culto à contribuição filosófica. Em um diálogo com as exigências políticas da época, encontra o equilíbrio entre as propostas de empreendedorismo e a formação integral que a BNCC deveria visar.

Primeiro, limita o campo do empreendedorismo à Educação Técnica, fazendo, indiretamente, uma promoção das oportunidades que surgem da aparição dos denominados “unicórnios digitais” (pequenas empresas cujo principal valor econômico surge, comumente, do conhecimento humano), que em um curto período de tempo incrementam seu valor de mercado. Assim, rejeita veementemente toda filosofia de vida que possa surgir do uso motivacional/opressivo - em uma palavra, neoliberal - do empreendedorismo.

Segundo, em um preciso diálogo com o mandato constitucional e as leis que a impulsionam, encontra o equilíbrio na proposta de ampliar a obrigatoriedade da Filosofia ao Ensino Fundamental. Além disso, exalta a contribuição de cada disciplina, como por exemplo a Sociologia, e como esta, além de seu aporte particular, potencializa e facilita o trabalho do professor de Filosofia.

Nesse cenário, pode-se concluir que a BNCC foi um projeto educativo que dista enormemente de seu produto final. Evidentemente manipulado à última hora, o projeto entregue em 2018 irrompe como uma desilusão com o progresso em matéria educativa no Brasil.

A principal diferenciação entre as propostas anteriores de BNCC e a versão finalmente aprovada encontra-se na introdução de um novo texto como bússola da base

educativa: a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), surgida no ano de 2014.

Com o ambicioso título “Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento do Mundo Sustentável”, o texto da ONU apresenta uma série de objetivos delirantes que, com a fantasia de uma proposta bem-intencionada, facilitam a perversão legal que o legislador de turno pratica na produção do texto final da BNCC.

Já o primeiro objetivo desnuda o profundo desconhecimento do mundo que norteia a proposta da ONU (2014). Ao afirmar o objetivo de erradicar a pobreza em todas as formas e em todos os lugares, colocando como data limite o ano 2030, ignora as complexidades sociais que mantêm as formas ignominiosas de vida, nutrindo-se delas como um motor produtivo do modelo de sociedade moderna.

Logo, redundantemente, propõe acabar com a fome, melhorar a nutrição (esse imposto cognitivo de que padecem os pobres) e a difusão da agricultura sustentável. Não é necessária uma análise muito profunda para perceber que nessa matéria, fundamental para exaurir o primeiro objetivo da Agenda 2030, os Estados mais corajosos tomaram apenas algumas medidas paliativas. Não existe vontade realista de abandonar o uso de agrotóxicos, produção latifundiária etc. (ONU, 2014).

Perto de alcançar o ponto importante, a caixa de pandora em matéria de educação, a Agenda 2030 alcança o êxtase dionisíaco ao discorrer que uma de suas metas é: garantir uma vida saudável e promover o bem-estar para todos em todas as idades.

Tudo isso revela o traço infantil de um texto que, infelizmente, carece de seriedade e burla-se de objetivos nobres que toda nação deveria procurar com afinco. (ONU, 2014).

O tom burlesco da Agenda 2030 vira padecimento quando o texto trata sobre o seu quarto objetivo. Apropriando-se, como ao longo do texto, de nobres metas, define que, para o ano 2030, deve restar assegurada a educação inclusiva, equitativa e de qualidade; as nações devem garantir que todos os alunos completem o ensino primário e o secundário, e, finalmente, uma educação de qualidade na primeira infância que permita a integração com o ensino primário. (ONU, 2014).

É impossível não concordar com essa meta. Não obstante, é imperioso rejeitar a visão de realização que a Agenda 2030 traz consigo.

Demonstrando sua completa contradição (contradição que herdará a BNCC), solicita aos Estados membros da ONU (2014, p. 24) que: “Até 2030, assegurar a igualdade de acesso para todos os homens e mulheres à educação técnica, profissional e superior de qualidade, a preços acessíveis, incluindo universidade.”.

Desse modo, o texto norteador da versão final da BNCC ignora, mal intencionadamente, a importância da educação pública. Como seria possível tirar uma pessoa da pobreza - definida como a carência do necessário para a própria subsistência - travestindo a Escola num negócio de preço “acessível”?

Para piorar o panorama, a Agenda 2030 busca: “Até 2030, aumentar substancialmente o número de jovens e adultos que tenham habilidades relevantes, inclusive competências técnicas e profissionais, para emprego, trabalho decente e empreendedorismo” (ONU, 2014).

Aqui encontra-se a maior contradição do texto, e, provavelmente, o coração do texto final da BNCC: a educação pode ter todos os ideais maravilhosos citados até à náusea, mas o que realmente importa é sua labor produtiva na sociedade. De fato, o texto da ONU proclama que, até 2030, deve ocorrer uma transformação na educação visando a sua adequação ao “empreendedorismo”, promovendo este como a materialização de seus primeiros objetivos. (ONU, 2014).

Esqueça-se a formação integral. É necessário que se formem trabalhadores para ocuparem vagas de emprego (o que corresponderia ao conceito de “trabalho decente”?). A prática da cidadania, a filosofia moral, a filosofia ética, a ontologia, a etimologia, a metafísica, a história do pensamento, esse diálogo infinito com as dificuldades e as dúvidas dos homens do passado, esquecidos frente às necessidades do mercado.

Essa situação corrupta, lamentavelmente abraçada pelo legislador, não é um novo tipo de flagelo social, mas a nova versão de um problema tão antigo como o próprio filosofar. Por isso, não causa surpresa a oposição de Platão a uma educação que promova o saber especializado dos ofícios, negociantes, e que tenha por fim último a satisfação de uma necessidade pecuniária, desconsiderando o valor de uma formação integral política. (Jaeger, 1994).

A formação integral era considerada pelo Mestre de Atenas como a verdadeira educação ou paideia: “[...] é educação na areté que enche o homem do desejo e da ânsia de se tornar um cidadão perfeito, e o ensina a mandar e obedecer, sobre o fundamento da justiça.” (Platão *apud* Jaeger, 1994, p. 147).

Desse modo, expõe-se o curto prazismo arcaico - dissimulado de vanguardista - que norteia a última versão da BNCC.

Numa ruptura completa com o ditado pela CF, pelo PNE, pela DNC e com as próprias versões anteriores, a versão aprovada da BNCC emprega um trato intencionalmente confuso à disciplina de Filosofia:

No Ensino Médio, com a incorporação da Filosofia e da Sociologia, a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe o aprofundamento e a ampliação da base conceitual e dos modos de construção da argumentação e sistematização do raciocínio, operacionalizados com base em procedimentos analíticos e interpretativos. Nessa etapa, como os estudantes e suas experiências como jovens cidadãos representam o foco do aprendizado, deve-se estimular uma leitura de mundo sustentada em uma visão crítica e contextualizada da realidade, no domínio conceitual e na elaboração e aplicação de interpretações sobre as relações, os processos e as múltiplas dimensões da existência humana. (Brasil, 2018, p. 472).

Para começar, a BNCC decide retirar o termo obrigatório para se referir às disciplinas de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio, alinhando-se com a Agenda 2030 da ONU, na qual o foco estaria no desenvolvimento de competências e habilidades. No entanto, o modo como foi adotada dita visão empurra a BNCC para um labirinto.

Por um lado, permite que as instituições de ensino sejam as que determinem a que disciplinas darão mais espaço no currículo escolar para garantirem o cumprimento de uma obrigação extremamente abstrata, de impossível constatação.

A modo de exemplo, a respeito da formação de currículos e propostas pedagógicas, a BNCC estabelece que:

Assim, na formação geral básica, os currículos e as propostas pedagógicas devem garantir as aprendizagens essenciais definidas na BNCC. Conforme as DCNEM/2018, devem contemplar, sem prejuízo da integração e articulação das diferentes áreas do conhecimento, estudos e práticas de:

VIII - sociologia e filosofia. (Brasil, 2018, p. 476)

Resta clara sua intenção de diluir ou retirar a carga horária das disciplinas de Sociologia e Filosofia, permitindo que seus aportes específicos possam ser incorporados por meio da integração e articulação (movimento do pensamento próprio do filosofar) de outras disciplinas (seja História ou Geografia), sem a obrigatoriedade de que sejam lecionadas particularmente.

Por outro lado, estabelece contraditoriamente uma série de competências e habilidades que coloca a disciplina de Filosofia como indispensável na formação de qualquer currículo que minimamente acompanhe a BNCC. Por exemplo, o texto escrutado exige que:

[...] espera-se que os jovens elaborem hipóteses e argumentos com base na seleção e na sistematização de dados, obtidos em fontes confiáveis e sólidas. A elaboração de uma hipótese é um passo importante tanto para a construção do diálogo como para a investigação científica, pois coloca em prática a dúvida sistemática – entendida como questionamento e autoquestionamento, conduta contrária à crença em verdades absolutas. (Brasil, 2018, p. 562).

Como pode ser possível imaginar uma educação integral que desenvolva a importância da dúvida sistemática de tal maneira que seja prescindível, na sua totalidade, o aporte de um professor de Filosofia?

Provavelmente, a aplicação textual da BNCC termine estimulando o reducionismo da filosofia à história do pensamento humano: a organização cronológica das melhores ideias da espécie humana, distanciando-se uma das outras de acordo com os períodos históricos em que foram produzidas - limitando ou negando completamente o diálogo que um professor de Filosofia poderia fazer entre os diferentes pensadores e, com renovado esforço, trazer suas dúvidas, certezas e conclusões aos problemas contemporâneos que o educando enfrenta.

A BNCC resulta incansavelmente contraditória nesse aspecto, pelo que ressaltar cada vez que incorre numa exigência própria da disciplina de Filosofia ao tempo em que permite a sua diminuição no currículo escolar seria desnecessário e repetitivo.

Não obstante, cumpre destacar, nesse aspecto, a competência específica número seis da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Quando o legislador esboçou tal competência, incorreu - ainda que sem intenção - numa ode à Filosofia. A competência exige: “Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade” (Brasil, 2018, p. 570).

Evidentemente, a BNCC abraça suas contradições e ditamina letra morta. Não existe uma disciplina alternativa à Filosofia capaz de promover debate público de forma crítica, respeito aos diversos pontos de vista e o exercício da cidadania, como bases na construção de um projeto de vida autônomo, crítico e responsável. Acaso não é a *Apologia de Sócrates* (obra que representa o julgamento do considerado pai da filosofia) uma síntese cirúrgica de tudo o que a competência exige das instituições de ensino?

A seguir, a BNCC especifica as habilidades que compõem dita competência:

(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país. (Brasil, 2018, p. 570).

Ainda que essa questão deva ser abordada por todas as disciplinas da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, a prática filosófica agudiza os sentidos do educando

e o prepara para abordar os diversos discursos políticos criticamente, transmutando nesse processo o pensamento alheio em próprio.

O professor filósofo dá outra densidade a um debate político que parece anestesiado frente ao sofrimento alheio, impulsionando a tomada de ação por parte do aluno com a máxima do jovem Marx (2025): “Há que tornar a opressão real ainda mais opressiva, acrescentando àquela a consciência da opressão; há que tornar a infâmia ainda mais infamante, ao proclamá-la.”.

(EM13CHS602) Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, relacionando-os com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos na sociedade atual. (BRASIL, 2018, p. 570).

(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo. (BRASIL, 2018, p. 570).

O desenvolvimento de ambas habilidades facilita-se com a introdução ao pensamento da filósofa Hannah Arendt (2025). Na sua obra “Origens do Totalitarismo”, ela ressalta a história da Declaração dos Direitos do Homem que, escrita no fim do século XVIII, surge como a fonte de todas as leis, estabelecendo que a nova base jurídica das nações estava constituída por direitos inalienáveis, irredutíveis e indedutíveis. Por causa disso, “o próprio Homem seria a sua origem e seu objetivo último. [...] O Homem surgia como o único soberano em questões de lei, da mesma forma como o povo era proclamado o único soberano em questões de governo” (Arendt, 2025, p. 252-253).

Não obstante, embora os Direitos do Homem parecessem inalienáveis, as pessoas apátridas deles não gozavam. Para Arendt (2025), esse grupo de pessoas experimentou a perda de algo mais fundamental que a liberdade ou a justiça, que é o direito a pertencer à comunidade. Esse órfão de qualquer nação representa os privados dos direitos humanos, que carecem do direito à ação e à opinião.

Tal situação tornou-se visível quando surgiram milhões de pessoas sem sequer a possibilidade de recuperar esses direitos, é dizer, sem o “[...]direito de ter direitos (e isto significa viver numa estrutura onde se é julgado pelas ações e opiniões) e de um direito de pertencer a algum tipo de comunidade organizada. (Arendt, 2025, 257).

Logo, acompanhando esse raciocínio com o pensamento do filósofo Primo Levi, compreende-se o horror radical dessa situação. De acordo com Levi, os povos tendem a

pensar que em cada estrangeiro reside um inimigo e, ainda que essa ideia costume limitar-se a ações esporádicas e não coordenadas, fora de um sistema de pensamento do povo em questão, sempre existe o risco de que “[...] o dogma não enunciado se torna premissa maior de um silogismo, então, como último elo da corrente, está o Campo de Extermínio. (LEVI, 2013, p. 7.).

(EM13CHS603) Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).

(EM13CHS604) Discutir o papel dos organismos internacionais no contexto mundial, com vistas à elaboração de uma visão crítica sobre seus limites e suas formas de atuação nos países, considerando os aspectos positivos e negativos dessa atuação para as populações locais. (Brasil, 2018, p. 570).

O repertório filosófico está farto de contribuições a respeito.

O debate teve início ainda na Antiguidade, com o embate entre os sofistas (fundadores do relativismo) e Sócrates que deu surgimento à esfera da filosofia política, conflito que marcará a foga a visão de Estado e sociedade para Platão e Aristóteles.

Prosseguiu na Idade Média, com o neoplatonismo de Agostinho de Hipona e o aristotélico Tomás de Aquino. O primeiro defendia como forma de governo a teocracia, na qual a Igreja tem poder sobre a sociedade jurídica. O segundo rompeu completamente com a proposta mencionada, voltando à célebre fórmula de Aristóteles: o homem é por natureza um animal político - proclamando, assim, que a existência do homem realiza-se na vida comunitária, sendo a Igreja a mediadora que garante a harmonia na vida em sociedade.

Durante o Renascimento, o filósofo Nicolau Maquiavel rompeu com os ideais políticos surgidos desde o embate entre Sócrates e os sofistas, defendendo a *realpolitik* (realismo político) - política baseada em considerações de circunstâncias e fatores dados, ao invés de noções ideológicas ou premissas éticas e morais.

Sem demora, no plano do debate da filosofia política, irrompeu a fervente discussão dos filósofos contratualistas. Seus maiores expoentes - Thomas Hobbes, John Locke e Jean Jacques Rousseau - explicaram a situação política de seu tempo partindo de um renovado raciocínio: a ruptura do estado de natureza deu origem ao pacto ou contrato social, fundando, desse modo, a sociedade civil.

Navegando entre a filosofia política e contemporânea, novamente, Hannah Arendt irrompe com a obra “A Banalidade do Mal”. Tomando como exemplo o julgamento do nazista Adolf Eichmann, a filósofa identificou que o Mal - vivido como algo banal e sem profundidade - se espalha numa população que não reflete, não pensa e não mede consequência dos próprios atos.

Por último, a profunda pesquisa do filósofo Michael Foucault configurou uma reviravolta no modo como o exercício do poder era contemplado. Ao invés de estar concentrado numa única fonte disciplinadora, irradia-se em várias direções, atitudes, abarcando toda a sociedade. Com o conceito de biopoder, Foucault expõe o poder disciplinar que a sociedade exerce sobre o corpo do indivíduo, tornando-o dócil e produtivo.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia. (BRASIL, 2018, p. 579).

De todas as habilidades propostas pela versão final da BNCC, essa, provavelmente, é a mais vinculada ao ensino filosófico. Fomentando o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia, coloca o foco no termo “auto”, que em grego significa: a ti mesmo. (Priberam, 2025).

Máxima do antigo oráculo de Delfos e também socrática, a frase “Conhece-se te a ti mesmo” pode ser considerada o princípio fundamental da filosofia, ademais de guardar completa ressonância com a primeira intelecção de que é um filósofo, proposta pelo pré-socrático Heráclito de Éfeso: “Pois é preciso que de muitas coisas sejam inquiridores os homens amantes da sabedoria.” (Heráclito, DK35, 1996, p.100).

Embora cada habilidade e competência pudessem ser detidamente analisadas, com o trabalho feito resta exposta a dualidade da BNCC. A norma demanda um currículo flexível, esqualido, ao mesmo tempo em que exige o desenvolvimento de competências e habilidades que não são possíveis de serem desenvolvidas se acatada a diluição proposta.

Para sair desse labirinto torna-se preciso compreender - além da situação em que a norma foi produzida, as leis de maior hierarquia, as normas que a acompanham ou as fontes do direito que a podem influenciar - as relações e princípios do tipo de governo que a instaurou ou tipo de governo que tenta instaura-se. Para o filósofo Charles Louis de Secondat, maiormente conhecido como Montesquieu (2000), na sua monumental obra “O Espírito das Leis”, essa relação entre princípios e tipos de governo denomina-se espírito da lei.

Montesquieu (2000) afirma que, como as leis da educação são as primeiras que uma pessoa recebe e a preparam para tornar-se cidadão, se espera que representem o princípio geral de determinado povo, reproduzido na esfera familiar. Portanto, cada espécie de governo possui uma lei educativa diferente com o intuito de defender os princípios mais

convenientes à sua permanência no poder. Desse modo, “nas monarquias, terão como objeto a honra; nas repúblicas, a virtude; no despotismo, o temor.” (Montesquieu, 2000, p. 40).

A lei educativa monárquica promoverá um tipo de honra fantasiosa, prescrevendo as máximas necessárias que ela quiser e como ela quiser. Assim, os deveres da cidadania terão origens diversas - sejam a religião, a política ou a moral -, porém, terão em comum a obediência às vontades do príncipe. O único limite que encontra a obediência na educação monárquica é que nenhuma ação (ainda que for solicitada pelo próprio príncipe) deve ser desonrosa. (MONTESQUIEU, 2000).

Assim, a honra possui suas regras supremas, e a educação é obrigada a conformar-se a elas. As principais são: é-nos permitido dar certa importância a nossa riqueza, mas é-nos soberanamente proibido dar qualquer importância a nossa vida.

A segunda é que, uma vez que tivermos ocupado alguma posição, não deveremos fazer nem tolerar nada que mostre que somos inferiores àquela posição.

A terceira, que as coisas que a honra proíbe são ainda mais rigorosamente proibidas quando as leis não as prescrevem, e aquelas que ela exige são ainda mais fortemente exigidas quando as leis não as requerem. (MONTESQUIEU, 2000, p. 44)

Já a lei educativa despótica promove um tipo de obediência extrema, baseada na ignorância. Primeiro de quem obedece, já que se espera que não haja a capacidade mental de retaliar qualquer tipo de ordem. Segundo de quem ordena, visto que o governante não precisa deliberar, duvidar ou pensar para emitir uma ordem, só precisa desejar. (Montesquieu, 2000)

Por isso, nos governos despóticos, a educação é bastante limitada, reduzindo-se a introduzir temor junto a preceitos simples da religião. Para Montesquieu (2000, p. 45):

O saber será perigoso; a emulação, funesta; e, quanto às virtudes, Aristóteles não consegue acreditar que exista alguma que seja própria para os escravos, o que limitaria bastante a educação neste governo.

Assim, a educação é ali por assim dizer nula. Precisa-se tirar tudo para dar alguma coisa, e começar por fazer um mau súdito, para fazer um bom escravo.

Fórmula que inverte-se completamente na lei educativa republicana. Esta fomenta o amor às leis e à pátria. O amor às leis deve ser entendido como o amor ao interesse público sobre o interesse individual. Todas as virtudes republicanas deverão estar apoiadas nesse preceito. Montesquieu (2000, p. 45) defende que a presença de dito amor encontra-se ligado às democracias, já que nelas “o governo é confiado a cada cidadão. Ora, o governo é como todas as coisas do mundo; para conservá-lo, é preciso amá-lo. [...] Assim, tudo depende de introduzir este amor na república; e é em inspirá-lo que a educação deve estar atenta.”.

Por essa falta de atenção é que a versão final da BNCC não pode ser considerada como detentora do espírito republicano. Para ser mais exato, esse espírito somente está nela presente de forma parcial - revelando-se um dualismo.

Parcialmente, porque as competências e habilidades que a BNCC proclama exigir compartilham os ideais de virtude que Montesquieu escolhe como requisitos para uma lei se considerar do tipo republicano, e, apesar disso, a mesma norma desmonta completamente qualquer possibilidade de que tais ideais sejam atingidos, ao retirar a obrigatoriedade de disciplinas fundamentais para cultivar esse amor pelo governo democrático e pela coisa pública, em detrimento do bem-estar individual.

Verifica-se assim o caráter dual da BNCC, mostrando rasgos de uma educação despótica, na qual se tira tudo para dar alguma coisa. A coisa dada não é mais que uma ideologia de isolamento e exploração do aluno - o empreendedorismo.

Encontra-se aqui a semente de um novo espírito legal, o espírito neoliberal. Tal espírito - presente com a mesma intencionalidade na Agenda 2030 - aparece enunciando as maiores virtudes ao tempo em que sabota as ferramentas de combate às injustiças sociais.

Trata-se de um espírito que encontra seu análogo na natureza, com maior precisão, no Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). O primeiro objetivo do vírus é atacar as células conhecidos como linfócitos T CD4+ (responsáveis pela ativação da resposta imunitária), do mesmo modo que o neoliberalismo implanta-se na educação para tornar-se natural, invisível, no corpo do educando, moldando a formação de uma cidadania a sua medida.

Caso o primeiro objetivo falhe e o retrovírus seja descoberto, este optará pela mutação para enganar o organismo e ganhar uma nova oportunidade contra o sistema imunológico. O empreendedorismo não é mais que uma mutação, a versão mais nova, da ideologia neoliberal (consolidada na década de 1970) - a qual sempre pregou o isolamento do indivíduo e a destruição da coisa pública, garantindo sua permanência na vida política como uma bizarra autoridade moral, exposta na fórmula “o respeito irrestrito ao projeto de vida do outro”.

Só que, para o neoliberalismo, o outro é o poderoso - o déspota - e quem deve respeito é o precarizado, humilhado ao ponto de que qualquer crítica possa ser percebida como inveja.

Com o assalto às forças educativas, o isolamento mental das forças produtivas faz sua tomada da Bastilha e celebra-se como um ato revolucionário.

No exercício de exemplificar essa relação entre o espírito dual da legislação neoliberal em matéria de educação, é difícil encontrar um melhor caso que o seguinte: o resultado das eleições a governador pelo Estado de São Paulo foi a vitória do candidato apresentado pelo partido político denominado “Republicanos”. O novo governo paulista colocou rapidamente as mãos em matéria educativa. O secretário de educação, o empresário Renato Feder - licenciado em administração empresarial, acionista e CEO da empresa de eletrônicos e tecnologias da informação (TI) conhecida como Multilaser de 2003 até 2018 - , anunciou um novo itinerário formativo de aprofundamento.

Para as Áreas de Matemáticas e Ciências Naturais, promoveu as aulas de tecnologia e robótica, empreendedorismo, biotecnologia e química aplicada (O Globo, 2022), em completo alinhamento com a necessidade técnica de formação que a empresa Multilaser precisa.

Não sem esquecer a introdução ao empreendedorismo que facilita a precarização laboral na exploração dos recursos humanos. Menção especial às aulas de química aplicada (como se existissem reações químicas por fora do mundo material), nome utilizado como evidente escusa para limitar o conteúdo acadêmico da matéria aos exercícios escolares de laboratório.

Para as Área de Linguagens e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, as aulas do itinerário formativo consistem em arte e mídias digitais, liderança, oratória, geopolítica e filosofia e sociedade moderna (O Globo, 2022). Insatisfeito com a retirada da disciplina de Filosofia e Sociologia do currículo obrigatório denominado no Estado de São Paulo como a Formação Geral Básica, Feder compacta ambas disciplinas em uma única e garante que os alunos que não escolham tal itinerário cursem a Educação Básica sem uma única hora de Filosofia na sua grade curricular.

O dano não termina aí. Feder decidiu desidratar ainda mais as disciplinas mencionadas, introduzindo aulas de liderança e oratória, que juntas são essenciais na formação da anterior cepa do neoliberalismo - os coaches - famosa por executar múltiplos golpes no Brasil e no mundo.

Por exemplo, na Argentina, um golpista utilizou os conhecimentos de liderança, oratória e filosofia para criar uma escola de “coachs ontológicos” e dar golpes em seus alunos por mais de 120 milhões de dólares. (Gazeta Do Povo, 2024)

No Brasil, Rodrigo dos Reis, conhecido como o “coach do bitcoin”, utilizou um discurso que misturava superação, religião e pseudoconhecimento financeiro para dar

contínuos golpes em seus mais de 100 mil seguidores por aproximadamente 260 milhões de dólares. (Metropolis, 2024).

Em síntese, a BNCC responde a uma integração com o espírito do neoliberalismo, de caráter dual, emprega um discurso republicano, exaltando as virtudes ao mesmo tempo que as erode. Em primeiro lugar, ataca as instituições que zelam por uma convivência democrática (espírito do republicanismo) como se pode apreciar com a já mencionada crise informativa das “fake news”. Depois, penetra ideologicamente no cidadão no foro mais íntimo possível, neste caso, a escola, tornando-se o novo sentido comum.

Desse modo, as contradições da BNCC estão ao descoberto, introduzindo uma legislação que não pertence ao direito positivo brasileiro (a Agenda 2030), impulsionando mudanças em matéria educativa em sua conveniência. Se uma educação filosófica emergencial é uma ferramenta essencial no combate às “fake news”, a BNCC deu às agrupações políticas identificadas com a ideologia neoliberal a chave para a conquista da subjetividade.

Um aluno afastado do pensamento crítico, da concepção do pensamento científico, do belo, será certamente um cidadão fácil de penetrar com um discurso “fake”, sob o assédio digital e carregado de mentiras emocionais (pós-verdade). Esse futuro cidadão já não está “em perigo” como o concebia a proposta sartreana. Ele estará fadado a um destino inevitável, longe do ideal cartesiano que dita como o único objetivo aprender a distinguir o verdadeiro do falso.

*Como todo sonhador, confundi o desencanto
com a verdade.
Jean-Paul Sartre*

Capítulo IV

Formação crítica na escola

4.1 Considerações sobre a metodologia adotada na pesquisa

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, perscrutada pelo pesquisador Augusto Triviños (1987) como a principal metodologia em matéria de educação. Isso se deve a que tal abordagem permite uma apreciação espontânea e natural das realidades escolares vinculadas a posicionamentos teóricos claros.

No âmbito escolar, a metodologia qualitativa surgiu como uma crítica precisa a seu aparente “alter ego”, a metodologia quantitativa, que apresentava-se “livre, como se não estivesse sujeita a nenhuma expressão teórica determinada, estava dando resposta, em forma consciente ou não, a uma dimensão positivista da explicação dos fenômenos sociais” (Triviños, 1987, p. 116).

Graças ao confronto de perspectivas que visavam compreender o real, afirma Triviños (1987), denunciou-se a atitude tradicional positivista de aplicar ao estudo das Ciências Humanas os mesmos métodos aplicados para o estudo das Ciências Naturais. A partir dessa crítica começou-se a promover metodologias de pesquisas alternativas, de tendência qualitativa, que mudaram completamente a pesquisa referente à educação.

Contudo, continua Triviños (1987), os defensores da pesquisa quantitativa proclamaram uma série de críticas que deram surgimento à falsa dicotomia entre pesquisa quantitativa e qualitativa. Para os promotores da pesquisa clássica positivista, esta modalidade alternativa era apenas subsidiária da pesquisa quantitativa, principalmente, por ser considerada assistemática e não experimental.

Não obstante, longe das afirmações dos positivistas, o enfoque qualitativo estruturase, principalmente, na fenomenologia e no marxismo.

O que interessa à presente pesquisa é nutrir-se da contribuição conceitual que a fenomenologia dá à metodologia de pesquisa qualitativa: o enfoque subjetivista-compreensivista.

Triviños (1987, p.117) aponta que tal enfoque está baseado nas ideias de Schleiermacher, Weber, Dilthey, Jaspers, Heidegger, Marcel, Husserl e Sartre, as quais “privilegiam os aspectos consciências, subjetivos dos atores (percepções, processos de

conscientização, de compreensão do contexto cultural, da realidade a-histórica, da relevância dos fenômenos pelos significados que eles têm para o sujeito/ator etc.)”

Com a dita contribuição eliminam-se os preconceitos teóricos que possam existir a respeito do problema da pesquisa. Reconstroi-se constantemente a problematização da mesma com base na realidade fenomênica dos educandos, já não simples sujeitos de pesquisa, mas dela atores.

A perspectiva subjetivista-compreensivista é potencializada na pesquisa mediante a apropriação de conceitos do procedimento técnico da pesquisa-ação, em conjunto com seu enfoque filosófico.

A proposta da pesquisa-ação, edificada pelo pesquisador Michel Thiollent (1984, p. 46), procura, desde o primeiro momento, romper com a oposição quantitativa “versus” qualitativa. Entende, de modo geral, a metodologia de pesquisa como: “[...] um amplo conjunto de conhecimentos com o qual o pesquisador procura encontrar subsídios para nortear suas pesquisas. As escolhas são efetuadas em função dos objetivos das pesquisas e das características das instituições.”.

Em consonância com seu principal postulado, a pesquisa-ação defende que qualquer fato social ou educativo pode ser descrito tanto em termos quantitativos (frequência, intensidade dos acontecimentos observados, tamanho da população, categorias,) quanto em termos qualitativos (significação, compreensão).

Em síntese, a principal contribuição que a metodologia da pesquisa-ação dá à presente pesquisa consiste em não limitar, no sentido de rigidez, todos os elementos de aplicação técnica que auxiliem numa compreensão mais abrangente dos dados coletados, sem perder o rigor que a mesma requer.

Ideal para orientar pesquisas em sala de aula, a pesquisa-ação caracteriza-se por:

No processo de pesquisa-ação estão entrelaçados objetivos de ação e objetivos de conhecimento que remetem a quadros de referência teóricos, com base nos quais são estruturados os conceitos, as linhas de interpretação e as informações colhidas durante a investigação. [...]

[...] Do lado dos pesquisadores, trata-se de formular conceitos, buscar informações sobre situações; do lado dos atores, a questão remete à disposição a agir, a aprender, a transformar, a melhorar etc. Além de uma simples coleta de dados, a pesquisa-ação requer um longo trabalho de grupos reunindo atores interessados e pesquisadores, educadores e outros profissionais qualificados em diferentes áreas. (Thiollent, 2011, p 7-8).

Nessa vertente conceitual, os pesquisadores e os participantes estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. Continua Thiollent (2011, p. 22): é desejável por parte do pesquisador que este mantenha um rol ativo na própria realidade dos fatos observados.

Por outro lado, a pesquisa-ação requer que as pessoas implicadas participem dessa transformação com uma contribuição além da coleta de dados para arquivamento. Precisamente, com algo que “dizer” ou “fazer”.

A pesquisa-ação procura dar-se em três aspectos fundamentais: resolução de problemas, tomada de consciência ou produção de conhecimento.

A execução da presente pesquisa visa, mediante a tomada de consciência, a produção do conhecimento (material didático) que possa contribuir para a resolução de um problema geral (a falta de obrigatoriedade da filosofia) e outro individual (a crise informativa das “fake news”).

Para Thiollent (2011, p.28), os aspectos da pesquisa-ação são atingidos graças à ação dos participantes, que, diferentemente de como se dá na pesquisa clássica positivista, não são reduzidos a simples cobaias. “Da observação e da avaliação dessas ações, e também pela evidenciação dos obstáculos encontrados no caminho, há um ganho de informação a ser captado e restituído como elemento de conhecimento.”

Em palavras do educador Paulo Freire (1987 p. 40):

Deste modo, o educador problematizador re-faz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscibilidade dos educandos. Estes, em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico, também.

A respeito do procedimento técnico, a presente pesquisa norteia-se com o conceito do processo multidirecionado, no qual a produção de material didático, a geração de dados e a reciclagem de ideias, por exemplo, acontecem ao mesmo tempo, de forma cíclica.

Ainda que esta pesquisa não cumpra com o requisito de repetir, em várias oportunidades, todas as fases da pesquisa-ação, estas contribuíram para a organização da sua aplicação.

Por exemplo, a concepção de cada aula é realizada mediante diversas fases. Primeiro, a fase exploratória, que consiste no levantamento bibliográfico e nas observações de aulas anteriores. Segundo, a fase de planejamento. Cada aula demanda uma conversa com o orientador a respeito dos obstáculos - e como resolvê-los - que se apresentam no material didático escolhido/produzido. Terceiro, a fase de ação, com a aplicação do material didático e a participação dos alunos. Quarto, e último, a fase de avaliação, na qual se observa se o produzido na fase de planejamento foi eficiente, valorizam-se as contribuições dos alunos

(dificuldades, engajamento e aprendizado) e prepara-se um relatório, tanto para auxiliar na repetição do ciclo como para aprimorar o material já produzido.

4.2 Aplicação do produto educacional

Em concordância com as exigências do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Goiás (UFG), foi aprovado integralmente o projeto com número CAAE 77467223.8.0000.5083. Junto com o projeto de pesquisa foi apresentado o Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) e o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), os quais descrevem os dados da pesquisa, os objetivos gerais e específicos, os direitos dos sujeitos envolvidos e a responsabilidade do pesquisador. Tais instrumentos garantem a participação voluntária e a devida comunicação aos representantes legais dos sujeitos envolvidos.

Os instrumentos de pesquisa escolhidos para a coleta de dados foram a aplicação de dois questionários - o primeiro na aula de apresentação e o segundo na aula de encerramento - e, por último, o diário de campo relatando as estratégias utilizadas para a aplicação do produto educacional e seus resultados.

Os questionários permitem a identificação da idade, sexo, turma, sem informação nominal. Seu objetivo é saber quais eram os conhecimentos prévios do educando a respeito da crise das “fake news” e seu confronto com a filosofia e quais foram os conhecimentos apreendidos após a aplicação do produto.

O primeiro questionário foi entregue respondido por vinte quatro alunos e o segundo questionário, por vinte e cinco alunos, devido a ausências ocorridas por razões de força maior.

O produto educacional foi aplicado no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da UFG, no formato de disciplina eletiva, por disposição das exigências curriculares da última versão da BNCC, contando com trinta alunos, principalmente, do Segundo Ano do Ensino Médio e, em menor medida, do Primeiro Ano do Ensino Médio.

Em todas as aulas foi adotada uma metodologia expositiva-dialogada, à exceção das atividades. Nestas, foram formados grupos de três a quatro alunos de, quando possível, diferentes turmas - estimulando-se, assim, o debate interno - que resolviam de forma cooperativa as perguntas a eles formuladas.

Quando a participação na atividade era satisfatória, o conteúdo era considerado como dominado pelo aluno, sem necessidade de outro meio de avaliação. Caso as respostas fossem insuficientes ou não fossem entregues, o aluno deveria defender o conteúdo da atividade em um exame individual e oral.

O exame oral - inútil em si mesmo para os objetivos da disciplina - funciona como um estímulo para um maior engajamento na atividade, impulsionando o aluno a dissipar dúvidas com os companheiros do grupo ou mesmo com o professor da disciplina, caso estes não possam auxiliá-lo. Afinal de contas, o exame representa o ponto mais forte do poder disciplinar. Em palavras de Foucault (2014, p. 195), “o sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvidas ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame”.

O exame aumenta a visibilidade sobre os indivíduos para classificá-los e sancioná-los. Devido a esse aspecto, o exame funciona como um ritual, no qual reúne-se a cerimônia do poder, a exibição da força e a afirmação da verdade. “Ele manifesta a sujeição dos que são percebidos como objetos e a objetivação dos que se sujeitam”. (Foucault, 2014, p. 181).

Por isso, a simples sugestão da possibilidade de evitar um exame individual oral concede à atividade uma aura de seriedade, afastando-se, assim, a sensação de que se trata de algo menos importante, que não merece do aluno a mesma energia que costuma empregar na realização de um exame. Dessa forma, transforma-se a atividade num espaço de aprendizagem sócio-interacionista, outorgando-se ao educando a possibilidade de aumentar seus conhecimentos, sem padecer do pior do poder disciplinar.

A respeito da aprendizagem sócio-interacionista, o professor José Carlos Libâneo (2007, p. 4) comenta que o psicólogo Lev Vygotsky, que procurou fundar uma psicologia de tradição marxista, entende o desenvolvimento psicológico como um “processo de apropriação da cultura mediante a comunicação com outras pessoas”. Desse modo, “Os saberes e instrumentos cognitivos se constituem nas relações intersubjetivas, sendo que sua apropriação implica a interação com outros sujeitos já portadores desses saberes e instrumentos.”.

O professor Marco Antonio Moreira (2011) complementa, afirmando que Vygotsky pensou o momento da aprendizagem como um fenômeno que ocorre entre a capacidade de solucionar problemas sem auxílio (zona de desenvolvimento real) e a capacidade de solucionar problemas com a assistência de um adulto ou de uma criança mais experimentada (zona de desenvolvimento potencial), e concebeu esse ponto específico do processo de aprendizado como a “zona de desenvolvimento proximal”.

Análise do diário de campo:

A duração da aplicação do produto educacional foi de um semestre, que consistiu no período de abril de 2024 até julho de 2024. As aulas relatadas no diário de campo consistiram

em duas aulas de 45 minutos leccionadas de maneira consecutiva, devido ao regimento interno do CEPAE/UFG.

Aula nº 1 Apresentação:

Foco e objetivos da aula:

- Apresentar aos alunos o programa da disciplina eletiva.
- Esclarecer dúvidas a respeito da participação na pesquisa.
- Avaliar o conhecimento dos educandos a respeito da crise da “fake news”.

Materiais necessários:

- Laboratório de computação.
- Questionário digital.

Objetivos de aprendizagem:

- Introduzir o fenômeno das “fake news” desde uma perspectiva cívica-filosófica.

Estrutura / Atividade:

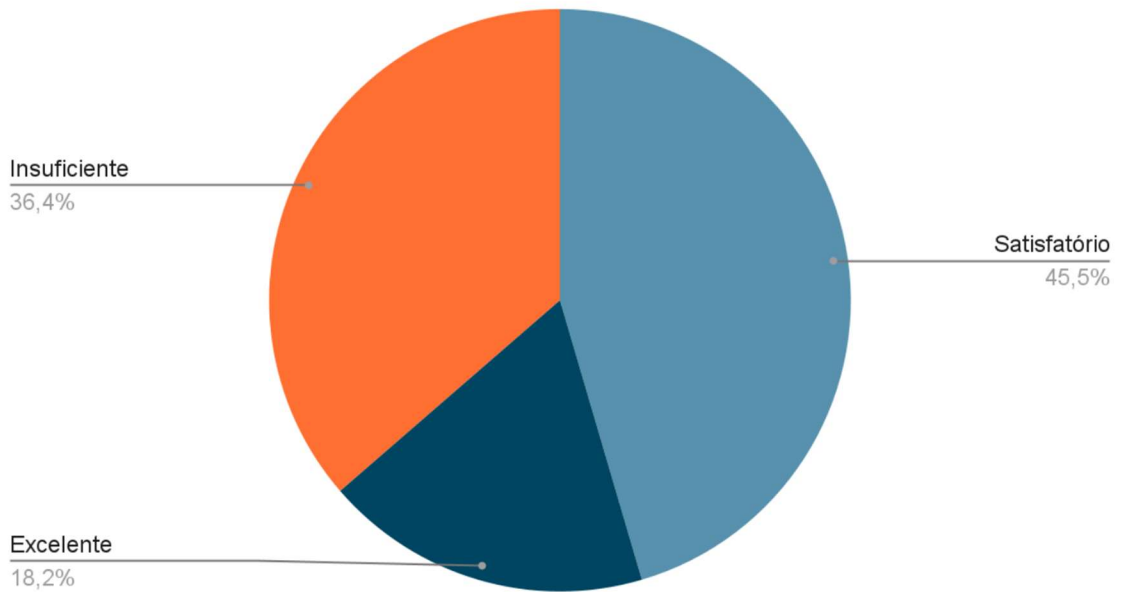
- Exposição de quinze minutos: introdução e desenvolvimento do conteúdo da disciplina eletiva titulada: Subjetividade, “fake news” e filosofia: o compromisso com o debate democrático.
 - Dez minutos para responder dúvidas a respeito da ementa, objetivos, metodologia e conteúdo programático.
 - Exposição de dez minutos: a importância do TALE e TCLE, dúvidas a respeito da pesquisa e como deve ser preenchido o questionário inicial.
 - Cinco minutos para abordar dúvidas.
 - Atividade de quarenta minutos: resolução do questionário inicial e encerramento da aula.

Avaliação: os alunos demonstraram intriga pelo conteúdo programático da disciplina e vontade da participação nas atividades propostas. As respostas ao questionário inicial foram acordes ao esperado:

Primeira pergunta: O que são e quando surgiram as “fake news”?

Gráfico 01 – Primeira pergunta do questionário respondida durante a aula inicial.

Que são e quando surgiram as "fake news"?



Fonte: Próprio autor (2025).

Excelente: o educando consegue descrever o fenômeno das "fake news" e relacioná-lo com o surgimento das redes sociais e a internet.

Satisfatória: o aluno consegue definir o conceito com precisão, mas não pode identificá-lo com seus aspectos digitais, ou vice-versa.

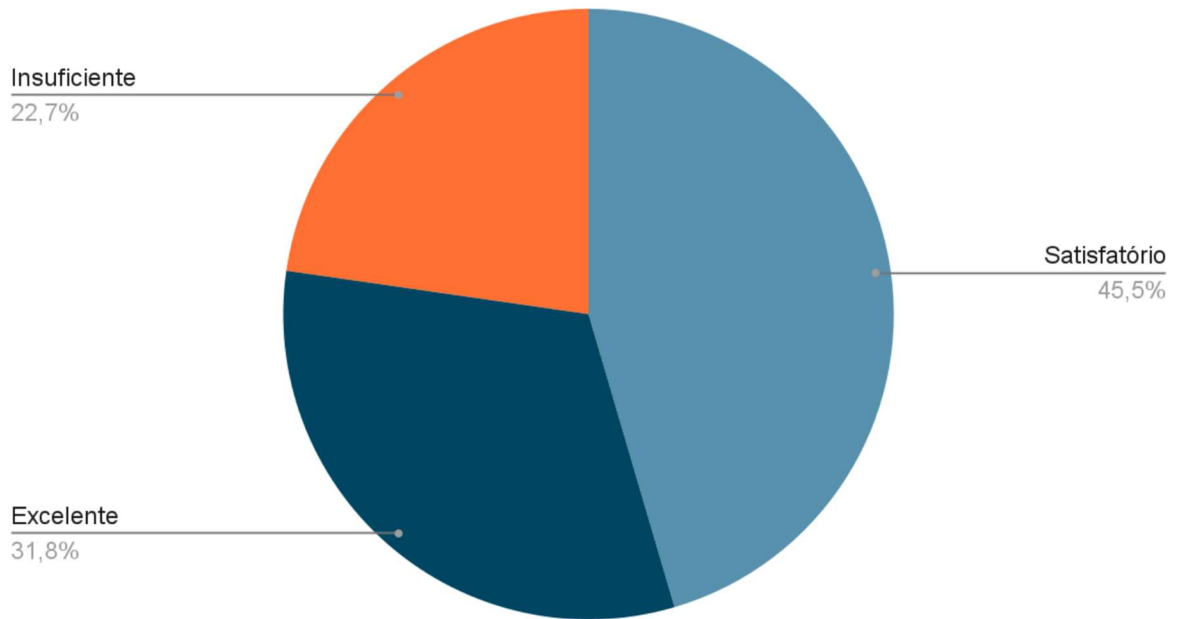
Insuficiente: o aluno não descreve o fenômeno com precisão e não o identifica com o surgimento das redes sociais.

Por se tratar de um fenômeno global, com reiterado destaque nos problemas sociais e políticos, compreende-se que a maioria dos alunos conhecem com precisão o objeto de estudo. Não obstante, mostra-se importante trabalhar em sala de aula tanto o surgimento quanto uma melhor caracterização da crise das "fake news" para aprimorar os conhecimentos já adquiridos.

Segunda pergunta: Por que meios e como são difundidas as "fake news"?

Gráfico 02 – Segunda pergunta do questionário respondida durante a aula inicial.

Por que meios e como são difundidas as fake news?



Fonte: Próprio autor (2025).

As respostas serão classificadas do seguinte modo:

Excelente: descrevem precisamente a quantidade de veículos de que as “fake news” dispõem na comunicação digital (blogs, redes sociais, sistemas de mensagens instantâneas etc).

Satisfatória: discorrem acerca de alguns dos veículos digitais, mas de forma pobre ou em confusão com veículos analógicos (jornal, rádio, tv etc).

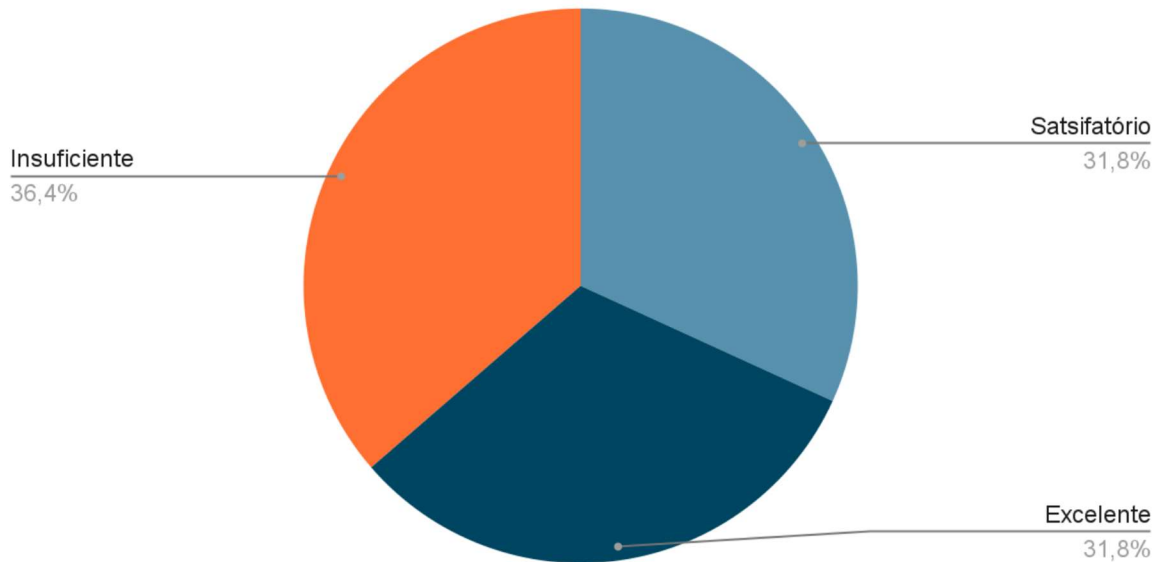
Insuficiente: apresentam confusão a respeito dos veículos das “fake news”.

Para a segunda pergunta, pode-se apreciar um maior conhecimento em comparação com a primeira. Afinal de contas, todos os educandos recebem “fake news” diariamente por esses veículos digitais. Apesar disso, das respostas surge a necessidade de explorar a grande variedade de veículos que as “fake news” possuem e diferenciá-los dos veículos de desinformação antigos.

Terceira pergunta: Quais são ou deveriam ser os mecanismos de combate às “fake news”?

Gráfico 03 – Terceira pergunta do questionário respondida durante a aula inicial.

Quais são ou deveriam ser os mecanismos de combate às “fake news”?



Fonte: Próprio autor (2025).

As respostas serão classificadas do seguinte modo:

Excelente: abordam, ao menos, dois dos três tipos de combate às “fake news”: o jurídico, a autocensura e o investimento em educação.

Satisfatória: abordam um dos tipos de combate às “fake news”.

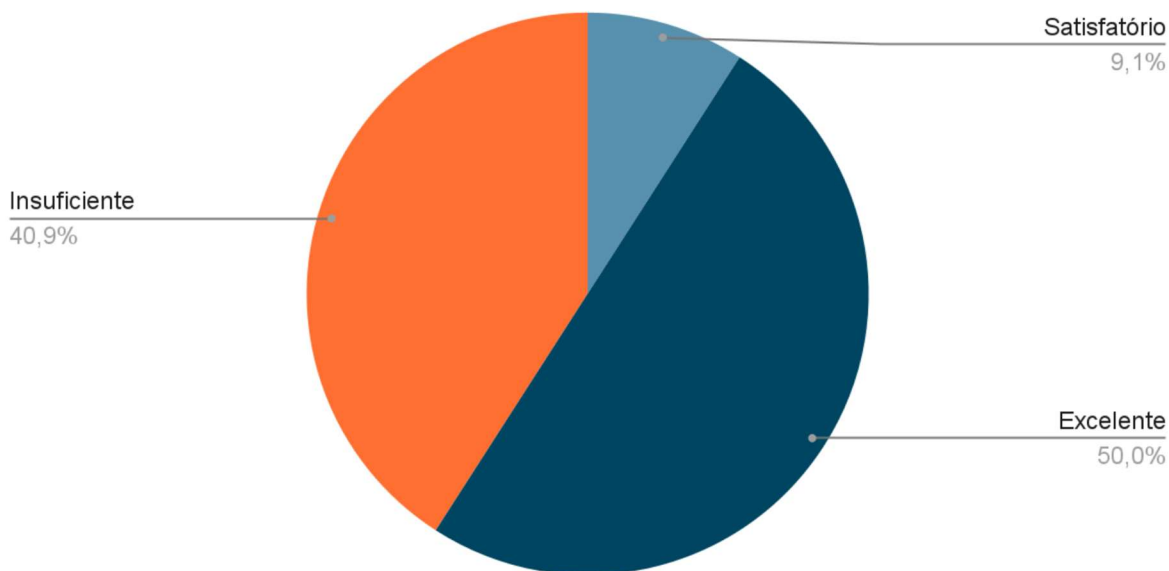
Insuficiente: não abordam nenhum dos tipos de combate às “fake news” ou discorrem sobre eles com informações imprecisas.

Aqui repete-se a tendência da primeira pergunta, com uma diferença: o aumento dos alunos aprofundados na questão a ser interrogada. Isso mostra que a sociedade aponta mais ao combate às “fake news” que a descrição e entendimento de tal fenômeno.

Quarta pergunta: Existe uma relação entre o combate às “fake news” e a prática filosófica? Justifique sua resposta.

Gráfico 04 – Quarta pergunta do questionário respondida durante a aula inicial.

Existe uma relação entre o combate às “fake news” e a prática filosófica? Justifique sua resposta.



Fonte: Próprio autor (2025).

As respostas serão classificadas do seguinte modo:

Excelente: relacionam a desinformação promovida pelas “fake news” com o compromisso com a verdade, as metodologias de conhecimentos, os estudos morais propostos pela filosofia.

Satisfatória: ainda que vagamente, conseguem fazer uma ligação do lugar social da filosofia e sua aplicação.

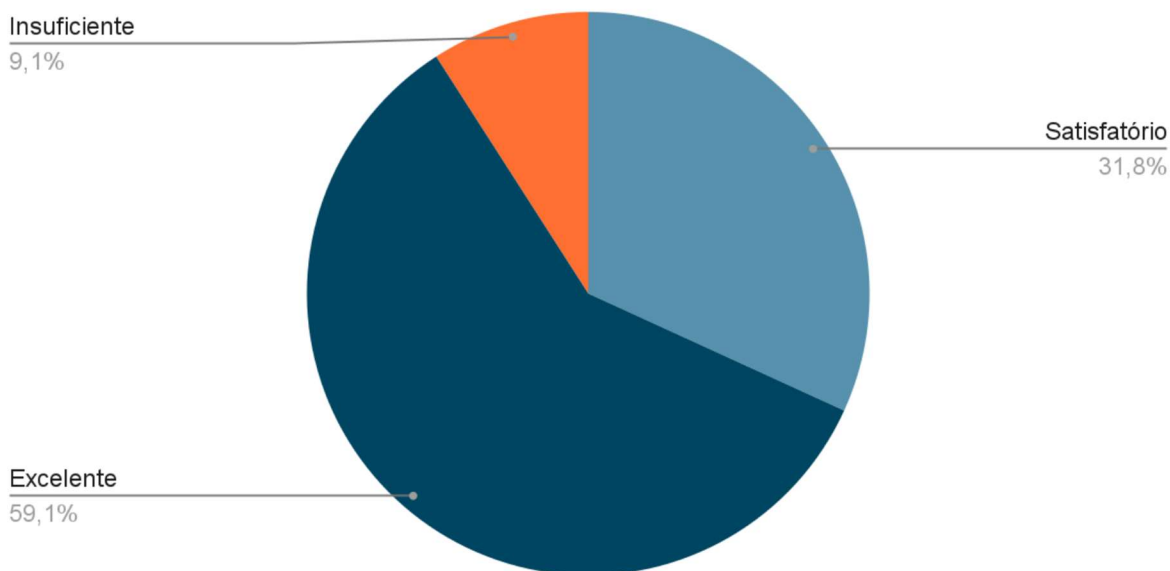
Insuficiente: que não identifiquem relação alguma entre a filosofia e a crise das “fake news”.

Para esta pergunta quebra-se a paridade entre cada grupo de respostas, sendo possível dividir, praticamente, em dois os integrantes da turma. Por um lado, estão os que já possuem uma vocação filosófica e sabem o que buscar da disciplina, por outro, os movidos pela curiosidade que procuram se interiorizar nos benefícios da filosofia na atual crise informativa.

Quinta pergunta: As “fake news” configuram um perigo para a democracia? Por quê?

Gráfico 05 – Quinta pergunta do questionário respondida durante a aula inicial.

As “fake news” configuram um perigo para a democracia? Por quê?



Fonte: Próprio autor (2025).

As respostas serão classificadas do seguinte modo:

Excelente: desenvolvem com clareza os perigos que as “fake news” representam para a democracia.

Satisfatória: limitam-se a afirmar que as “fake news” representam um perigo, sem justificar a resposta ou justificando-a deficientemente.

Insuficiente: não consideram que as “fake news” representam um perigo para a democracia.

Felizmente, esta pergunta demonstra que praticamente a totalidade da turma entende a gravidade da atual crise informativa e destaca que até os que possuem um conhecimento amplo na matéria procuram aumentar seu conhecimento na disciplina.

Em conclusão, as respostas ao questionário encontram-se dentro do esperado, com um terço dos alunos dominando o assunto, o que facilita o debate e exige da produção da disciplina um aprofundamento criativo.

Aula nº 2 “Fake news” (Unidade 1):

Foco e objetivos da aula:

- Explicar o que são as “fake news”.
- Desenvolver filosoficamente a importância do combate às “fake news”.
- Analisar como a desinformação engendrou um indivíduo negacionista.

Materiais necessários:

- Slides.
- Projetor.

Objetivos de aprendizagem:

- Ampliar a concepção do fenômeno das “fake news”.
- Introduzir e exaltar a importância da reflexão filosófica.

Estrutura / Atividade:

- Exposição de vinte minutos: introdução, desenvolvimento e conclusão do que são as “fake news”.
- Cinco minutos para provocar os alunos e abordar dúvidas a respeito do exposto.
- Exposição de vinte minutos: a importância de compreender as “fake news” desde uma ótica filosófica.
- Cinco minutos para provocar os alunos e abordar dúvidas a respeito do exposto.
- Exposição de vinte minutos, destacando como as “fake news” afetam o diálogo em todas as suas variantes, ressaltando como elas se nutrem da teoria propagandística de Joseph Goebbels para a formação de um indivíduo negacionista.
- Cinco minutos para provocar os alunos e abordar dúvidas a respeito do exposto.

Avaliação: a aula desenvolveu-se com normalidade, participação e atenção. Não obstante, o excessivo conteúdo teórico gerou um compreensível esgotamento mental, que diminuiu o excelente desempenho inicial, sem afetar os objetivos da aula. Recomenda-se a diminuição de conteúdo teórico nos slides, aumento dos vídeos (principalmente no final da aula).

Aula nº 3 Covid-19 (Unidade 1):

Foco e objetivos da aula:

- Explicar os benefícios e prejuízos das diversas estratégias de combate a uma pandemia.

- Analisar o desempenho do Brasil e da América Latina durante a pandemia da Covid-19 e como a vacinação foi afetada pelas “fake news”.

- Desenvolver filosoficamente a atitude moral frente a tragédia.

Materiais necessários:

- Slides.
- Projetor.

Objetivos de aprendizagem:

- Ampliar a compreensão das medidas de combate à pandemia.
- Exaltar a importância do compromisso moral e informativo em tempos de crise.

Estrutura / Atividade:

- Cinco minutos: começo da aula explicando passagem do poeta John Donne, relacionando-a com as mortes acontecidas durante a pandemia da Covid-19.

- Exposição de vinte minutos acerca das diversas estratégias que podem ser utilizadas para o combate a uma pandemia.

- Cinco minutos para provocar os alunos e abordar dúvidas a respeito do exposto.

- Exposição de vinte minutos: como o fenômeno das “fake news” dificultou o combate à pandemia e atrapalhou a vacinação tanto da Covid-19 como de doenças que acreditavam-se erradicadas.

- Cinco minutos para provocar os alunos e abordar dúvidas a respeito do exposto.

- Exposição de dez minutos, destacando como o pensamento de Jean Jacques Rousseau e Albert Camus reforçam a ideia de que parte do estrago gerado pela pandemia é de origem moral.

- Dez minutos de diálogo com e entre os alunos a respeito da análise filosófica.

Avaliação: a aula desenvolveu-se com normalidade, participação e atenção. Mesmo que a Covid-19 possa ser percebida como uma questão traumática, gerou um engajamento na turma com o conteúdo da aula, o que permitiu atingir os objetivos da aula. Destaca-se a compreensão da dimensão ética da aula por parte dos educandos.

Aula nº 4 Julgamentos (Unidade 1):

Foco e objetivos da aula:

- Explicar como era a vida na Grécia Antiga, a degeneração de sua democracia e seu ocaso com o final da guerra do “Peloponeso” e o julgamento de Sócrates.
- Desenvolver a atuação violenta da Inquisição na Itália durante os julgamentos de Giordano Bruno e Galileu Galilei.

Materiais necessários:

- Slides.
- Projetor.

Objetivos de aprendizagem:

- Conscientizar a respeito de como a desinformação erode a democracia.
- Relacionar os atuais fenômenos desinformativos com eventos passados.

Estrutura / Atividade:

- Exposição de vinte e cinco minutos: apresentar a realidade política na Antiga Grécia e o Julgamento de Sócrates.
- Cinco minutos para provocar os alunos e abordar dúvidas a respeito do exposto.
- Exposição de vinte e cinco minutos: abordar, mediante slides e vídeos, os perigos dos discursos hegemônicos e a intolerância ao diálogo com os exemplos de Giordano Bruno e Galileu Galilei.
- Proposta de atividade de quinze minutos a vinte minutos: os alunos deverão responder, em grupos de três a quatro integrantes de diferentes cursos, uma série de perguntas a respeito da Unidade lecionada nos últimos três encontros.

Avaliação: a aula se desenvolveu com normalidade, participação e atenção. A utilização de um vídeo de dez minutos para explicar parte do julgamento de Giordano Bruno serviu como um pequeno recesso produtivo. Os alunos se mostraram comprometidos com a atividade, debatendo e construindo as respostas de forma cooperativa. Os resultados da atividade foram satisfatórios.

Aula nº 5 Inteligência artificial (Unidade 1):

Foco e objetivos da aula:

- Explicar o surgimento e evolução da automatização na sociedade.
- Desenvolver como a automação interage e modifica as relações sociais, sejam estas produtivas, comunicativas, educativas, etc.

Materiais necessários:

- Slides.

- Projetor.

Objetivos de aprendizagem:

- Problematizar e relacionar o papel da automação, principalmente da inteligência artificial, com as relações sociais.

Estrutura / Atividade:

- Trinta e cinco minutos para assistir a um documentário titulado “Meu emprego meu futuro, um documentário a respeito de robôs, economia, classe média e... o fim do mundo.”
- Exposição de vinte minutos: abordar as questões centrais do documentário, explicando os seus pontos principais.
- Vinte e cinco minutos para provocar os alunos e abordar dúvidas a respeito de como o surgimento da inteligência artificial interage - e interagirá ainda mais - em cada aspecto de nossas vidas, incluindo a produção de “fake news”.

Avaliação: a aula se desenvolveu com normalidade, participação e atenção. O documentário despertou interesse na temática da aula e serviu como faísca para uma maior participação dos educandos no debate proposto. Apesar de que a maioria dos alunos não demonstrou possuir conhecimentos prévios a respeito do funcionamento e perigos da inteligência artificial, o interesse por apreender e dominar o objeto do estudo norteou a atitude da aula.

Aula nº 6 Sociedade de Massas (Unidade 2):

Foco e objetivos da aula:

- Explicar o surgimento e evolução do conceito de sociedade de “massas” no campo sociológico, psicológico e filosófico.
- Estabelecer as ligações entre as diferentes abordagens da sociedade de “massas” e o papel dos alunos como cidadãos.

Materiais necessários:

- Slides.
- Projetor.

Objetivos de aprendizagem:

- Problematizar e relacionar o papel do aluno como parte de uma sociedade de “massas” com as diferentes abordagens que o conceito possui.

Estrutura / Atividade:

- Exposição de vinte minutos: apresentar como a sociedade de “massas” foi percebida pelos sociólogos e psicólogos do século XIX.
- Cinco minutos para provocar os alunos e abordar dúvidas a respeito do exposto.
- Exposição de vinte e cinco minutos: abordar a transformação da percepção de que o conceito de sociedade de “massas” padece no século XX na esfera da psicologia. Explicar a visão de Ortega y Gasset e da Escola de Frankfurt a respeito desse fenômeno.
- Cinco minutos para provocar os alunos e abordar dúvidas a respeito do exposto.
- Proposta de atividade de quinze minutos: os alunos deverão assistir o começo do filme “Os tempos modernos” de Charles Chaplin e debater a tese proposta por Walter Benjamin a respeito da importância do cinema na emancipação da “massa”.

Avaliação: a aula se desenvolveu com normalidade, participação e atenção. Os alunos mostraram-se interessados com a temática, o que facilitou a relação com o conteúdo de aulas anteriores. A atividade despertou interesse e risos nos educandos e serviu como exemplo de que a arte, ainda que massificada, pode ser emancipadora.

Aula nº 7 Hiper-realidade (Unidade 2):

Foco e objetivos da aula:

- Explicar o surgimento e evolução do conceito de sociedade de “consumo” no pós-estruturalismo de Jean Baudrillard.
- Compreender a abrangência do fenômeno de hiper-realidade em Jean Baudrillard.

Materiais necessários:

- Slides.
- Projetor.

Objetivos de aprendizagem:

- Problematizar e relacionar o papel do aluno como parte de uma sociedade de “consumo” imersa no labirinto simbólico da hiper-realidade.

Estrutura / Atividade:

- Exposição de quinze minutos: apresentar o pensamento de Ferdinand de Saussure para introduzir as filosofias da linguagem.
- Cinco minutos para provocar os alunos e abordar dúvidas a respeito do exposto.

- Exposição de trinta e cinco minutos: abordar o conceito de sociedade de “consumo” em Jean Baudrillard, a evolução histórica do símbolo, as categorias dos simulacros e a hiper-realidade.
- Cinco minutos para provocar os alunos e abordar dúvidas a respeito do exposto.
- Proposta de atividade de trinta minutos: assistir a primeira parte do filme “Matrix” e relacionar com os conteúdos da aula.

Avaliação: os alunos participaram da aula ativamente da aula mostrando interesse na compreensão sincrônica da linguagem e na teoria da sociedade de consumo proposta por Jean Baudrillard. Apesar das dificuldades filosóficas que o tema da aula apresenta, foi possível fazer uma relação com a realidade que facilite o entendimento do objeto de estudo. A exposição do filme “Matrix” pareceu um pouco extensa e confusa. Provavelmente seja melhor utilizar trechos de dez ou quinze minutos no futuro, eliminando as cenas que não dialoguem diretamente com o objeto de estudo.

Aula nº 8 Hiper-realidade (Unidade 2):

Foco e objetivos da aula:

- Explicar os principais conceitos filosóficos na primeira parte do filme “Matrix”, principalmente o de hiper-realidade.
- Apresentar a questão “A guerra do golfo não existiu” em Jean Baudrillard.

Materiais necessários:

- Slides.
- Projetor.

Objetivos de aprendizagem:

- Problematizar e relacionar o papel do aluno como espectador.
- Relacionar todos os conteúdos da Unidade.

Estrutura / Atividade:

- Continuação da atividade de última aula, em dez minutos: assistir o principal trecho do filme “Matrix”.
- Exposição de vinte minutos: abordar a alegoria da caverna de Platão apresentada no filme junto com a influência de Baudrillard no filme.
- Cinco minutos para provocar os alunos e abordar dúvidas a respeito do exposto.

- Exposição de quinze minutos: desenvolver o motivo pelo qual Jean Baudrillard afirmava que “a guerra do golfo não existiu” e relacionar com o fenômeno das “fake news”.

- Proposta de atividade de quarenta minutos: os alunos deverão responder, em grupos de três a quatro integrantes de diferentes cursos, uma série de perguntas a respeito da Unidade lecionada nos últimos três encontros.

Avaliação: a aula se desenvolveu com normalidade, participação e atenção. A utilização de um trecho de dez minutos do filme “Matrix” serviu para reforçar a atenção e trabalhar as partes do filme que são interessantes à disciplina. Os alunos se mostraram participativos com a atividade, debatendo e construindo as respostas de forma cooperativa. Os resultados da atividade foram satisfatórios.

Aula nº 9 O discurso do método (Unidade 3):

Foco e objetivos da aula:

- Explicar os principais conceitos filosóficos que surgem no “Discurso do Método” e as “Meditações Metafísicas” de René Descartes.
- Desenvolver um paralelismo entre os desafios informativos do século XVII e os da atualidade.

Materiais necessários:

- Slides.
- Projetor.

Objetivos de aprendizagem:

- Problematizar e relacionar o papel do aluno como consumidor de informação.

- Compreender a aplicabilidade do método cartesiano.

Estrutura / Atividade:

- Exposição de trinta minutos: desenvolver a biografia de René Descartes, sua juventude, suas inquietudes e o que o levou a desenvolver sua produção filosófica.

- Cinco minutos para provocar os alunos e abordar dúvidas a respeito do exposto.

- Exposição de vinte minutos: abordar o método cartesiano para processar informação com maior eficiência.

- Cinco minutos para provocar os alunos e abordar dúvidas a respeito do exposto.

- Exposição vinte minutos: comentar os efeitos políticos da obra cartesiana no mediano e longo prazo.

- Dez minutos para provocar os alunos e abordar dúvidas a respeito do exposto.

Avaliação: a filosofia cartesiana despertou curiosidade nos educandos. Os alunos conseguiram relacionar aspectos das aulas de “fake news” e Covid 19 com o conteúdo apresentado. Ainda que simples, o método cartesiano foi compreendido como uma ferramenta interessante no combate às “fake news” quando relacionado com os problemas políticos (a modo de exemplo, os que Descartes enfrentava no século XVII).

Aula nº 10 O discurso do método (Unidade 3):

Foco e objetivos da aula:

- Aplicar o método cartesiano nas “fake news” cotidianas.
- Relacionar os conteúdos da unidade.

Materiais necessários:

- Slides.
- Projetor.

Objetivos de aprendizagem:

- Problematicar e relacionar o papel do aluno como consumidor de informação.

- Compreender a aplicabilidade do método cartesiano.

Estrutura / Atividade:

- Exposição de vinte minutos abordando dúvidas e repassando o conteúdo da aula anterior.

- Proposta de atividade de setenta minutos: os alunos deverão responder várias perguntas a respeito do conteúdo da Unidade e aplicá-lo para desmontar “fake news” contemporâneas.

Avaliação: durante a exposição dialogada, os alunos foram expressando suas dúvidas a respeito da aula anterior e lembrando os aspectos essenciais da filosofia cartesiana. Finalizada a primeira parte, começou a atividade que, por ser diferente das anteriores, gerou entusiasmo na turma. A maior parte da atividade transcorreu com normalidade e os resultados esperados - na aplicação da filosofia cartesiana para organizar e desmontar as “fake news” apresentadas - foram atingidos.

Aula nº 11 Liberdade cartesiana (Unidade 4):

Foco e objetivos da aula:

- Desenvolver como o método cartesiano pode ser entendido como uma ferramenta na prática da responsabilidade cívica.
- Fazer um paralelismo entre dúvida e liberdade.
- Relacionar os conteúdos com a unidade anterior.

Materiais necessários:

- Slides.
- Projetor.

Objetivos de aprendizagem:

- Compreender o pensamento de Jean-Paul Sartre desde a prática do método cartesiano.
- Relacionar o método com a liberdade.

Estrutura / Atividade:

- Debate de quinze minutos problematizando os aspectos fundamentais da liberdade sartreana.
- Exposição de trinta minutos, fazendo uma ligação entre o conceito de “liberdade” em Sartre com a dúvida metódica em Descartes.
- Dez minutos para abordar dúvidas.
- Debate de quinze minutos explorando os aspectos negativos do método cartesiano e que dificuldades sua aplicação apresentou na atividade anterior.
- Exposição vinte minutos: ressaltar aspectos pouco evidentes das intenções de Descartes com a realização de um método de estudo, sua relação com o exercício democrático e o combate às “fake news”.

Avaliação: aula impregnada de uma aura de “Eureka”. Além de ser uma aula crítica, intimamente relacionada com os objetivos da pesquisa, foi a aula mais satisfatória. O método cartesiano, que pode gozar, *a priori*, de um excesso de formalismo, foi captado pelos alunos como um instrumento político. Na medida que ia avançando esse jogo entre um debate e uma exposição, expressões como “agora entendi” fizeram-se presentes. A temática de relacionar os filósofos captou a atenção dos alunos e revitalizou o interesse em Descartes.

Aula nº 12 Liberdade cartesiana (Unidade 4):

Foco e objetivos da aula:

- Compreender as bases da filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre.

- Apresentar a “dialética do grupo” de Jean-Paul Sartre.
- Relacionar a “dialética do grupo” com as “fake news”.

Materiais necessários:

- Slides.
- Projetor.

Objetivos de aprendizagem:

- Aprofundar no pensamento de Jean-Paul Sartre.
- Relacionar a “dialética do grupo” com os grupos que espalham “fake news”.

Estrutura / Atividade:

- Exposição de vinte minutos dos aspectos essenciais do pensamento de Jean-Paul Sartre.
- Cinco minutos para abordar dúvidas.
- Exposição de quinze minutos da “dialética do grupo” de Sartre.
- Debate de quinze minutos, provocando os alunos a relacionar os aspectos filosóficos expostos com a vida cotidiana.
- Atividade de trinta e cinco minutos: os alunos deverão formar grupos e responder questões a respeito da “liberdade cartesiana”, a dialética do grupo e como estas interagem com a crise das “fake news”.

Avaliação: apesar do alto grau de dificuldade da exposição, os alunos conseguiram levar à prática o pensamento de Sartre com excelentes exemplos num debate dinâmico. A questão da “dialética do grupo” serviu como ponte para fazer a relação entre a geração de medo e a viralização de “fake news”. Durante a atividade os alunos trabalharam normalmente e como de costume atingiram os objetivos da aula.

Aula nº 13 Publicidade política (Unidade 5):

Foco e objetivos da aula:

- Desenvolver a queda da República de Weimar e o surgimento do nazismo.
- Estudar a publicidade política de Joseph Goebbels.

Materiais necessários:

- Slides.
- Projetor.

Objetivos de aprendizagem:

- Relacionar a queda da República de Weimar com a comunicação hitleriana.

- Aprofundar nas cinco leis da publicidade política de Joseph Goebbels.

Estrutura / Atividade:

- Exposição de cinco minutos ressaltando a situação geopolítica que deu origem à República de Weimar
- Atividade: assistir vídeo de trinta minutos da série “Genius” que narra a vida de Albert Einstein durante 1922 a 1932
- Debate de dez minutos a respeito da ascensão do nazismo.
- Exposição de vinte e cinco minutos, detalhando os principais fatos que marcaram a consolidação de Hitler no poder e as cinco leis da publicidade política de Joseph Goebbels.
- Debate de quinze minutos conversando a respeito de exemplos da atualidade de cada uma das Leis propostas por Joseph Goebbels para a publicidade política.

Avaliação: a introdução feita por um vídeo editado da série “Genius” despertou interesse nos alunos e serviu para contextualizar a complexa situação política que levou a Alemanha ao nazismo. A continuação da aula começou com uma exposição da publicidade política de Goebbels que levou a um interessante debate a respeito dos mecanismos de publicidade nazista e como eles são aplicados atualmente tanto no Brasil quanto no mundo.

Aula nº 14 Publicidade política (Unidade 5):

Foco e objetivos da aula:

- Aprofundar na aplicação da publicidade política de Joseph Goebbels.
- Relacionar a publicidade política de Joseph Goebbels com o discurso totalitário na América Latina.

Materiais necessários:

- Slides,
- Projetor,

Objetivos de aprendizagem:

- Identificar no discurso totalitário a publicidade política de Joseph Goebbels

Estrutura / Atividade:

- Dez minutos para tirar dúvidas a respeito da publicidade política de Joseph Goebbels.
- Cinco minutos para proposta e explicação da atividade.

- Sessenta minutos para atividade individual: os alunos deverão identificar os princípios fundamentais da publicidade política de Joseph Goebbels numa carta divulgada em 1976 por uma importante revista apoiando abertamente a ditadura militar argentina.

Avaliação: os alunos trabalharam com empenho e dedicação, aproveitaram a atividade para tirar dúvidas e os resultados da atividade foram mais que satisfatórios. Dado que a carta que precisava ser analisada pelos alunos era muito extensa, a resolução da atividade oferecia vários caminhos. Positivamente, os alunos escolheram criativa e acertadamente as respostas, justificando cada uma delas.

Aula nº 15 Brasil, as “fake news” e suas consequências (Unidade 6):

Foco e objetivos da aula:

- Aplicar e relacionar os conteúdos da disciplina com a realidade normativa brasileira.

Materiais necessários:

- Computador.

Objetivos de aprendizagem:

- Identificar, desmontar e denunciar as “fake news” que circulam no Brasil.

Estrutura / Atividade:

- Devido à greve dos professores de universidades federais acontecida no ano 2024 e a consequente diminuição do tempo no calendário, foi necessário aplicar o conteúdo da aula na forma de um trabalho individual.

- Desenvolvimento de atividade em cinco itens: escolher de 3 a 5 imagens digitais ou capturas de tela a respeito de uma “fake news” e explicar como esta afeta o Brasil. Explicar porque essa desinformação pode ser catalogada como “fake news”. Explicar se o dano ocasionado pela “fake news” escolhida foi revertido e, caso contrário, que medidas devem ser adotadas para revertê-lo. Pesquisar que fenômenos sociais impulsionaram essa “fake news” e explicar porque esses fenômenos são um perigo para a democracia.

Avaliação: apesar da mudança no desenvolvimento da aula por motivo da greve, os educandos realizaram a atividade atingindo os objetivos propostos. Na maioria dos trabalhos, apresentou-se com clareza a ligação das “fake news” com a pós-verdade; houve interesse para pesquisar e desenvolver os danos que as “fake news” causaram ao Brasil e a forma de combatê-los; os alunos descreveram a dúvida cartesiana como ferramenta indispensável para evitar o engano e, por último, em vários casos, além da análise

correspondente ao auge das redes sociais como carvão para a atual crise informativa, destacou-se o aproveitamento desta pela ala política correspondente à extrema direita, como mecanismo de consolidação do poder.

Aula nº 16 Encerramento:

Foco e objetivos da aula:

- Dialogar a respeito dos trabalhos produzidos e dissipar dúvidas na produção dos mesmos.
- Avaliar o resultado da disciplina mediante a aplicação do questionário final.

Materiais necessários:

- Laboratório de computação.
- Questionário digital.

Objetivos de aprendizagem:

- Consolidar os conceitos fundamentais teoricamente apropriados durante a disciplina.

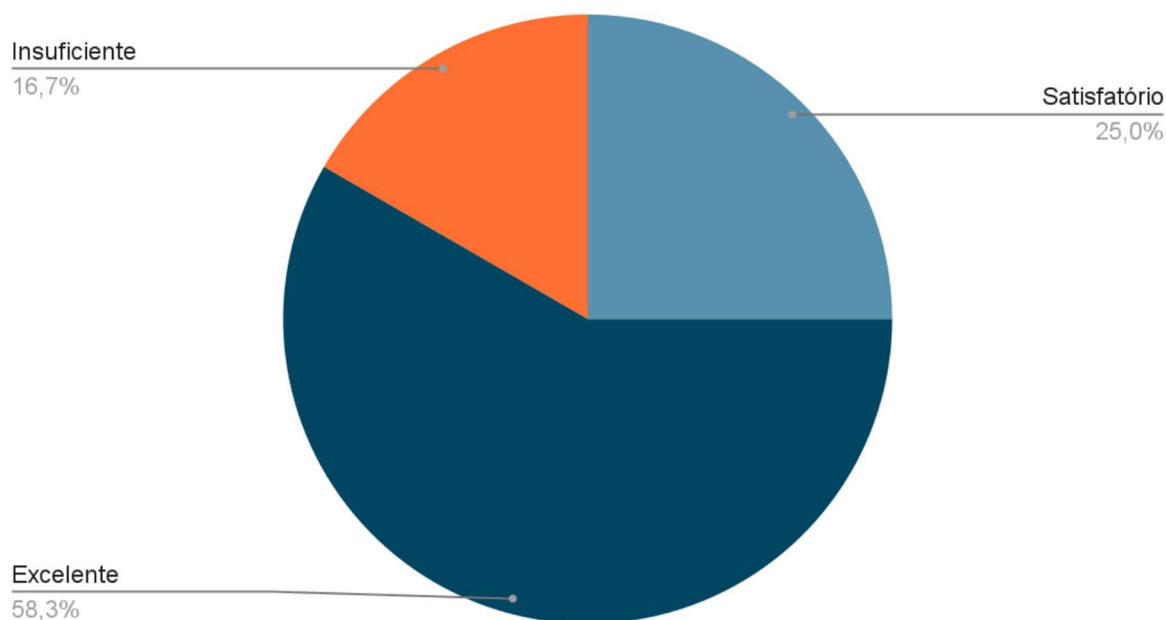
Estrutura / Atividade:

- Diálogo de trinta minutos comentando os diversos trabalhos com seus autores, as dificuldades que apareceram e as dúvidas que poderiam ter surgido na produção dos mesmos.
- Atividade quarenta e cinco minutos: resolução do questionário final e encerramento da aula.

Primeira pergunta: O que são e quando surgiram as “fake news”?

Gráfico 06 – Primeira pergunta do questionário respondida durante a aula de encerramento.

Que são e quando surgiram as "fake news"?



Fonte: Próprio autor (2025).

As respostas serão classificadas do seguinte modo:

Excelente: o educando descreve o fenômeno das “fake news” e o relaciona com o surgimento das redes sociais e a internet.

Satisfatória: o aluno consegue definir o conceito com precisão mas não o identifica com seus aspectos digitais, ou vice-versa.

Insuficiente: o aluno não descreve o fenômeno com precisão e não o identifica com o surgimento das redes sociais.

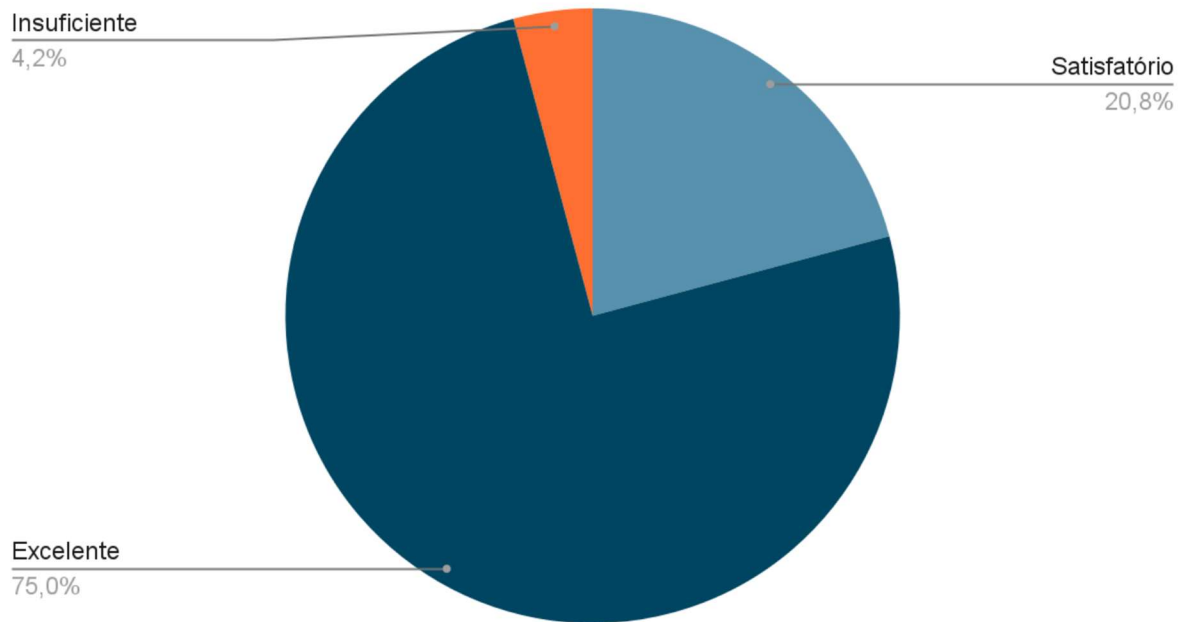
Apesar da positiva redução em 20% dos alunos que não tinham conseguido delimitar e explicar o surgimento das “fake news”, além do drástico aumento dos alunos que atingiram a excelência na questão (aumento de 25%), depreende-se a necessidade da aprimoramento do material didático para melhorar os resultados.

Com base na informação coletada, a produção do e-book ganhou um maior empenho e destaque na Unidade 1 da disciplina - a qual é a única que aborda o fenômeno das “fake news” diretamente -, de modo a facilitar um material que permita aos alunos rememorar as primeiras aulas, já distantes no tempo, com maior precisão.

Segunda pergunta: Por que meios e como são difundidas as fake news?

Gráfico 07 – Segunda pergunta do questionário respondida durante a aula de encerramento.

Por que meios e como são difundidas as fake news?



Fonte: Próprio autor (2025).

As respostas serão classificadas do seguinte modo:

Excelente: descrevem precisamente a quantidade de veículos de que as “fake news” dispõem na comunicação digital (blogs, redes sociais, sistemas de mensagens instantâneas etc).

Satisfatória: desenvolvem alguns dos veículos digitais, mas de forma pobre ou em confusão com veículos analógicos (jornal, rádio, tv etc).

Insuficiente: apresentam confusão a respeito dos veículos das “fake news”.

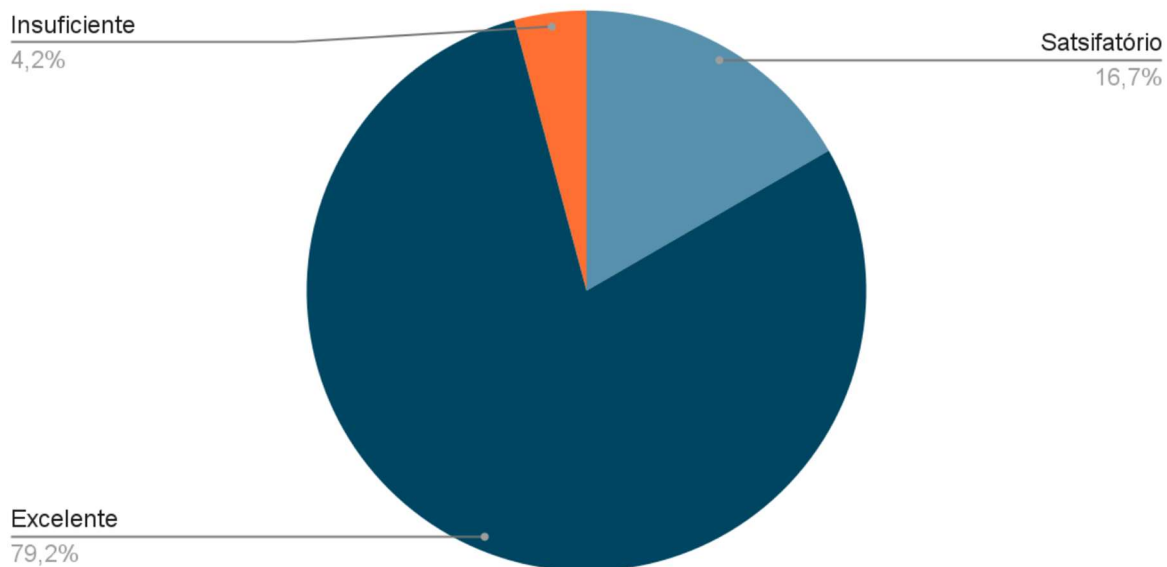
Aqui o grau de satisfação e excelência encontram-se no patamar objetivo da disciplina, atingindo em seu conjunto 96% dos alunos. Destaca-se a excelência no domínio da questão de 75% da turma.

Conclui-se que a compreensão da pergunta configura o primeiro (e mais essencial) passo para combater as “fake news”.

Terceira pergunta: Quais são ou deveriam ser os mecanismos de combate às “fake news”?

Gráfico 08 – Terceira pergunta do questionário respondida durante a aula de encerramento.

Quais são ou deveriam ser os mecanismos de combate às “fake news”?



Fonte: Próprio autor (2025).

As respostas serão classificadas do seguinte modo:

Excelente: abordam, ao menos, dois dos três tipos de combate às “fake news”: o jurídico, a autocensura e o investimento em educação.

Satisfatória: abordam um dos tipos de combate às “fake news”.

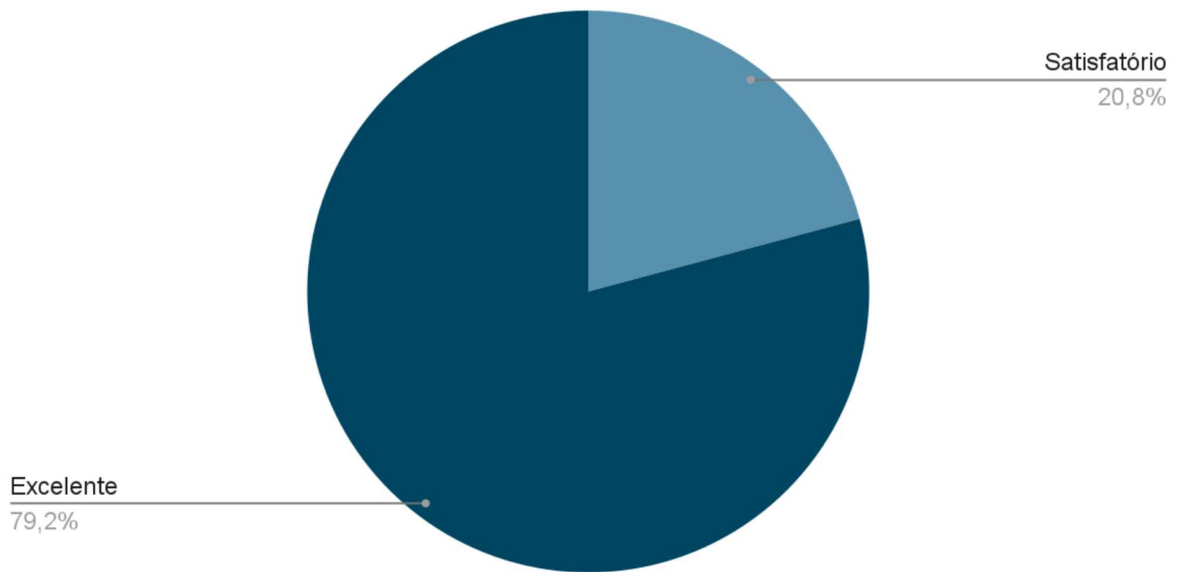
Insuficiente: não abordam nenhum dos tipos de combate às “fake news” ou o fazem com informação imprecisa.

Se os resultados da segunda pergunta tinham sido satisfatórios, aqui foram excelentes. Os alunos demonstraram um amplo conhecimento da importância da educação dos cidadãos, instrumentada com políticas de controle da qualidade da informação e autocensura por parte das redes sociais.

Quarta pergunta: Existe uma relação entre o combate às “fake news” e a prática filosófica? Justifique sua resposta.

Gráfico 09 – Quarta pergunta do questionário respondida durante a aula de encerramento.

Existe uma relação entre o combate às “fake news” e a prática filosófica? Justifique sua resposta.



Fonte: Próprio autor (2025).

As respostas serão classificadas do seguinte modo:

Excelente: relacionam a desinformação promovida pelas “fake news” com o compromisso com a verdade, as metodologias de conhecimentos, os estudos morais propostos pela filosofia.

Satisfatória: ainda que vagamente, conseguem fazer uma ligação do lugar social da filosofia e sua aplicação.

Insuficiente: não identificam relação alguma entre a filosofia e a crise das “fake news”.

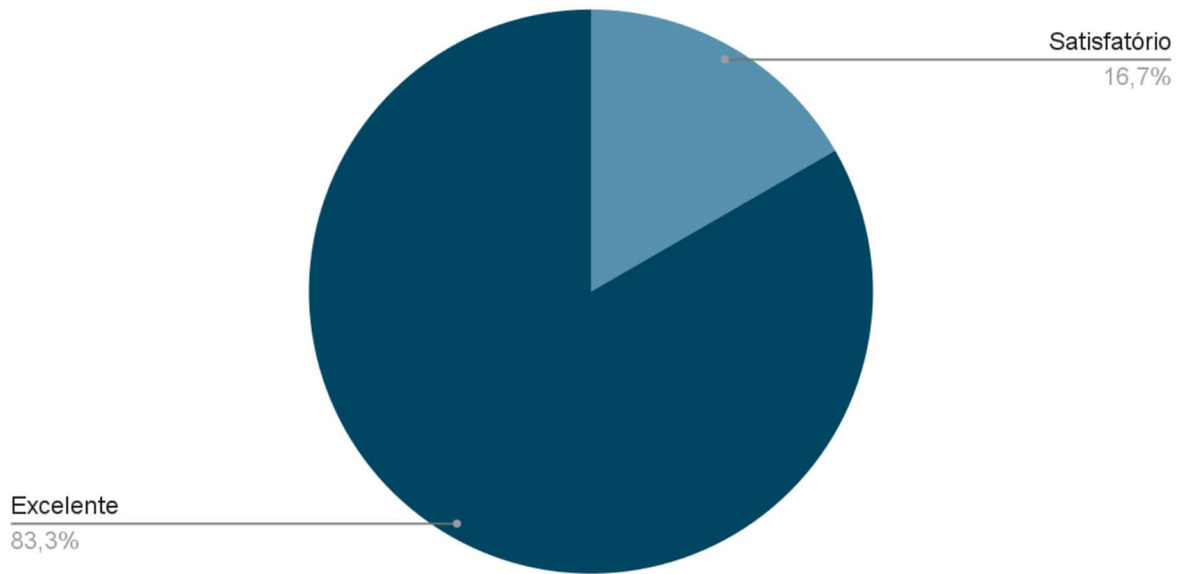
Se o objetivo da disciplina era destacar a importância da educação filosófica na escola, para o desenvolvimento de competências e habilidades, os alunos foram os mais fervorosos defensores.

Considerada desconcertante pelos alunos no questionário inicial, com um grau de insuficiência nas respostas de mais de 40%, agora os alunos como a atitude filosófica é o primeiro passo para o combate às “fake news”, e, também, a qualquer crise informativa que a humanidade possa atravessar.

Quinta pergunta: As “fake news” configuram um perigo para a democracia? Por quê?

Gráfico 10 – Quinta pergunta do questionário respondida durante a aula de encerramento.

As “fake news” configuram um perigo para a democracia? Por quê?



Fonte: Próprio autor (2025).

As respostas serão classificadas do seguinte modo:

Excelente: desenvolvem com clareza os perigos que as “fake news” representam para a democracia.

Satisfatória: limitam-se a afirmar que as “fake news” representam um perigo sem justificar ou justificando deficientemente.

Insuficiente: não consideram que as “fake news” representam um perigo para a democracia.

Ainda que a quinta pergunta tenha sido a melhor respondida no questionário inicial, demonstrando como os alunos já compreendiam os perigos que a “fake news” representam para o regime democrático, depois de sua participação no curso conseguiram desenvolver a nocividade do fenômeno com excelência.

Em conclusão, as respostas ao questionário acompanham o aporte que a disciplina se propunha a dar na educação do aluno, destacando a importância da educação filosófica na escola e marcando como os desvios promovidos pela última versão da BNCC devem ser percebidos como trágicos.

Considerações finais

Corroborar-se o renovado vigor com o qual a desinformação manifesta-se no século XXI.

A denominada crise das “fake news” arremete com um coquetel recursos anacrônicos e contemporâneos para garantir seu caráter tanto pandêmico quanto endêmico. Nutre-se do sensacionalismo clássico que mobiliza as opiniões com base nas mais simples emoções. É impulsionada pela revolução comunicacional ocorrida com o surgimento da Internet. É setORIZADA, dado que as relações econômicas que regem o sistema produtivo de informações garantem sua utilização por uma única ala do espectro político democrático.

A crise informativa das “fake news” encontrou, no virtualmente isolado indivíduo do século XXI, o hospedeiro perfeito para espalhar o negacionismo nas virtudes basais das sociedades democráticas.

Não todo o mérito deve ser outorgado ao fenômeno “fake news”. Apesar da vitalidade, complexidade e eficácia com que se afasta de todos os mecanismos anteriores de desinformação, ao igual que os fenômenos desinformativos que a precederam, encontra nas subjetividades elementos preexistentes (ou pré-históricos) da credulidade humana.

Desde o contrato social freudiano celebrado junto ao surgimento da religião totêmica – que retém o clã fraterno num ciclo de repressão, divinização e culpa – até resposta social (pensamento religioso) de negação do Caos - e, portanto, negação da indeterminação do Ser -, a subjetividade luta contra si mesma na procura da verdade.

Devido a isso, a mudança da BNCC não pode chegar em pior momento. Desnutrindo o currículo escolar de criatividade, pensamento crítico e científico, joga a cidadania nos braços da crise das “fake news” e se afirma como uma legislação que foge dos padrões republicanos, abraçando assim a lógica neoliberal.

A presente pesquisa pretende funcionar como uma resposta dual. Por um lado, destaca o imenso valor da Filosofia na educação escolar. Por outro, ainda que intimamente ligado com o primeiro, ratifica que a prática filosófica, que padece o assédio sistemático do legislador, deve ser considerada como uma resposta integral ao maior perigo que a humanidade enfrenta no século XXI.

Resposta constituída na produção de um produto educacional integral, norteado pelo conceito de projeto educativo, composto por planos de aula, slides, e-book com estética contemporânea, um programa que funciona como um debate infinito entre os conflitos do passado e o do presente, com suas semelhanças e dessemelhanças, e, por último, registrada

na sua eficácia graças à dedicação e colaboração dos alunos de Ensino Médio do CEPAE/UFG.

Como se pode apreciar pela própria coleta de dados, a disciplina de Filosofia desfaz a tirania do óbvio. As primeiras respostas, rasas, simples, a respeito de que são as “fake news” mostram-se insuficientes frente ao desafio de compreender o que é a desinformação. Para o segundo questionário, a ideia de que as “fake news” constituem unicamente notícias falsas estava completamente erradicada.

Também, a Filosofia prepara o cidadão para o impensado, convertendo cada conceito numa ferramenta indispensável no futuro exercício da vida cívica. Ainda que seja possível afirmar que o trabalho intelectual nem sempre recebe prêmio correspondente, a Filosofia coloca o dedo na ferida ao ratificar que a falta de maior atividade do pensamento garante o padecimento.

Para ser mais preciso, retirar a Filosofia do Ensino Médio é como embarcar o aluno nos desafios da vida adulta sem bote salva-vidas, sem plano alternativo, em tempos em que a falta de atividade intelectual, de formação integral, paga-se com futura precarização laboral, o último meio de subsistência que oferece a sociedade uberizada e que, infelizmente, remete às piores formas de exploração humana que o atual sistema produtivo já concebeu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. Dialéctica do esclarecimento. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/fil_dialetica_esclarec.pdf>. Acesso em: 15/04/2025

ANTUNES, Ricardo. Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da Indústria 4.0. In: Uberização, trabalho digital e indústria 4.0. org: Ricardo Antunes. São Paulo: Boitempo, 2020.

ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2025.

ARISTÓTELES. Arte da Retórica. Tradução, introdução e notas de Rodrigo Bravo. 1a. ed.- São Paulo: Editora Madamu, 2020.

_____. Metafísica. Tradução direta do grego por Vincenzo Coceo e notas de Joaquim de Carvalho. São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1984.

AUTO. In: PRIBERAM: dicionário priberam da língua portuguesa. Lisboa: 2025. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/auto>>. Acesso em: 24/08/2025

BARRAGÁN, Almudena. Cinco “fake news” que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro . São Paulo: El País, 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html> Acesso em: 15/04/2025

BAUDRILLARD, Jean. A transparência do Mal: ensaio sobre os fenômenos extremos. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Campinas, SP. Papyrus, 1996.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2015. Disponível em:<<https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/BNCC-APRESENTACAO.pdf>>. Acesso em: 27/08/2024.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em:<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 27/05/2022.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Congresso, 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 04/08/2024.

BRASIL. HIV/Aids. Brasília: Ministério da Saúde, 2025. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/aids-hiv>> Acesso em 04/08/2025

BURCH, Sean. “Senator, we run adds” Hatch mocked for Basic Facebook Question to Zuckerberg. Yahoo, 2018. Disponível em: <<https://www.yahoo.com/entertainment/mark-zuckerberg-gives-orrin-hatch-quick-explainer-facebook-202404519.html?guccounter=1>> Acesso em: 14/04/2025

CAETANO, Guilherme. Governo de SP reduz Artes e Filosofia em novo currículo escolar, e aumenta espaço de Português e Matemática. Rio de Janeiro: O GLOBO, 2023.

Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/sao-paulo/noticia/2023/11/17/governo-de-sp-reduz-artes-e-filosofia-em-novo-curriculo-escolar-e-aumenta-espaco-de-portugues-e-matematica.ghtml>>

> Acesso em: 04/08/2025

CAMBRIDGE. Notita Episcolatuum III, lines 135-204. Cambridge: University of

Cambridge, 2025. Disponível em: <<https://cudl.lib.cam.ac.uk/view/MS-ADD-01880-00018/1>> Acesso em: 14/05/2025.

CASTORIADIS, Cornelius. Encruzilhadas do labirinto II: domínios do homem; tradução José Oscar de Almeida Marques.; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CAUSIN, Juliana. Meta passa a permitir que usuários classifiquem gays e trans como ‘doentes mentais’. Rio de Janeiro: O Globo, 2025.

CHOMSKY, Noam. HERMAN, Edward S. Londres: The Bodled Head, 2008.

DESCARTES, René. Discurso do método. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2019.

DEFINIÇÃO. In: MICHAELIS: dicionário brasileiro da língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2024. Disponível em:

<<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=defini%C3%A7%C3%A3o>>.

Acesso em: 14/03/2024

_____. In: HOUAISS. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2025. Disponível em:

<https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/135141:314/>

> Acesso em: 15/05/2025.

DISSEMINAR O CORONA VÍRUS É CRIME. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, Brasília, 3 de março de 2020. Disponível em:

<<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/disseminar-o-corona-virus-e-crime>>.

Acesso em: 14/03/2024.

DOMENACH, Jean-Marie. A propaganda política. Educadores, 2025. Disponível em:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/filosofia/texto_pdf/apropagandapolitica.pdf> Acesso em: 15/04/2025

ESTEVEES, Fernando. Como as “fake news” conduziram os britânicos ao chumbo do brexit. Lisboa: Polígrafo, 2019. Disponível em: <<https://poligrafo.sapo.pt/uniao-europeia/como-as-fake-news-conduziram-os-britanicos-ao-chumbo-do-brexit/>> Acesso em: 15/04/2025.

FALSO. In: MICHAELIS: dicionário brasileiro da língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2024. Disponível em

<<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=falso>>. Acesso em: 14/03/2024.

_____. In: HOUAISS. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2025. Disponível em:
<https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/81708:55e//>
Acesso em: 15/05/2025.

FAKE NEWS. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024.
Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/fake-news/>>. Acesso em: 14/03/2024.

_____. In: COLLINS, : english dictionary. Londres: HarperCollins Publishers, 2024. Disponível em <<https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/fake-news>>. Acesso em: 14/03/2024.

FARIA, Ernesto. Dicionário Latino-Português. São Paulo: UPS, 2024. Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5578549/mod_resource/content/1/Dicion%C3%A1rio%20-%20Ernesto%20Faria.pdf> Acesso em: 14/03/2024.

w
FILOSOFIA E SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO. Ministério de Educação do Brasil, Brasília, 04 de agosto de 2025. Disponível em:
<<https://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/filosofia-e-sociologia-no-ensino-medio>>. Acesso em: 04/08/2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. O mal-estar na civilização. Salvador, 2025. Disponível em:
<https://cei1011.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/04/freud_o_mal_estar_na_civilizacao.pdf> Acesso em: 15/04/2025

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Introdução à História da Filosofia; tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2006.

HERÁCLITO. Fragmento 35, in: Os Pré-Socráticos, São Paulo: Abril Cultural, 1996.

HELDER, Darlan. SALATI, Paula. SOUZA, Vivian. Meta, dona de Instagram e Facebook, encerrará sistema de checagem de fatos para adotar ‘notas da comunidade’ como no X. Rio de Janeiro: G1, 2025.

JÚNIOR, José Flávio. “O Vendedor de Ilusões” foca coach argentino que aplicou esquema de pirâmide. Curitiba: Gazeta do Povo, 2024. Disponível em:
<<https://www.gazetadopovo.com.br/cultura/o-vendedor-de-ilusoes-foca-coach-argentino-que-aplicou-esquema-de-piramide/>>. Acesso em 04/08/2025

JAEGER, W. Paideia: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LEVI, Primo. É isto um Homem?. Tradução de Luigi del Re. São Paulo: dLivros, 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia; tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MARX, Karl. Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/02/10.htm>>. Acesso em: 24/08/2025.

MONTESQUIEU. O espírito das leis. Tradução de Christina Murachco. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

MOREIRA, Marco A. Teorias de aprendizagem. 2. ed. São Paulo: EPU, 2011.

LEIVA, Mariana. Las 20 noticias falsas sobre Sergio Massa que circularon en lo que va de las elecciones de 2023. Buenos Aires: Chequeado, 2023. Disponível em: <<https://chequeado.com/ultimas-noticias/las-5-noticias-falsas-sobre-sergio-massa-que-circularon-en-lo-que-va-de-las-elecciones-2023/>> Acesso em: 15/04/2025.

LIBÂNEO, José Carlos; FREITAS, Raquel A. M. da M. Vygotsky, Leontiev, Davydov - três aportes teóricos para a teoria histórico-cultural e suas contribuições para a didática. In: SILVA, C. C; SUSANO M. V. R. (orgs.) Didática e interfaces. Rio de Janeiro/Goiânia: Descubra, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm; A genealogia da moral; tradução de Mário Ferreira dos Santos. 4 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NOTÍCIA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/noticia/>> Acesso em 15/04/2025.

_____. In: MICHAELIS: dicionário brasileiro da língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2024. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/noticia/>>. Acesso em: 14/03/2025.

_____. In: HOUAISS. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2025. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/b4b/not%C3%A0Dcia,noticia> Acesso em: 15/05/2025.

PLATÃO. The Banquet. Translated for the greek of Plato by Percy Bysshe Shelley. Internet Archive, 2025. Disponível em: <<https://archive.org/details/banquetofplato00platala/page/n5/mode/2up>> Acesso em: 14/04/2025

PODER 360. Brasília, 2018. Disponível em: <<https://static.poder360.com.br/2018/06/respostas-facebook.pdf>> Acesso em: 15/04/2025

POST-TRUTH. In: OXFORD, Language. Oxford: Oxford University Press & Assessment 2025. Disponível em: <<https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>> Acesso em 15/04/2025.

PRODANOV, C.; FREITAS, E. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2. Ed.; - Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTAELLA, Lucia. A Pós verdade é verdadeira ou falsa?.- Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

SARTRE, Jean Paul. A Transcendência do Ego: esboço de uma descrição fenomenológica; introdução e notas, Sylvie Le Bom; tradução de João Batista Kreuch. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. El hombre y las cosas; tradução de Luis Echavarrí. – Buenos Aires: Losada, 1960.

_____. O existencialismo é um humanismo; tradução de João Batista Kreuch. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. - 27 Ed. São Paulo: Cultrix, 2006

SENSATIONAL. In: COLLINS: english dictionary. Londres: HarperCollins Publishers, 2024. Disponível em <<https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/sensational>>. Acesso em: 14/03/2024.

SHAO, C.; CIAMPAGLIA, G.L.; VAROL, O.; FLAMMINI, A & MENCZER, F. The spread of low-credibility content by social bots. Nat Commun 9, 4787 (2018). Disponível em: <<https://doi.org/10.1038/s41467-018-06930-7>>. Acesso em 18/11/2022.

SHU, K.; SILVA, A.; WANG, S.; JANG, J.; LIU, H. Fake news detection on social media: a data mining perspective. Arxiv, 2017. Disponível em <<https://doi.org/10.48550/arXiv.1708.01967>>. Acesso em 18/11/2022.

TANDOC JR.; E. WEI LIM, Z.; & LING, R. Defining “Fake News”. Digital Journalism, 6:2, 2018, Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4948550/mod_resource/content/1/Fake%20News%20Digital%20Journalism%20-%20Tandoc.pdf> Acesso em 18/11/2022.

THE ECONOMIST. The art of lie. London: the economist, 2016. Disponível em: <<https://www.economist.com/leaders/2016/09/10/art-of-the-lie>>. Acesso em: 15/04/2025.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2011.

TORRESANO, Carlos García. La Notitia Dignitatum. Madrid: Desperta Ferro Revistas, 2018. Disponível em: <<https://www.despertaferro-ediciones.com/2018/la-notitia-dignitatum/>> Acesso em: 15/04/2025.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VASSALLO, Luiz. Coach dos bitcoins preso é suspeito de golpe de R\$ 260 milhões. Brasília: Metrôpoles, 2024. Disponível em <<https://www.metropoles.com/sao-paulo/coach-dos-bitcoins-presos-suspeito-golpe-260-milhoes>> Acesso em: 04/08/2025.

VOLPI, Franco. Contra la somnolencia de la razón. Buenos Aires: Página 12., 2008
Disponível em: <<https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/radar/subnotas/4870-830-2008-10-12.html>> Acesso em 18/11/2022.

ANEXO I

CRONOGRAMA DA DISCIPLINA

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DA 2ª FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO**

FORMULÁRIO DE OFERTA DE DISCIPLINAS ELETIVAS/2024

Área de Conhecimento: Ciências Humanas
Nome da disciplina a ser ofertada: Subjetividade, “fake news” e filosofia: o compromisso com o debate democrático.
Nome do professor que ministrará a disciplina: Evandson Paiva Ferreira
Semestre que será ofertada: 1º Semestre (<input checked="" type="checkbox"/>) 2º Semestre: (<input type="checkbox"/>)
Dia da semana da disciplina: A disciplina será ofertada às segundas.
Horário: (<input checked="" type="checkbox"/>) 1º Horário (das 14h às 15h30) (<input type="checkbox"/>) 2º Horário (das 15h45 às 17h15)
Número de turmas a serem ofertadas: 01
Projeto Interdisciplinar sim (<input type="checkbox"/>) não (<input checked="" type="checkbox"/>) subáreas envolvidas:
Carga horária: 32 horas
Séries a ser oferecida: 1ª e 2ª séries do Ensino Médio
<p>Ementa: As “fake news”: definição e desenvolvimento. Sociedade de massas e “hiper-realidade”. Compromisso democrático: a praxe política da filosofia de René Descartes. Os desafios e contribuições da dúvida metódica cartesiana na atual crise informativa. Teoria da propaganda política: 11 princípios de Joseph Goebbels. As “fake news” no Brasil e suas consequências.</p> <p>Metodologia: Nesse curso, além das aulas expositivas, será valorizada a participação dos alunos na constituição do objeto e do problema a serem discutidos e na leitura de textos filosóficos e não-filosóficos que contribuam com a reflexão. Haverá a exibição de vídeos (filmes e documentários), uso da internet e de imagens de obras de arte.</p> <p>Objetivo: Compreender o fenômeno das “fake news”, tanto no seu viés contemporâneo quanto no viés histórico. Problematizar os desafios na comunicação democrática e abordar como a dúvida metódica pode auxiliar a cidadania. Caracterizar a negação do debate democrático como um elemento essencial na negação do outro como sujeito de direito, visando a sua submissão. Destacar a importância do pensamento autônomo como fundamento da subjetividade democrática.</p>

Avaliação: A avaliação é contínua, processual, contemplando os seguintes critérios: produtividade, participação, assiduidade e pontualidade. Todas as atividades de leitura, produção escrita e participação oral - individuais, em pares e grupos - serão valorizadas.

Conteúdo programático:

1 – Por que “fake news”? Definição de “fake news”. As “fake news” como intolerância. Julgamento de Sócrates. Julgamento de Giordano Bruno. Julgamento de Galileu Galilei. Fim da República de Weimar. Pandemia do Covid-19.

2 – O “deep fake” e seus espectadores: Sociedade de Massas em Alexis de Tocqueville, Stuart Mill, Gustave Le Bon, Sigmund Freud, Wilhelm Reich, Gabriel Tarde, Ferdinand Tönnies, José Ortega y Gasset, Max Horkheimer, Theodor Adorno e Walter Benjamin sob a ótica de Jesús Martín Barbero. Hiper-realidade em Jean Baudrillard.

3 – A subjetividade reflexiva em perigo: apresentação ao pensamento filosófico de René Descartes. Por que um método? Paralelismo entre os desafios do século XVII e os do século XXI.

4 – A subjetividade democrática: Filosofia e democracia. Análise de Jean Paul Sartre acerca da importância da filosofia cartesiana como fundamento da democracia. A dialética do Grupo.

5 – As “fake news” como combustível bélico: a comunicação no autoritarismo: os 11 princípios de Goebbels.

6 – Brasil: “fake news” e suas consequências.

Referências bibliográficas:

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

JAEGER, W. **Paideia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1986

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**; tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

SARTRE, Jean Paul. **A Transcendência do Ego: esboço de uma descrição fenomenológica**; introdução e notas, Sylvie Le Bom; tradução de João Batista Kreuch. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

SARTRE, Jean Paul. **El hombre y las cosas**; tradução de Luis Echavarrí. – Buenos Aires: Losada, 1960.

SHAO, C.; CIAMPAGLIA, G.L.; VAROL, O.; FLAMMINI, A & MENCZER, F. **The spread of low-credibility content by social bots**. *Nat Commun* **9**, 4787 (2018).

Disponível em: <<https://doi.org/10.1038/s41467-018-06930-7>>. Acesso em 30/01/2024.

SHU, K.; SILVA, A.; WANG, S.; JANG, J.; LIU, H. **Fake news detection on social media: a data mining perspective**. Arxiv, 2017. Disponível em

<<https://doi.org/10.48550/arXiv.1708.01967>>. Acesso em 30/01/2024.

TANDOC JR.; E. WEI LIM, Z.; & LING, R. **Defining “Fake News”**. *Digital Journalism*, 6:2, 2018, Disponível em

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4948550/mod_resource/content/1/Fake%20News%20Digital%20Journalism%20-%20Tandoc.pdf>. Acesso em 30/01/2024.

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada “ARTICULAÇÃO DE CONCEITOS FILOSÓFICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DA BNCC NO ENSINO MÉDIO: PARA UMA FORMAÇÃO À PROVA DE “FAKE NEWS”. Sou o Prof. Matías Castarataro, pesquisador responsável, e minha área de atuação é Filosofia. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa à participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, através do e-mail matias2@discente.ufg.br e através do seguinte contato telefônico: (62)98319-3949, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que é a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A presente pesquisa tem como objetivo geral avaliar o desenvolvimento de competências e habilidades propostas na BNCC por meio de um ensino não cronológico da filosofia que fomente a relação, a articulação e a prática de conceitos filosóficos com foco no combate às “fake news”.

Você responderá a questionários sobre as “fake news”, o combate a estas e a filosofia e participará de atividades em sala de aula, da análise de vídeos e realizará leituras necessárias em casa durante a disciplina eletiva de 32 horas e, para isso, deverá reservar o período que vai de 03/24 até 07/24. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso.

Em caso de danos, você tem o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei.

Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Os riscos decorrentes da sua participação na pesquisa são constrangimento ao responder os questionários, incômodo com os temas abordados durante a disciplina e resistência a participar ativamente nas aulas. Se você aceitar participar, estará aumentando seus conhecimentos a respeito do que é a filosofia e os benefícios de sua aplicação prática, e contribuindo para o desenvolvimento de um plano de ensino focado no combate às “fake news” e que promova a importância da disciplina de Filosofia segundo a lógica da BNCC.

Você pode se recusar a responder (ou a participar de qualquer procedimento) a qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para si.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente da participação na pesquisa, você receberá assistência integral e gratuita, pelo tempo que for necessário, obedecendo-se aos dispositivos legais vigentes no Brasil. Caso sinta algum desconforto relacionado aos procedimentos adotados durante a pesquisa, poderá procurar o pesquisador responsável, que prestará o auxílio necessário.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificá-lo, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

() Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

() Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

() Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

() Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver necessidade de dados coletados em pesquisas futuras, desde que seja feita nova avaliação pelo CEP/UFG. Assim, solicito a sua autorização, validando a sua decisão com uma rubrica entre os parênteses abaixo:

() Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

() Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, abaixo assinado, autorizo meu (minha) filho (a) a participar do estudo intitulado “ARTICULAÇÃO DE CONCEITOS FILOSÓFICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DA BNCC NO ENSINO MÉDIO: PARA UMA FORMAÇÃO À PROVA DE ‘FAKE NEWS’”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação do (a) meu (minha) filho (a) nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) responsável **Prof. Matías Castarataro** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a participação do (a) meu (minha) filho (a) no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do(a) responsável pelo(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

ANEXO III

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada “ARTICULAÇÃO DE CONCEITOS FILOSÓFICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DA BNCC NO ENSINO MÉDIO: PARA UMA FORMAÇÃO À PROVA DE “FAKE NEWS”. Meu nome é Prof. Matías Castarataro, sou o (a) pesquisador (a) responsável e minha área de atuação é Filosofia. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo (a) pesquisador (a) responsável, via e-mail matias2@discente.ufg.br e, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (62)98319-3949, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que é a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A presente pesquisa tem como objetivo geral avaliar o desenvolvimento de competências e habilidades propostas na BNCC por meio de um ensino não cronológico da filosofia que fomente a relação, a articulação e a prática de conceitos filosóficos com foco no combate às “fake news”. Você responderá a questionários sobre as “fake news”, o combate a estas e a filosofia e participará de atividades em sala de aula, da análise de vídeos e realizará leituras necessárias em casa durante a disciplina eletiva de 32 horas e, para isso, deverá reservar o período que vai de 03/24 até 07/24. Você tem direito ao ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, inclusive transporte e alimentação, se for o caso.

Em caso de danos, você tem o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei.

Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Os riscos decorrentes da sua participação na pesquisa são constrangimento ao responder os questionários, incômodo com os temas abordados durante a disciplina e resistência a participar ativamente nas aulas. Se você aceitar participar, estará aumentando seus conhecimentos a respeito do que é a filosofia e os benefícios de sua aplicação prática, e contribuindo para o desenvolvimento de um plano de ensino focado no combate às “fake news” e que promova a importância da disciplina de Filosofia segundo a lógica da BNCC.

Você pode se recusar a responder (ou a participar de qualquer procedimento) a qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para si.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente da participação na pesquisa, você receberá assistência integral e gratuita, pelo tempo que for necessário, obedecendo-se aos dispositivos legais vigentes no Brasil. Caso sinta algum desconforto relacionado aos procedimentos adotados durante a pesquisa, poderá procurar o pesquisador responsável, que prestará o auxílio necessário.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificá-lo, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução da coleta é necessário o seu consentimento faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

() Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

() Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também, a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

() Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

() Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação da Pessoa como Sujeito da Pesquisa:

Eu,, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “ARTICULAÇÃO DE CONCEITOS FILOSÓFICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DA BNCC NO ENSINO MÉDIO: PARA UMA FORMAÇÃO À PROVA DE ‘FAKE NEWS’”. Informo ter (.....) anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) responsável **Prof. Matias Castarataro** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

APÉNDICE I

PRODUTO EDUCACIONAL: EBOOK E SLIDES PARA APLICAÇÃO EM SALA DE AULA



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEEB
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO**



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

MATÍAS CASTARATARO

SUBJETIVIDADE, “FAKE NEWS” E FILOSOFIA:

O compromisso com o debate democrático

**GOIÂNIA
ANO 2026**

MATÍAS CASTARATARO

SUBJETIVIDADE, “FAKE NEWS” E FILOSOFIA:

O compromisso com o debate democrático

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica como requisito para obtenção do título de Mestre(a) em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes.

Orientador: Professor Dr. Evandson Paiva Ferreira

GOIÂNIA
ANO 2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Castarataro, Matias
SUBJETIVIDADE, "FAKE NEWS" E FILOSOFIA [e-books]: O
compromisso com o debate democrático / Matias Castarataro. - 2026.
279 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Evandson Paiva Ferreira
Produto Educacional (Stricto Sensu) - Universidade Federal de Goiás,
Centro de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa de Pós-Graduação
em Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia, 2026.

Ilustrações.

Anexo.

Inclui: símbolos, gráfico.

1. Filosofia e Formação Humana. 2. Educação Básica. 3. Ciências
Humanas. 4. Pensamento Crítico. 5. "fake News".

I. Ferreira, Evandson Paiva, orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E DO PRODUTO EDUCACIONAL

Aos vinte e nove dias do mês de setembro de dois mil e vinte e cinco, às 15h, por videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa da Dissertação intitulada O LABIRINTO DA BNCC E A FILOSOFIA: os aportes da educação filosófica no ensino médio para uma formação à prova de “fake news” e do Produto Educacional intitulado SUBJETIVIDADE, FAKE NEWS E FILOSOFIA: o compromisso com o debate democrático, pelo discente **Matías Castarataro**, como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Ao término da defesa, a Banca Examinadora considerou a Dissertação e o Produto Educacional apresentados APROVADOS.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica.

Proclamado o resultado, o(a) Presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata, juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Prof. Dr. Evandson Paiva Ferreira (PPGEEB/CEPAE/UFG) – presidente,

Prof. Dr. Danilo Rabelo (PPGEEB/CEPAE/UFG) – membro interno,

Prof. Dr. Heitor Coelho Franca de Oliveira (UERJ) – membro externo.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Evandson Paiva Ferreira, Professor do Magistério Superior**, em 29/09/2025, às 17:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Danilo Rabelo, Professor do Magistério Superior**, em 29/09/2025, às 17:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Heitor Coelho Franca de Oliveira, Usuário Externo**, em 14/10/2025, às 14:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5637866** e o código CRC **EA725C01**.

TIPO DE PRODUTO EDUCACIONAL

(De acordo com a Resolução PPGEEB/CEPAE Nº 001/2019)

Desenvolvimento de material didático e instrucional (propostas de ensino tais como sugestões de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção, roteiros de oficinas; material textual tais como manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e paradidáticos, histórias em quadrinhos e similares, dicionários, relatórios publicizados ou não, parciais ou finais de projetos encomendados sob demanda de órgãos públicos);

Especificação: Livro paradidático

DIVULGAÇÃO

- Filme
- Hipertexto
- Impresso
- Meio digital
- Meio Magnético
- Outros. Especificar: ____

FINALIDADE PRODUTO EDUCACIONAL

Material Paradidático abordando o ensino de Filosofia, focado na análise crítica de informação, e destinado a professores que ensinam filosofia do 1º ao 3º ano do Ensino Médio.

PÚBLICO ALVO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Estudantes do Ensino Médio

IMPACTO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional apresenta:

- Alto impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado e transferido para um sistema, no qual seus resultados, consequências ou benefícios são percebidos pela sociedade.
- Médio impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado no sistema, mas não foi transferido para algum segmento da sociedade.

Baixo impacto – Produto gerado apenas no âmbito do Programa e não foi aplicado nem transferido para algum segmento da sociedade.

Área impactada pelo Produto Educacional:

- Ensino
 Aprendizagem
 Econômico
 Saúde
 Social
 Ambiental
 Científico

O impacto do Produto Educacional é:

Real - efeito ou benefício que pode ser medido a partir de uma produção que se encontra em uso efetivo pela sociedade ou que foi aplicado no sistema (instituição, escola, rede, etc.). Isso é, serão avaliadas as mudanças diretamente atribuíveis à aplicação do produto com o público-alvo.

Potencial - efeito ou benefício de uma produção previsto pelos pesquisadores antes de esta ser efetivamente utilizada pelo público-alvo. É o efeito planejado ou esperado.

O Produto Educacional foi vivenciado (aplicado, testado, desenvolvido, trabalhado) em situação real, seja em ambiente escolar formal ou informal, ou em formação de professores (inicial, continuada, cursos etc.)?

Sim Não

Em caso afirmativo, descreva essa situação:

O produto educacional foi vivenciado com 30 estudantes, de 2ºs anos e 3ºs anos do Ensino Médio, da Escola da Rede Federal, unidade acadêmica da Universidade Federal de Goiás (UFG), intitulada Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE). A vivência teve duração de 32 horas.

REPLICABILIDADE E ABRANGÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional pode ser repetido, mesmo com adaptações, em diferentes contextos daquele em que o mesmo foi produzido?

Sim Não

A abrangência territorial do Produto Educacional, que indica uma definição precisa de sua vocação, é

Local Regional Nacional Internacional

COMPLEXIDADE DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

Alta complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese, apresenta método claro. Explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, há uma reflexão sobre o produto com base nos referenciais teórico e teórico-metodológico, apresenta associação de diferentes tipos de conhecimento e interação de múltiplos atores - segmentos da sociedade, identificável nas etapas/passos e nas soluções geradas associadas ao produto, e existem apontamentos sobre os limites de utilização do produto.

Média complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Apresenta método claro e explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, resulta da combinação de conhecimentos pré-estabelecidos e estáveis nos diferentes atores - segmentos da sociedade.

Baixa complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Resulta do desenvolvimento baseado em alteração/adaptação de conhecimento existente e estabelecido sem, necessariamente, a participação de diferentes atores - segmentos da sociedade.

Sem complexidade - Não existe diversidade de atores - segmentos da sociedade. Não apresenta relações e conhecimentos necessários à elaboração e ao desenvolvimento do produto.

INOVAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

Alto teor inovativo - desenvolvimento com base em conhecimento inédito.

Médio teor inovativo - combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos.

Baixo teor inovativo - adaptação de conhecimento existente.

FOMENTO

Houve fomento para elaboração ou desenvolvimento do Produto Educacional?

Sim Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo de fomento:

- () Programa de Apoio a Produtos e Materiais Educacionais do PPGEEB
 () Cooperação com outra instituição
 (X) Outro. Especifique: FAPEG _____

REGISTRO DE PROPRIEDADE INTELECTUAL

Houve registro de depósito de propriedade intelectual?

(X) Sim () Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo:

- (X) Licença Creative Commons
 () Domínio de Internet
 () Patente
 () Outro. Especifique: _____

Informe o código de registro: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/3.0/br/>

TRANSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi transferido e incorporado por outra instituição, organização ou sistema, passando a compor seus recursos didáticos/pedagógicos?

() Sim (X) Não

Em caso afirmativo, descreva essa transferência

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi apresentado (relato de experiência, comunicação científica, palestra, mesa redonda, etc.) ou ministrado em forma de oficina, mini-curso, cursos de extensão ou de qualificação etc. em eventos acadêmicos, científicos ou outros?

(X) Sim () Não

Em caso afirmativo, descreva o evento e a forma de apresentação:
 X Seminário de Dissertações do PPGEEB/ Cepae/ UFG, aos 15/04/2024

O Produto Educacional foi publicado em periódicos científicos, anais de evento, livros, capítulos de livros, jornais ou revistas?

Sim Não

Em caso afirmativo, escreva a referência completa de cada publicação:

Não se aplica

REGISTRO(S) E DISPONIBILIZAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Produto Educacional Registrado na Plataforma **EduCAPES** com acesso disponível no link:
<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/1171482>

Produto Educacional disponível, como apêndice da Dissertação de Mestrado do qual é fruto,
na **Biblioteca de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Goiás (UFG)**
(<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/>).

CASTARATARO, Matías. **Subjetividade, “Fake News” e Filosofia: o compromisso com o debate democrático**. 279 f. Produto Educacional relativo à Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

RESUMO

Este Produto Educacional em forma de livro digital foi desenvolvido durante o Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do CEPAE/UFG, entre os anos de 2022 a 2025, cujo produto final é a dissertação intitulada “O Labirinto da BNCC e a Filosofia: os aportes da educação filosófica no ensino médio para uma formação a prova de ‘fake news’”. As unidades que compõem o livro foram inspiradas, principalmente, nos trabalhos filosóficos de René Descartes, Jean Baudrillard e Jean-Paul Sartre. A coleta de dados ocorreu por meio da observação participante, das descrições e reflexões do diário de campo e dos questionários recolhidos dos alunos no início e no final do semestre. Para a intervenção pedagógica, elaborei 16 planos de aulas, 6 atividades e 1 prova, a serem trabalhadas em 32 horas/aula, abordando os seguintes conceitos: conceito de desinformação e o seu desenvolvimento histórico, sociedade de massas e hiper-realidade, dúvida cartesiana, liberdade cartesiana desde a ótica de Jean-Paul Sartre, consequências da desinformação no surgimento da propaganda nazi e, finalmente, a relação dos temas abordados com a realidade brasileira.

Palavras-chave: Filosofia e formação humana. Filosofia da Educação. Educação Básica. Ciências Humanas. Pensamento crítico. “Fake news”.

CASTARATARO, Matías. **Subjectivity, “Fake News,” and Philosophy: the commitment to democratic debate.** 279 pp. Educational Product related to the Dissertation (Master’s in Teaching in Basic Education) – Graduate Program in Teaching in Basic Education, Center for Teaching and Applied Education Research (CEPAE), Federal University of Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brazil.

ABSTRACT

This Educational Product, in the form of a digital book, was developed during the Professional Master’s Program in Teaching in Basic Education of the stricto sensu Graduate Program at CEPAE/UFG, between 2022 and 2025, whose final product is the dissertation entitled “The Labyrinth of the BNCC and Philosophy: the contributions of philosophical education in upper secondary education to a ‘fake news’-proof formation”. The units that make up the book were inspired mainly by the philosophical works of René Descartes, Jean Baudrillard, and Jean-Paul Sartre. Data collection took place through participant observation, the descriptions and reflections recorded in the field diary, and questionnaires collected from students at the beginning and at the end of the semester. For the pedagogical intervention, I developed 16 lesson plans, 6 activities, and 1 test, to be carried out over 32 class hours, addressing the following concepts: the concept of disinformation and its historical development; mass society and hyperreality; Cartesian doubt; Cartesian freedom from the perspective of Jean-Paul Sartre; the consequences of disinformation in the emergence of Nazi propaganda; and, finally, the relationship between the themes addressed and Brazilian reality.

Keywords: Philosophy and human formation. Philosophy of Education. Basic Education. Humanities. Critical thinking. “Fake news”.

SUMÁRIO

1	Análise do Fenômeno das "Fake News"	3
2	"Deep Fake": Sociedade de Massas e Hiper-realidade	18
3	A Subjetividade Reflexiva em Perigo	30
4	Subjetividade Democrática	40
5	A Comunicação no Autoritarismo: a queda da República de Weimar	50
6	Brasil e as "Fake News"	62
7	Anexo I: Slides e Prova	65

SUBJETIVIDADE,

FAKE

NEWS,

E
FILO-
SOFIA



MATIAS CASTARATARO

PÁG. 4

**ANÁLISE DO
FENÔMENO DAS
FAKE NEWS**

01

PÁG. 34

**DEEP FAKE:
SOCIEDADE DE
MASSAS E
HIPER-REALIDADE**

02

PÁG. 58

**A SUBJETIVIDADE
REFLEXIVA EM
PERIGO**

03

ÍNDICE

04

**SUBJETIVIDADE
DEMOCRÁTICA**

PÁG. 78

05

**A COMUNICAÇÃO NO
AUTORITARISMO:
A QUEDA DA
REPÚBLICA
DE WEIMAR**

PÁG. 98

06

**BRASIL E AS
FAKE NEWS**

PÁG. 122

UNIDADE 1

ANÁLISE DO FENÔMENO DAS



FAKE NEWS

DEFINIÇÃO

Notícias falsas ou informações mentirosas que são compartilhadas **como se fossem reais e verdadeiras**, divulgadas em contextos virtuais, especialmente em redes sociais ou em aplicativos para compartilhamento de mensagens.

COMPOSIÇÃO

PARA QUE O FENÔMENO DAS “FAKE NEWS” SEJA DIFERENCIADO DE OUTROS TIPOS DE “DESINFORMAÇÃO” É NECESSÁRIO IDENTIFICAR 3 FATORES A ELE INTRÍNSECOS:



Baixo custo de leitura e fabricação: o “boom” das redes sociais impulsionou uma mudança comportamental no consumo e a produção de informação. Quando anteriormente era necessário pagar por um jornal - cuja fabricação requeria um custo altíssimo - **para ter acesso a grandes fluxos de informação, a mudança tecnológica possibilitou a conexão com fluxos de informação sem custo aparente para o leitor**, os quais podem ser produzidos com baixo custo por qualquer usuário mediante a construção de **web sites**.



São impulsionadas por “social bots”: tendo em vista que é impossível acessar a totalidade do fluxo informativo devido a seu tamanho, as redes sociais utilizam uma série de algoritmos para escolher que classe de informação é potencialmente mais atraente para o perfil de consumo do usuário. Os “social bots” são **perfis criados para enganar o algoritmo a incluir conteúdo marginal como massivamente interessante**.



Circulam vertiginosamente pelas redes sociais: todo conteúdo que seja considerado “trending topic”, ou seja, **que está sendo compartilhado massivamente**, começa a ser impulsionado pelos algoritmos para alcançar a maior quantidade de usuários possíveis.

O PAPEL DA AUDIÊNCIA

Enquanto as notícias clássicas são construídas por jornalistas, pode-se perceber que as “fake news” são **co-construídas pela audiência, já que para ocorrer a viralização é necessário que a audiência perceba o falso como real.** Se a audiência tem um papel fundamental na propagação das “fake news”, acontecimentos que afetam as emoções pioram a situação.

PÓS-VERDADE & “FAKE NEWS”

A **pós-verdade** pode ser definida como o contexto em que se desvaloriza a verdade objetiva, comprovada pelos fatos, aceitando-se qualquer discurso como correto. Tendo em vista que as “fake news” são indústrias virtuais de “contextos” planejados para diminuir a capacidade de discernir o verdadeiro do falso, os usuários serão provocados com questões sensíveis que captem a atenção e os precipitem a aceitá-las como verdadeiras.

A MODO DE EXEMPLO

Durante uma hipotética pandemia que ameace a própria vida e a de nossos seres queridos, **acreditar que a doença não passa de um negócio das farmacêuticas para vender vacinas é um modo de escapismo típico da pós-verdade.** Essa situação torna-se crítica quando a pandemia deixa de ser hipotética e a pós-verdade cuidadosamente leva o indivíduo a evitar qualquer tratamento válido de combate ao patógeno em questão, como medicamentos com eficácia comprovada, medidas de higiene e isolamento social ou vacinas.

POR QUE “FAKE NEWS”?

Para o desenvolvimento de uma democracia plena, na qual todas as

vozes tenham representação legítima, **é necessário recuperar a confiança na palavra do outro.** Mediante o exercício da **autolimitação**, característica da democracia, **uma cidadania comprometida fundará o limite entre a liberdade de expressão e a veiculação irresponsável de “fake news”,** garantindo assim a homeostase entre os direitos e as obrigações.

O DESAFIO DE NOSSA GERAÇÃO

O filósofo francês **Jean-Paul Sartre** dedicou seu trabalho filosófico a pensar a respeito de uma questão central: **a liberdade.** Para Sartre, o homem é liberdade, o que explica com sua famosa fórmula “um homem é o que faz com o que fizeram dele”. Em síntese, todos nós desde o nascimento estamos constantemente recebendo coisas: uma linguagem que estrutura nossos pensamentos, uma nacionalidade, classe social ou características físicas que influenciam como somos percebidos pelos outros e uma realidade política que nos desafia à ação. **Todas essas situações são entendidas por Sartre como um desafio para agir criativamente em nossa existência, configurando nosso “coeficiente de adversidade”.**

COEFICIENTE DE ADVERSIDADE

As “fake news” devem ser compreendidas como um **coeficiente de adversidade de nosso tempo, de nossa realidade política.** Ao ser recebidas passivamente de forma ininterrupta, procuram mudar o comportamento do sujeito para que este não viva a vida como seu projeto criativo, mas sob os determinismos de quem as produziu. Assim, o homem deixa de ser liberdade para existir sob o senhorio dos outros.

“UM HOMEM É O QUE FAZ COM O QUE FIZERAM DELE”



LIBERDADE CARTESIANA COMO FUNDAMENTO DA AUTENTICIDADE

Com a compreensão de que as “fake news” representam um coeficiente de adversidade que precisa ser combatido, agora resta estabelecer qual é o melhor modo de combatê-las. Para tão importante questão, o aporte do pai do racionalismo, o filósofo francês René Descartes, não pode ser passado por alto. Convinco de que a capacidade de bem-julgar e distinguir o verdadeiro do falso existe na mesma quantidade em todas as pessoas, chega à conclusão de que o que nos leva ao erro não é uma questão natural de cada pessoa, mas os caminhos pelos quais decidimos conduzir nossa razão.

Para tirarmos o melhor proveito de nossa razão, Descartes diz:

“O MAIOR PROVEITO QUE EU RETIRAVA ERA APRENDER A NÃO CRER MUITO FIRMEMENTE NAQUILO QUE ME FORA PERSUADIDO APENAS PELO EXEMPLO E O COSTUME, E ASSIM A LIVRAR-ME AOS POUÇOS DE MUITOS ERROS QUE PODEM OFUSCAR NOSSA LUZ NATURAL E NOS TORNAR MENOS CAPAZES DE OUVIR A RAZÃO.”

Como pode-se perceber, Descartes tinha especial cuidado a respeito de todas as coisas que recebia passivamente neste mundo, portanto, evitar conclusões apressadas, dividir a informação em pequenas partes para confirmar sua totalidade de forma simples ou não poupar esforços para rever os resultados de suas conclusões são conceitos básicos de seu pensamento filosófico.

Todos os esforços de criar e publicar sua filosofia são sintetizados com a seguinte máxima cartesiana, em palavras de Descartes:

“MEU PROPÓSITO NUNCA FOI ALÉM DE PROCURAR REFORMAR MEUS PRÓPRIOS PENSAMENTOS E CONSTRUIR NUM TERRENO QUE É TODO MEU.”

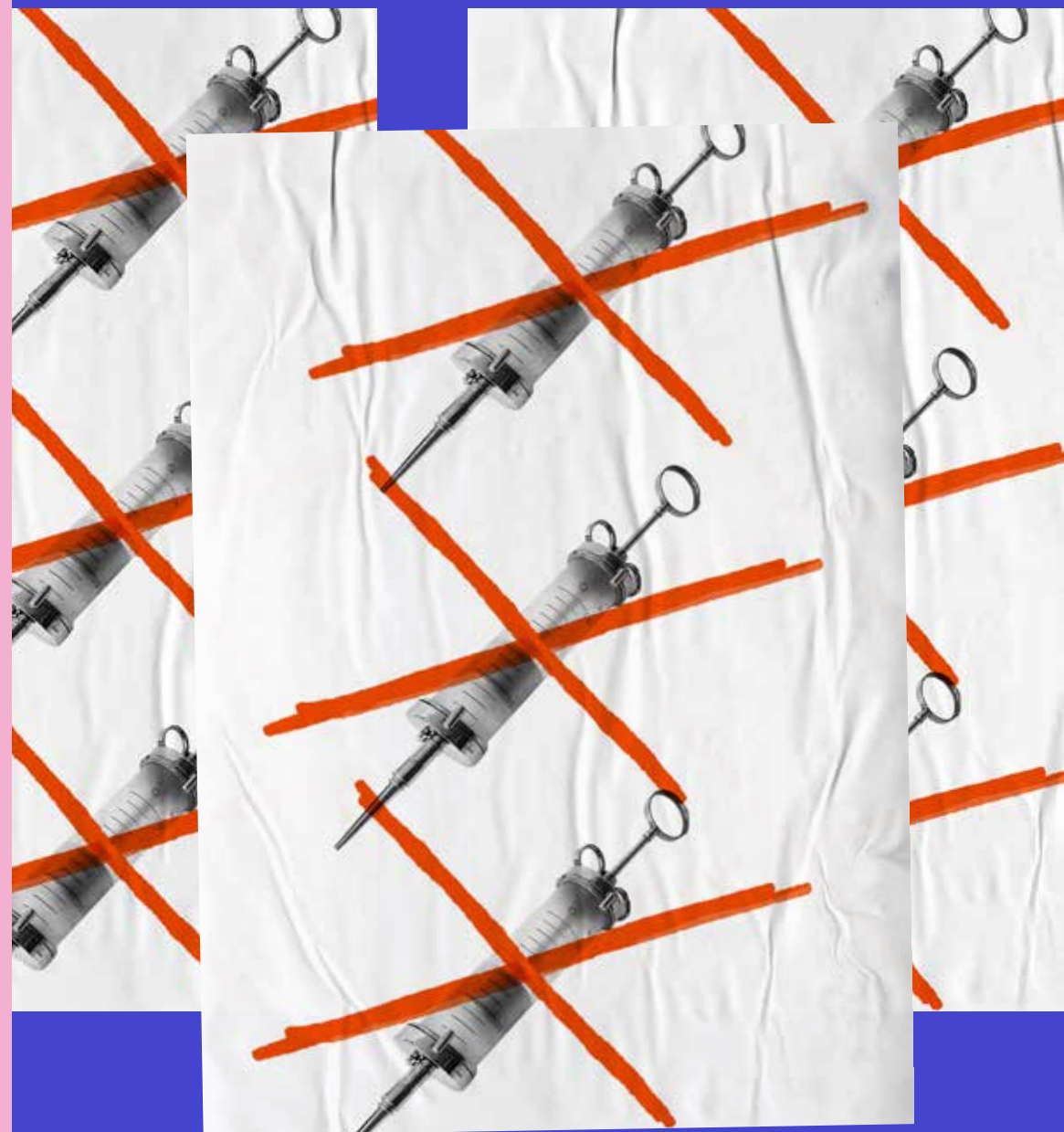
- DESCARTES





**DITO INDIVÍDUO POSSUI AS SE-
GUINTE CARACTERÍSTICAS:**

- 01** Desconhece todos os tipos de diálogo
- 02** Informação sem constatação alguma.
- 03** Adora conteúdo pseudocientífico.
- 04** Promove visões políticas autoritárias.
- 05** Tem medo de vacina.



COVID-19

Depois de um titânico esforço coletivo, em maio de 2023 a OMS decretou o fim “Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19”. Com a chegada de um período de maior tranquilidade pela frente, surgem novas interrogações:

- 01** Como devemos nos preparar para futuras pandemias?
- 02** Como a desinformação relacionou-se com a pandemia? Após o final desta, tal relação subsiste?



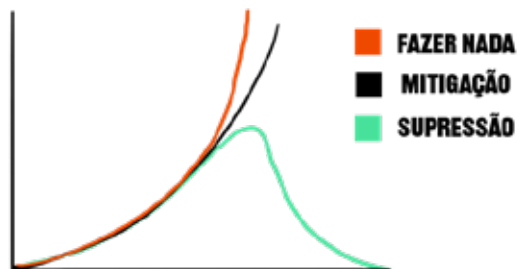
COMO DEVEMOS NOS PREPARAR PARA FUTURAS PANDEMIAS?

Uma grave questão que se revelou durante a pandemia foi o fato de que muitas pessoas que nunca conheceram um infectologista na vida discursavam como tal. Essa hipertrofia de pseudo saber “especializado” trouxe consigo uma questão central: ainda não foi socialmente pacificado quais são as melhores medidas de cuidado para combater a disseminação de uma patologia durante uma crise sanitária.

Para garantir uma resposta rápida e eficaz em futuras crises sanitárias, compreender com precisão os efeitos das mais conhecidas medidas de prevenção e combate ao vírus ainda é essencial.

Ponderando a quantidade de vidas que poderiam ser salvas, o custo das ações e o impacto no desenvolvimento social pelo enfraquecimento econômico que as medidas poderiam ocasionar, cada país analisou três estratégias diferentes para o combate ao vírus:

1. **NÃO FAZER NADA.**
2. **MITIGAÇÃO.**
3. **SUPRESSÃO.**



1) NÃO FAZER NADA

Para os Estados Unidos, calculou-se inicialmente uma mortalidade que variava entre 0,6% e 4% dos infectados. Considerando que o sistema sanitário tem um limite, o qual a Covid-19 conseguia atingir com facilidade, a explosão de casos em busca da imunidade de rebanho poderia ceifar, ao invés dos 500 mil mortos estipulados no melhor dos casos, uns 10 milhões de mortos na pior variante matemática.

Caso acontecesse um milagre administrativo que permitisse que se dobrassem os leitos de UTI, uma saturação intermediária no sistema sanitário geraria um cansaço nos profissionais de saúde que diminuiria a efetividade do serviço para todos os outros casos médicos que, acontecendo normalmente, não encontrariam uma resposta de qualidade que garantisse a sobrevivência.

Como pode-se apreciar, o verdadeiro problema dessa estratégia não se vislumbraria unicamente na relação desbocada de casos\mortos pela Covid-19, mas também no excesso de mortalidade por outras causas em decorrência da saturação do sistema sanitário.

2) MITIGAÇÃO

Considerando que não fazer nada era uma opção praticamente suicida, a ideia de mitigação surgiu do seguinte pensamento: **“É impossível impedir o coronavírus agora, então vamos deixar que ele siga seu curso, enquanto tentamos reduzir o pico de infecções. Vamos achatá-lo um pouco para torná-la mais gerenciável para o sistema de saúde.”** Infelizmente, mesmo que a abordagem pareça diferente da primeira, a evolução dos casos e os efeitos da Covid-19 no sistema de saúde seriam equivalentes, já que, com a eventual saturação do sistema de saúde, o excesso de mortalidade ainda seria altíssimo.

* IMUNIDADE DE REBANHO

Tanto não fazer nada quanto a mitigação procuram chegar à famosa **imunidade de rebanho** com a maior velocidade possível com o intuito de garantir um rápido fim da pandemia. Qualquer proposta dessas características deve ser entendida da seguinte forma: **“Vamos conscientemente sobrecarregar o sistema de saúde, elevando a taxa de mortalidade em um fator de pelo menos 10 vezes”.**

Sem contar que a cada mutação do vírus seria necessário repetir o processo.

3) SUPRESSÃO

A supressão oferece um controle rápido da situação sanitária, uma diminuição das infecções e da taxa de mortalidade. A proposta basicamente seria: **“Vamos com tudo, controlamos o vírus e, pouco a pouco, vamos liberando as restrições até chegarmos a uma vida similar à normal”.**

Se pensamos que temos que escolher entre multiplicar a mortalidade ou danificar a economia adiando as mortes, estamos subestimando o valor do tempo.

COM ESSA ABORDAGEM SURGEM TRÊS INTERROGAÇÕES:

- 1 AS PESSOAS VÃO RESISTIR A UM CONFINAMENTO QUE PODE DURAR MESES?**
- 2 SE O CONFINAMENTO DURAR MESES, QUAL SERIA O TAMANHO DO DANO NO TECIDO PRODUTIVO DO PAÍS?**
- 3 CASO SE FRACASSE NO CONTROLE DO VÍRUS, NÃO ESTARIAMOS POSPONDO O INEVITÁVEL?**
- 4 RECUPERAÇÃO DO PESSOAL DE SAÚDE INFECTADO.**



O TEMPO

Se a humanidade está prestes a enfrentar a maior ameaça a seus sistemas de saúde da história ela tem duas opções: correr despreparada frente a esse enigmático inimigo ou ganhar tempo para estudá-lo, procurar um tratamento, desenvolver uma vacina e aprimorar os sistemas de saúde para o impacto. Com a supressão os benefícios são:



- 1 DIMINUIÇÃO DAS POSSIBILIDADES DE MUTAÇÃO DO VÍRUS.**
- 2 ALÍVIO IMEDIATO DO SISTEMA DE SAÚDE E DE SEUS PROFISSIONAIS.**
- 3 DIMINUIÇÃO DA TAXA DE MORTALIDADE E DOS DANOS COLATERAIS.**

O MARTELO E A DANÇA

Uma abordagem denominada “o martelo e a dança”, que foi aplicada principalmente na Ásia com excelentes resultados, consiste em acompanhar a supressão com uma série de medidas adicionais para garantir a manutenção no tempo dos ganhos produzidos durante a mesma.

Essa abordagem permite sair da crítica rasa comumente feita às medidas de “supressão” no sentido de que elas só retardam o inevitável e compreender que seu maior benefício é ganhar tempo para estabelecer um controle integral da situação epidemiológica.

Para manter a taxa de infecções fora das possibilidades de saturação do sistema sanitário é preciso: testes constantes, rastreamento de contatos, isolamento, quarentena, educação a respeito da higiene e do distanciamento social, proibição de grandes reuniões e aumento da pressão quando necessário.



COMO A DESINFORMAÇÃO PREJUDICOU O COMBATE À PANDEMIA? APÓS O FINAL DESTA, OS DANOS PRODUZIDOS SUBSISTEM?

Infelizmente, para compreender a magnitude dos danos que as “fake news” causaram durante a pandemia da Covid-19, primeiro precisamos lembrar a posição do Brasil no mundo da vacinação:

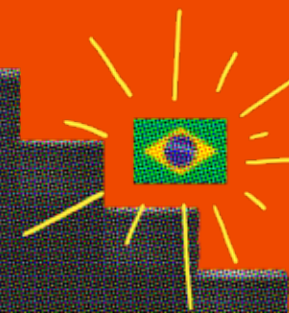
Em 2017 foi publicado na revista médica “The Lancet” (Agência Brasil, 2017) um relatório que compara o avanço da vacinação no Brasil e no mundo.

“O BRASIL E A CHINA ESTÃO ENTRE OS PAÍSES COM MAIORES ÍNDICES DE COBERTURA DE VACINAS, COM 99,7% E 99,9% DA POPULAÇÃO-ALVO IMUNIZADA EM 2016, RESPECTIVAMENTE.”

“EM RELAÇÃO AO HISTÓRICO DO BRASIL NO INDICADOR DE VACINAÇÃO, O PAÍS REGISTRAVA, EM 1990, 80,7% DA POPULAÇÃO-ALVO VACINADA. APENAS DOIS ANOS DEPOIS, EM 1992, O PERCENTUAL CAIU PARA ASSUSTADORES 52,6%. A PARTIR DESSE ANO, O ÍNDICE VOLTOU A SUBIR, ALCANÇANDO OS ATUAIS 99,7%. A EXPECTATIVA PARA 2030 É DE QUE O BRASIL TENHA 100% DE COBERTURA NESSE INDICADOR.”

Sendo o Brasil uma autoridade na questão da vacinação, qualquer pessoa que estivesse em 2017 pensaria que a futura vacinação contra a Covid-19 seria um êxito, e que atualmente a porcentagem de população imunizada teria aumentado,

NÉ?... NÉ?



Em um novo relatório publicado no ano 2023, comprovou-se o colapso da vacinação no Brasil,

QUE PASSOU EM 2022 A TER APENAS 68% DA POPULAÇÃO-ALVO VACINADA.

A vacina da Covid 19, que foi o fator essencial para finalizar a pandemia, não é a única que encontra-se ainda hoje sendo agredida pela desinformação espalhada pelos antivacinas. No caso da poliomielite, doença incapacitante e potencialmente mortal, a vacinação caiu de 85% a 68% da população.

Mesmo que essa doença esteja erradicada desde 1989, a baixa vacinação aumenta a possibilidade do retorno do flagelo ao Brasil.

O sarampo, que havia sido oficialmente erradicado em 2016, voltou como consequência da baixa procu-

ra pela vacinação.

Lógico que a desinformação é um problema global, mas não deixa de surpreender o estrago que pode ocasionar inclusive num país referência na matéria.

Por último, **Natalia Pasternak** (UOL, 2023), diretora do Instituto Questão de Ciência (IQC), disse:

“É MUITO TRISTE OBSERVAR UM PAÍS QUE SEMPRE TEVE EXCELÊNCIA NOS PROGRAMAS DE VACINAÇÃO E SEMPRE FOI UM EXEMPLO PARA O MUNDO DE REPENTE SOFRE UM MOVIMENTO ANTIVACINA” E LAMENTOU “VER COMO 50 ANOS DE TRABALHO PODEM SER TÃO FACILMENTE DESTRUÍDOS EM TRÊS”.



JULGAMENTO DE SOCRATES

Durante o inverno de 400/399 a.C., Meleto -representante dos poetas - apresentou ao rei de Atenas uma queixa contra o filósofo Sócrates. Anito e Lícon - representantes dos artífices e dos oradores, respectivamente- a subscreviam.

As duas grandes acusações contra Sócrates, que levaram a maioria dos 501 cidadãos a condená-lo à morte, foram atentar contra a religião do Estado e corromper a mocidade: ateísmo e subversão.

Lúcido a respeito do perigo que esse julgamento constituía para sua vida, Sócrates decidiu começar sua defesa explicando que a acusação só estava sendo levada a sério devido ao longo tempo pelo qual sua reputação fora erodida por injúrias e calúnias promovidas por seus inimigos. Como relata a obra intitulada Apologia de de Sócrates:



“POR ISSO, QUANTOS, POR INVEJA OU CALÚNIA, VOS PERSUADIAM, E OS QUE, CONVENCIDOS, PROCURAVAM PERSUADIR OS OUTROS, SÃO TODOS, POR ASSIM DIZER, INABORDÁVEIS; PORQUE NÃO É POSSÍVEL FAZÊ-LOS COM-PARECER AQUI, NEM REFUTAR NENHUM DELES, MAS DEVO EU MESMO ME DEFENDER, QUASE COMBATENDO COM SOMBRAS E DESTRUIR, SEM QUE NINGUÉM RESPONDA.”

(PLATÃO, A APOLOGIA DE SÓCRATES, 18D).

Em seguida, Sócrates explicou que acreditava conhecer a origem desse comportamento, o qual considerava ser produto de uma conversa que seu ami-

go Querefonte teve com

O oráculo de Delfos. Querefonte decidira perguntar ao oráculo se existia uma pessoa com mais sabedoria do que Sócrates, ao que este respondeu-lhe que não.

Desconcertado pelo elogio recebido por parte do oráculo de Delfos, Sócrates decidira procurar um sentido mais profundo a tais palavras. Inspirando-se no famoso herói grego Hércules, que fez 12 trabalhos para o Rei Euristeu - entre os quais destacam-se as lutas contra o Leão de Nemeia e a Hidra de Lerna -, **Sócrates buscara as pessoas que ele acreditava que o superavam em sabedoria, a fim de provar que o oráculo estava errado.** Primeiro, **procurara nos mais ilustres políticos** e percebera, com facilidade, que não eram sábios, pois gostavam de aparentar conhecer coisas que não conheciam. Assim, Sócrates, que tinha consciência do que não conhecia, já estava mais certo que os políticos.

Depois, decidira interrogar **os mais virtuosos poetas, apresentando suas melhores obras de arte e os questionando a respeito delas.**

Para sua surpresa, Sócrates compreendera que os poetas conheciam o mundo por inspiração, como os profetas ou os adivinhos, mas quando eram questionados a respeito do significado de suas obras revelavam conhecerem menos dessas questões que a maioria da população.

Aprofundando esse defeito, os poetas também se consideravam autoridades intelectuais sobre questões que conheciam ainda menos, pelo que Sócrates novamente se autodenominou mais sábio.

Em terceiro lugar, e por último, Sócrates -já sem muitas esperanças - decidira questionar **aos artifices, que, para sua surpresa, estavam instruídos em muitas e belas coisas**. Neles Sócrates encontrou, de fato, conhecimento de coisas que não sabia. Infelizmente, Sócrates concluíra que eles possuíam o mesmo defeito dos poetas e, que, por conhecerem ou terem talento para fazer uma determinada coisa, se achavam melhores nas demais, o que os tornava pessoas de pouca sabedoria.

Essa busca - explicou Sócrates para os juízes - fez com que as pessoas que se consideravam detentoras da sabedoria passassem a odiar Sócrates e o enxergarem como seu inimigo. Por último, Sócrates decidiu contar para os julgadores o que finalmente compreendeu como significado das palavras do oráculo de Delfos:

“AQUELES DENTRE VÓS, Ó HOMENS, SÃO SAPIENTÍSSIMOS QUE, COMO SÓCRATES, TENHAM RECONHECIDO QUE EM REALIDADE NÃO TÊM NENHUM MÉRITO QUANTO À SABEDORIA. POR ISSO, AINDA AGORA PROCURO E INVESTIGO SEGUNDO A VONTADE DO DEUS, SE ALGUM DOS CIDADÃOS E DOS FORASTEIROS ME PARECE SÁBIO; E, QUANDO NÃO, INDO EM AUXÍLIO DO DEUS, DEMONSTRO-LHE QUE NÃO É SÁBIO.”

(PLATÃO, A APOLOGIA DE SÓCRATES, 23B)

Não obstante, e tendo feito um interrogatório magistral contra seu acusador Meleto, Sócrates não conseguiu mudar a opinião que, mediante constantes desinformações, tinha sido construída por seus detratores ao longo dos anos, e foi condenado a morte. Como era habitual, os juízes determinaram que Sócrates devia morrer pela ingestão do veneno cicuta. O filósofo passou seus últimos momentos conversando, confortando e educando seus alunos e despediu-se deles com a seguinte frase:

MAS, JÁ É HORA DE IRMOS: EU PARA A MORTE, E VÓS PARA VIVERDES. MAS, QUEM VAI PARA MELHOR SORTE, ISSO É SEGREDO, EXCETO PARA DEUS.

(PLATÃO, A APOLOGIA DE SÓCRATES, 42b).

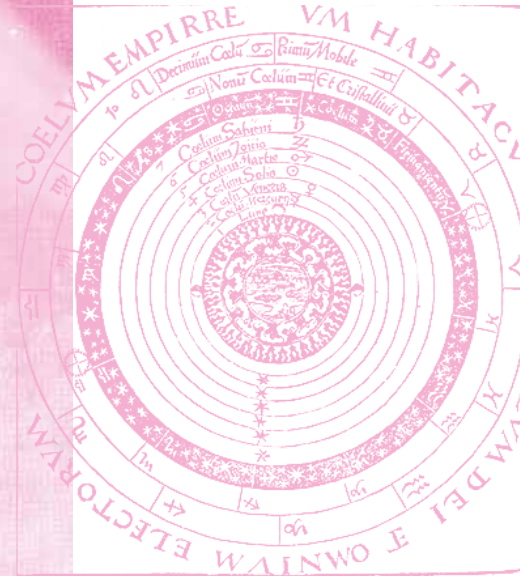




JULGAMENTO DE GIORDANO BRUNO



O julgamento do célebre filósofo, astrônomo e matemático Giordano Bruno deve ser lembrado como um dos fatos mais cruéis da Inquisição Italiana.



Seu suplício começou em 1592, quando foi preso pela inquisição veneziana sob suspeita de possuir crenças heréticas. Essas crenças consistiam simplesmente em acreditar que a Terra não era o centro do universo e que tanto o sol como a Terra eram simples corpos celestes, iguais aos outros que existem no infinito universo. No século XVI, essas afirmações eram contrárias ao dogma estabelecido pela Igreja mediante a inquisição italiana. Devido a que Bruno não tinha intenção de retratar-se, em 1593 foi enviado para Roma, tendo sido preso perto da praça São Pedro à espera do julgamento por parte dos inquisidores.

Para sorte destes, em 1599, um ex-companheiro de cela de Bruno em Veneza, que sofria distúrbios mentais, resolveu incriminá-lo, enviando uma carta à inquisição Romana que narrava supostos crimes que Giordano teria contado pra ele.

O Papa decidiu nomear o teólogo jesuíta Roberto Belarmino para dar fim ao processo de Bruno. Belarmino preparou uma lista das oito heresias de Bruno. A Bruno foram concedidos 40 dias para que abjurasse todas as suas heresias identificadas, mas ele se recusou.

Finalmente, em 1600, um bispo realizou a cerimônia de **"degradação solene"** de Bruno. Ele foi raspado, vestido com as roupas de um leigo e entregue a um oficial de justiça (representante do braço secular do governo romano). Bruno foi, então, despido, algemado, amordaçado e queimado na fogueira no Campo de' Fiori em Roma.

JULGAMENTO DE GALILEU GALILEI

Os problemas para o célebre astrônomo chamado Galileu Galilei começaram em 1616, quando o Papa Urbano VIII ordenou ao cardeal Roberto Belarmino que, mediante um embargo, advertisse Galileu a não defender ou sustentar o copernicanismo sob ameaça de prisão.

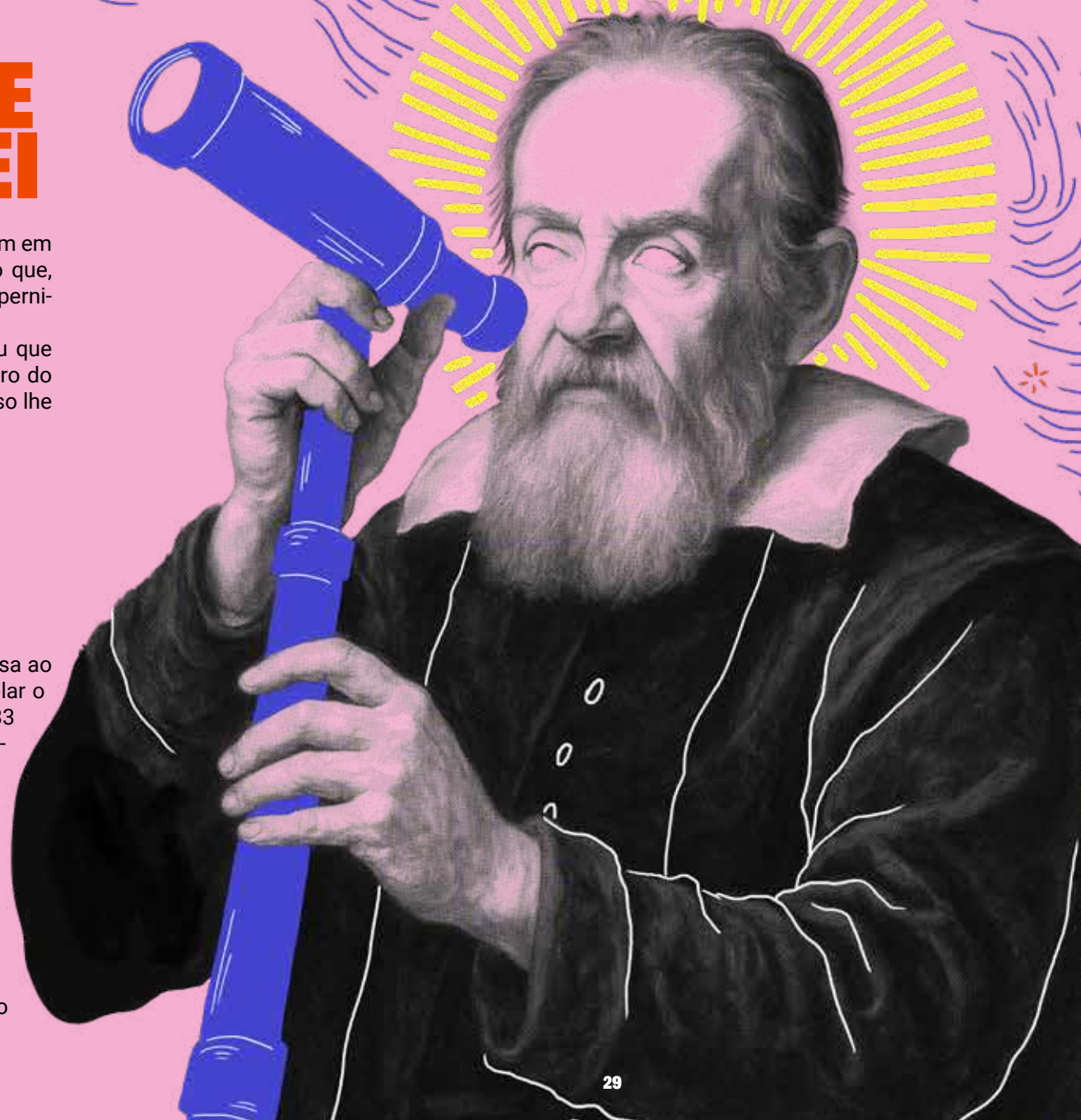
Galileu considerou positiva a conversa com Belarmino, já que interpretou que podia trabalhar a teoria de Copérnico - que estabelece o sol como o centro do sistema planetário - como se fosse uma hipótese matemática, sem que isso lhe gerasse consequências.

COMO FRUTO DO TRABALHO DE UMA VIDA, EM 1632, GALILEU PUBLICOU SUA MAIOR OBRA, INTITULADA "DIÁLOGO SOBRE OS DOIS PRINCIPAIS SISTEMAS DO MUNDO". NA QUAL, CONTRARIAMENTE A SUAS CONVICÇÕES, ABORDOU O COPERNICANISMO COMO UMA SIMPLES HIPÓTESE MATEMÁTICA, PENSANDO QUE ASSIM PODERIA, AO MESMO TEMPO, EXPRESSAR SUAS IDEIAS E AGRADAR A IGREJA.

Lamentavelmente para Galileu, existia na inquisição uma resistência intensa ao cientista e seus opositores aproveitaram a obra para o acusarem de violar o embargo de Belarmino. Primeiro, citando um documento achado em 1633 nos arquivos da Igreja, afirmaram que o embargo proibia Galileu de sustentar, defender e ensinar o copernicanismo, o que foi contestado pelo astrônomo com a entrega do embargo original, assinado por Belarmino, no qual este lhe garantia que podia ensinar o copernicanismo desde que não o sustentasse ou defendesse.

Apesar dos esforços de Galileu, um relatório desfavorável do jesuíta Melchior Inchofer, segundo o qual sua obra na verdade sustentava e defendia o copernicanismo, forçou o astrônomo a aceitar um acordo para encerrar o caso.

Galileu realizou uma confissão abjurando sua obra e sofreu a pena de prisão domiciliar indefinida até sua morte, em 1642.



SÍNTESE DA UNIDADE

Embora as **fake news sejam um fenômeno estritamente contemporâneo** - concebidas desde uma mudança comportamental tanto na leitura como na produção de informação com a chegada das redes sociais e influenciadas pela manipulação dos algoritmos pelos denominados "social bots" -, a desinformação sistemática que dita o comportamento do fenômeno tem estado presente em toda a história da humanidade.

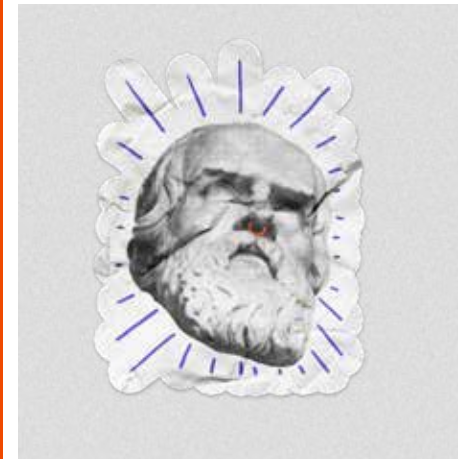


Na antiguidade, para garantirem um **juízo rápido e letal ao filósofo Sócrates**, seus inimigos precisaram trabalhar durante longo tempo a percepção dos cidadãos, para que quem educava os jovens com virtude se tornasse um "criminoso" que deveria ser morto. O interessante da questão é que, **mesmo com uma defesa jurídica magistral, foi impossível mudar a visão que havia sido imposta aos cidadãos pelos detratores do filósofo.**



Essa construção repete-se de idêntico modo pela Inquisição italiana. A desinformação no regime inquisitorial funcionou como sustento de seu autoritarismo e como justificativa do uso da violência extrema exercida sobre **Giordano Bruno e Galileu Galilei**. Não só suas condenações foram construídas ao longo de tempo, mas também perturbou-se a população para que aceitassem penas irracionais contra pessoas honestas.

É de se destacar, ainda, a demora no reconhecimento da injustiça e a falta de compromisso com a verdade. Galileu Galilei apenas conseguiu o perdão da Igreja Católica em 1992 e no caso de Giordano Bruno ainda hoje existem resistências para que lhe seja concedida a reabilitação.



Como pode-se observar, **a desinformação, em qualquer uma de suas formas, consegue se manter no tempo.** Isso explica, em parte, como o bombardeio de "fake news" que desinformou a população a respeito da vacina contra a Covid-19 espalhou-se a outras vacinas de doenças que acreditavam-se erradicadas, esmagando décadas de compromisso com a vacinação no Brasil.

SÓCRATES, GIORDANO BRUNO E GALILEU GALILEI

ATIVIDADE

UNIDADE 1

01

O fenômeno das **fake news** deve ou não ser considerado como contemporâneo?

Justifique sua resposta.

02

De que maneira o fenômeno das **fake news** prejudicou o combate tanto à pandemia da Covid-19 quanto de doenças que se acreditavam erradicadas?

03

Pode a desinformação trazer consequências negativas no comportamento político da sociedade?

Exemplifique.



UNIDADE 2

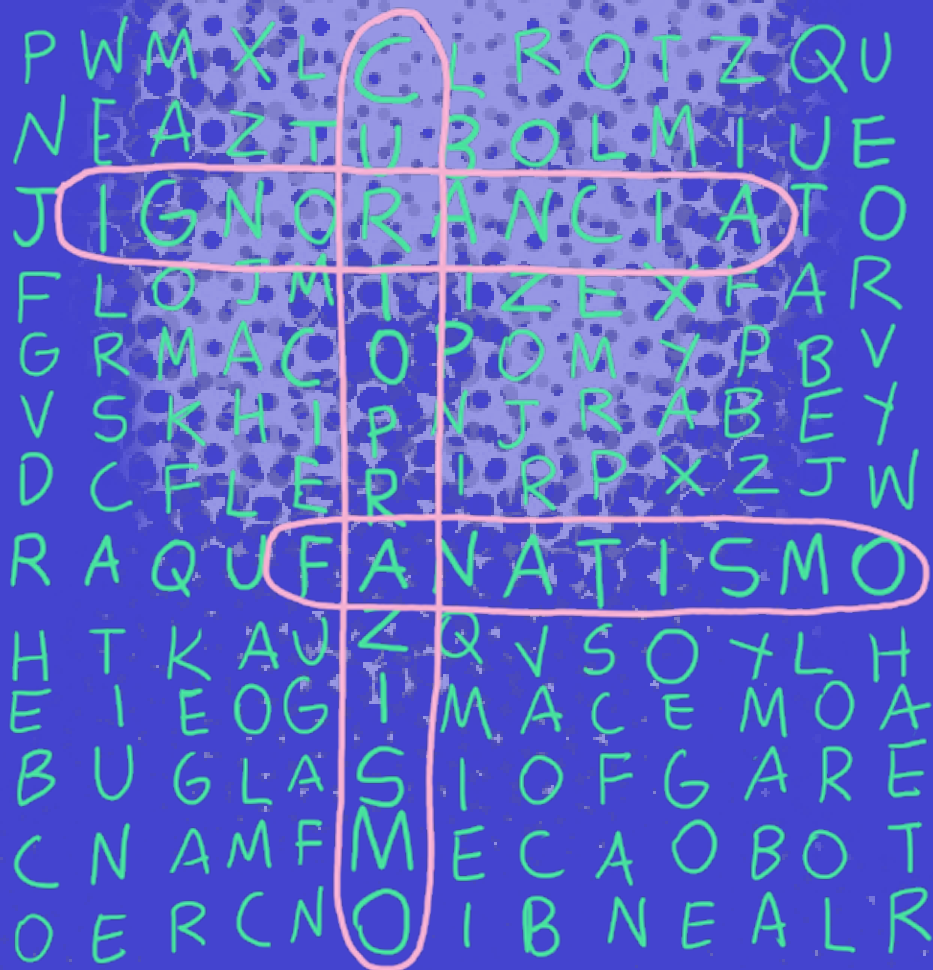
DEEP FAKE:

SOCIEDADE DE MASSAS E HIPER-REALIDADE

SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE SOCIEDADE DE “MASSAS” ALEXIS DE TOCQUEVILLE E STUART MILL

Antes do século XIX, as “massas” eram percebidas como algo que existia fora da sociedade e que a ameaçava com sua barbárie. Para Tocqueville, no século XIX, **elas encontram-se “dentro” da sociedade: erodindo a cultura, desintegrando a ordem e dissolvendo o tecido das relações de poder.**

Uma sociedade democrática, eventualmente, fará desaparecer as antigas distinções de castas, categorias e classes; qualquer ofício ou dignidade será acessível para todos, o que implicaria que a liberdade e a independência individual existiriam em um segundo plano.



O que faz opressivo o poder das majorias exercido mediante a democracia é o fato de que Tocqueville projeta sobre as massas uma imagem de ignorância, fanatismo e curto- prazo.

Jesus Martín Barbero, na obra intitulada *Dos Meios Às Mediações*, comenta que Tocqueville afirma que:

“UMA ENORME MASSA DE PESSOAS SEMELHANTES E IGUAIS, QUE INCANSAVELMENTE GIRAM SOBRE SI MESMAS COM O OBJETIVO DE PODER DAR-SE OS PEQUENOS PRAZERES VULGARES COM QUE SATISFAZEM SUAS ALMAS”.

(1997, p. 45)

O conceito de massa que começa com o pensamento de Tocqueville expressa o primeiro desencanto da burguesia, que vê ameaçada a ordem social por ela e para ela organizada.

Stuart Mill continua e complementa o trabalho de Tocqueville, projetando a sociedade de “massas” como uma vasta e dispersa agregação de indivíduos isolados. **Para Mill, a massa é a mediocridade coletiva que controla cultural e politicamente.** Os governos se transformam em instrumento das tendências e instintos das massas.

GUSTAVE LE BON

Tenta criar uma teoria psicológica para explicar o comportamento das massas. Dita teoria consiste em que as massas são um fenômeno psicológico no qual os indivíduos - sem importar o diferentes que sejam entre si - são preenchidos por um espírito coletivo que os impulsiona a realizar um comportamento que nunca fariam isoladamente.

O COMPORTAMENTO DAS “MASSAS” É SUGESTIVO, CONTAGIOSO, PRIMITIVO, INFANTIL, IMPULSIVO, IRRITÁVEL, SUPERSTICIOSO E CRÉDULO. PARA LE BON, TODO MOVIMENTO IGUALITARISTA É INIMIGO DA CIVILIZAÇÃO.



SIGMUND FREUD E WILHELM REICH

Sigmund Freud estuda e contesta a teoria proposta por Le Bon. Afirma que o interessante no estudo de Le Bon é introduzir o conceito do inconsciente ao comportamento coletivo. Mas,

“PARA LE BON, O INCONSCIENTE CONTÉM ANTES DE TUDO OS MAIS PROFUNDOS CARACTERES DA ALMA E DA RAÇA, O QUAL NÃO É PROPRIAMENTE OBJETO DA PSICANÁLISE”.

(1997, P. 47).

Essa visão da memória biológica da raça nos conduz diretamente a convalidar a psicologia do nazismo. **Para Freud, o inconsciente está formado basicamente pelo reprimido.**

DESSE MODO, FREUD AFIRMA QUE O QUE ACONTECE NA MASSA PODE NÃO SER TÃO DIFERENTE DO QUE SUCEDE COM O INDIVÍDUO, CHEGANDO À CONCLUSÃO DE QUE “O QUE EXPLODE NA MASSA ESTÁ NO INDIVÍDUO, PORÉM REPRIMIDO.” COM ESSA AFIRMAÇÃO,

Freud arrebenta as bases dos pensamentos que racionalizam o individualismo burguês. Continua Freud:

“TAMBÉM A ALMA COLETIVA É CAPAZ DE DAR VIDA A CRIAÇÕES ESPIRITUAIS DE UMA ORDEM GENIAL COMO O PROVAM, EM PRIMEIRO LUGAR, O IDIOMA, E DEPOIS OS CANTOS POPULARES, O FOLCLORE, ETC.”

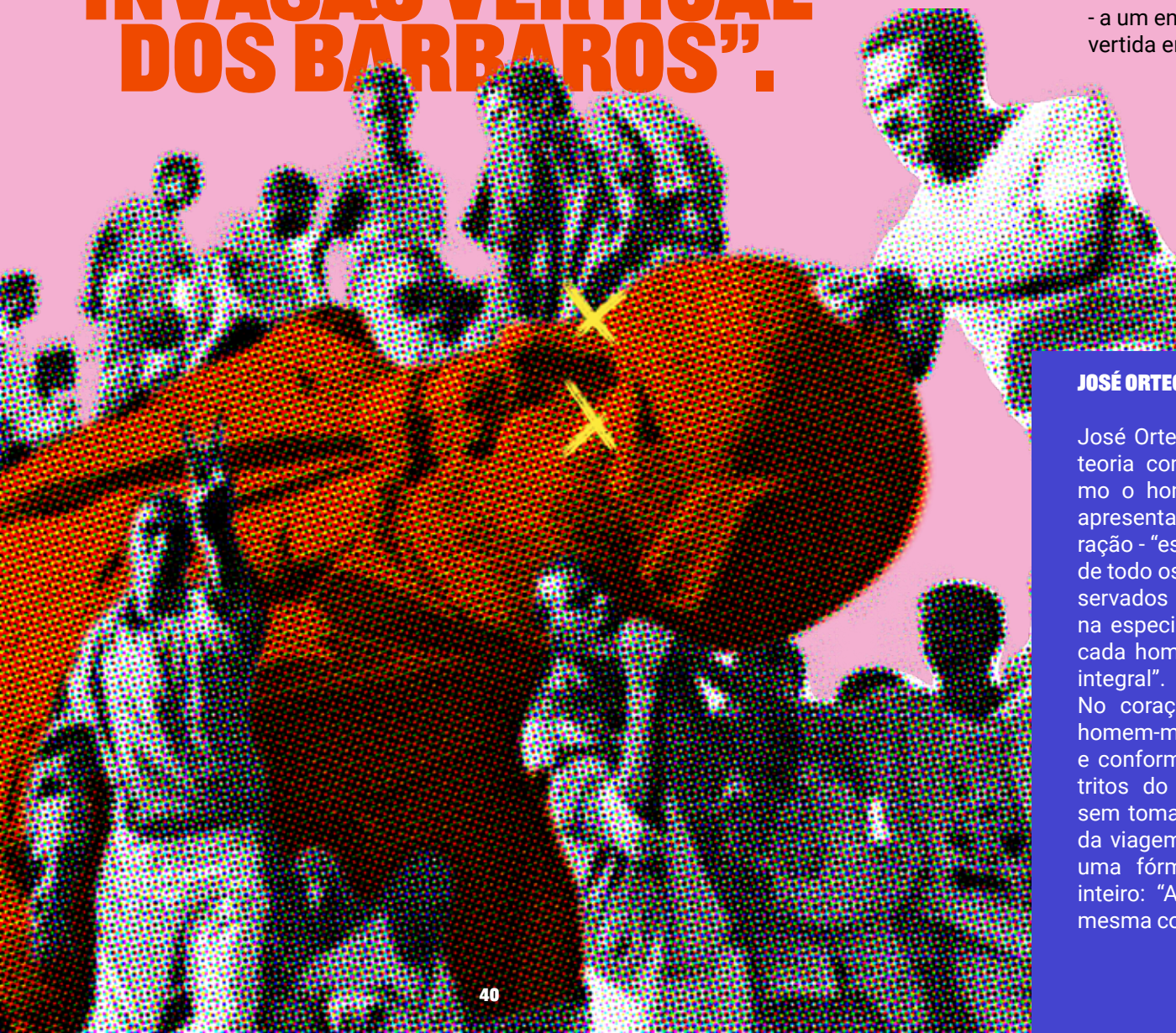
(1997, P. 50)

Wilhelm Reich questiona pessoalmente Freud: **“Como é possível que um Hitler ou um Stalin possam reinar como amos sobre oitocentos milhões de indivíduos?”**

Para Reich, a fonte do problema não é a psicologia do líder, seu carisma, etc. A questão é a submissão do homem à autoridade, o que faz com que “onde quer que grupos humanos e frações das classes oprimidas lutem ‘pelo pão e pela liberdade’, o grupo das massas se mantém à margem e reza, ou simplesmente luta pela liberdade no bando de seus opressores.

(1997, P. 50)

“A REBELIÃO DAS MASSAS É MESMA COISA QUE RATHENAU CHAMAVA A INVASÃO VERTICAL DOS BARBAROS”.



GABRIEL TARDE

Gabriel Tarde, em sua obra “A Opinião e a Multidão”, muda como os conceitos são percebidos: **a massa agora é percebida como público e suas crenças, como opinião.** O novo objeto de estudo será, pois, o público como efeito psicológico da difusão de opinião. Isto é: aquela coletividade “cuja adesão é só mental”.

Essa mudança nos termos expõe a mudança da situação da massa na cultura do século XX: de ser compreendida como ente ativo - barulhento e agitado - a um ente passivo de uma cultura convertida em espetáculo para



“UMA MASSA SILENCIOSA E ASSUSTADA”.

JOSÉ ORTEGA Y GASSET

José Ortega y Gasset começa sua teoria com a inauguração do termo o homem-massa. Essa figura apresenta seu lado mau na aglomeração - “essa invasão pelas massas de todo os lugares, inclusive dos reservados às minorias criativas” - e na especialização que desaloja de cada homem de ciência a “cultura integral”.

No coração do homem-meio, do homem-massa, só há vulgaridade e conformismo. É como se os detritos do homem ocidental tivessem tomado seu coração. No final da viagem Ortega nos espera com uma fórmula que o resume por inteiro: “A rebelião das massas é mesma coisa que Rathenau chama-

va a invasão vertical dos bárbaros”. Na sua obra intitulada a “Desumanização da Arte”, Ortega defende que a massa é incapaz da cultura - isso vem sendo dito do povo há séculos - e o que salva a arte moderna é que desmascara culturalmente as massas: frente a ela não podem fingir que gozam, tanto lhes aborrece e irrita. A cultura criativa, a nova arte, é a vingança da minoria que, em meio ao igualitarismo social e à massificação cultural, nos torna patente que ainda há “classes”. O mérito de Ortega está em ter feito compreender o grau de opacidade e ambiguidade política com que se reveste em no século XX a questão cultural, e a inversão do sentido do popular que ali se produz.

(1997, P. 55).

THEODOR ADORNO E MAX HORKHEIMER

A violenta experiência do nazismo está no eixo dos estudos da Escola de Frankfurt. Graças a esses estudos, a crítica às sociedades ocidentais deixa de ser limitada a questões econômicas e incorpora a esfera política e cultural em sua tendência à totalização.

O conceito de **Indústria Cultural** nasce em um texto de Horkheimer e Adorno publicado em 1947, e o que contextualizou a escrita desse texto é tanto a América do Norte da democracia de massas como a Alemanha nazi.

A razão ilustrada desemboca na razão instrumental que articula totalitarismo político e massificação cultural como as duas faces de uma mesma dinâmica. Ambos filósofos

veem na Indústria Cultural uma atrofia da atividade do espectador, que se manifesta com maior clareza no cinema - pois, para seguir o argumento do filme, o espectador deve ir tão rápido que não pode pensar e como, além disso, tudo já está dado nas imagens,

“O FILME NÃO DEIXA À FANTASIA NEM AO PENSAR DOS ESPECTADORES DIMENSÃO ALGUMA NA QUAL POSSAM MOVER-SE POR SUA PRÓPRIA CONTA, COM O QUE ADESTRA SUAS VÍTIMAS PARA IDENTIFICÁ-LO IMEDIATAMENTE COM A REALIDADE”.

(1997 P. 66)

Essa Indústria também gera a dessublimação da arte, que não é senão a outra face da degradação da cultura, já que num mesmo movimento a Indústria Cultural banaliza a vida cotidiana e positiva a arte.

O que de arte estará aí não será mais do que sua casca: o estilo, quer dizer, a coerência puramente estética que se esgota na imitação. E essa será a “forma” da arte produzida pela Indústria Cultural: identificação com a fórmula, repetição da fórmula. Reduzida a cultura, a

arte se fará “acessível ao povo como os parques”, oferecida ao desfrute de todos, introduzida na vida como um objeto a mais, dessublimado.

WALTER BENJAMIN

Walter Benjamin foi o pioneiro a vislumbrar a mediação fundamental que permite pensar historicamente a relação da transformação nas condições de produção com as mudanças no espaço da cultura, isto é, as transformações do sensorium dos modos de percepção, da experiência social.

Benjamin vislumbra que a Indústria Cultural pretende

“TIRAR A ENVOLTURA DE CADA OBJETO, TRITURAR SUA AURA, É A ASSINATURA DE UMA PERCEPÇÃO CUJO SENTIDO PARA O IDÊNTICO NO MUNDO TEM CRESCIDO TANTO QUE, INCLUSIVE, POR MEIO DA REPRODUÇÃO, CONQUISTA O TERRENO DO IRREPETÍVEL”.

(1997, P. 74)

A Indústria Cultural faz com que as obras de arte tenham um novo alvo, o homem de massa, em posição de usá-las e gozá-las. Antes, as relações sociais colocavam as massas distantes da arte, como algo seletivo. Agora, as massas sentem próximas, com a ajuda das técnicas, até as coisas mais longínquas e mais sagradas.

O cinema constituía para Adorno o expoente máximo da degradação cultural, enquanto que para Benjamin

“O CINEMA CORRESPONDE A MODIFICAÇÕES DE LONGO ALCANCE NO APARELHO PERCEPTIVO, MODIFICAÇÕES HOJE VIVENCIADAS NA ESCALA DE EXISTÊNCIA PRIVADA POR QUALQUER TRANSEUNTE NO TRÁFEGO DE UMA GRANDE URBE.”

(1997, P. 75).

“As massas buscam dissipação mas a arte reclama recolhimento!” Uma massa que

“DE RETRÓGRADA DIANTE DE UM PICASSO SE TRANSFORMA EM PROGRESSISTA DIANTE DE CHAPLIN”

(1997, P. 75)

O espectador de cinema se torna um novo tipo de especialista, no qual não se opõem, mas se conjugam, a atividade crítica e o prazer artístico. Em franca oposição à visão de Adorno, Benjamin vê na técnica e nas massas um modo de emancipação da arte.



SOCIEDADE DE CONSUMO E OS SISTEMAS DE SÍMBOLOS. HIPER-REALIDADE.

O filósofo francês Jean Baudrillard aprofunda os estudos para caracterizar a situação das “massas” que compõem o corpo social e define nossa sociedade como uma sociedade de consumo.

A sociedade de consumo se manifesta como uma manipulação dos signos na qual existe uma primazia do pensamento mágico. Para Baudrillard, d, na obra intitulada A Sociedade de Consumo (1995),

“[...] É O PENSAMENTO MÁGICO QUE GOVERNA O CONSUMO, É UMA MENTALIDADE SENSÍVEL AO MIRACULOSO QUE REGE A VIDA COTIDIANA, É A MENTALIDADE PRIMITIVA, NO SENTIDO EM QUE FOI DEFINIDA COMO BASEADA NA CRENÇA NA ONIPOTÊNCIA DOS PENSAMENTOS: NO CASO PRESENTE, TRATA-SE DA CRENÇA NA ONIPOTÊNCIA DOS SIGNOS.”

(1995, P.21-22).

O lugar de consumo é a vida cotidiana que já não é uma soma de fatos e gestos diários. Agora, por força da banalidade e da repetição, transforma-se em um sistema de interpretação: a ação de consumo já não é impulsionada pelo valor de uso de um determinado objeto e, sim, por um sistema de signos que distinguem o indivíduo, filiando-o num determinado grupo no sentido de pertencimento ou dentro do próprio grupo como um membro de “status” superior.

“O SISTEMA DE CONSUMO NÃO SE BASEIA EM DERRADEIRA INSTÂNCIA NA NECESSIDADE E NO PRAZER, MAS NUM CÓDIGO DE SIGNOS (DE OBJETOS/ SIGNOS) E DE DIFERENÇAS.”

(1995, P. 79).

Baudrillard reforça que sua teoria da sociedade do consumo não tenta afirmar que na atualidade não existem necessidades e utilidades naturais, não obstante, o que movimenta o consumo não consiste nelas. Enquanto a troca primitiva constituía relações que aumentavam a riqueza social, atualmente, cada relação social intensifica a carência individual, porque todas as coisas que são possuídas são relativizadas na conexão com os outros.

Finalmente,

“A NOSSA LÓGICA SOCIAL É QUE NOS CONDENA À PENÚRIA LUXUOSA E ESPETACULAR.”

(1995, P. 68).

Tal relação social leva Baudrillard ao pessimismo. Ele afirma que, atualmente, o consumo revela-se como um poderoso elemento de dominação social, atomizando os consumidores, isolando-os e impulsionando-os a acreditar que os processos de consumo (intensificação das carências) constituem o reino da liberdade.

HIPER-REALIDADE: SIMULACRO E SIMULAÇÃO

Partindo de fábula do literato argentino Jorge Luis Borges, Baudrillard amplia sua teoria de uma sociedade governada por signos na obra intitulada Simulacros e Simulação (1991), vislumbrando a substituição do real pela simulação ou hiper-real. Eis a fábula:



O MAPA E O TERRITÓRIO

“NAQUELE IMPÉRIO, A ARTE DA CARTOGRAFIA ALCANÇOU TAL PERFEIÇÃO QUE O MAPA DE UMA ÚNICA PROVÍNCIA OCUPAVA UMA CIDADE INTEIRA, E O MAPA DO IMPÉRIO UMA PROVÍNCIA INTEIRA. COM O TEMPO, ESTES MAPAS DESMEDIDOS NÃO BASTARAM E OS COLÉGIOS DE CARTÓGRAFOS LEVANTARAM UM MAPA DO IMPÉRIO QUE TINHA O TAMANHO DO IMPÉRIO E COINCIDIA COM ELE PONTO POR PONTO. MENOS DEDICADAS AO ESTUDO DA CARTOGRAFIA, AS GERAÇÕES SEGUINTE DECIDIRAM QUE ESSE DILATADO MAPA ERA INÚTIL E NÃO SEM IMPIEDADE ENTREGARAM-NO ÀS INCLEMÊNCIAS DO SOL E DOS INVERNOS. NOS DESERTOS DO OESTE PERDURAM DESPEDAÇADAS RUÍNAS DO MAPA HABITADAS POR ANIMAIS E POR MENDIGOS; EM TODO O PAÍS NÃO HÁ OUTRA RELÍQUIA DAS DISCIPLINAS GEOGRÁFICAS.”

Para Baudrillard existem **simulacros** - cópias que contêm elementos que não encontram seu equivalente na realidade - de **três categorias diferentes** desde o Renascimento:



Continua Baudrillard:

1. **A contrafação**, relacionado com a lei natural do valor, começa com a substituição da ordem feudal pela ordem burguesa, desde o Renascimento até a Revolução Industrial. Seu nascimento se produz devido ao surgimento de uma competição aberta de signos distintivos na nova sociedade emergente.
2. **A produção**, relacionado com a lei de mercado do valor, surge com a Revolução Industrial. A produção industrial aparece como um processo de reabsorção do objeto original e de introdução a uma série de objetos idênticos, eliminado a necessidade de contrafeitos.
3. **A simulação**, relacionado com a lei estrutural do valor, irrompe com a inclusão dos sistemas informáticos e o ambiente digital. O último tipo de simulacro é todo um imaginário do contato, do mimetismo sensorial, do misticismo tátil, é toda a ecologia ao fundo que vem se enxertar nesse universo de simulação operacional, multiestímulo e multiresposta.

“SE OUTRORA PUDEMOS TOMAR PELA MAIS BELA ALEGORIA DA SIMULAÇÃO A FÁBULA DE BORGES EM QUE OS CARTÓGRAFOS DO IMPÉRIO DESENHAM UM MAPA TÃO DETALHADO QUE ACABA POR COBRIR EXATAMENTE O TERRITÓRIO [...] ESTA FÁBULA ESTÁ TERMINADA PARA NÓS E TEM APENAS O DISCRETO ENCANTO DOS SIMULACROS DA SEGUNDA CATEGORIA. HOJE A ABSTRAÇÃO NÃO É A DO MAPA, DO DUPLO, DO ESPELHO OU DO CONCEITO. A SIMULAÇÃO JÁ NÃO É A SIMULAÇÃO DE UM TERRITÓRIO, DE UM SER REFERENCIAL, DE UMA SUBSTÂNCIA. É A GERAÇÃO PELOS MODELOS DE UM REAL SEM ORIGEM NEM REALIDADE: HIPER-REAL.”

(1991, P. 7-8).

**PARA ESCLARECER AINDA MAIS A QUESTÃO,
BAUDRILLARD DÁ DOIS
EXEMPLOS DE SIMULAÇÃO:**



1

Primeiro propõe a Disneylândia, descrita como um jogo de ilusões e fantasia, que atua como um local fantasioso no qual se oculta o fato de que a fantasia no país não se limita unicamente ao parque de diversões. Desse modo, a Disneylândia aparece no imaginário induzindo a acreditar que o resto é real, quando, na verdade, tanto a cidade de Los Angeles quanto os Estados Unidos da América já não são reais, mas do domínio do hiper-real e da simulação.

“JÁ NÃO SE TRATA DE UMA REPRESENTAÇÃO FALSA DA REALIDADE (A IDEOLOGIA), TRATA-SE DE ESCONDER QUE O REAL JÁ NÃO É REAL E PORTANTO SALVAGUARDAR O PRINCÍPIO DE REALIDADE.”

(1991, P. 21).



2

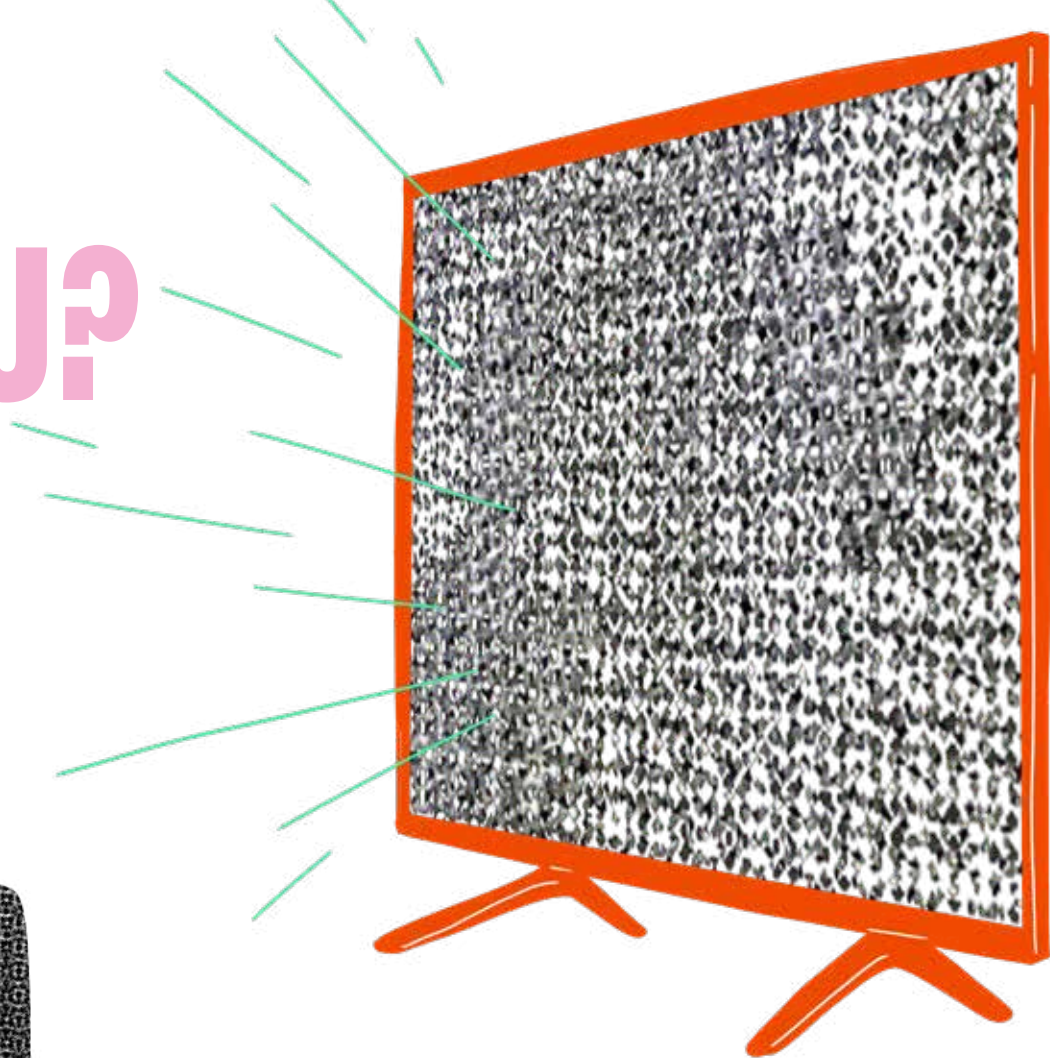
Em segundo lugar, explica que o escândalo político de 1972 conhecido como “Watergate”, que forçou a renúncia do então presidente Richard Nixon, funcionou como um delimitador do perímetro artificial no qual acontece a imoralidade no formato do escândalo. Análogo ao

exemplo da Disneylândia, o escândalo atomiza “a parte maldita” da sociedade e simula a possibilidade de sua extirpação cirúrgica.

“O PODER PODE ENCARNAR A SUA PRÓPRIA MORTE PARA REENCONTRAR UM VISLUMBRE DE EXISTÊNCIA E DE LEGITIMIDADE.”

(1991, P. 29).

A GUERRA DO GOLFO EXISTIU?



Tendo em vista que, no plano real, as potências orientais e ocidentais não conseguem testar a correlação de forças pela potência destrutiva de seus armamentos, elas são impelidas a assumirem uma auto dissuasão constante. Impedidas de praticarem uma guerra tradicional, podem, unicamente, simular o conflito.

Continuando sua provocadora análise, Jean Baudrillard, na obra intitulada *A Guerra Do Golfo Não Aconteceu* (1991), define o hiper-real por excelência:

“SUJEITOS À SIMULAÇÃO DE GUERRA COMO À PRISÃO DOMICILIÁRIA, SOMOS TODOS, IN SITU, REFÉNS ESTRATÉGICOS: A NOSSA POSIÇÃO É A TELEVISÃO, ATRAVÉS DA QUAL SOMOS VIRTUALMENTE BOMBARDEADOS DIARIAMENTE, AO MESMO TEMPO QUE CONTINUAMOS A CUMPRIR A NOSSA FUNÇÃO DE VALOR DE TROCA.”

(1991, P. 12, TRADUÇÃO LIVRE).

“A GUERRA SIMULACRO PERMITE QUE SE GOZE DA GUERRA SEM ENCONTRAR-SE VERDADEIRAMENTE COM ELA: AS NOVAS GUERRAS EM DISSUAÇÃO PERPÉTUA, COM A APROVAÇÃO DA ONU, COM CONSTANTES PRECAUÇÕES E CONCESSÕES, REPRESENTAM, PARA O FILÓSOFO FRANCÊS, A POSSIBILIDADE DE FAZER A GUERRA COM CAMISINHA, GOZANDO TELEVISIVAMENTE DELA SEM TER A TOTALIDADE DE SEUS EFEITOS INDESEJÁVEIS NA PRÁTICA.”

A Guerra do Golfo pode ser compreendida mediante a analogia do terremoto: se o poder destrutivo da guerra pudesse ser representado por

uma escala similar a de Richter (utilizada para a medição da potência de um sismo), seria de baixa intensidade, representada por dois ou três pontos. Não obstante, para o espectador, os acontecimentos encontram-se em um patamar apocalíptico, como se a ficção da guerra fosse criada pela manipulação dos instrumentos de medição, em completa alienação com o real.

Frente ao medo obsessivo de tudo o que é real, de qualquer violência ou prazer em excesso, decidimos lutar contra esse medo utilizando um gigantesco dispositivo de simulação que permite-nos fugir na virtualidade, cujo núcleo de funcionamento universal encontra-se nas telas.

Para Baudrillard, toda essa confusão entre o virtual e o real alimenta-se por uma audiência que auxilia na promoção da guerra como uma autêntica belicista. O filósofo sentencia que:

“TODOS AQUELES QUE NADA ENTENDEM DESTES ASSUNTOS FORTALECEM INVOLUNTARIAMENTE ESTA BARREIRA DE ENGAÑO QUE NOS RODEIA.”

(1991, P. 74, TRADUÇÃO LIVRE).



ATIVIDADE UNIDADE 2

1
2
3

Quais são as diferenças entre os filósofos Theodor Adorno e Walter Benjamin a respeito da importância do cinema?

Como a leitura sincrônica dos símbolos nas sociedades de consumo proposta pelo filósofo Jean Baudrillard interage com o fenômeno das **fake news**?

Baudrillard destaca que a Guerra do Golfo nunca existiu como uma guerra clássica e afirma que ela sucedeu no plano do hiper-real. Qual é a consequência de que a audiência aceite a desinformação passivamente? Há alguma similitude com o fenômeno das **fake news**?

UNIDADE 3

A SUBJETIVIDADE REFLEXIVA EM PERIGO

NINGUÉM PODE
PENSAR POR MIM.





Desde a infância, o filósofo francês René Descartes, apresentou interesse nas letras, mas quando concluiu alcançou a classe dos doutos, numa das mais célebres escolas da Europa, sentia que estava cheio de dúvidas e erros.

CONSCIENTE DE SUA JUVENTUDE E DAS LIMITAÇÕES QUE A VIDA ACADÊMICA DA ÉPOCA OFERECIA, DECIDE PROCURAR NOVOS CONHECIMENTOS “NO LIVRO DO MUNDO”.

Disposto a procurar novos conhecimentos, abandona as letras e dedica-se a recolher diversas experiências de pessoas de diversos humores e condições.

“MEU PROPÓSITO NUNCA FOI ALÉM DE PROCURAR REFORMAR MEUS PRÓPRIOS PENSAMENTOS E CONSTRUIR NUM TERRENO QUE É TODO MEU.”



O edifício que Descartes tentava derrubar - para construir seu próprio conhecimento - era o modo como os teólogos (principalmente da Inquisição) empregavam a escolástica, que era um sistema filosófico derivado, em última instância, de Aristóteles desenvolvido no século XIII e que continuou até o renascimento. O que Descartes enfrentou foi um formidável sistema filosófico de ampla sofisticação e poder.

Para levar a cabo seu propósito, Descartes na obra intitulada As Medições Metafísicas, analisa todo o conhecimento que adquiriu ao longo do tempo e decide que:

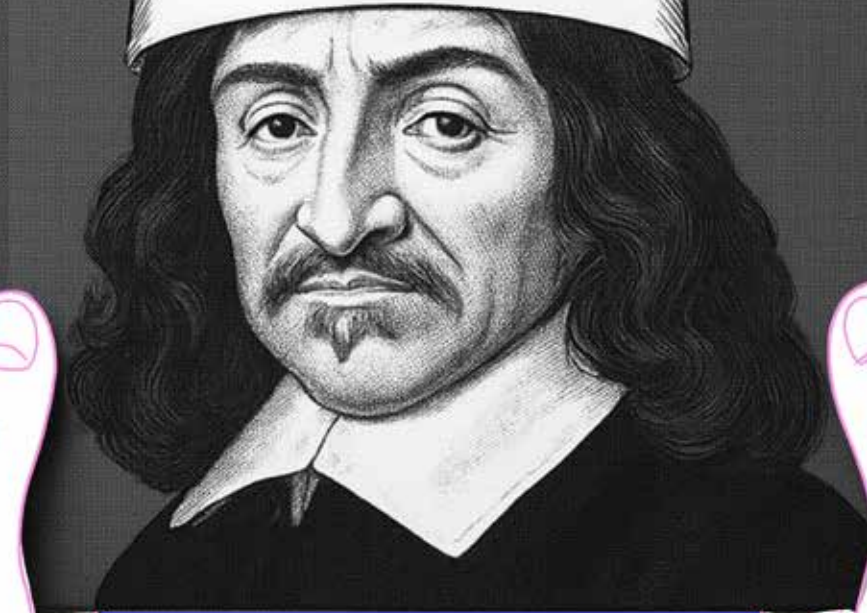
“NÃO É NECESSÁRIO EXAMINAR CADA UMA EM PARTICULAR, O QUE EXIGIRIA UM TRABALHO INFINITO; MAS, JÁ QUE A RUÍNA DOS ALICERCES ACARRETA NECESSARIAMENTE A RUÍNA DE TODO O EDIFÍCIO, ENFRENTAREI PRIMEIRAMENTE SOBRE OS PRINCÍPIOS SOBRE OS QUAIS SE APOIAVAM TODAS AS MINHAS ANTIGAS OPINIÕES.”

(2022, P. 26).

Descartes afirma que a maioria dos que aspiravam a ser filósofos seguiam cegamente a Aristóteles ou foram saturados de suas opiniões na juventude até que estas dominaram suas perspectivas. A modo de exemplo, explica que todos os filósofos supõem que os corpos terrestres têm peso. Não obstante, os corpos que consideramos “**pesados**” caem em direção ao centro da terra e não compreendemos a natureza do que se denomina como “**gravidade**”, que é o princípio que faz com que os corpos caiam desse jeito.



A
Dúvida
Metódica
por
René Descartes



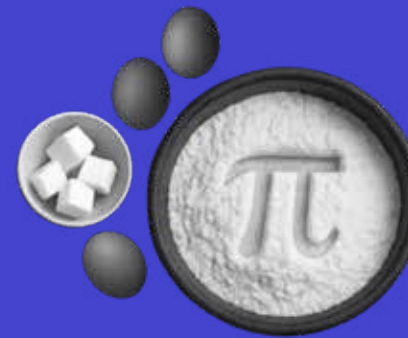
Para empreender este novo desafio filosófico - ao contrário da escolástica, que confiava num vasto corpus de doutrinas herdadas - Descartes propôs **destruir tudo e começar de novo diretamente desde os fundamentos**, procurando simplicidade, clareza e auto-evidência.

O método

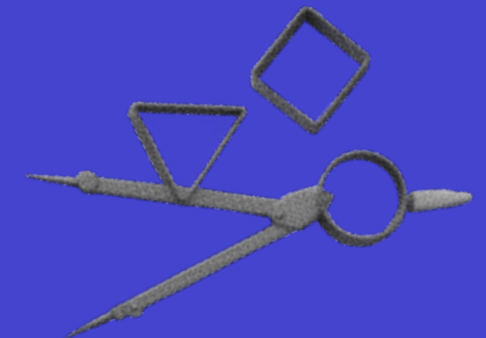
Para tal fim, Descartes (2019), na obra intitulada O Discurso Do Método, primeiro analisa as três artes que mais respeitava na produção de conhecimento.



Por parte da filosofia, o filósofo francês exalta a lógica que, se composta por preceptos verdadeiros e bons, prova-se como uma ferramenta útil para explicar a outrem as coisas que se sabem. Não obstante, quando misturada por preceptos supérfluos, esta termina sendo utilizada para falar sem julgamento do que não se conhece.



Do lado das matemáticas, Descartes analisa a geometria e a álgebra, e conclui que por serem muito abstratas não parecem de utilidade alguma.



A respeito da geometria, pensa que por estar apegada à consideração de figuras seu exercício fatiga a imaginação. Por parte da álgebra, submetida de regras e cifras que fazem dela um arte confusa e obscura.



Apesar disso, Descartes afirma que a criação de um novo método, que vise conhecer as coisas, facilitaria-se **sempre e quando este funda-se unicamente sob os aspectos positivos das três artes analisadas**, desse modo, desconsiderando todos os vícios das mesmas que possam des-servir no seu objetivo.

OS QUATRO



PRECEITOS

Os quatro Preceitos

1 Duvidar de tudo:

"O primeiro era não aceitar jamais alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal: isto é, evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e nada incluir em meus julgamentos senão o que se apresentasse de maneira tão clara e distinta a meu espírito que eu não tivesse nenhuma ocasião de colocá-lo em dúvida."

(2019, p. 49-50).

2 Analisar cada detalhe da questão:

"O segundo, dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas possíveis e que fossem necessárias para melhor resolvê-las".

(2019, p. 50).

3 Começar pelo mais simples até o mais complexo:

"O terceiro, conduzir por ordem meus pensamentos começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir aos poucos, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros."

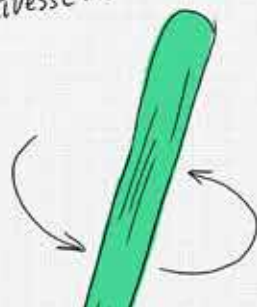
(2019, p. 50).



4 Questionar os resultados:

"E o último, fazer em toda parte enumerações tão completas, e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir."

(2019, p. 50).





O PÓS- VERDADE

“O QUE MAIS ME CONTENTAVA NESSE MÉTODO É QUE POR ELE EU TINHA CERTEZA DE USAR EM TUDO MINHA RAZÃO, SE NÃO PERFEITAMENTE, AO MENOS DA MELHOR MANEIRA POSSÍVEL: ALÉM DISSO EU SENTIA, PRATICANDO-O, QUE MEU ESPÍRITO SE ACOSTUMAVA AOS POUCOS A CONCEBER MAIS CLARAMENTE E MAIS DISTINTAMENTE SEUS OBJETOS.”



O problema do método

Ainda insatisfeito com sua descoberta, Descartes afirma qu

“MAS, CUIDANDO QUE SEUS PRINCÍPIOS DEVIAM SER TODOS TOMADOS DA FILOSOFIA, NA QUAL EU AINDA NÃO ENCONTRAVA NENHUM QUE FOSSE CERTO, PENSEI QUE ERA PRECISO, ANTES DE TUDO, TRATAR DE ESTABELECÊ-LOS NELA.”

(2019, P. 53)

Em busca do primeiro princípio da filosofia

Primeiro, rejeita a evidência empírica:

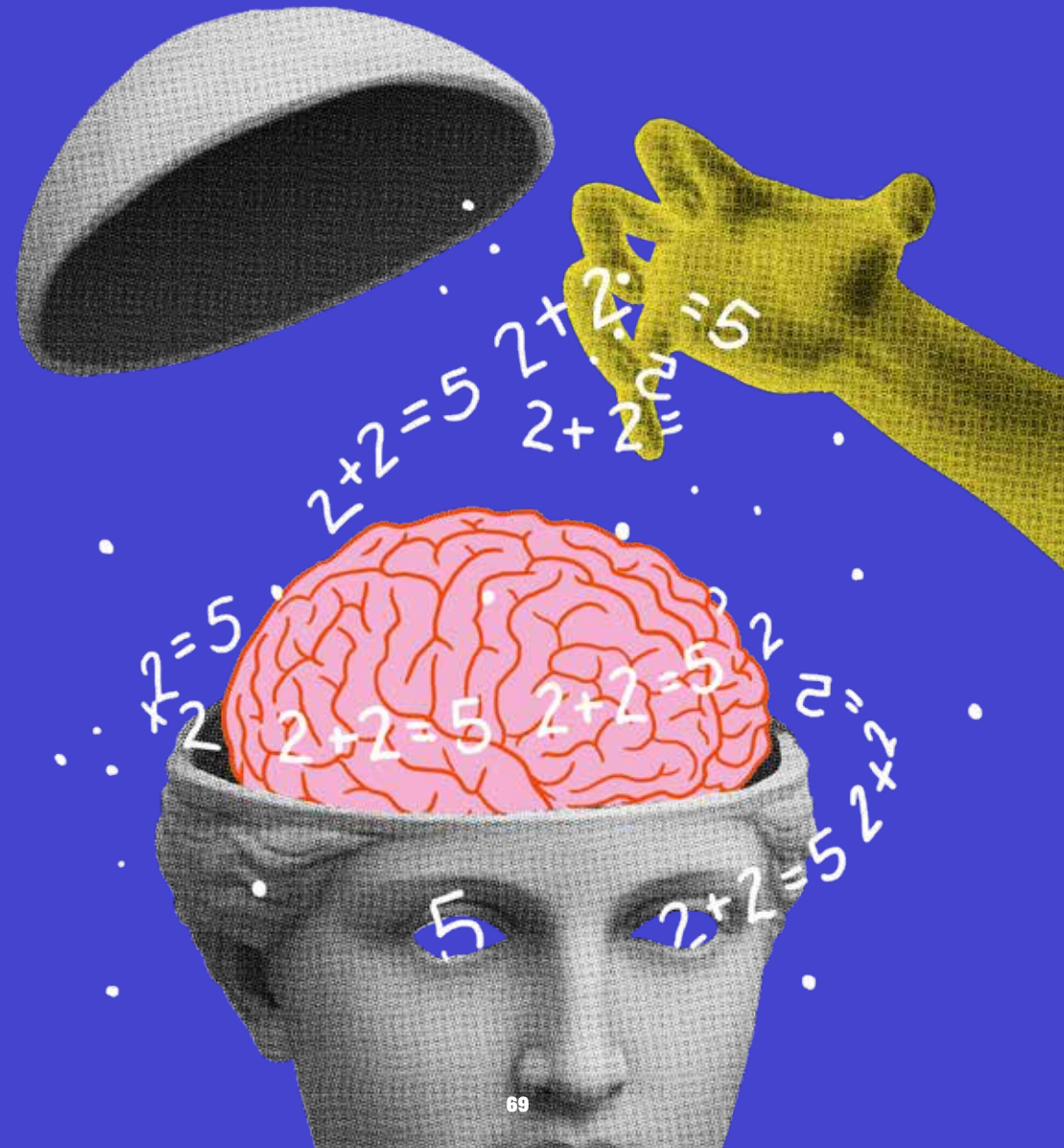
“QUANTAS VEZES ME ACONTECEU SONHAR, DURANTE A NOITE, QUE EU ESTAVA NESTE LUGAR, QUE ESTAVA VESTIDO, QUE ESTAVA JUNTO À LAREIRA, EMBORA ESTIVESSE COMPLETAMENTE NU EM MINHA CAMA! [...] O QUE ACONTECE DURANTE O SONO NÃO ME PARECE TÃO CLARO E TÃO DISTINTO COMO TUDO ISTO.”

(2022, P. 26).

Segundo, rejeita a evidência racional:

“SUPOREI, PORTANTO, QUE HÁ NÃO UM VERDADEIRO DEUS, QUE É A FONTE SOBERANA DE VERDADE, MAS UM CERTO GÊNIO MALIGNO, TÃO ASTUTO E ENGANADOR QUANTO PODEROSO, QUE EMPENHOU TODA A SUA HABILIDADE PARA ME ENGANAR.” “[...] PODE ACONTECER QUE ELE TENHA QUERIDO QUE EU ME ENGANE TODAS AS VEZES QUE ADICIONO DO DOIS AO TRÊS, OU QUE CONTO OS LADOS DE UM QUADRADO [...] TER-ME FEITO DE TAL FORMA QUE EU ME ENGANASSE SEMPRE.”

(2022, P. 31).





EUREKA!

Descartes descobre a subjetividade

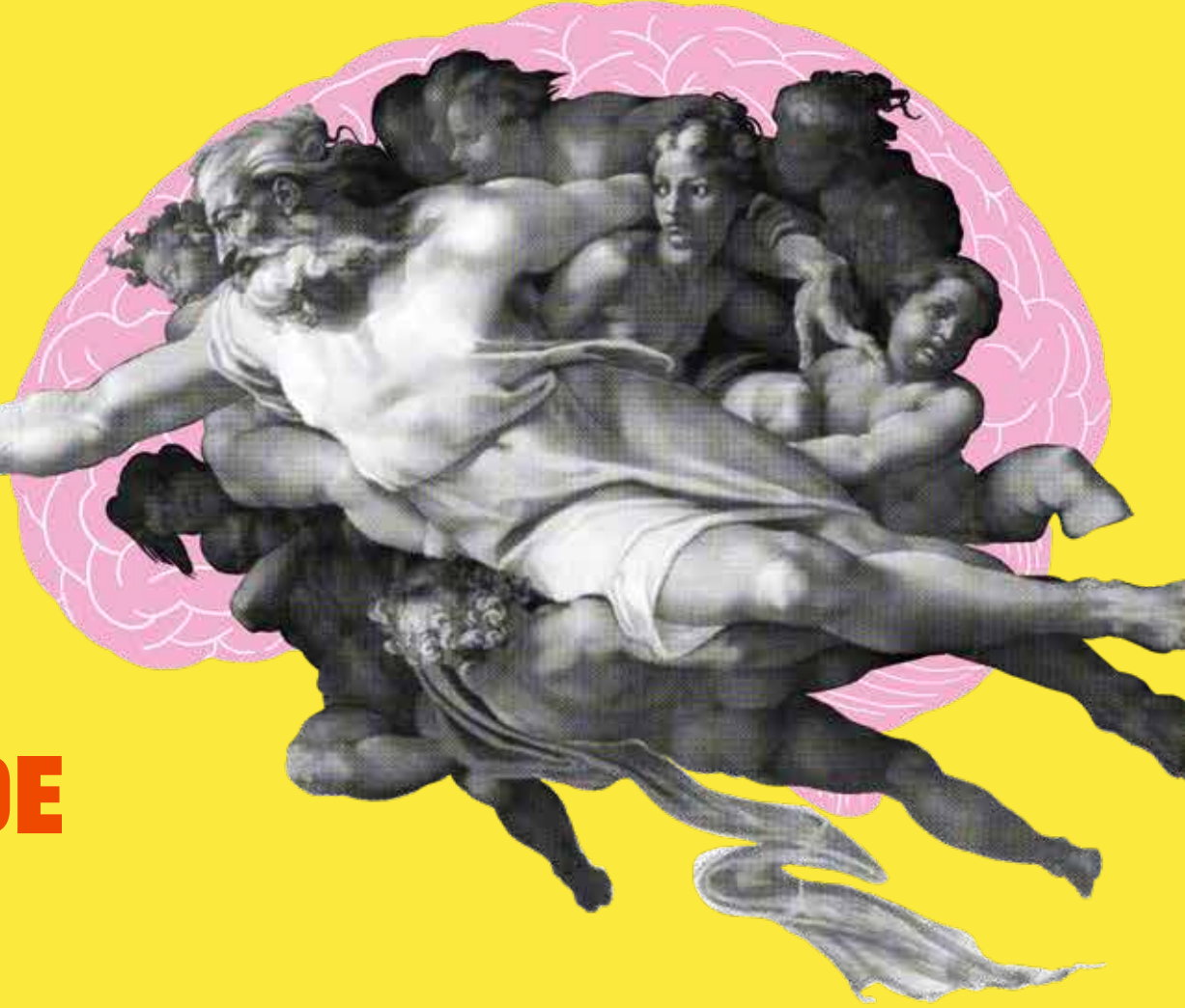
“PORTANTO, SE ELE ME ENGANA, NÃO HÁ DÚVIDA DE QUE EU SOU; E, POR MAIS QUE ELE ME ENGANE, NÃO PODERÁ JAMAIS FAZER COM QUE EU NÃO SEJA NADA ENQUANTO EU PENSAR QUE SOU ALGO.” E “QUANDO QUIS ASSIM PENSAR QUE TUDO ERA FALSO, ERA PRECISO NECESSARIAMENTE QUE EU, QUE O PENSAVA, FOSSE ALGUMA COISA. E, OBSERVANDO QUE ESTA VERDADE, PENSO, LOGO EXISTO, ERA TÃO FIRME E TÃO SEGURA QUE AS MAIS EXTRAVAGANTES SUPOSIÇÕES DOS CÉTICOS ERAM INCAPAZES DE A ABALAR, JULGUEI QUE PODIA ADMITI-LA SEM ESCRÚPULO COMO O PRIMEIRO PRINCÍPIO DA FILOSOFIA QUE EU BUSCAVA.”

(2019, 64)

**DESCARTES
DESCOBRE**



DEUS NA SUBJETIVIDADE



“DEVO EXAMINAR SE HÁ UM DEUS, LOGO QUE SE APRESENTAR A OPORTUNIDADE PARA ISSO; E SE DESCUBRO QUE HÁ UM DEUS, DEVO TAMBÉM EXAMINAR SE ELE PODE SER UM IMPOSTOR, PORQUE, SEM O CONHECIMENTO DESTAS DUAS VERDADES, NÃO VEJO QUE EU POSSA ALGUM DIA TER CERTEZA DE ALGUMA COISA”.

“COMO SERIA POSSÍVEL QUE EU POSSA SABER QUE DUVIDO E QUE DESEJO, OU SEJA, QUE ME FALTA ALGUMA COISA E QUE NÃO SOU TOTALMENTE PERFEITO, SE NÃO TIVESSE EM MIM ALGUMA IDEIA DE UM SER MAIS PERFEITO DO QUE O MEU, POR CUJA COMPARAÇÃO EU CONHECERIA OS DEFEITOS DE MINHA NATUREZA?”

“SE EU FOSSE INDEPENDENTE DE QUALQUER OUTRO E FOSSE EU MESMO O AUTOR DE MEU SER, CERTAMENTE NÃO DUVIDARIA DE COISA ALGUMA, NÃO CONCEBERIA MAIS DESEJOS E, POR FIM, NÃO ME FALTARIA NENHUMA PERFEIÇÃO; POIS TERIA CONFERIDO A MIM MESMO TODAS AS PERFEIÇÕES DAS QUAIS TENHO EM MIM ALGUMA IDEIA E, ASSIM, EU SERIA DEUS.”

“A IDEIA DE UM SER MAIS PERFEITO QUE O MEU, POIS TIRÁ-LA DO NADA ERA COISA MANIFESTAMENTE IMPOSSÍVEL [...] ASSIM RESTAVA APENAS QUE ELA TIVESSE SIDO POSTA EM MIM POR UMA NATUREZA QUE TIVESSE EM SI TODAS AS PERFEIÇÕES QUE EU PODIA CONCEBER [...] EM UMA PALAVRA, DEUS.”



QUE É UM FILÓSOFO?

No final da obra intitulada “O Discurso do Método”, Descartes afirma:

“COM O QUE FAÇO AQUI UMA DECLARAÇÃO, QUE SEI PERFEITAMENTE NÃO PODER SERVIR PARA TORNAR-ME CONSIDERÁVEL NO MUNDO, MAS TAMBÉM NÃO TENHO VONTADE NENHUMA DE SÊ-LO; E ME SENTIREI SEMPRE MAIS OBRIGADO COM AQUELES CUJO FAVOR DESFRUTAREI MEU TEMPO SEM EMPECILHOS DO QUE ME SENTIRIA COM AQUELES QUE ME OFERECESSEM OS MAIS HONROSOS EMPREGOS DA TERRA.”

(2019, 105).

POR QUE

DESCARTES FAZ TAL AFIRMAÇÃO?



70 MINUTOS

APLICANDO O METODO

Analise em grupo as seguintes questões a respeito das fake news apresentadas:

PERGUNTAS

1

Qual das fake news apresentadas tem o formato mais característico de tal fenômeno? **Por quê?**

2

Em qual imagem pode-se identificar melhor o fenômeno da pós-verdade? **Por quê?**

3

Por que as fake news apresentadas possuem veiculações tão diversas? **Identifique a mais contemporânea.**

4

Utilizando o método cartesiano, desenvolva passo a passo como desmontaria ambas as **fake news**.

5

Por que o método cartesiano é aplicável na atual crise informativa?



UNIDADE 4

SUBJETIVIDADE DEMOCRÁTICA

Liberdade cartesiana

Num diálogo com a filosofia cartesiana, o filósofo francês, Jean-Paul Sartre exalta que sua famosa fórmula “a liberdade é o fundamento do ser” guarda uma relação direta com o dúvida metódica proposta por René Descartes.

Para Sartre (1960), existem **quatro pontos fundamentais** que permitem uma compreensão mais abrangente da utilidade do método proposto:



Primeiro: a menor atividade de pensamento compromete todo o pensamento autônomo.

Segundo: devido a que o homem não pode produzir ideia alguma, mas apenas contemplá-las, ele é provido de uma simples faculdade negativa: dizer que não a tudo o que não é verdadeiro.

Terceiro: O verdadeiro é coisa humana, devido a que preciso afirmá-lo para que exista.

Quarto: A tarefa do homem consiste em comprometer-se totalmente com a ordem natural das coisas que existem para que se transforme numa ordem das verdades.

Sintetizando assim, que Descartes nos confere, acima de tudo, total responsabilidade intelectual completa. Ele experimenta a cada momento a liberdade do seu pensamento contra a cadeia das essências. Também sua solidão. Heidegger disse:

“NINGUÉM PODE MORRER POR MIM”.

Mas, antes dele, Descartes disse:

“NINGUÉM PODE PENSAR POR MIM”.

Finalmente, você tem que dizer sim ou não e decidir sozinho o que é verdade em nome de todo o Universo.

Continua Sartre (1960), afirmando que a criação de Descartes visava fazer duas contribuições fundamentais na sociedade. Por um lado, exaltar o espírito da ciência, promovendo que a execução metódica do pensamento leva à conclusão de que todos os sujeitos podem chegar com precisão a conclusões rigorosas, ao tempo que remarca o esforço que tal atividade reclama. **Por outro, promover o espírito da democrática, devido a que o sufrágio universal não poderia ser fundado em outra coisa que não seja a faculdade universalmente difundida de dizer não ou dizer sim.**

Desse modo, a liberdade cartesiana, igual em todos os homens, na absoluta e infinita, obriga-nos a assumir aquela temível tarefa, **a nossa tarefa por excelência: fazer existir uma verdade no mundo, tornar o mundo verdadeiro.**

PRINCIPAIS CRÍTICAS AO MÉTODO CARTESIANO

Sartre (1960) aponta a dois fatores que foram questionados ao respeito do trabalho de Descartes.

Primeiro, que a ordem das verdades ainda que criativamente descoberta no interior da subjetividade (res cogita), é externa a nós (res extensa).

Segundo, ausência de criatividade na produção de conhecimentos. O método, sob a aparência de uma fórmula matemática, a rigor, aprende-se de memória e aplica-se sem que se tenha verdadeira compreensão da mecânica da equação a ser resolvida.

A respeito da ordem das verdades, **Sartre (1960) defende que ainda que as verdades**

existem fora de mim, o que vai definir a autonomia para mim não é a invenção criativa, mas a negação. Negar até não podermos mais negar é como somos livres. Portanto, a dúvida metódica torna-se o próprio padrão do ato livre. A dúvida afeta todas as proposições que afirmam algo fora do nosso pensamento, ou seja, posso colocar entre parênteses todas as coisas existentes. Estou em pleno exercício da minha liberdade quando, vazio, transformo em nada tudo o que existe.



Ressaltando que a hipótese do Gênio Maligno, de fato, mostra claramente que o homem pode evitar todos os enganos, todas as emboscadas; **há uma ordem do que é verdadeiro, porque o homem é livre.**

No tocante à acusação da ausência de criatividade na produção de conhecimento pelo método cartesiano, Sartre lembra que cada regra do Método (exceto a primeira) é uma máxima de ação ou invenção. A análise que a segunda regra prescreve não exige um julgamento livre e criativo que produza esquemas e conceba divisões hipotéticas que se verificarão pouco depois?. E, quanto à ordem que a terceira regra defende, não deveríamos ir à sua procura e prefigurá-la no meio da desordem, em vez de nos submetermos a ela? A prova é que será inventado se não existir de fato:

“ASSUMINDO TAMBÉM UMA ORDEM ENTRE OBJETOS QUE NATURALMENTE NÃO TÊM VANTAGEM UNS SOBRE OS OUTROS”.

(1960, P. 247)

Em uma palavra, as regras do Método estão no nível do esquematismo kantiano, representam, em suma, normas muito gerais para um julgamento livre e criativo. Não foi Descartes o primeiro que, enquanto Bacon ensinava os ingleses a seguir a experiência, exigiu que o físico a precedesse com hipóteses?



O ser, o nada e o compromisso.

O pensamento sartreano vai além da análise da produção filosófica de René Descartes no entendimento do homem, de sua prática social, e de como esses conceitos arrojam luzes ao combate do que é falso.

O ser

Sartre desdobra o ser do ente antropológico em duas didáticas futuras fundadas em sua temporalidade.

Ser-em-si: é aquilo que é. Sempre é o mesmo. Uma rocha, uma montanha, uma árvore etc. Nunca vai ser alguma coisa diferente do que é.

Ser-para-si: é o ser cujo ser consiste em projetar na dimensão do futuro. Para Sartre, o homem está composto tanto por seu passado (todas as eleições que tomou durante a vida) - o ser-em-si - quanto por seu presente no qual está sempre projetado ao futuro - seu ser-para-si.

NO PRESENTE, O SER DO HOMEM NÃO É O QUE É, E, COMO ESTÁ SEMPRE PROJETADO AO FUTURO, É O QUE



VACCINE TESTED?

O nada

Essa ruptura manifestada no ser do ente, diagramada como o ser-em-si e o ser-para-si, é concebível graças à principal característica do ente antropológico manifestada mediante sua consciência, o nada.

Para Sartre, a consciência não reside em si, ela está lançada no mundo. **A consciência não encontra um local no qual descansar pacificamente, ela está projetada ao mundo e, portanto, em perigo.**

À diferença das coisas, que unicamente "são" e não podem ser outra coisa diferente do que são, o homem - no tempo presente - não é, devido a que ele está lançado no mundo, ao futuro e, também, a seus projetos, o que lhe permite "ser possibilidade".

Ser no mundo, para a realidade humana, entendida como pura negatividade, **significa existir em constante transformação, sendo nossas escolhas e, projetados ao futuro, podendo ser - no futuro - a negação de nossas escolhas anteriores.**

O compromisso

Desde o começo de sua produção intelectual, Sartre (2021), anuncia - na sua primeira obra intitulada **"A Transcendência do Ego"** - o eixo moral que terá como principal interesse sua labor filosófico, afirmando:

"ESSA CONSCIÊNCIA ABSOLUTA, QUANDO PURIFICADA DO EU, NADA MAIS TEM DE UM SUJEITO, NEM É MAIS UMA COLEÇÃO DE REPRESENTAÇÕES: É SIMPLEMENTE UMA CONDIÇÃO PRIMEIRA E UMA FONTE ABSOLUTA DE EXISTÊNCIA. E A RELAÇÃO DE INTERDEPENDÊNCIA QUE ELA ESTABELECE ENTRE O MOI (EU) E O MUNDO, PARA QUE O MOI (INDIRETAMENTE E PELA INTERMEDIÇÃO DOS ESTADOS), DRENE DO MUNDO TODO O SEU CONTEÚDO. NÃO É PRECISO NADA MAIS PARA FUNDAR FILOSOFICAMENTE UMA MORAL E UMA POLÍTICA ABSOLUTAMENTE POSITIVAS".

(2021, 70).

Como explica Sartre (2025) na obra intitulada **O Que É A Literatura: o compromisso em situação** é uma questão moral: não posso ser alheio a um mundo imoral e, se o mundo é imoral, algo tenho que fazer para que seja menos imoral.

"NÃO QUEREMOS SENTIR VERGONHA DE ESCREVER E NÃO TEMOS VONTADE DE FALAR PARA NÃO DIZER NADA, MESMO SE QUISÉSSEMOS NÃO PODERÍAMOS FAZE-LO, NINGUÉM PODE FALAR SEM DIZER NADA. DEVIDO A QUE NÃO FALAR TAMBÉM É FALAR, CALAR-SE É CONTINUAR FALANDO."

(2025, P.3)

Ninguém pode ser alheio à política, vivemos dentro da polis (a sociedade civil), na qual presenciamos diariamente as tragédias que acontecem e que, inevitavelmente, nos levam a comprometer-nos com elas. **Sem esquecer que ninguém pode evitar o compromisso, evitá-lo é comprometer-se, só que de um modo mais indigno.**

Para assumir esse compromisso - desde a ótica sartreana - o homem enfrenta a solidão:

Não pode conseguir o auxílio de um sinal qualquer que o oriente no mundo, pois considera que é o próprio homem quem decifra o sinal como bem entende.

Não pode se apoiar unicamente numa moral estabelecida, esperando que esta **"tenha a resposta a todos os problemas"**. Os valores são vagos, amplos, e cada problema apresentará múltiplas soluções que causarão diversos benefícios e prejuízos.

Não pode procurar conselho, pois, quando pedimos um conselho, comumente, já conhecemos o conselheiro e, portanto, já sabemos aproximadamente qual é o conselho que vamos receber dele. Pedir um conselho é engajar-se com a resposta ainda antes de recebê-la.

PENSA, PORTANTO, QUE O HOMEM, SEM APOIO E SEM AJUDA, ESTÁ CONDENADO A INVENTAR O HOMEM A CADA INSTANTE.



O grupo

Finalmente, na última obra filosófica de peso intitulada *A Crítica da Razão Dialética* Sartre (2002) aproveita os conceitos de sua juventude para pensar o funcionamento dos indivíduos dentro dos grupos, como estes últimos se formam e se dissolvem. Fator relevante para compreender o comportamento político digital manifestado intensamente na atualidade.

Ocorrem comportamentos de imitação ou contágio:

“CADA UM VÊ NO OUTRO O SEU PRÓPRIO FUTURO E A PARTIR DAÍ DESCOBRE O SEU ATO PRESENTE NO ATO DO OUTRO.”. SARTRE CHAMA ESTA PRIMEIRA FACE DO GRUPO DE “GRUPO EM FUSÃO”.

(2002, P. 455).

Uma vez que o “grupo em fusão” tenha cumprido a sua tarefa (tomar a Bastilha, por exemplo), o que lhe deu a sua unidade profunda (o perigo imediato) desapareceu. Resta apenas reviver a unidade passada através de atos mágicos: atravessar a Bastilha, entrar num recinto onde ainda se pode encontrar um inimigo. Mas acaba de surgir uma nova figura no grupo: o “grupo da permanência”. Sua criação original será o juramento.

Tendo o perigo externo desaparecido ou diminuído, o grupo deve lutar contra a dissolução da liberdade, criando um medo interno, o seu próprio medo.

Ao alcançarmos o fraternidade-terror. O grupo tenta eliminar a liberdade que caracteriza cada um dos seus integrantes: todo agente prático, na sua liberdade, é potencialmente um traidor, pode tornar-se um Outro. O juramento, portanto, é Terror.



“A LIBERDADE DE CADA UM EXIGE A VIOLÊNCIA DE TODOS CONTRA ELE E CONTRA A DE QUALQUER TERCEIRO COMO SUA DEFESA CONTRA SI MESMO (...) JURO, COMO INDIVÍDUO COMUM: EXIJO QUE ME MATEM SE EU ME SEPARAR”. QUANDO MATAMOS O TRAIADOR, “CADA PEDRA ATIRADA, CADA GOLPE DADO CONSTITUI UMA NOVA PRESTAÇÃO DE JURAMENTO”.

(2002, P. 809).

As mãos sujas:

Esta terrível mecânica de funcionamento dos grupos sociais é representada por Sartre (2025) na célebre obra de teatro intitulada “As Mãos Sujas”. A peça narra a história de um jovem membro do partido comunista chamado Hugo que deverá assassinar a um burocrático e antigo líder do partido por expressa ordem de seus superiores.

Hugo pertence a um grupo: o partido. Ele recebe a seguinte ordem: “Você irá até a casa do Hoederer e colocará três balas na barriga dele”. É uma ordem simples. Hugo vai até a casa de Hoederer e coloca as três balas na barriga. Obedece mas algo surpreendente acontece: não há mais ordem, a ordem vai embora e o deixa completamente sozinho.

“A ORDEM FICOU PARA TRÁS E EU AVANCEI SOZINHO E MATEI COMPLETAMENTE SOZINHO E... E NEM SEI MAIS POR QUÊ.”

(2025, P. 11).

A situação de Hugo exposta por Sartre é uma dialética entre o ser do grupo (ser-em-si) e o nada representado pela liberdade de Hugo (o ser-para-si). O nada corrói constantemente o grupo. O nada é a liberdade de cada um dos agentes práticos.

ATIVIDADE

UNIDADE 4



1

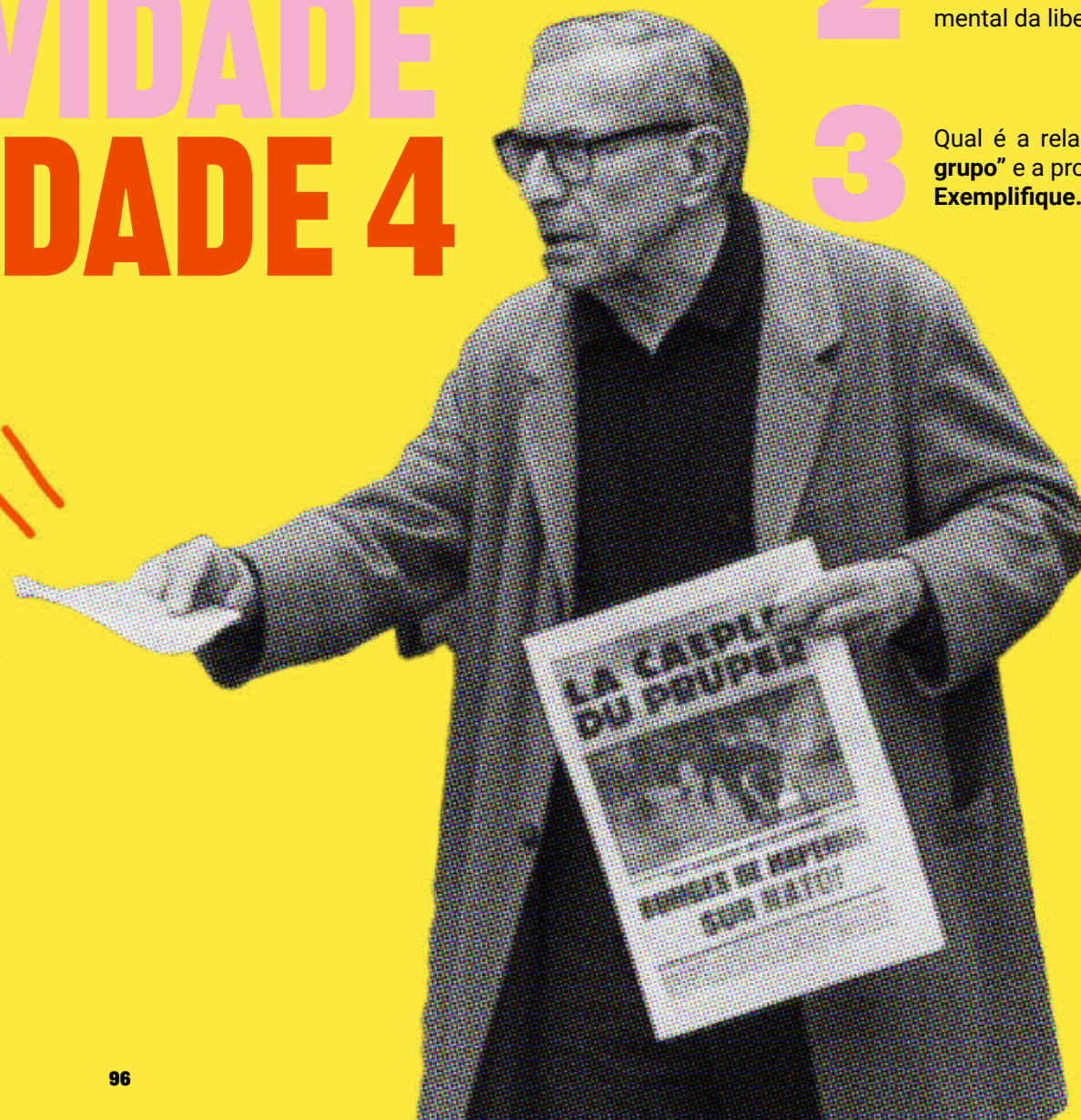
Por que o método cartesiano pode ser considerado como uma proposta que navega entre o espírito da ciência e o espírito da liberdade?

2

Por que Jean-Paul Sartre considera a dúvida metódica como um ato fundamental da liberdade humana?

3

Qual é a relação entre a “**dialética do grupo**” e a proliferação de “**fake news**”? Exemplifique.



A COMUNICAÇÃO NO AUTORITARISMO:

A QUEDA DA REPÚBLICA DE WEIMAR



* O uso da simbologia nazi **foi necessário** para uma melhor representação das atrocidades da época.



Depois da derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, a cidadania proclamou uma nova constituição na cidade de Weimar, que entrou em vigor em 11 de agosto de 1919. A jovem república caracterizou-se pela instabilidade política e as sucessivas crises econômicas. **Em 1923, Adolf Hitler protagonizou uma tentativa de golpe de Estado denominado "O Golpe da Cervejeira", que seria a semente para que o nazismo suplantasse definitivamente a República de Weimar.**

O fim da República de Weimar

Destacam-se uma série de três acontecimentos para explicar o ascenso e a consolidação do líder do partido Nacional Socialista no poder, a redação de uma nova constituição e o começo do Terceiro Reich.

Decreto do Incêndio do Reichstag

Imaginando o ascenso ao poder pela via democrática, Adolf Hitler tenta repetir o sucesso das eleições de julho 1932 - nas quais obteve 37% dos votos - mas tanto em novembro de 1932 quanto em janeiro de 1933 não consegue superar os

33% e percebe que sua popularidade diminuíra enquanto o apoio aos comunistas e aos social-democratas crescia ou se matinha firme. Já decidido a abandonar a via democrática, aproveitou um incêndio no parlamento perpetrado "supostamente" por um simpatizante do partido comunista, fato que Hitler utiliza para promulgar o Decreto do Incêndio do Reichstag.

Tal decreto garantiu a suspensão das liberdades civis, como a liberdade de imprensa, liberdade de expressão, liberdade pessoal, direito de associação e de reuniões públicas, privacidade nos correios e telefones, proteção da casa e propriedades. O decreto também permitiu absorver as faculdades estaduais, centralizando o poder na figura de Hitler, e estabelecer a pena de morte para queima de edifícios públicos de forma retroativa.

Lei de Concessão de Plenos Poderes

Utilizando o Decreto do Incêndio do Reichstag, Adolf Hitler remove do parlamento as 81 cadeiras do partido comunista e 20 cadeiras das 120 que tinha o partido social democrata para garantir uma nova maioria parlamentar que lhe permitisse reformar a constituição com uma nova lei, intitulada **Lei para a Remoção da Angústia do Povo e do Reich**. Com a aprovação da nova lei, Adolf Hitler absorve as atribuições legislativas do parlamento. Tais atribuições garantiam-lhe que as leis sancionadas pelo Reich pudessem ser contrárias à constituição vigente ou liberdade para assinar tratados internacionais sem controle parlamentar.

A Noite das Facas Longas

Paranóico em seu recente ascenso ao poder, em 1934, Adolf Hitler decide utilizar seu corpo militar de elite, denominado **SS (Schutzstaffel)**, e a polícia secreta do Estado, chamada de **Gestapo (Geheime Staatspolizei)**, para realizar uma gigantesca purga na Alemanha com o objetivo de livrar-se principalmente das **SA**, comandadas por Ernest Rhom e popularmente conhecidas como **camisas pardas**. Motivados por ambições próprias, os **camisas pardas** eram o único impedimento a Hitler de tomar completamente o controle do partido nazista e da Alemanha. Durante a noite do 30 de junho de 1934, foram assassinadas, no mínimo, 85 pessoas, integradas pelos críticos de Hitler, antigos inimigos e os líderes das **SA**.





**LEIS DA
PROPAGANDA
POLÍTICA**

**DE JOSEPH
GOEBBELS**



LEI DA SIMPLIFICAÇÃO E DO INIMIGO ÚNICO

A propaganda reconhece-se como inimiga do pensamento, seu conteúdo deverá ser o mais resumido e sintético possível, evitando comunicar ideias complexas.

Com o intuito de ter uma maior penetração na massa, a publicidade política deverá limitar-se apenas a um único objetivo. Pelo que deverá gerar um efeito **“contágio”**, no qual todas as características positivas ou negativas sejam relacionadas com um único indivíduo.

“ATACAR-SE-Á SEMPRE, CONSEQUENTEMENTE, A INDIVÍDUOS OU A PEQUENAS FRAÇÕES, E NUNCA A MASSAS SOCIAIS OU NACIONAIS EM CONJUNTO. ASSIM, HITLER JAMAIS PRETENDEU COMBATER A CLASSE OPERÁRIA MARXISTA, MAS ALGUNS ‘MARXISTAS-JUDEUS QUE SEGU-RAVAM OS CORDÕES’, JAMAIS A IGREJA, MAS ‘UMA SÚCIA DE PADRES HOSTIS AO ESTADO’”.

(DOMENECH, 2001, P. 22).

A simplificação usa constantemente uma série de enumerações com o objetivo de confundir em uma mesma aversão, por exemplo, a um político opositor, a um membro do clero e a um filósofo crítico.

“É O QUE SE CHAMA O MÉTODO DE CONTAMINAÇÃO, MEDIANTE O QUAL UM PARTIDO SUGERE QUE AS DIVISÕES DOS ADVERSÁRIOS NÃO PASSAM DE ARTIFÍCIOS DESTINADOS A ENGANAR O POVO, POIS, NA REALIDADE, SE ENTENDEM CONTRA ELE.”

(DOMENECH, 2001, P. 22).

Uma peculiaridade da propaganda nazista era que, uma vez delimitado o **“inimigo”** e simplificada a mensagem, era possível fazer uma transposição dos próprios defeitos. Como aponta Paul Reiwald,

“O FATO DE EMPRESTAR-SE AO INIMIGO OS PRÓPRIOS DEFEITOS E ATRIBUIR-LHE OS ATOS QUE SE ESTÁ A PONTO DE PRATICAR, TORNOU-SE, GRAÇAS A HITLER, A PECULIARIDADE DA PROPAGANDA NACIONAL-SOCIALISTA”.

(DOMENECH, 2001, P. 22).

Para produzir uma propaganda em **“atacado”** é necessário vulgarizar seu conteúdo para aumentar a quantidade de usuários com a capacidade de consumi-la.

“LÊ-SE NO MEIN KAMPF: ‘TODA PROPAGANDA DEVE ESTABELECEER SEU NÍVEL INTELLECTUAL SEGUNDO A CAPACIDADE DE COMPREENSÃO DOS MAIS OBTUSOS DENTRE AQUELES AOS QUAIS SE DIRIGE. SEU NÍVEL INTELLECTUAL SERÁ, PORTANTO, TANTO MAIS BAIXO QUANTO MAIOR A MASSA DE HOMENS QUE SE PROCURA CONVENCER.’”

(DOMENECH, 2001, P. 22).

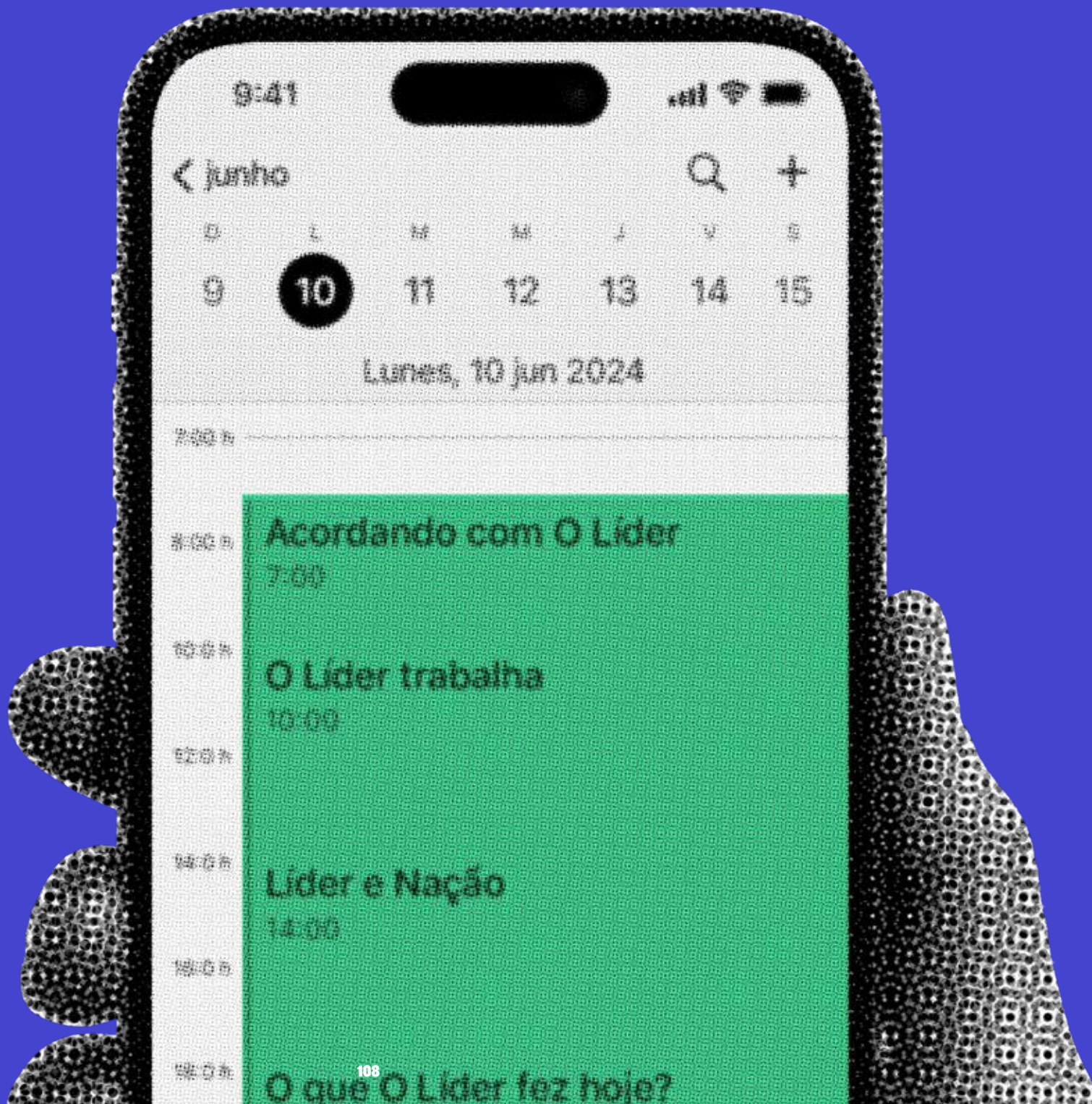
LEI DA AMPLIAÇÃO E DESFIGURAÇÃO

A desfiguração de fatos - exaltando, por exemplo, uma frase casual ou o passo inocente de um navio desconhecido como fatos perigosos para a população - é amplamente utilizada na propaganda política, por exemplo: "A imprensa alemã apresentava uma greve nos Estados Unidos; ela não dizia:

"ROOSEVELT REALIZA UMA ARBITRAGEM, RECUSADA PELOS GREVISTAS", E, SIM: 'OS GREVISTAS RESPONDEM À ESTÚPIDA POLÍTICA SOCIAL DE ROOSEVELT COM A RECUSA DA ARBITRAGEM'

(DOMENECH, 2011, P. 22)

Para uma propaganda não ser esquecida devido ao bombardeio informativo que sofre o indivíduo, é necessário que ela se repita incansavelmente.



LEI DA ORQUESTRAÇÃO

Partindo da afirmação de Goebbels : **A Igreja Católica mantém-se porque repete a mesma coisa há dois mil anos. O Estado nacional-socialista deve agir análogamente, estabelece-se que essa mensagem simplificada, de fácil compreensão e com um único objetivo deve, também, repetir-se durante grandes períodos de tempo.**

Não obstante, a repetição incessante de uma mesma mensagem será sumamente tediosa e contraproducente na fixação da mensagem na massa. Por isso, a publicidade precisa renovar-se constantemente, exibindo os diversos aspectos que a compõem.

Como insiste Hitler em Mein Kampf:

“A PROPAGANDA DEVE LIMITAR-SE A PEQUENO NÚMERO DE IDÉIAS E REPETI-LAS INCANSAVELMENTE. AS MASSAS NÃO SE LEMBRARÃO DAS IDÉIAS MAIS SIMPLES A MENOS QUE SEJAM REPETIDAS CENTENAS DE VEZES. AS ALTERAÇÕES NELA INTRODUZIDAS NÃO DEVEM JAMAIS PREJUDICAR O FUNDO DOS ENSINAMENTOS A CUJA DIFUSÃO NOS PROPOMOS, MAS APENAS A FORMA. A PALAVRA DE ORDEM DEVE SER APRESENTADA SOB DIFERENTES ASPECTOS, EMBORA SEMPRE FIGURANDO, CONDENSADA, EM UMA FÓRMULA INVARIÁVEL, À MANEIRA DE CONCLUSÃO”.

(DOMENACH, 2001, P.24).

Esse tipo de renovação, quando vem de diferentes fontes, termina dando uma aura de verossimilhança ao “fato” apresentado. Por exemplo, Goebbels contava com o controle total da imprensa alemã e, para preparar as agressões à Polônia,

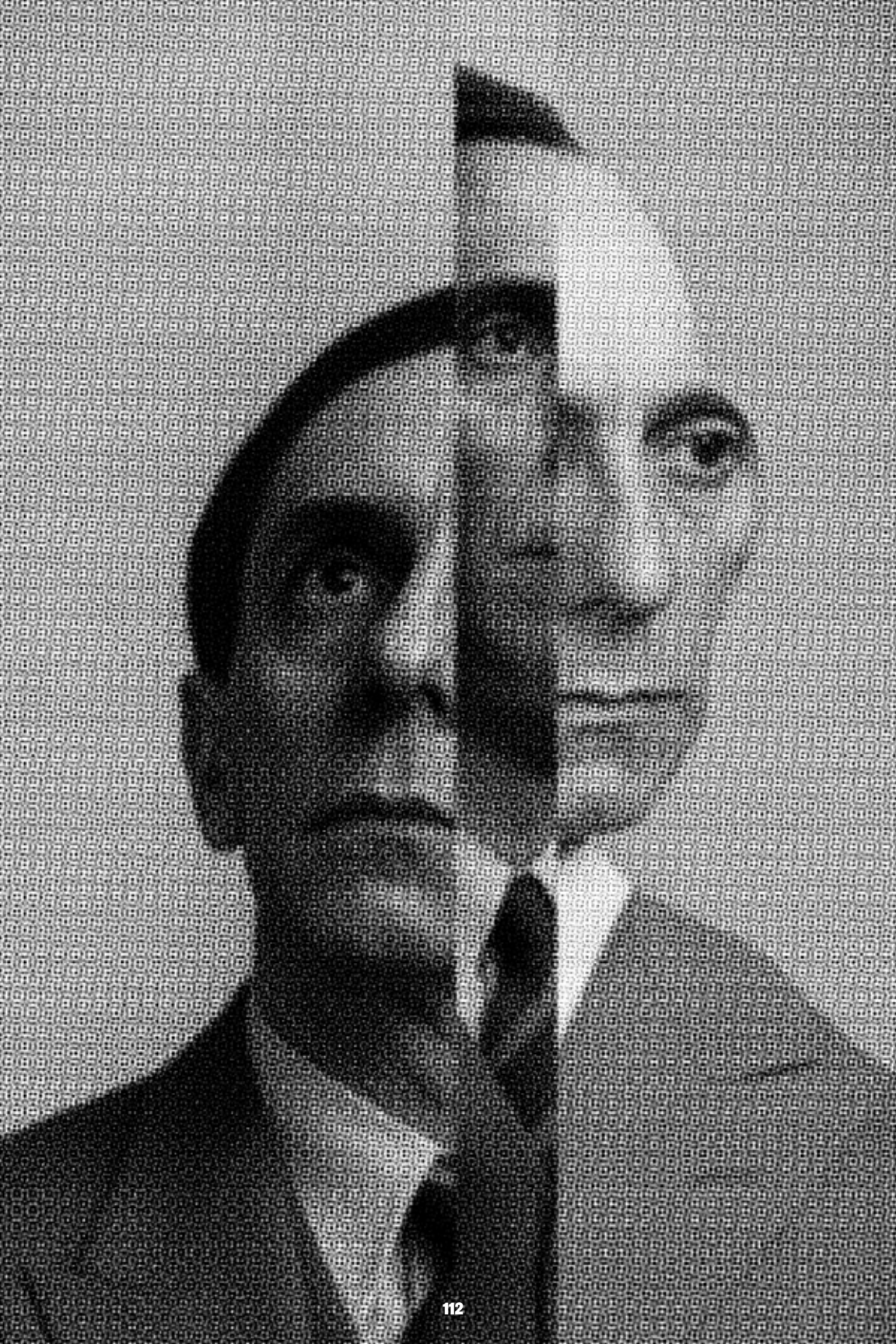
“OS JORNAIS DAS REGIÕES FRONTEIRIÇAS PRINCIPIARAM POR FORNECER ‘INFORMAÇÕES’ ACERCA DAS ATROCIDADES SOFRIDAS PELAS MINORIAS ALEMÃS; A SEGUIR, ESSES RELATOS FORAM ‘REPRODUZIDOS’ POR TODOS OS JORNAIS COMO SE VIÉSSEM DE FONTES DIFERENTES, E, CONSEQUENTEMENTE, APARENTANDO AUTENTICIDADE COMPLEMENTAR.”

(DOMENACH, 2001, P.25).

Uma boa orquestração, é, por outra parte, um mecanismo de silenciamento. Goebbels insistia em que era preciso fazer constantemente revelações, mudar os argumentos, a tal ritmo que as respostas do adversário não acompanhassem a atenção do público. De modo que

“SUAS RESPOSTAS SUCESSIVAS NÃO CONSEGUIRÃO RECOBRAR O FLUXO ASCENDENTE DAS ACUSAÇÕES, E O ÚNICO RECURSO SERÁ RECUPERAR A INICIATIVA, SE PUDER, E ATACAR COM MAIOR RAPIDEZ AINDA.”

(DOMENACH, 2001, P.25).



LEI DE TRANSFUSÃO

É impossível inocular uma ideia na população a partir do nada. A propaganda eficiente, regra geral, trabalha sempre sobre o preexistente, seja uma mitologia nacional (uma revolução, uma batalha, etc.) ou o complexo de ódios e de preconceitos típicos (os filósofos são todos maconheiros, ergo, na faculdade de humanidade só tem droga).

“PRINCÍPIO CONHECIDO POR TODO ORADOR PÚBLICO É O DE QUE NÃO SE DEVE CONTRADIZER FRONTALMENTE UMA MULTIDÃO, MAS DE INÍCIO, DECLARAR-SE DE ACORDO COM ELA, ACOMPANHANDO-AS ANTES DE AMOLDÁ-LA AO ESCOPO VISADO.”

(DOMENACH, 2001, P.26)

LEI DE UNANIMIDADE E DE CONTAGIO



A falha comum das pesquisas de **opinião** a respeito de qualquer assunto deve-se a que um indivíduo pode afirmar duas opiniões diferentes ou, inclusive, contrárias a respeito da mesma questão. Esse fenômeno é fundado no fato de que o indivíduo é amplamente sugestionado pelo grupo social a que pertence (Igreja, partido político, time etc.), ainda que essa visão coletiva seja contrária à sua visão privada.

“A MAIORIA DOS HOMENS TENDE ANTES DE TUDO A ‘HARMONIZAR-SE’ COM OS SEUS SEMELHANTES [...] DECORRE DESSE FATO QUE INÚMERAS OPINIÕES NÃO PASSAM, NA REALIDADE, DE UMA SOMA DE CONFORMISMO, E SE MANTÊM APENAS POR TER O INDIVÍDUO A IMPRESSÃO DE QUE A SUA OPINIÃO É A ESPOSADA UNANIMEMENTE POR TODOS NO SEU MEIO. EM CONSEQUÊNCIA, SERÁ TAREFA DA PROPAGANDA REFORÇAR ESSA UNANIMIDADE E MESMO CRIÁ-LA ARTIFICIALMENTE.”

(DOMENACH, 2001, P.27)

**AGORA EU VOU TE ENSINAR COMO
DESTRUIR O PENSAMENTO AUTÔNOMO EM
CINCO RÁPIDOS PASSO**





Paso 1: A propaganda política é inimiga do pensamento: quanto mais resumida e sintética, melhor! Nada de ideias complexas! A propaganda deve focar em um único objetivo.

01



Paso 2: Quanto mais bizarro o conteúdo da propaganda política, mais atraente esta será. Não importa o quanto a gente desfigure os fatos, o importante é produzir uma propaganda "em atacado".

02

Paso 3: Não importa do que nos acusem, as nossas acusações sempre serão mais terríveis e se veicularão pela maior quantidade de meios possíveis.

03

118



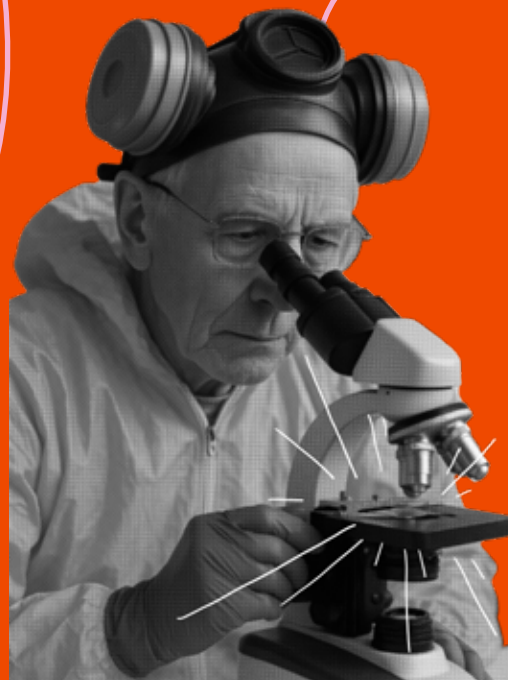
Paso 4: Sempre trabalharemos sobre o já conhecido. Assim, nossas afirmações parecerão familiares.

04



Paso 5: O indivíduo é tímido e **amarela** antes de enfrentar a opinião da maioria. Devemos simular que essa opinião acompanha nossas afirmações.

05



119

FINALMENTE, MEU
TERCER REICH,
ESTÁ VIVO!



BRASILE AS FAKE NEWS

COM AS REDES SOCIAIS, OS SOCIAL BOTS E UM NOVO COMPORTAMENTO NO CONSUMO DE INFORMAÇÃO, TEVE INÍCIO UMA NOVA CRISE INFORMATIVA DENOMINADA FAKE NEWS, E O BRASIL NÃO ESTÁ ISENTO.

PERGUNTAS

- 1** Escolha entre 3 e 5 imagens ou capturas de tela que comuniquem a mesma fake news desde diferentes fontes, redes sociais ou estilos (aparência de conteúdo científico, memes, aparência de notícia jornalística etc.) e que tenha afetado a sociedade brasileira.
- 2** Tendo em consideração os fatores essenciais para que uma informação seja catalogada como fake news, explique por que as imagens representam o tipo de desinformação reconhecida no fenômeno das fake news.
- 3** Que tipo de dano elas ocasionaram à sociedade brasileira? Esse dano foi revertido? Caso contrário, o que deveria ser feito para consertar o problema?
- 4** Como os filósofos apresentados na disciplina poderiam contribuir tanto para evitar essa situação de desinformação quanto para deter a viralização do conteúdo e minimizar os danos?
- 5** Qual é o fenômeno que fortalece a viralização de fake news? Por quê? As fake news potencializadas por dito fenômeno podem representar um perigo para a democracia? Justifique.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUDRILLARD, J. **A troca simbólica e a morte**. São Paulo: Edições Loyola, 1996

BAUDRILLARD, J. **La guerra del golfo no ha tenido lugar**. 1991.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulações**. Tradução de João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d' água. 1991

CAZARRÉ, M. **Brasil é um dos países com maior cobertura de vacinação**. **Agencia Brasil**. Acesso em: 20/08/2025

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-09/brasil-e-um-dos-paises-commaior-cobertura-de-vacinacao>>.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2019.

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2022.

DOMENACH, Jean-marie. **A Propaganda Política**. Tradução de Néilson Jahr Garcia. São Paulo. 2001.

J.S. FARO. **Giordano Bruno ensaios, estudos e pesquisas**. Acesso em 20/08/2025

<<https://www.jsfaro.net/tem%C3%A1ticos-e-seminais/sala-giordano-bruno-ensaios-estudospesquisas>>

LIVIO, Mario. **Galileu e os negadores da ciência**. Tradução de Marina Vargas.- 1. ed.- Rio de Janeiro: Record, 2021.

BIBLIOGRÁFICAS

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia; tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

PUEYO, Tomás. **Coronavirus: The Hammer and The Dance**. Acesso em 20/08/2025:<<https://tomaspuero.medium.com/coronavirus-the-hammer-and-the-dance-be9337092b56>>

SARTRE, Jean-Paul. **A Crítica da Razão Dialética**. Tradução de Guilherme João de FreitasTeixeira. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **As Mãos Sujas**. 2025. Acesso em 20/08/2025: <<https://ww3.lectulandia.com/book/las-manos-sucias/>>

SARTRE, Jean Paul. **A Transcendência do Ego: esboço de uma descrição fenomenológica; introdução e notas, Sylvie Le Bom**; tradução de João Batista Kreuch. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

SARTRE, Jean Paul. **El hombre y las cosas; tradução de Luis Echavarrí**. – Buenos Aires: Losada, 1960.

SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**; tradução de João Batista Kreuch. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SARTRE, Jean Paul. **¿Qué es la literatura?**. Buenos Aires: Editorial Losada, 2025.

UOL. Vacinação retrocede no Brasil, outrora exemplo mundial. Acesso em 20/08/2025: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2023/07/10/vacinacao-retrocede-no-brasil-outora-exemplo-mundial.htm>>

Que tipo de prova o senhor quer? 22:05

Sabemos que as vacinas causam **autismos** em crianças, e a mais de 10 anos a Kerri Rivera conseguiu reverter o **autismo** de mais de 800 crianças, neutralizando os metais pesados, e eliminando os patógenos e as toxinas...

1 22:06

Deleted Account

Boa noite a todos e agora sou muito grata a Deus por estar em um grup...

Pois eu lhe afirmo que cura. Sou mãe de um garotinho de 6 anos no TEA e na idade da sua filha ele não falava.

Totalmente comprometido. Faz duas semanas de uso do **MMS** e ele está absurdamente incrível. 2 anos e meio de diagnóstico fechado. Médicos não têm respaldo para exigir nada de nós pq eles querem que o autismo seja maior que nós e nossos filhos. Todo conhecimento vem de Deus. E o conhecimento liberta. Seja forte e seja maior que qualquer comentário que não edifica.

15:12

kerri@realkerririvera.com

- **USOS DO DIÓXIDO DE CLORO (DC)**
- **O DIÓXIDO DE CLORO É ANTIBACTERIANO, ANTIFÚNGICO, ANTIVIRAL, ANTI-PARASITÁRIO, REDUZ A INFLAMAÇÃO E NEUTRALIZA METAIS PESADOS...**
- **O GÁS DO DIÓXIDO DE CLORO PODE PASSAR PELAS MEMBRANAS DAS CÉLULAS BACTERIANAS E CAUSAR MORTE CELULAR BACTERIANA NA FAIXA DE PH DE 3-9.**
- **EM TESTES DE LABORATÓRIO, O DIÓXIDO DE CLORO FOI MAIS EFICAZ NA INATIVAÇÃO DOS ESPOROS DOS FUNGOS DO QUE NO CLORO. DC INATIVOOU ESPOROS FÚNGICOS POR DANIFICAR A PAREDE CELULAR E A MEMBRANA CELULAR, CAUSANDO ASSIM O VAZAMENTO DE SUBSTÂNCIAS CELULARES E, EVENTUALMENTE, MORTE DOS FUNGOS. (MOFO/CÂNDIDA).**
- **EM OUTRO ESTUDO, UMA SOLUÇÃO DE DIÓXIDO DE CLORO REDUZIU 98,2% DAS BACTÉRIAS E FUNGOS EM UM TESTE DE LABORATÓRIO (E. COLI, STAPHYLOCOCCUS, PSEUDOMONAS, LISTERIA, SALMONELA, CANDIDA ALBICANS, ETC).**

18 de abril de 2019 · 🌐

Pra quem não conhece existe uma solução chamada "SOLUÇÃO MINERAL MILAGROSA"... escondida do grande Público... Proibida no Brasil pois a indústria Farmacêutica não pode vendida.Descoberta dès de 1940 por um médico Alemão... A possível Cura destas Doenças,Autismo, Tumores, Problema mentais, Aids , Câncer. entre outros doenças... Alguns testemunhos de cura inclusive " Câncer LinFatico"... Compartilhe pra que chegue a mais pessoas ...



25 de mayo de 2020 · 🌐



#DOSÁRIOHOMEOPÁTICODACASADEALQUIMIAFLORDAALMA:

Dióxido de Cloro - MMS – Solução Mineral Milagrosa, produzido em sistema de alquimia para uso homeopático. Antibiótico – Antivirótico – Antiparasitário – Inofensivo ao Organismo humano. Fundamentado na Lei 971 de Terapias Integrativas de 03 de Maio de 2006. (Solicite Bula in box). "O Universo está entregando uma coisa muito valiosa que chegou até você. Mata vírus, bactérias, cândida, parasitas, oxida metal pesado de processos inflamatórios, estimula o sistema imune, biofilme, liberando Oxigenio no organismo. (Dr. Lair Ribeiro)."



Milhares de famílias são destruídas
pelo Câncer todos os dias.
Quem tem Câncer não tem
TEMPO pra esperar
A CURA pode estar aqui mesmo no BRASIL
e Tudo que nós pedimos é o direito de
TENTAR

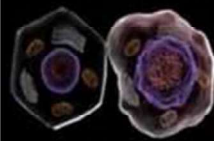


FOSFOETANOLAMINA

Conheça, apoie, ajude a salvar
milhares de vidas
VOÇÊ pode fazer a diferença



FOSFOETANOLAMINA



A esperança
proibida
contra o câncer!



Giseli Santos

23 de abril · 🌐

Não páram de chegar relatos da PHOSPHOPOWER 🥰🥰🥰

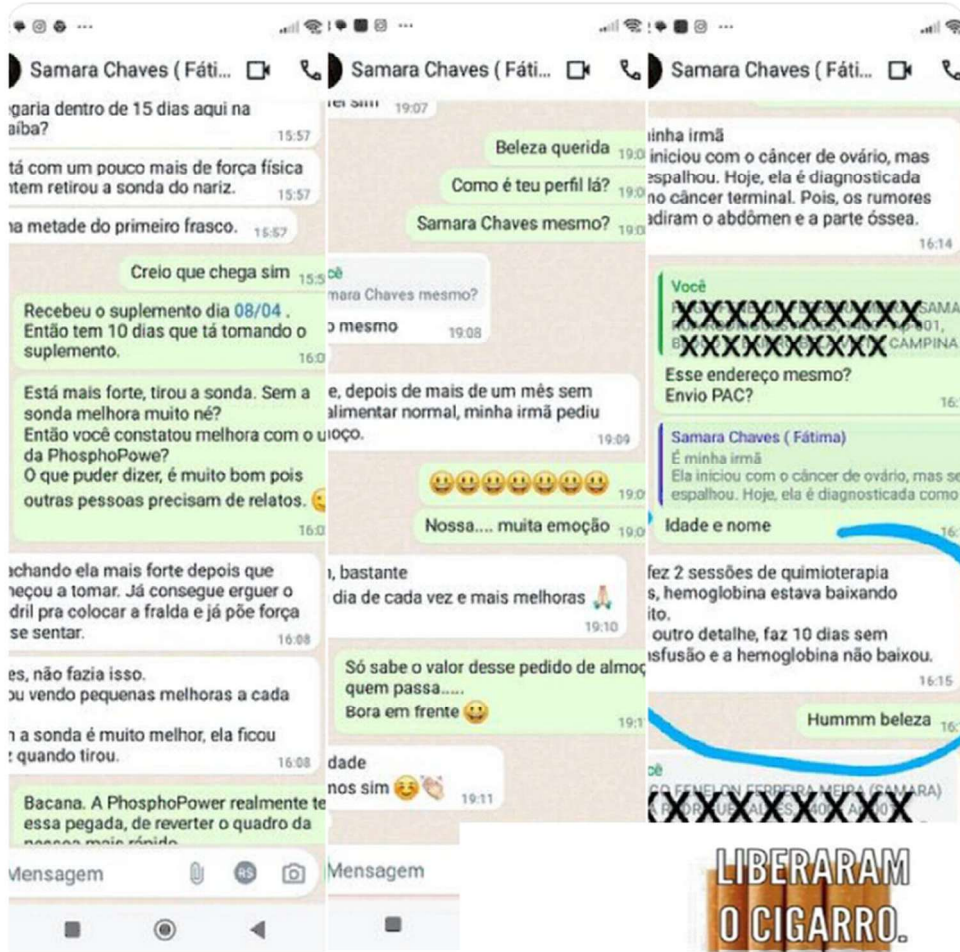
Sinto como se a causa revivesse e estivéssemos na época da USP, quando tínhamos um relato atrás do.outro 😊

Gratidão a Deus 🙏

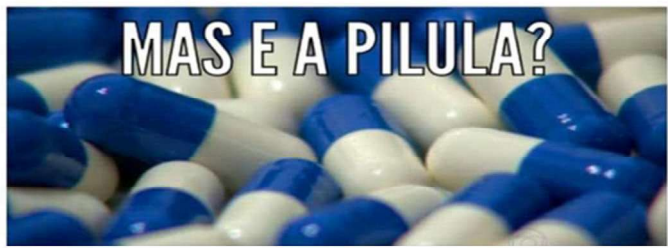
Esperança renovada e alegria definem meus sentimentos.

DATA DO RELATO: 18/04/2024

DEZ ... Ver más



LIBERARAM O CIGARRO.



AVALIAÇÃO INDIVIDUAL.

Nome do aluno:

Série:

Atividade 5: Identifique, sublinhe e especifique **as cinco** leis da propaganda política impulsionadas por Joseph Goebbels no texto a seguir. Justifique cada resposta explicando por que o trecho do texto escolhido relaciona-se com a lei indicada.

1) Lei da Simplificação e do Inimigo Único: a propaganda reconhece-se como inimiga do pensamento, **seu conteúdo deverá ser o mais resumido e sintético possível**, evitando comunicar ideias complexas.

Com o intuito de ter uma maior penetração na massa, **a publicidade política deverá limitar-se apenas a um único objetivo.**

2) Lei da Ampliação e Desfiguração: para produzir uma propaganda em “atacado” **é necessário vulgarizar seu conteúdo para aumentar a quantidade de usuários com a capacidade de consumi-la.**

A **desfiguração de fatos** - exaltando, por exemplo, uma frase casual ou o passo inocente de um navio desconhecido como fatos perigosos para a população - **é amplamente utilizada na propaganda política.**

3) Lei da Orquestração: **as massas não se lembrarão das idéias mais simples a menos que sejam repetidas centenas de vezes. As alterações nela introduzidas não devem jamais prejudicar o fundo dos ensinamentos a cuja difusão nos propomos, mas apenas a forma.** A palavra de ordem deve ser apresentada sob diferentes aspectos, embora sempre figurando, condensada, em uma fórmula invariável, à maneira de conclusão.

Esse tipo de renovação, quando vem de diferentes fontes, termina dando uma aura de **verossimilhança** ao “fato” apresentado.

Uma boa orquestração, é, por outra parte, **um mecanismo de silenciamento.** Goebbels insistia em que **era preciso fazer constantemente revelações, mudar os argumentos, a tal ritmo que as respostas do adversário não acompanhassem a atenção do público.**

4) Lei de Transusão: é impossível inocular uma ideia na população a partir do nada. **A propaganda eficiente**, regra geral, **trabalha sempre sobre o preexistente**, seja uma mitologia nacional (uma revolução, uma batalha etc.) ou o complexo de ódios e de preconceitos típicos.

5) Lei de Unanimidade e de Contágio: inúmeras opiniões não passam, na realidade, de uma soma de conformismo, e se mantêm apenas por ter o indivíduo a impressão de que a sua opinião é a esposada unanimemente por todos no seu meio. Em consequência, será **tarefa da propaganda reforçar essa unanimidade e mesmo criá-la artificialmente.**

“Carta aberta aos pais argentinos”

“Depois de 24 de março de 1976, você sentiu alívio. Você sentiu que a ordem estava retornando. Que todo o corpo social doente recebeu uma transfusão de sangue salvadora. Bom. Mas esse otimismo – pelo menos em excesso – também é perigoso. Porque um corpo gravemente doente precisa de muito tempo para se recuperar e, enquanto isso, os bacilos (bactérias) continuam o seu trabalho de destruição. Porque você tem que entender uma coisa, com clareza e para sempre. Nesta guerra não só as armas são importantes. Também livros, educação, professores. A guerrilha pode perder uma ou cem batalhas, mas terá vencido a guerra se conseguir infiltrar a sua ideologia na escola primária, na escola secundária, na universidade, no clube, na igreja. Esse é o seu principal objetivo. E é isso que ela ainda pode conseguir. Principalmente se você, que tem filhos, não está alerta.

Por exemplo: Você sabe o que seu filho lê? Vamos revisar. Sei que há escolas onde “Cem Anos de Solidão”, de Gabriel García Márquez, é um texto obrigatório. “Cem Anos de Solidão” é para muitos um romance bem escrito, interessante, cheio de ganchos e divertido. Mas... você leu? Talvez não. Você confia que é bom porque lê comentários, críticas, elogios. Porque foi um best-seller. Porque durante muito tempo metade do mundo falou dele. E de repente nessa confiança há um erro. Eu li e gostei. Mas eu sou um adulto. E eu tenho uma filha adolescente. O que você quer que eu lhe diga? Não gosto que minha filha adolescente leia - e menos ainda por obrigação - um romance que exala (exibe) sexo, hedonismo, infidelidades e descrições sicalípticas (eróticas). Em outras escolas, Cervantes não é mais lido. Foi substituído por Ernesto Cardenal, por Pablo Neruda e por Jorge Amado. Bons autores para adultos seguros do que querem, mas ruins para adolescentes assediados por mil formas sutis de infiltração e que ainda não sabem o que querem. Se você ainda não os leu, leia-os e tire conclusões. Isso também faz parte do seu trabalho e da sua responsabilidade neste momento e nesta guerra. Considere que, se não o fizer, de repente você terá que aceitar que “As Veias Abertas da América Latina”, por exemplo, seja um dos livros didáticos do seu filho. Não fique surpreso. Aconteceu.

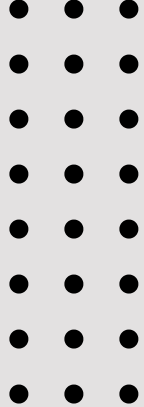
Por isso, por tudo isso e por muito mais, prudência. Cuidado. Vigilância.

Discuta as palavras que seu filho aprende todos os dias na escola. São palavras sonoras, musicais, que formam frases cheias de beleza. Mas elas contêm chaves que o inimigo usa para invadir a mente do seu filho. Um certo tom classista nos comentários, a palavra “compromisso”, descrições do mundo como um mundo de pobres e ricos, e da história como uma eterna luta de classes. Utilizando este trampolim, salta-se rapidamente da educação bancária (a tradicional, aquela que conhece hierarquias: o aluno no banco e o professor no estrado (posição elevada)) para a “educação libertadora” defendida por Paulo Freire, ideólogo de Salvador Allende. Você sabe o que postula a “educação libertadora”? Te digo. Sem hierarquias. Igualdade entre professores e alunos. Aquele que sabe e o ignorante são iguais. Em uma palavra: anarquia.

De agora em diante muita coisa – quase tudo – depende de você. Não basta amaciar o uniforme, comprar os livros e cadernos e pagar a escola. Existem outras responsabilidades mais profundas. Tome cuidado. Não se surpreenda Interesse-se. Descubra e controle. Esta carta não pretende alterá-lo, senhora, senhor. Os bons e velhos tempos acabaram. Senhorita Rodriguez pode ser uma gracinha. Mas não deixe tudo para os outros. Porque se você for desinteressado, não terá o direito de culpar o destino ou a fatalidade quando te chamarem do necrotério.

Um amigo...

REVISTA “GENTE”.

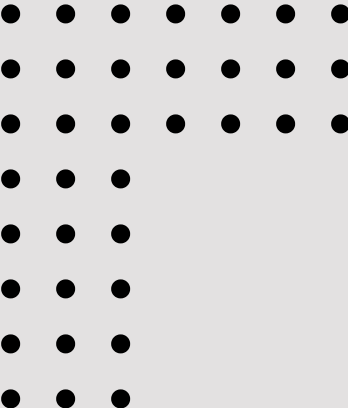


ANÁLISE DO FENÔMENO DAS “FAKE NEWS”

POR QUE “FAKE NEWS”?

AS “FAKE NEWS” COMO INTOLERÂNCIA

PANDEMIA DO COVID-19

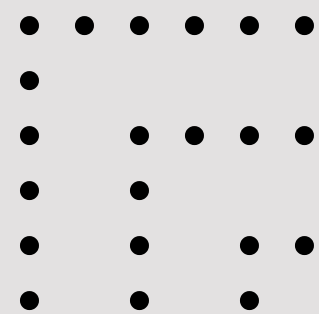




ANÁLISE DO FENÔMENO DAS “FAKE NEWS”

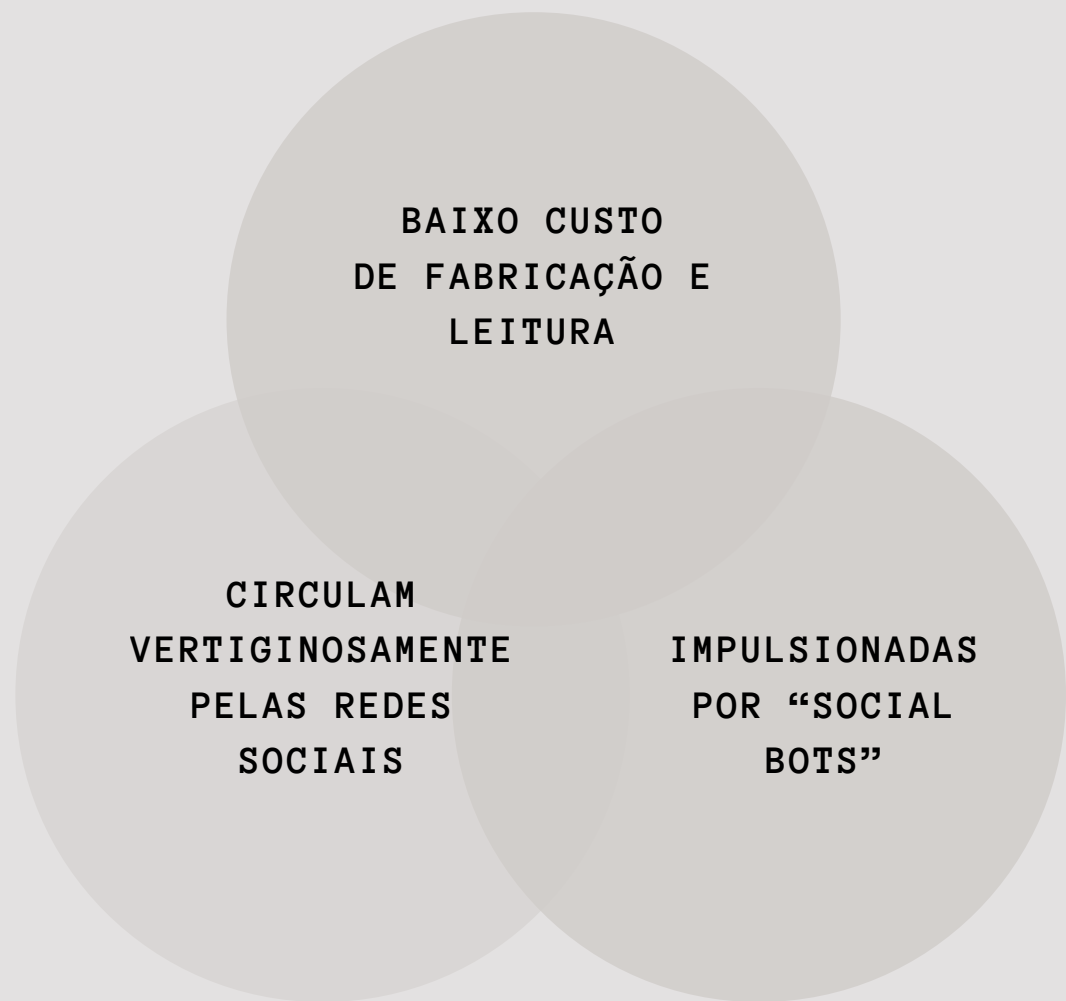


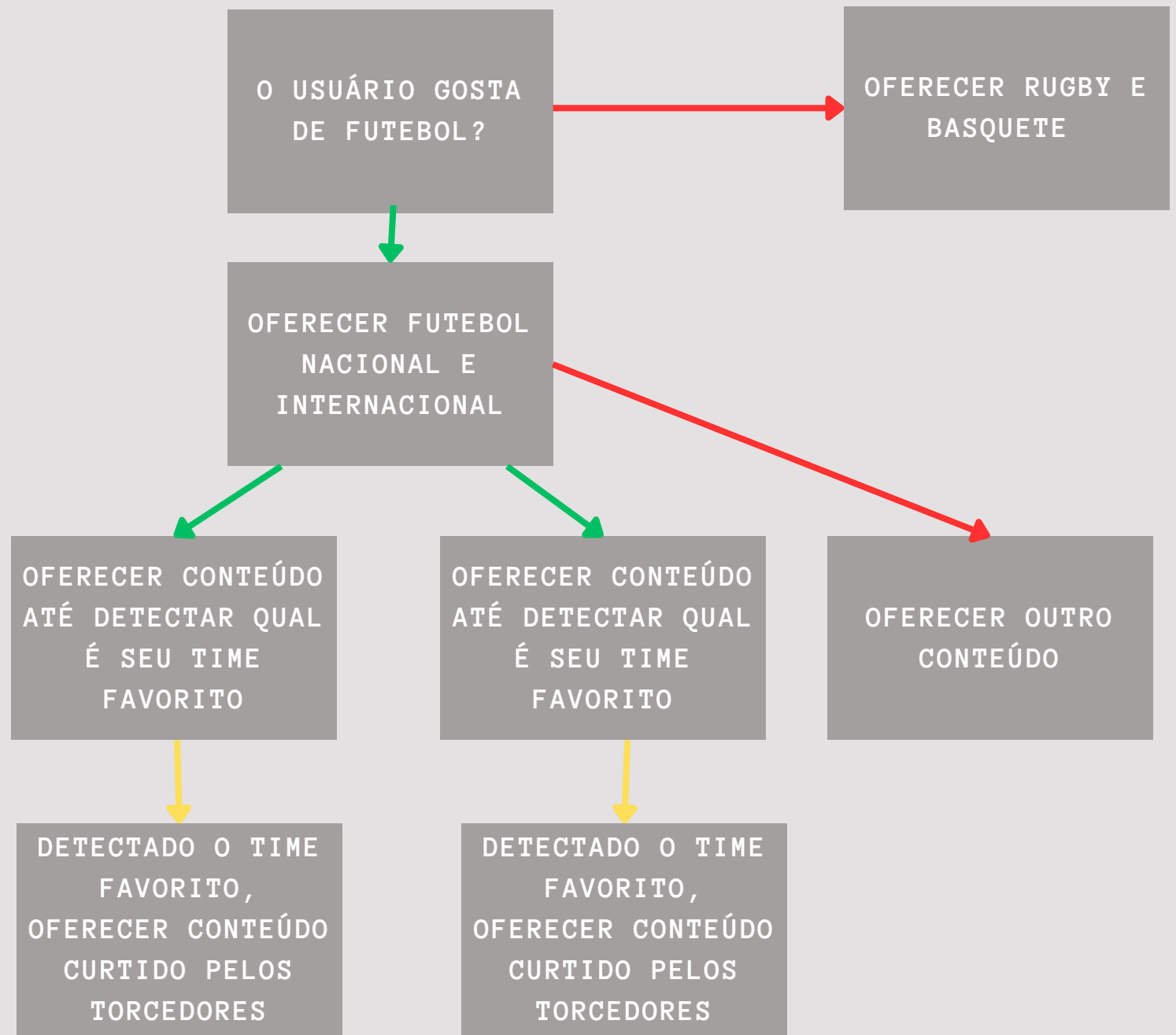
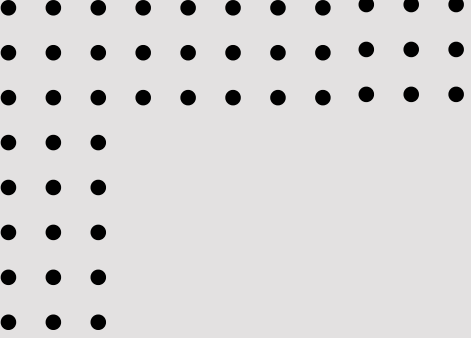




FAKE NEWS

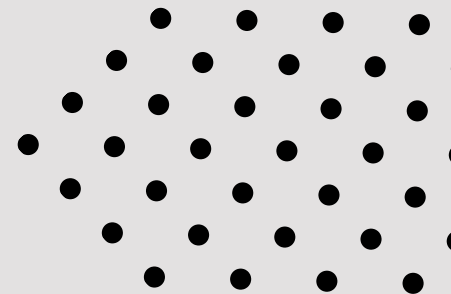
Notícias falsas ou informações mentirosas que são **compartilhadas** como se fossem reais e verdadeiras, divulgadas em contextos virtuais, especialmente em **redes sociais** ou em aplicativos para compartilhamento de mensagens.



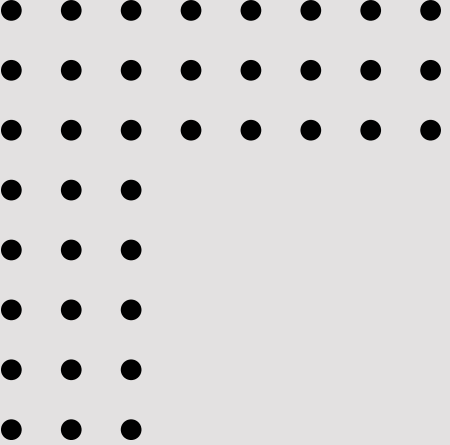


FAKE NEWS

- Considerada a palavra do ano em 2017 pelo dicionário Collins: informações falsas, majoritariamente sensacionalistas, **disseminadas** sob o **disfarce** de uma notícia jornalística.
- Enquanto as notícias clássicas são construídas por jornalistas, pode-se perceber que as “fake news” são **co-construídas pela audiência**, já que para ocorrer a viralização é necessário que a audiência **perceba o falso como real**.



Se a audiência tem um papel fundamental na propagação das “fake news”, acontecimentos que afetam as emoções pioram a situação. A polarização política, por exemplo, facilita a credulidade nas informações que alimentam o preconceito em relação ao polo oposto. Da mesma forma, uma crise sanitária que ocasione medo deixará a população mais crédula na existência de um medicamento milagroso ou na ideia de que a doença não existe.



POR QUE “FAKE NEWS”?





INFORMAÇÕES

FALSAS

informações falsas



"O DESERTO AVANÇA DE TODOS OS LADOS".

Para o desenvolvimento de uma **democracia plena**, na qual todas as vozes tenham representação legítima, é necessário recuperar a confiança na palavra do outro. Mediante o exercício da **autolimitação**, característica da democracia, uma cidadania comprometida fundará o limite entre a liberdade de expressão e a veiculação irresponsável de “fake news”, garantindo assim a homeostase entre os **direitos e as obrigações**.

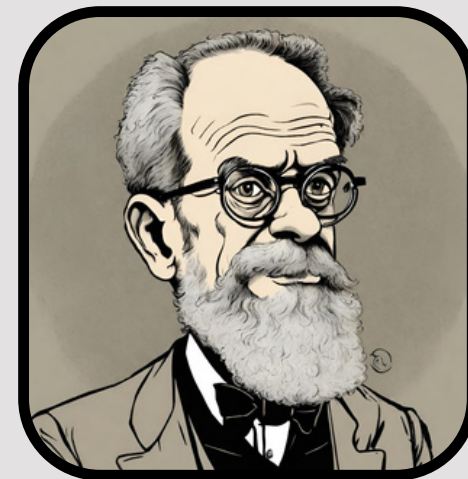


FRIEDRICH NIETZSCHE

INTENCIONALIDADE DA CONSCIÊNCIA

“Toda consciência é consciência de algo.”. Com esta afirmação, o filósofo Edmund Husserl estabelece a base da fenomenologia - ciência que estuda a consciência e os objetos da consciência - e funda uma relação **indissolúvel entre o sujeito e o mundo**.

Posteriormente, o filósofo Jean-Paul Sartre aporta vertigem à **consciência intencional** de Husserl...



EDMUND HUSSERL



JEAN-PAUL SARTRE

COEFICIENTE DE ADVERSIDADE

Com a formula “[...] a relação de interdependência que ela estabelece entre o Eu e o Mundo basta para que o Eu apareça como **‘em perigo’** diante do Mundo, para que o Eu drene do Mundo todo o seu conteúdo.”

Finalmente, Sartre faz da relação **consciência-mundo** o fator fundamental para compreender o **“coeficiente de adversidade”**, que é composto pelas dificuldades inevitáveis que cada sujeito precisa enfrentar para **afirmar sua liberdade**.



EDMUND HUSSERL



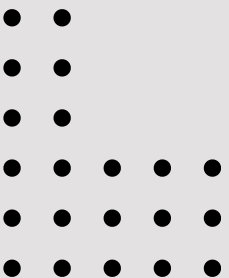
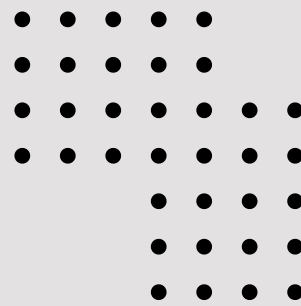
JEAN-PAUL SARTRE

LIBERDADE CARTESIANA COMO FUNDAMENTO DA AUTENTICIDADE

“De modo que o maior proveito que eu retirava era aprender [...] a não crer muito firmemente naquilo que me fora persuadido apenas pelo exemplo e o costume, e assim a **livrar-me** aos poucos de muitos erros que podem ofuscar nossa luz natural e nos tornar menos capazes de ouvir a razão”.



RENÉ DESCARTES



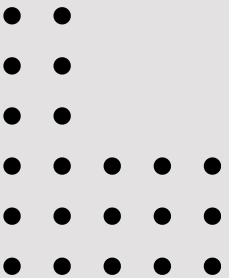
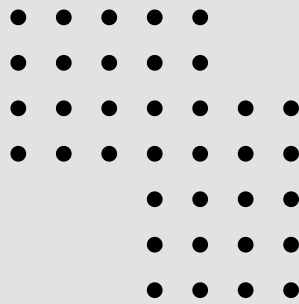
LIBERDADE CARTESIANA COMO FUNDAMENTO DA AUTENTICIDADE

“Sempre tive um extremo desejo de aprender a distinguir o verdadeiro do falso, para ver com clareza minhas ações e andar com **segurança** nesta vida.”

“Meu propósito nunca foi além de procurar reformar meus próprios pensamentos e construir num terreno que é **todo meu**.”



RENÉ DESCARTES





AS “FAKE NEWS” COMO INTOLERÂNCIA



QUAL É A FONTE DO PENSAMENTO FILOSÓFICO?

Assombro: Tanto diante da magnificência de um universo infinito, atemporal, quanto diante da finitude da vida e a nossa escassa, mas infinitamente valiosa, temporalidade.

Diálogo: não estamos sós neste mundo, o compartilhamos com outros humanos. Esses humanos são como nós porém não são idênticos a nós. Graças a essas diferenças é que se abre a possibilidade do diálogo para que eu conheça o outro e que o outro me conheça.

O diálogo pode ser filosófico, político, ético, amistoso, etc. sempre com a finalidade de **unir as pessoas**, de que uma pessoa possa **compreender** a outra.

O outro me completa e eu completo o outro.

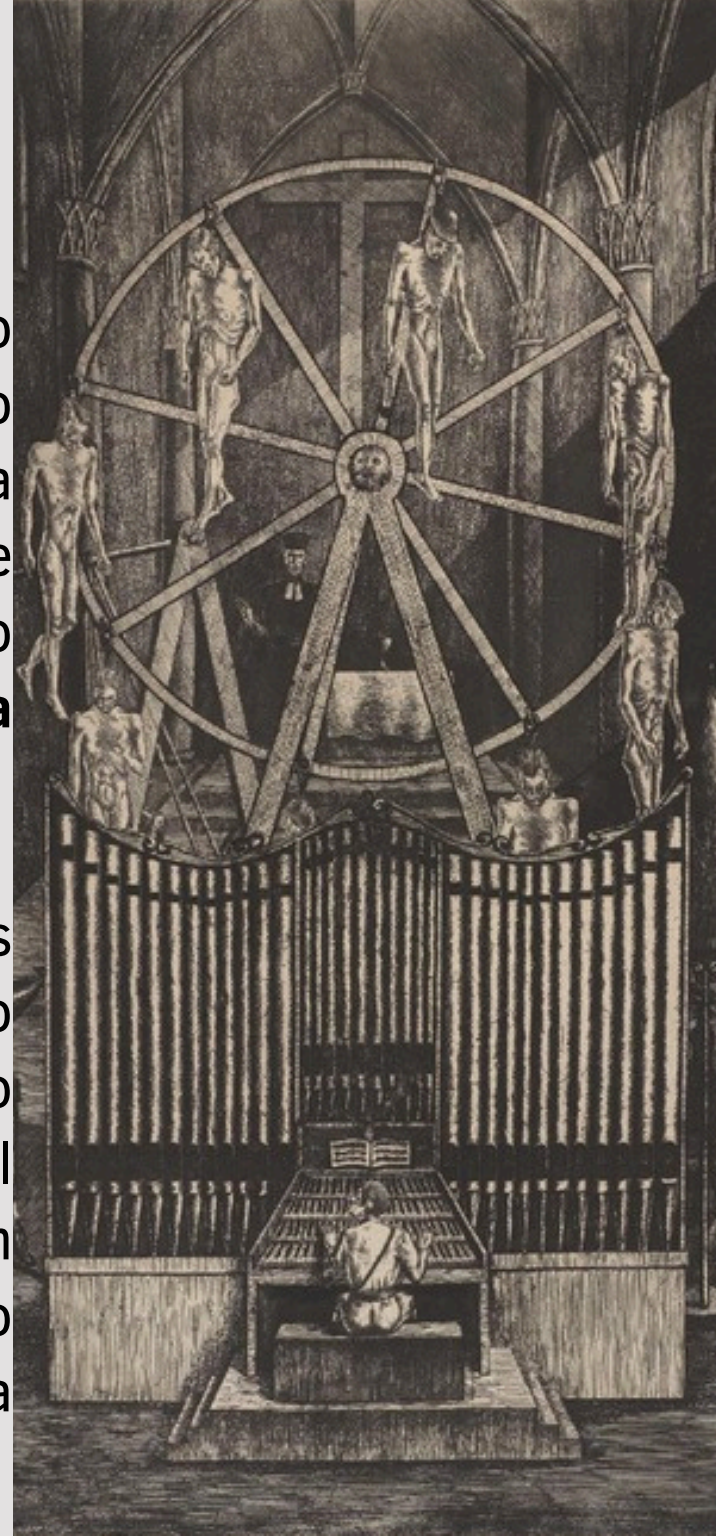


ESCOLA DE ATENAS

AS “FAKE NEWS” COMO A NEGAÇÃO DO OUTRO

“Uma mentira dita mil vezes torna-se verdade”? Para o publicista Joseph Goebbels, a verdade não surge do diálogo, do reconhecimento ou do respeito mútuo, mas é produto de uma maquinaria comunicacional que permite controlar o ambiente informativo do indivíduo para que este **receba e reproduza** uma **única mensagem**.

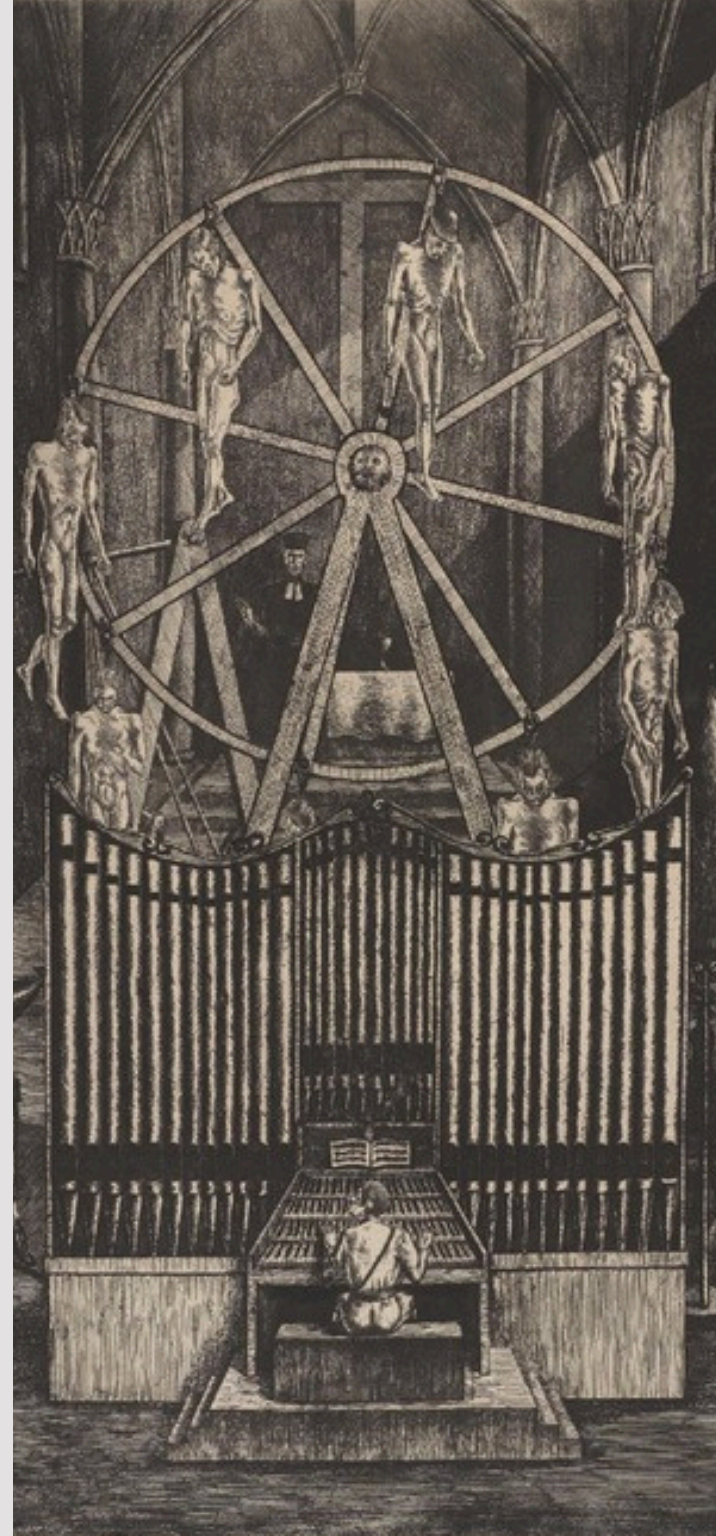
Com as “fake news” a situação tem mais similitudes que diferenças. Para a **viralização** do conteúdo marginal que elas contêm, é necessário que se ocupe o ambiente de comunicação digital com a presença dos “social bots”, que permitem **simular** uma opinião majoritária que acossa o sujeito com agressões, caso este exponha uma opinião contrária.



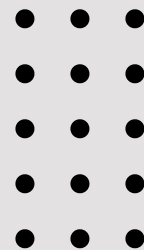
AS “FAKE NEWS” COMO A NEGAÇÃO DO OUTRO

No ambiente digital o diálogo é majoritariamente ilusório. Os indivíduos que são desbordados por essas “fake news”, que aparentam vir de diversas fontes, acabam por suspender o juízo e começar a **disseminá-las** incansavelmente.

Todo pensamento filosófico que podia emanar do diálogo é **negado** por um **indivíduo** que completa-se artificialmente replicando uma ideia alheia até que ela seja a única existente.

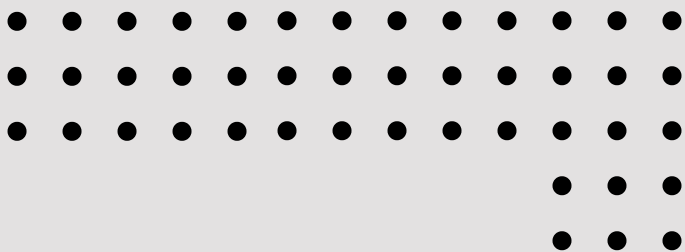


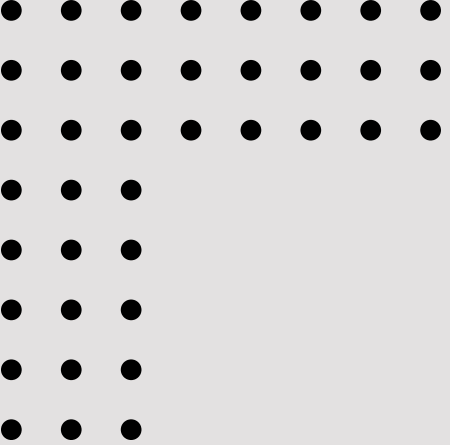
0 INDIVÍDUO NEGACIONISTA



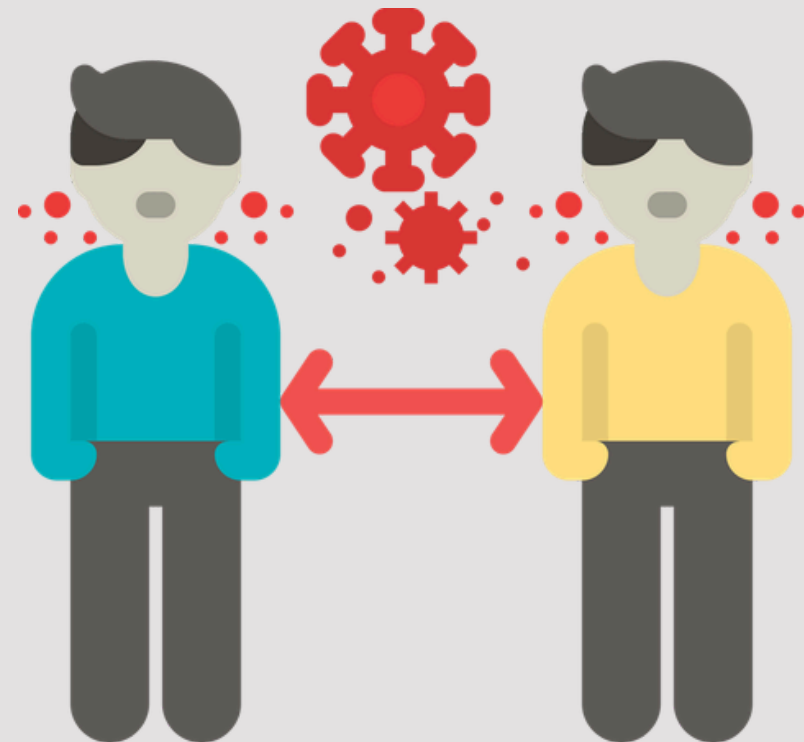
- 1 Desconhece o diálogo político, ético, amistoso, etc.
- 2 Consome e compartilha informação sem constatação alguma.
- 3 Adora conteúdo pseudocientífico.
- 4 Promove visões políticas autoritárias.
- 5 **Tem medo de vacina.**

MINHA PRECIOSA
TERRA PLANA

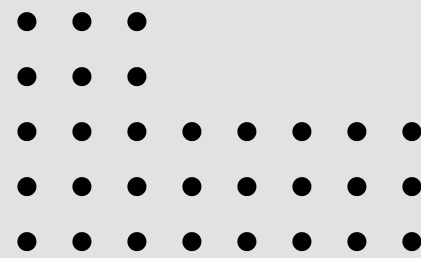




PANDEMIA DO COVID-19



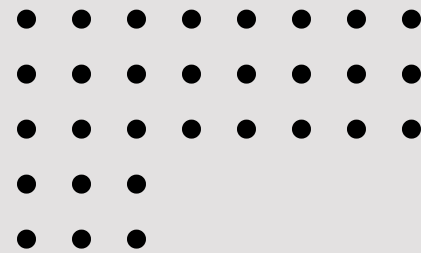
POR QUEM OS SINOS DOBRAM



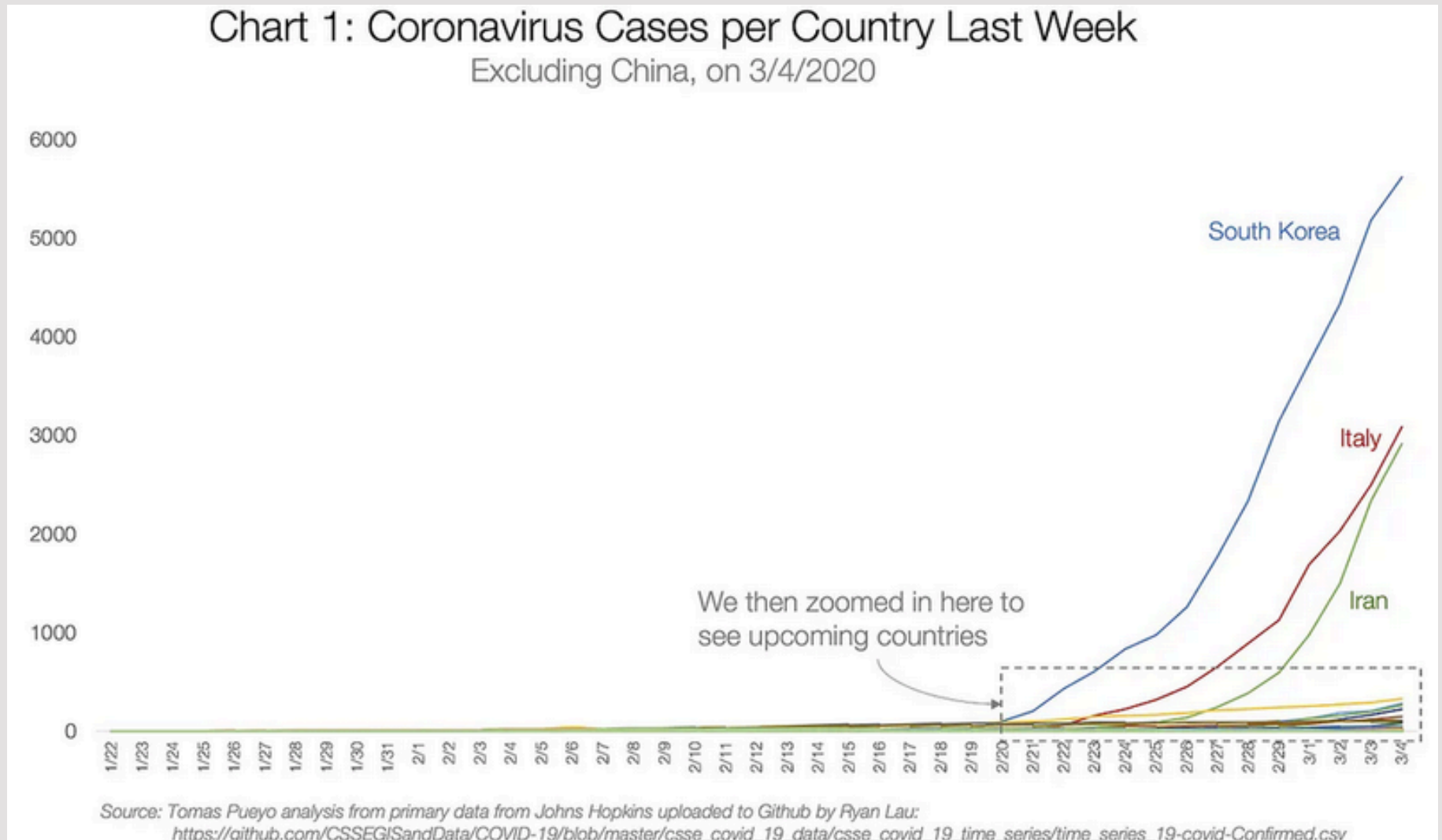
“Nenhum homem é uma ilha, um ser inteiro em si mesmo; todo homem é uma partícula do Continente, uma parte da terra. Se um pequeno torrão carregado pelo mar deixa menor a Europa, como se todo um promontório fosse, ou a casa de um amigo seu, ou até mesmo a sua própria, também a morte de um único homem me diminui, porque Eu pertença à Humanidade. Portanto, nunca procures saber por quem os sinos dobram. **Eles dobram por ti.**”



JOHN DONNE

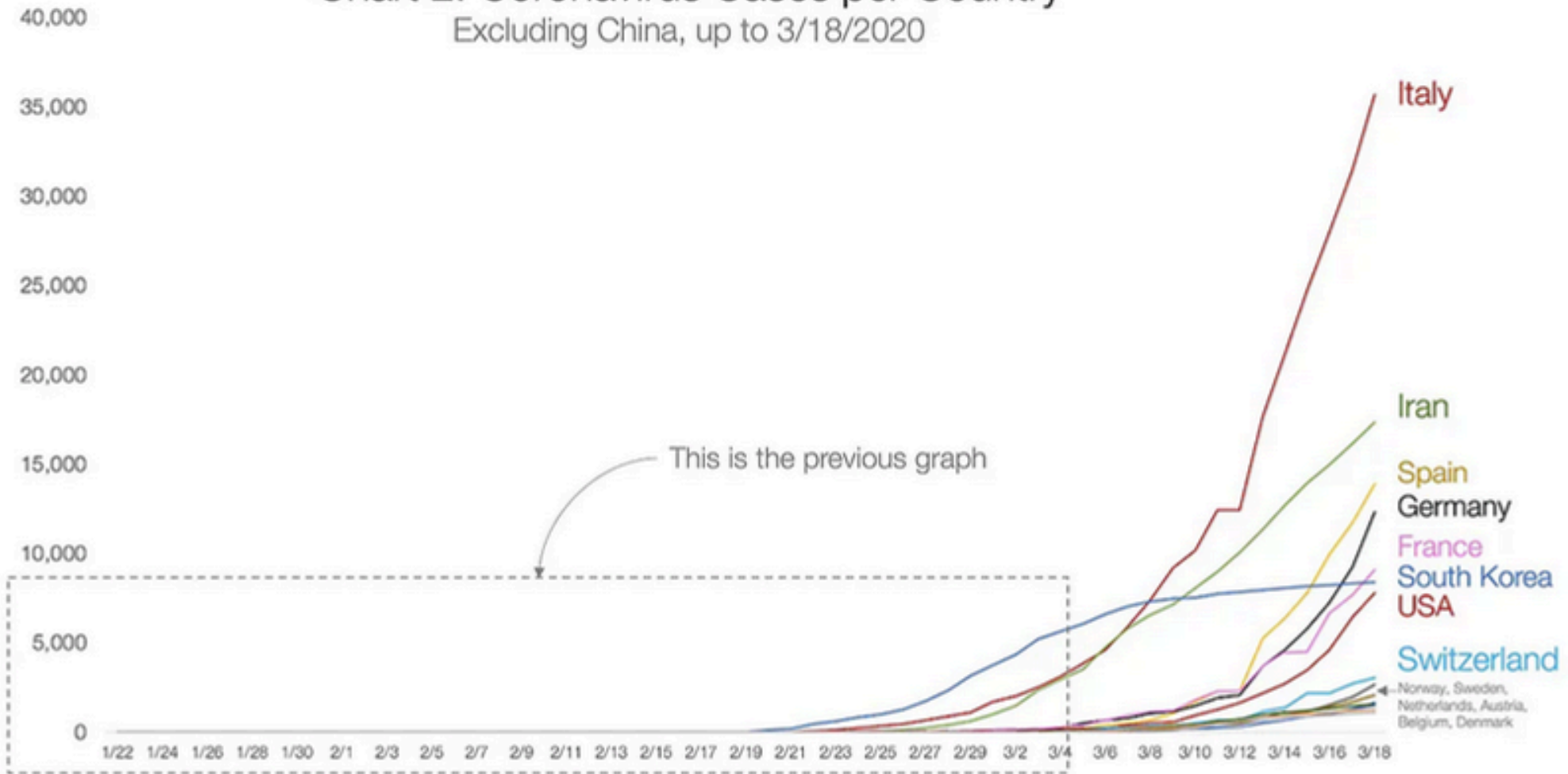


THE HAMMER AND THE DANCE 19\03\2020



No começo da pandemia foi predito que a maioria dos países iriam ter uma situação sanitária similar à dos primeiros três que experimentaram a violência da Covid-19.

Chart 2: Coronavirus Cases per Country
Excluding China, up to 3/18/2020



Source: Tomas Pueyo analysis from primary data from Johns Hopkins uploaded to Github by Ryan Lau:
https://github.com/CSSEGISandData/COVID-19/blob/master/csse_covid_19_data/csse_covid_19_time_series/time_series_19-covid-Confirmed.csv

Tal como foi predito, a situação sanitária da maioria dos países começou a piorar. Não obstante, a situação da Coreia do Sul (diferentemente da dos outros dois países que sofreram a Covid-19 antecipadamente) começou a mostrar uma melhora significativa.

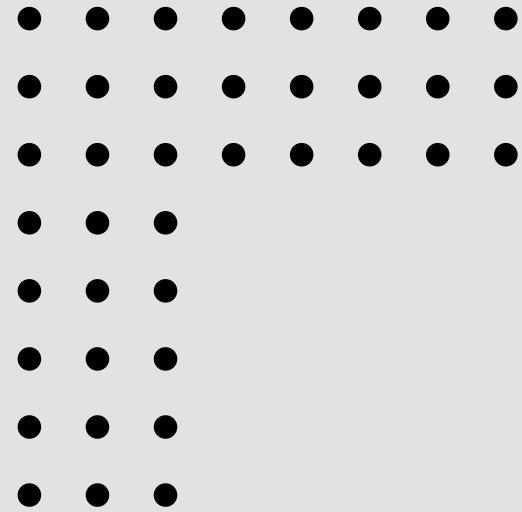
COMPREENDENDO O SUCESSO SUL-COREANO

Ponderando a quantidade de vidas que poderiam ser salvas, o custo das ações e o impacto no desenvolvimento social pelo enfraquecimento econômico que estas poderiam ocasionar, cada país analisou três estratégias diferentes para o combate ao vírus:

1) Não fazer nada.

2) Mitigação.

3) Supressão.



NÃO FAZER NADA, OTIMISMO VS REALIDADE

Para os Estados Unidos, calculou-se inicialmente uma mortalidade que variava entre 0,6% dos infectados e 4% dos infectados.

Considerando que o sistema sanitário tem um limite, o qual a Covid-19 conseguia atingir com facilidade, a explosão de casos em busca da imunidade de rebanho poderia ceifar, ao invés dos 500 mil mortos estipulados no melhor dos casos, uns 10 milhões de mortos na pior variante matemática.

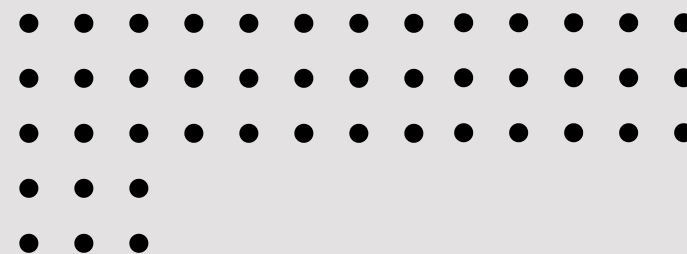
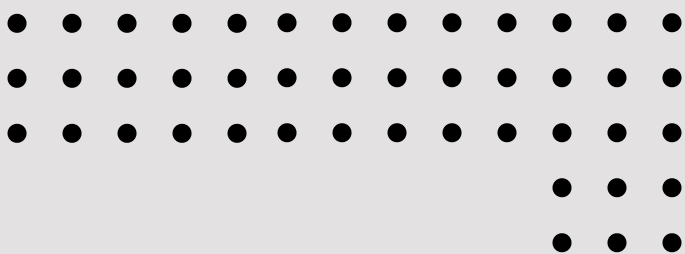
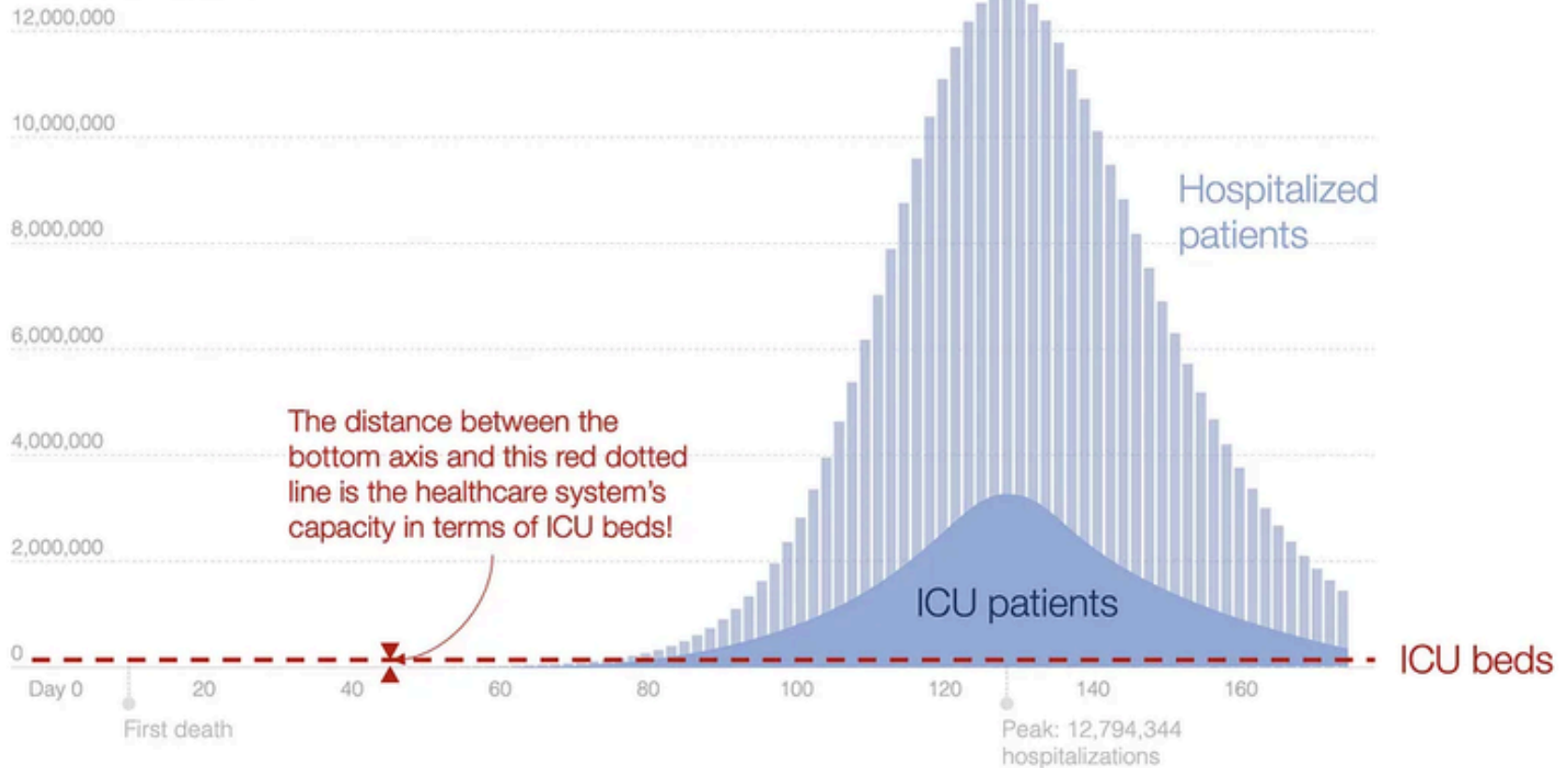


Chart 4: Hospitalized Coronavirus Patients vs. System Capacity

Number of hospitalized patients vs. system capacity



Source: Tomas Pueyo analysis

Epidemic Calculator, Gabriel Goh, <http://gabgoh.github.io/COVID/index.html> for Hospitalized patients

ICU patients using ~25% of hospitalizations that require ICU support, from China CDC

Number of current + repurposed ICU beds = ~100,000 (Johns Hopkins, <http://www.centerforhealthsecurity.org/cbrv/2020/cbnreport-02272020.html>)

A linha vermelha mostra o limite de 50 mil leitos de UTI com que conta o sistema de saúde americano. Ultrapassado o limite, a porcentagem de mortos entre os infectados aumentaria.

O VILÃO, O DANO COLATERAL

Caso acontecesse um milagre administrativo que permitisse que se dobrassem os leitos de UTI, uma saturação intermediária no sistema sanitário geraria um cansaço nos profissionais de saúde que diminuiria a efetividade do **serviço** para todos os outros casos médicos que, acontecendo normalmente, não encontrariam uma resposta de qualidade que garantisse a sobrevivência.

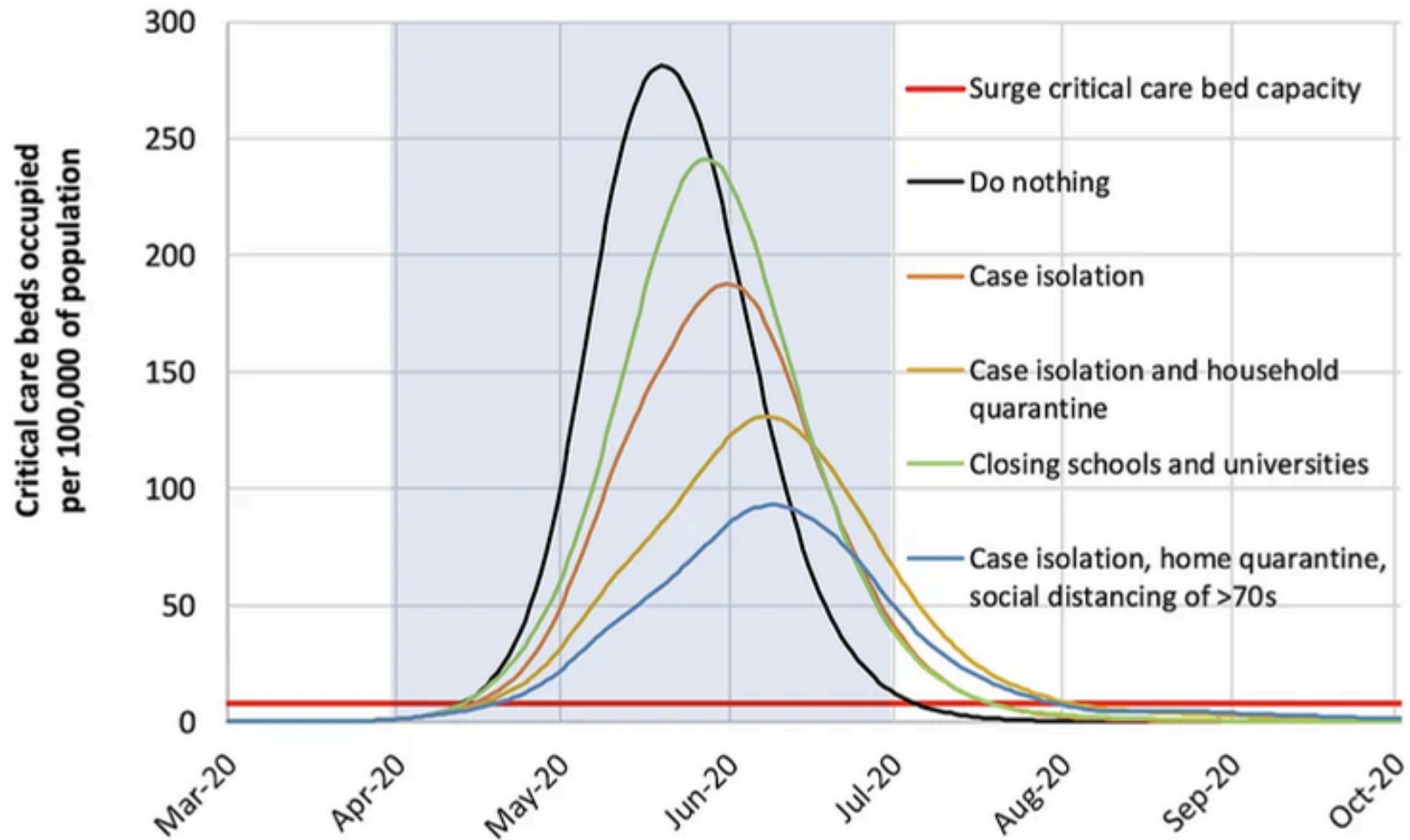
Como pode-se apreciar, o verdadeiro problema dessa estratégia não se vislumbraria unicamente na relação desbocada de casos\mortos pela Covid-19, mas no **excesso de mortalidade** por esta produzida.

MITIGAÇÃO, QUANDO PARECE QUE MUDA TUDO E NÃO MUDA NADA

Considerando que não fazer nada era uma opção praticamente suicida, a ideia de mitigação surgiu do seguinte pensamento: “É impossível impedir o coronavírus agora, então vamos deixar que ele siga seu curso, enquanto tentamos reduzir o pico de infecções. Vamos achatá-la um pouco para torná-la mais gerenciável para o sistema de saúde.”

Infelizmente, mesmo que a abordagem pareça diferente da primeira, a evolução dos casos e os efeitos da Covid-19 no sistema de saúde seriam equivalentes, já que, com a eventual saturação do sistema de saúde, o excesso de mortalidade ainda seria altíssimo.

Chart 5: Peaks in Need for ICU Beds in the UK for Different Social Distancing Measures



Source: Impact of non-pharmaceutical interventions (NPIs) to reduce COVID19 mortality and healthcare demand, Neil Ferguson et. al, Imperial College

Mesmo com os casos diminuindo quanto mais restritivas fossem as medidas de mitigação, o sistema sanitário colapsaria nos mesmos períodos em que colapsaria nos casos de adoção das medidas menos restritivas.

IMUNIDADE DO REBANHO, TUDO PRONTO PARA O MATADOURO.

Tanto não fazer nada quanto a mitigação procuram chegar à famosa “imunidade de rebanho” com a maior velocidade possível com o intuito de garantir um rápido fim da pandemia.

Qualquer proposta dessas características deve ser entendida da seguinte forma: “Vamos conscientemente sobrecarregar o sistema de saúde, elevando a taxa de mortalidade em um fator de pelo menos 10 vezes”.

Sem contar que a cada mutação do vírus seria necessário repetir o processo.



REBANHO

SUPRESSÃO, NÃO HÁ DUAS SEM TRÊS.

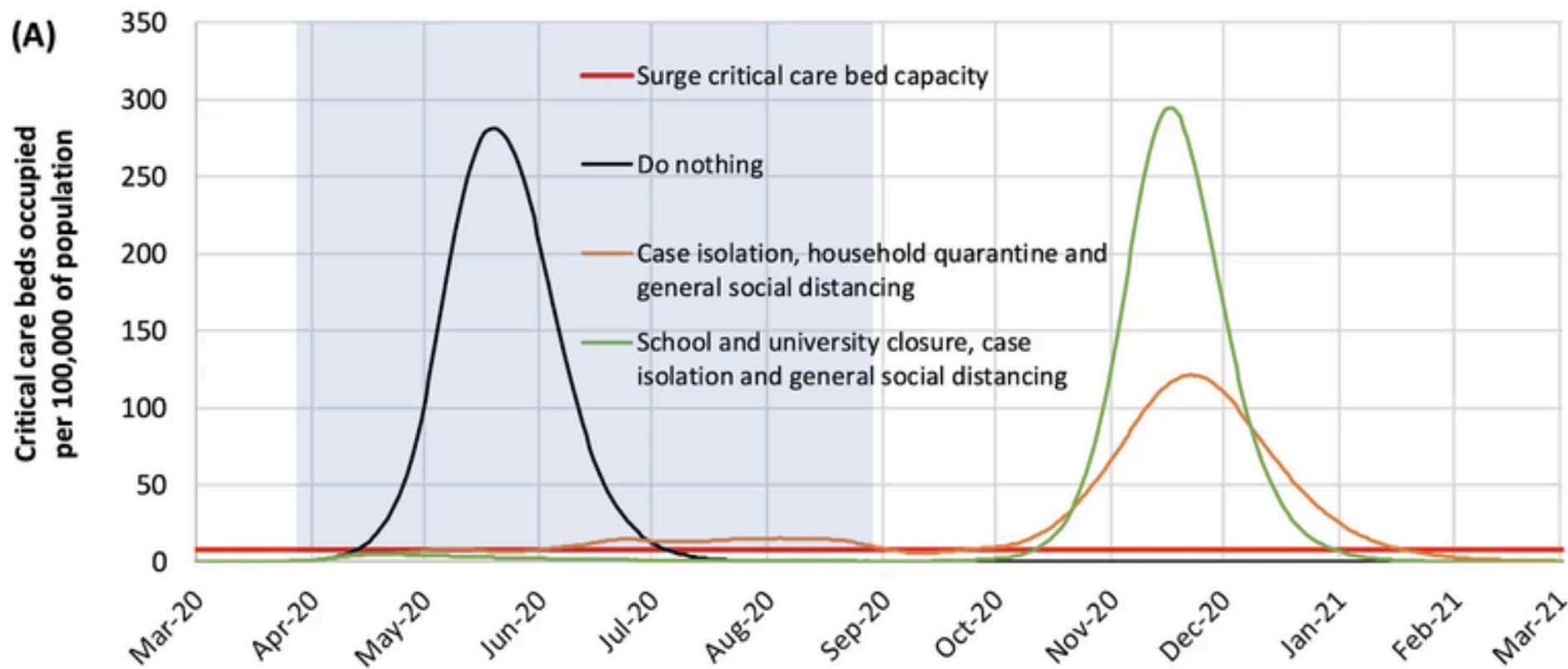
A supressão oferece um controle rápido da situação sanitária, uma diminuição das infecções e da taxa de mortalidade.

A proposta basicamente seria: “Vamos com tudo, controlamos o vírus e, pouco a pouco, vamos liberando as restrições até chegarmos a uma vida similar à normal”.

Com essa abordagem surgem três interrogantes:

- 1) As pessoas vão resistir a um confinamento que pode durar meses?
- 2) Se o confinamento durar meses, qual seria o tamanho do dano no tecido produtivo do país?
- 3) Caso se fracasse no controle do vírus, não estaríamos pospondo o inevitável?

Chart 8: Suppression Strategy According to the Imperial College



Source: *Impact of non-pharmaceutical interventions (NPIs) to reduce COVID19 mortality and healthcare demand*, Neil Ferguson et. al, Imperial College

Se pensamos que temos que escolher entre multiplicar a mortalidade ou danificar a economia adiando as mortes, estamos subestimando o valor do **tempo**.

O TEMPO CURA TUDO, MENOS A MORTE

Se a humanidade está prestes a enfrentar a maior ameaça a seus sistemas de saúde da história ela tem duas opções: correr despreparada frente a esse enigmático inimigo ou ganhar tempo para estudá-lo, procurar um tratamento, desenvolver uma vacina e aprimorar os sistemas de saúde para o impacto.

Com a supressão os benefícios são:

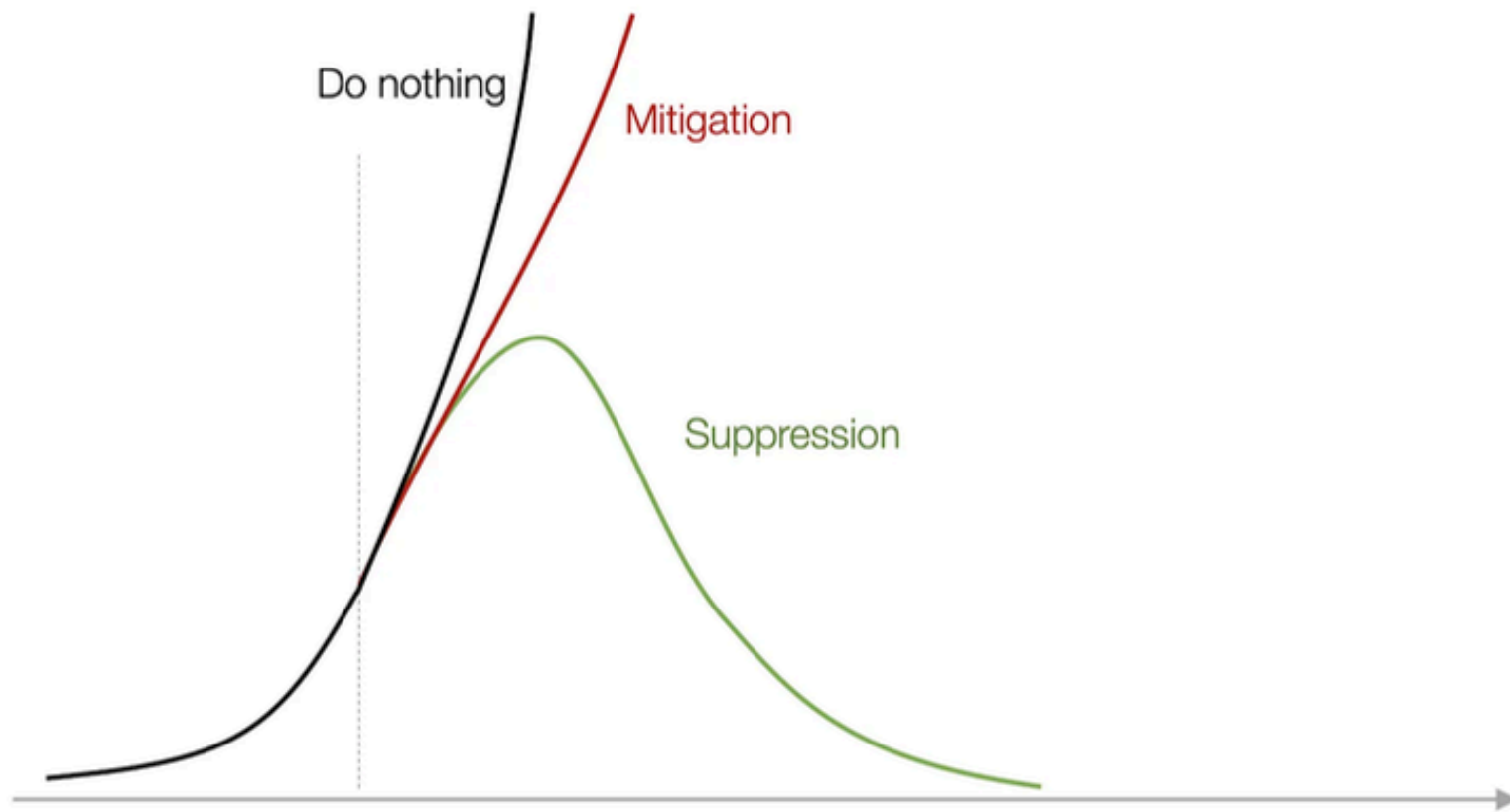
- 1) Diminuição das possibilidades de mutação do vírus.
- 2) Alívio imediato do sistema de saúde e de seus profissionais.
- 3) Diminuição da taxa de mortalidade e dos danos colaterais.
- 4) Recuperação do pessoal de saúde infectado.



**A PERSISTÊNCIA
DA MEMÓRIA**

O MARTELO E A DANÇA

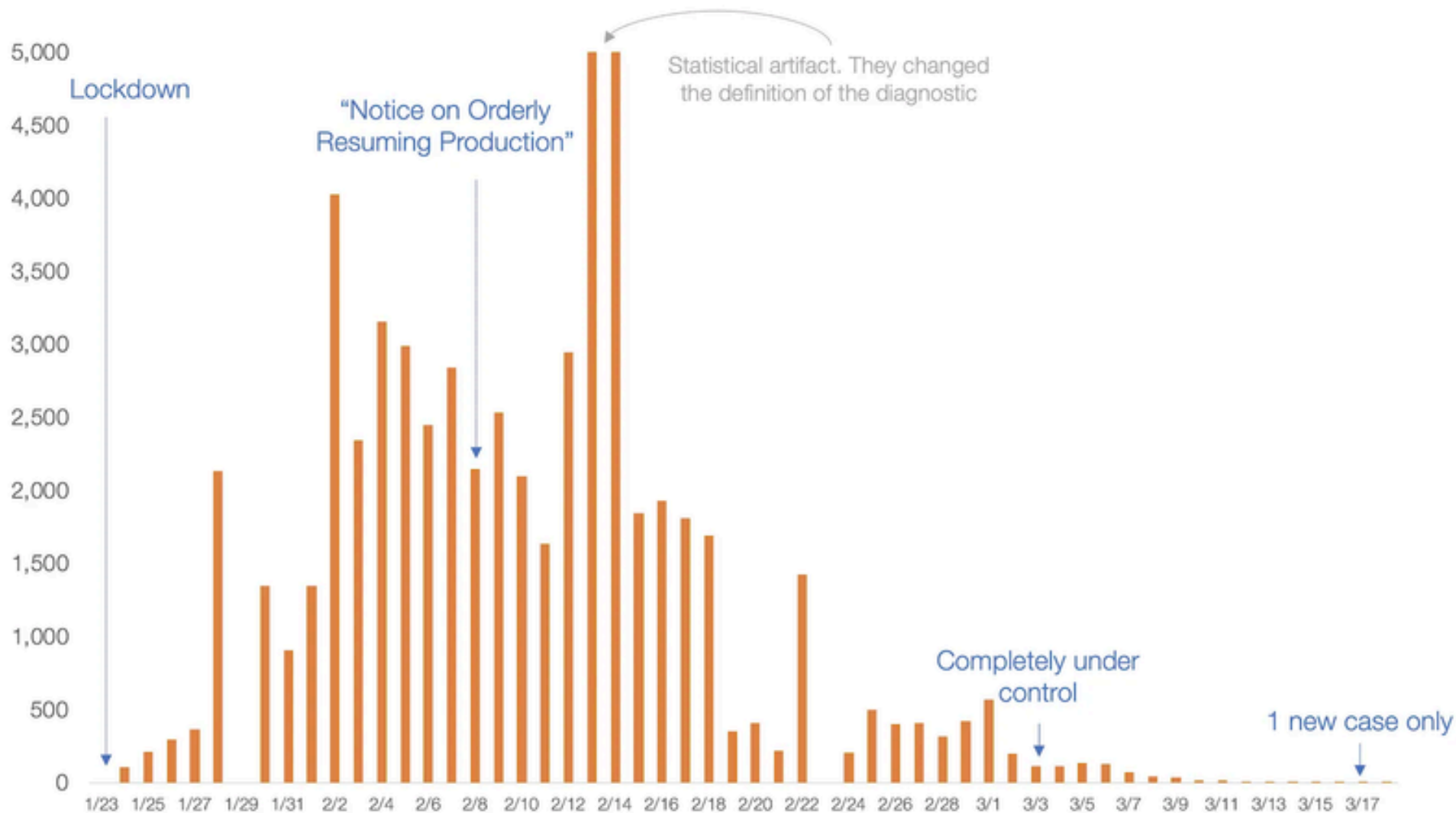
Chart 11: Suppression vs. Mitigation vs. Do Nothing — early on



Com a compreensão de que a estratégia de “não fazer nada” e a de “mitigação” são opções terríveis e de que a “supressão” apresenta importantes benefícios no curto prazo, é essencial pensar no momento posterior.

O TEMPO NECESSÁRIO PARA O MARTELO

Chart 12: Cases in Wuhan and Infection Evolution

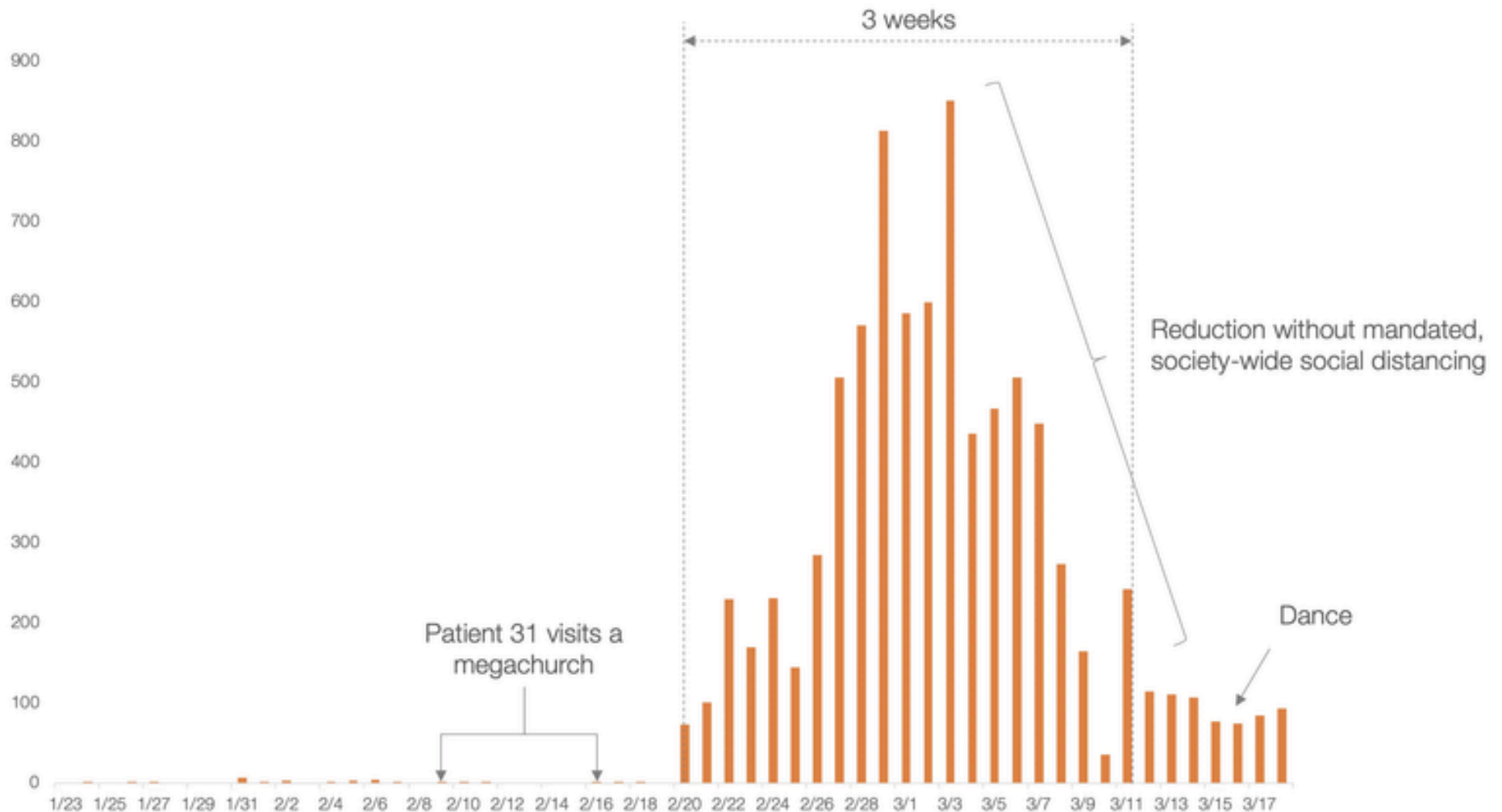


Source: Tomas Pueyo analysis from primary data from Johns Hopkins uploaded to Github by Ryan Lau:

https://github.com/CSSEGISandData/COVID-19/blob/master/csse_covid_19_data/csse_covid_19_time_series/time_series_19-covid-Confirmed.csv

O COMEÇO DA DANÇA

Chart 12.b: New Daily Cases in South Korea

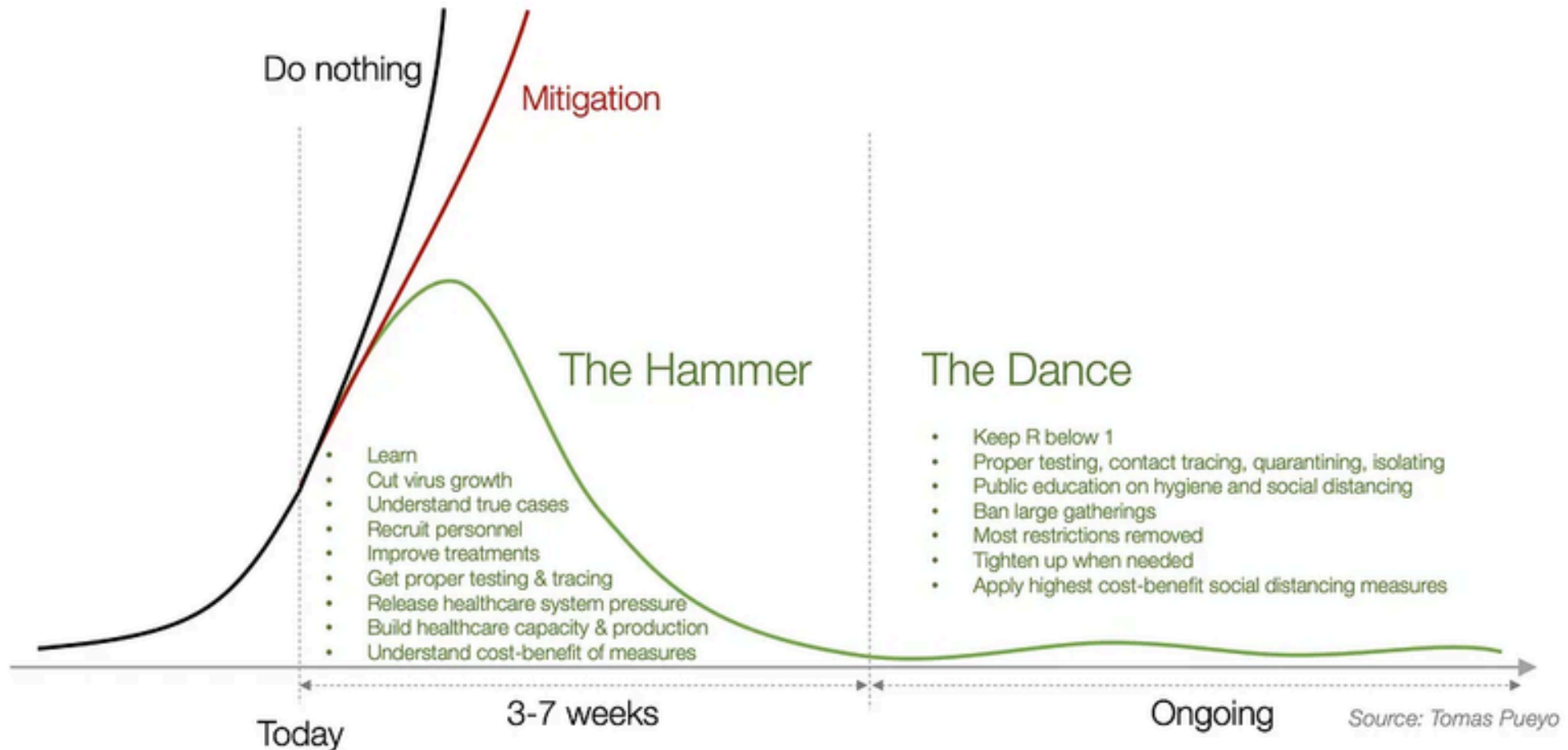


Source: Tomas Pueyo analysis from primary data from Johns Hopkins uploaded to Github by Ryan Lau:

https://github.com/CSSEGISandData/COVID-19/blob/master/csse_covid_19_data/csse_covid_19_time_series/time_series_19-covid-Confirmed.csv

COMO FUNCIONA A DANÇA

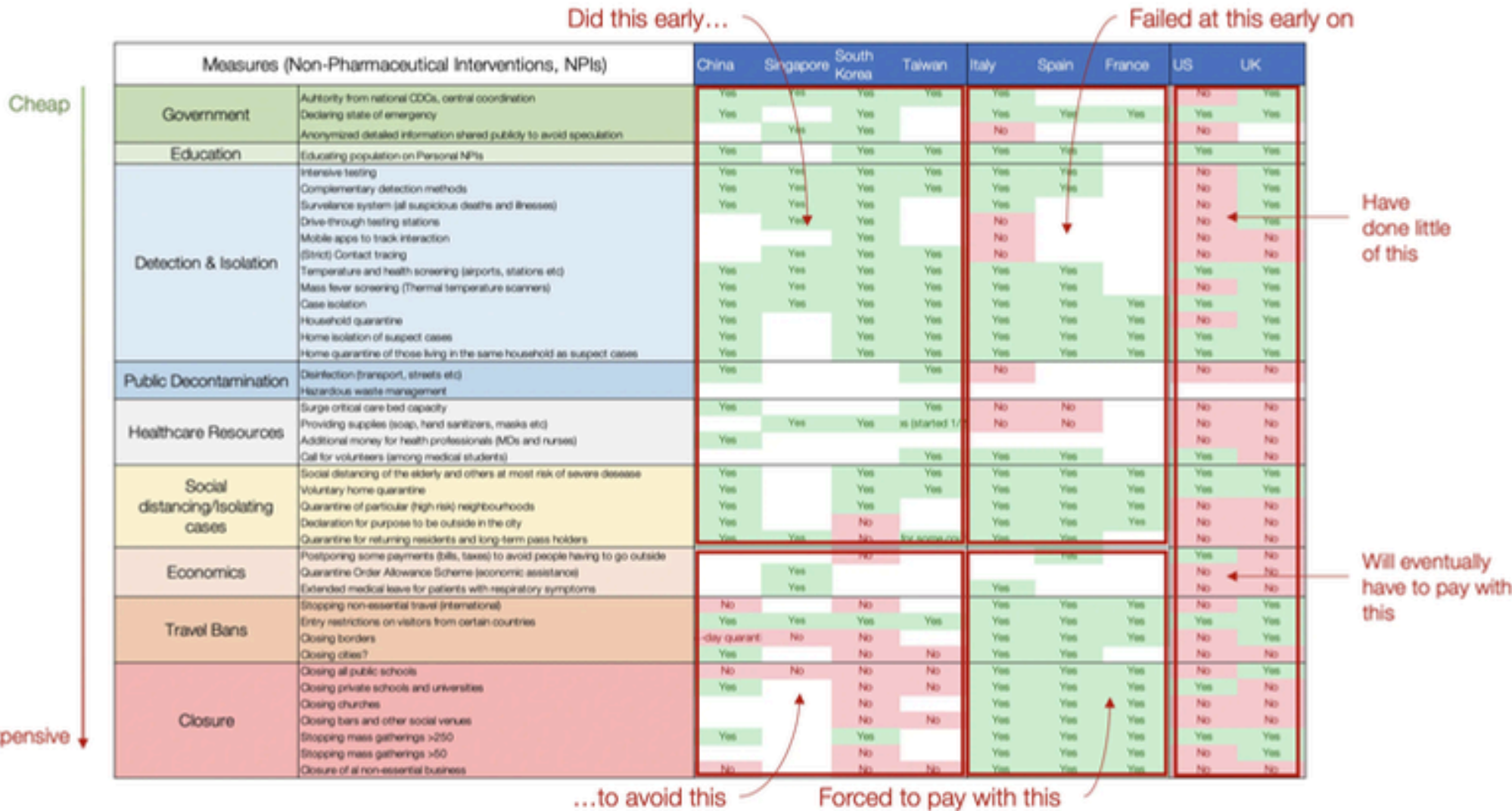
Chart 13: Suppression vs. Mitigation vs. Do Nothing — early on



Para manter a taxa de infecções fora das possibilidades de saturação do sistema sanitário é preciso: Testes constantes, rastreamento de contatos, isolamento, quarentena, educação a respeito da higiene e do distanciamento social, proibição de grandes reuniões e aumento da pressão quando necessário.

CONCLUSÃO

Chart 13.b: NPI Measures per Country

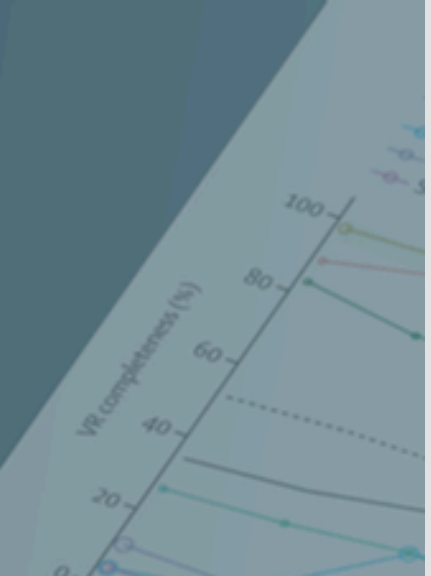
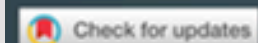


Source: Matt Bell, Elena Baillie, Genevieve Gee, Tomas Pueyo

Global age-sex-specific mortality, life expectancy, and population estimates in 204 countries and territories and 811 subnational locations, 1950–2021, and the impact of the COVID-19 pandemic: a comprehensive demographic analysis for the Global Burden of Disease Study 2021

GBD 2021 Demographics Collaborators [†] • [Show footnotes](#)

Open Access • Published: March 11, 2024 • DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(24\)00476-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(24)00476-8) •



Summary

Background

Estimates of demographic metrics are crucial to assess levels and trends of population health outcomes. The profound impact of the COVID-19 pandemic on populations worldwide has underscored the need for timely estimates to understand this unprecedented event within the context of long-term population health trends. The Global Burden of Diseases, Injuries, and Risk Factors Study (GBD) 2021 provides new demographic estimates for 204 countries and territories and 811 additional subnational locations from 1950 to 2021, with a particular emphasis on changes in mortality and life expectancy that occurred during the 2020–21 COVID-19 pandemic period.

Methods

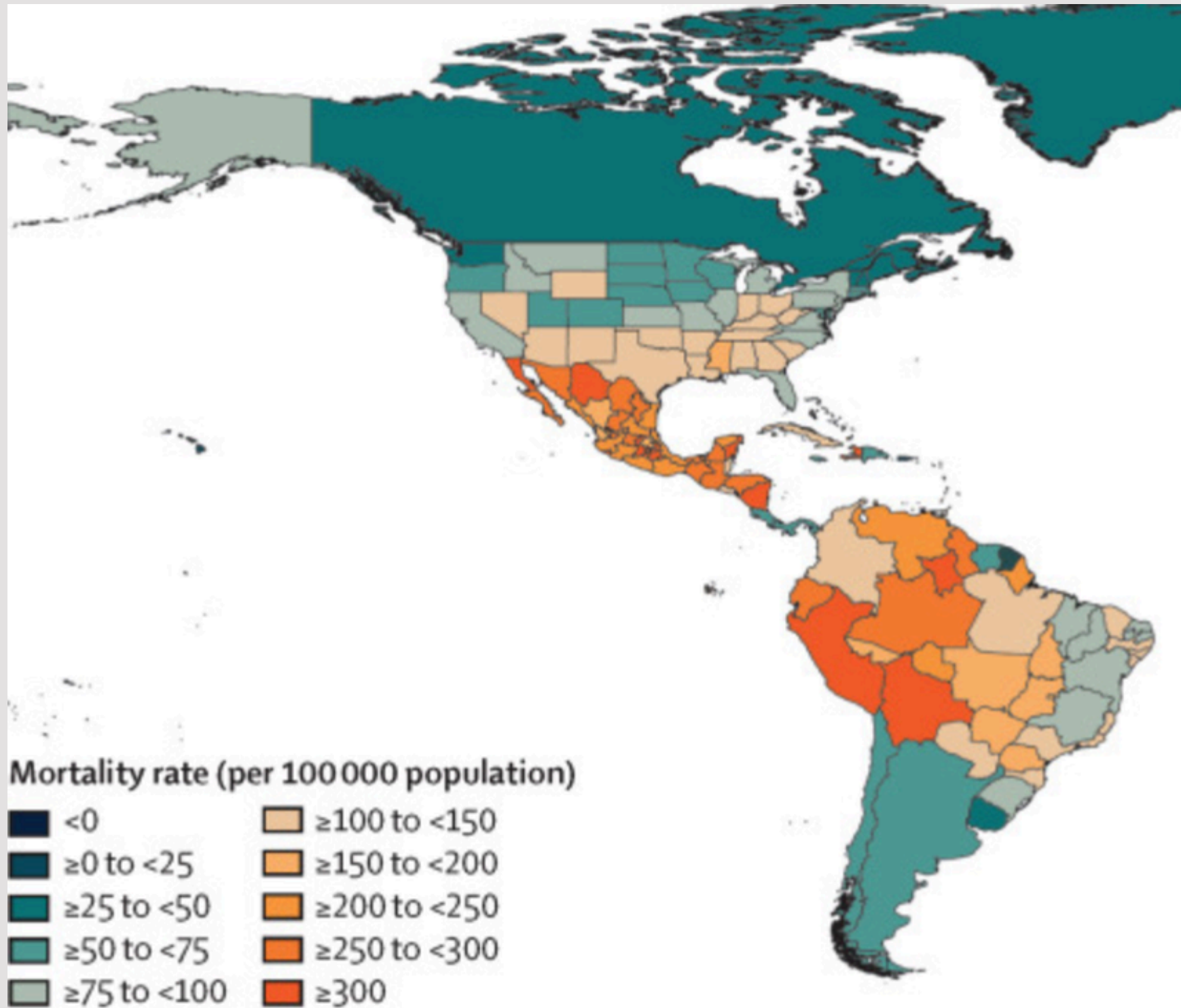
22 223 data sources from vital registration, sample registration, surveys, censuses, and other sources were used to estimate mortality, with a subset of these sources used exclusively to estimate excess mortality due to the COVID-19 pandemic. 2026 data sources were used for population estimation. Additional sources were used to estimate migration; the effects of the HIV epidemic; and demographic discontinuities due to conflicts, famines, natural disasters, and pandemics, which are used as inputs for

THE LANCET

site:
<https://www.thelancet.com/journals/lanct/article/PIIS0140->

Excesso de mortalidade (cada 1000 habitantes)	
JAPÃO	-0,08
COREIA DO SUL	0,13
CHINA	0,02
CANADÁ	0,95
EUA	1,59
FRANÇA	0,74
ALEMANHA	0,60
PORTUGAL	1,05

Excesso de mortalidade (cada 1000 habitantes)	
ARGENTINA	0,85
CHILE	1,03
URUGUAI	0,49
BOLÍVIA	4,19
EQUADOR	2,58
CUBA	2,65
COLÔMBIA	1,70
VENEZUELA	2,22
PARAGUAI	1,36
BRASIL	1,11



PAISES	2019	2021
JAPÃO	85	85,2
COREIA DO SUL	83,4	83,2
CHINA	72,9	77,6
CANADÁ	82,3	81,8
EUA	79,1	77,1
FRANÇA	83	82,6
ALEMANHA	81,3	81
PORTUGAL	82	81,5

PAISES	2019	2021
ARGENTINA	76,9	76,1
CHILE	80,6	79
URUGUAI	77,1	75,7
BOLÍVIA	72,7	66,2
EQUADOR	77,2	74
PERU	78,2	71,6
PARAGUAI	75,4	72
BRASIL	76,5	73,7

Brasil é um dos países com maior cobertura de vacinação, mostra relatório



Publicado em 15/09/2017 - 09:45 Por Marieta Cazarré - Correspondente da Agência Brasil - Lisboa

O Brasil e a China estão entre os países com maiores índices de cobertura de vacinas, com 99,7% e 99,9% da população-alva imunizada em 2016, respectivamente.

Em relação ao histórico do Brasil no indicador de vacinação, o país registrava, em 1990, 80,7% da população-alvo vacinada. Apenas dois anos depois, em 1992, o percentual caiu para assustadores 52,6%. A partir desse ano, o índice voltou a subir, alcançando os atuais 99,7%. A expectativa para 2030 é de que o Brasil tenha 100% de cobertura nesse indicador



Vacinação retrocede no Brasil, antes considerado referência mundial

Médicos, governantes e até Unicef, alertaram para o colapso das taxas de imunização no país, onde a cobertura vacinal geral caiu de 95% em 2015 para 68% no ano passado, segundo dados oficiais



Da redação, com agências

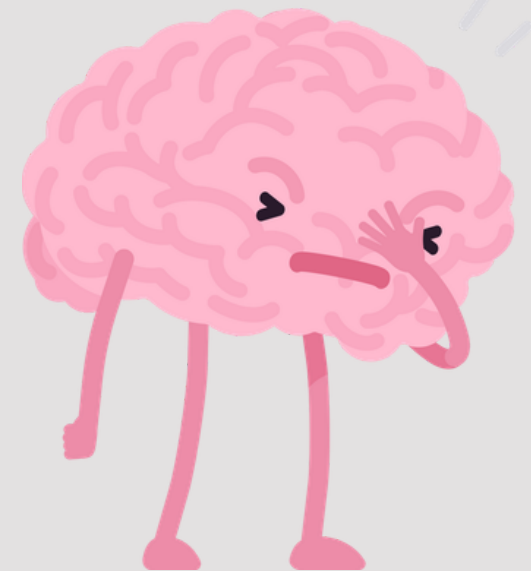
Publicado em 10 de julho de 2023 às 10h08.

O Brasil emergiu da pandemia de covid-19 graças a uma bem-sucedida campanha de **vacinação** em massa. Mas dois anos depois se depara com um paradoxo: as taxas de imunização - e não apenas para a covid - despencaram, expondo milhões de pessoas a doenças que já haviam sido erradicadas.



Para a **poliomielite**, por exemplo, o número caiu de 85% para 68%, alertando para um possível ressurgimento da doença no país, que a erradicou em 1989. Os números são semelhantes para outras vacinas.

O sarampo, eliminado oficialmente do país em 2016, voltou dois anos depois. Também há temores de que a difteria esteja ressurgindo.



Especialistas dizem que a relutância em se vacinar é um problema crescente em todo o mundo, mas a situação é particularmente preocupante no Brasil, um país que até recentemente era aclamado como líder em vacinação.

MISLEADING

Propaganda!
What happened to the needle???



0:16 | 382.3K views
4:41 PM · Dec 16, 2020 · Twitter for iPad
3.1K Retweets 1.2K Quote Tweets 4.2K Likes

Another video showing you it's all a scam, it was NEVER about the virus!

Rickydean @RDCLandscapes · 5h
Disappearing needles!! There soo desperate, come on!!



0:03 | 56.7K views
8:13 PM · Dec 16, 2020 · Twitter for Android

Instagram

POLITICS

920 Women Lose Their Unborn Babies After Getting Vaccinated

Margaret Taylor · 3 days ago · 0 comments · 1 minute read



Missing Context. Independent fact-checkers say information in this post could mislead people.

72,014 likes

3 DAYS AGO

One of the first nurses to receive the vaccine in AL is now dead.
We shall see how the media spins this.

Dr Dioné Harley
@harley_dione

Hmmm, I thought I saw you bragging about your Covid vaccination not that long ago? Odd how so many people who have had the vaccination end up getting it anyway to the point where they need to be hospitalised. But hey, "science", right?

Eusebius McKaiser @Eusebius · 23h
I'm ENORMOUSLY grateful for brilliant pulmonologist Dr @SkosanaDr who saved my life with his excellence. I was hospitalised with covid-19 pneumonia. Dr Skosana is a mensch. And simply BRILLIANT. Thanks Doc. Thanks too to my friend @RediTlhabi whose life saving instinct was KEY ❤️

Caleb
Yesterday, 9:16 pm
All Vaccinated people will die within 2 years(This is not a Joke!!!) Please spread the word and warn who you can!! 😬
Nobel Prize Winner Luc Montagnier has confirmed that there is no chance of survival for people who have received any form of the vaccine.



vuvu blouw
@vuvu_blouw

What's the use of getting vaxxed and then getting sick & hospitalized of covid you vaccinated against, Does it make sense? What about those who didnt make it bcz they didn't afford to get best Doctors.Im still applying my mind,I won't get vaccinated.

THANOS ® @sixty019 · 8h
En this

EUSEBIUS MCKAISER @EUSEBIUS · 15 JUL 1
I registered last night. I walked into a vaccination site this morning. I got vaccinated.

Quick. Painless. Efficient.

If registered, PLEASE get vaccinated. It's good for you, good for those you love and who love you & it's good for the population.

Eusebius McKaiser @Eusebius
I'm ENORMOUSLY grateful for brilliant pulmonologist Dr @SkosanaDr who saved my life with his excellence. I was hospitalised with covid-19 pneumonia. Dr Skosana is a

POLITICS

920 Women Lose Their Unborn Babies After Getting Vaccinated



Margaret Taylor

3 days ago

0

1 minute read



Missing Context. Independent fact-checkers say information in this post could mislead people.



drslkroner



drslkroner Crimes against humanity 🙄❤️ This data is from the U.K. For those who don't believe it to be true you can go to www.openvaers.com and read about the 571 miscarriages following the Covid vax that have been reported in the U.S. The info is very easy to access and is confirmed by the CDC since the CDC uses VAERS data. And if you want the article simply google the title. More data on miscarriages & the V <https://www.bitchute.com/video/nuM0G6PqgwlK/>

5d



72,014 likes

5 DAYS AGO

vuvu blouw
@vuvu_blouw

What's the use of getting vaxxed and then getting sick & hospitalized of covid you vaccinated against, Does it make sense? What about those who didnt make it bcz they didn't afford to get best **Doctors.Im** still applying my mind, I won't get vaccinated.

THANOS (R) @sixty019 · 8h

En this

EUSEBIUS MCKAISER @EUSEBI... · 15 JUL
I registered last night. I walked into a vaccination site this morning. I got vaccinated.

Quick. Painless. Efficient.

If **registered**, PLEASE get vaccinated. It's good for you, good for those you love and who love you & it's good for the population.

Eusebius McKaiser
@Eusebius

I'm ENORMOUSLY grateful for brilliant pulmonologist Dr **@SkosanaDr** who saved my life with his excellence. I was hospitalised with covid-19 pneumonia. Dr Skosana is a


Caleb
Wednesday, 9:16 pm

All Vaccinated people will die within 2 years (This is not a Joke!!!) Please spread the word and warn who you can!! 😬

NOBEL PRIZE WINNER
LUC MONTAGNIER

Luc Montagnier has confirmed that there is no chance of survival for people who have received any form of the vaccine.

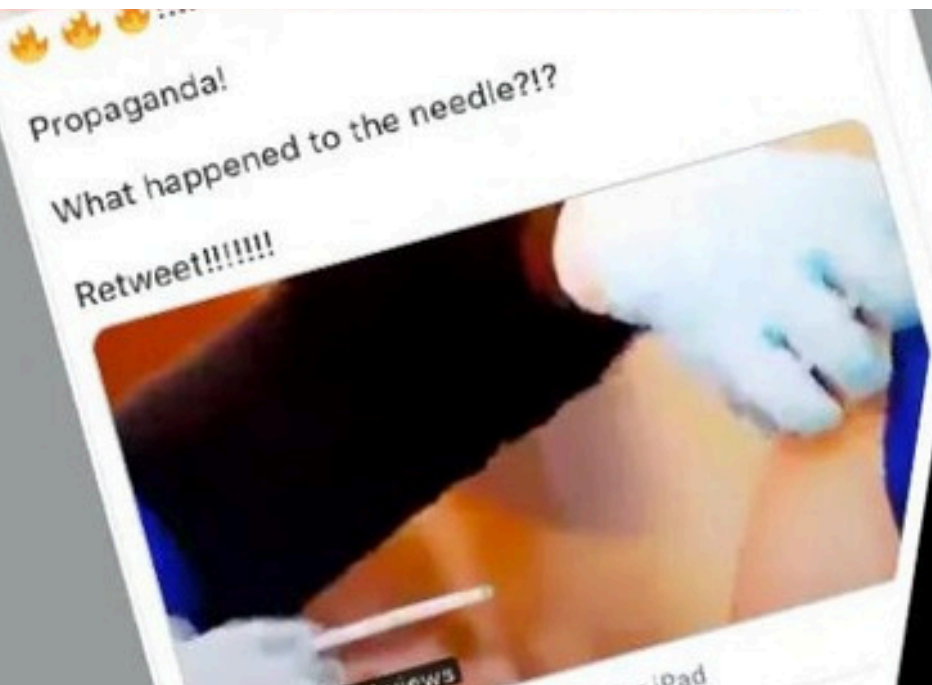
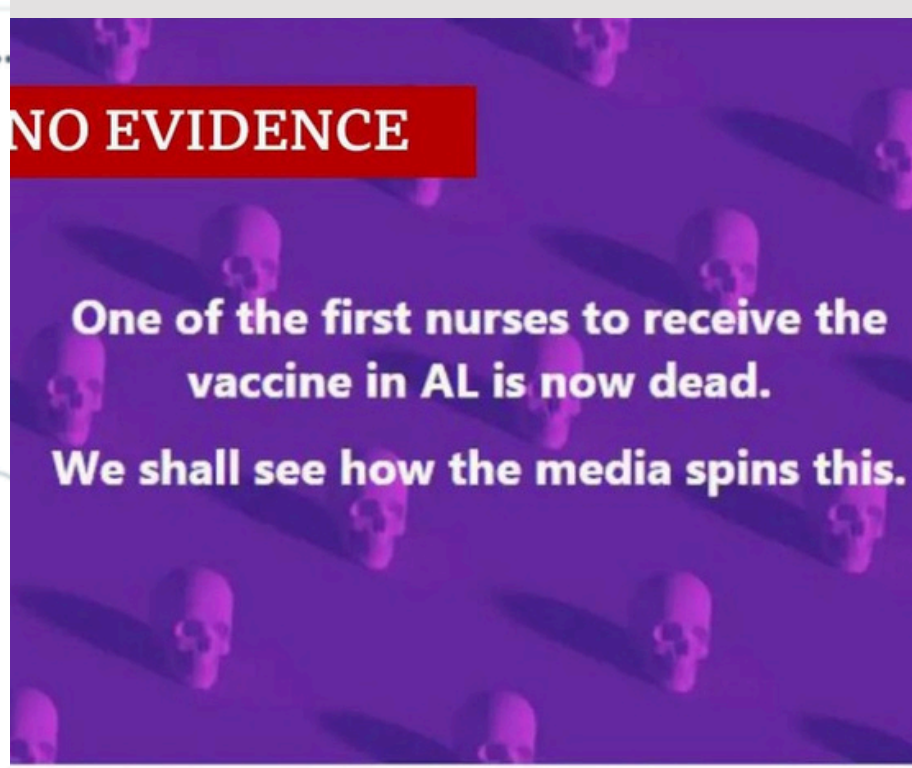
REPLY

 **Dr Dioné Harley**
@harley_dione

Hmmm, I thought I saw you bragging about your Covid vaccination not that long ago? Odd how so many people who have had the vaccination end up getting it anyway to the point where they need to be hospitalised. But hey, "science", right?

 **Eusebius McKaiser** @Eusebius · 23h
I'm ENORMOUSLY grateful for brilliant pulmonologist Dr @SkosanaDr who saved my life with his excellence. I was hospitalised with covid-19 pneumonia. Dr Skosana is a mensch. And simply BRILLIANT. Thanks Doc. Thanks too to my friend @RediThabi whose life saving instinct was KEY ❤️

6:45 PM · Aug 2, 2021 · Twitter for Android



A COMISERAÇÃO

“Efetivamente, a comiseração será tanto mais enérgica quanto o animal **espectador** se **identificar** mais intimamente com o animal **sofredor**.”.

“É a razão que engendra o **amor próprio**, e é a reflexão que o fortifica; é ela que faz o homem cair em si; é ela que **o separa** de tudo que o incomoda e o aflige. [...] ele diz em segredo, ao ver um homem que sofre: ‘Morre, se queres; estou em segurança’.”.

Só os perigos da sociedade inteira perturbam o sono tranqüilo do filósofo e o fazem levantar-se do leito.”



JEAN-JACQUES ROUSSEAU

A COMISERAÇÃO

“Pode-se impunemente degolar o semelhante debaixo da janela; é só tapar os ouvidos e argumentar um pouco, para impedir que a natureza, revoltando-se nele, o **identifique** com aquele que se assassina.”.

“Nos motins, nas brigas de rua, a população se aglomera, e o **homem prudente se afasta**; é a canalha, são as mulheres dos mercados que separam os combatentes e impedem a gente honesta de se degolar mutuamente.”.



JEAN-JACQUES ROUSSEAU

A PESTE

“Desde então, não mudei. Há muito tempo que tenho vergonha, uma vergonha mortal, de ter sido, ainda que de longe, ainda que na boa vontade, por minha vez, um **assassino**. Com o tempo, compreendi apenas que até os que eram melhores que outros não conseguiam impedir-se, hoje, de matar ou de deixar matar, porque **estava na lógica em que viviam** e que não se podia fazer um gesto neste mundo sem se correr o risco de fazer morrer. [...] E foi por isso que decidi **recusar** tudo o que, de perto ou de longe, por boas ou más razões, faz morrer ou **justifica que se faça morrer**.”.



ALBERT CAMUS

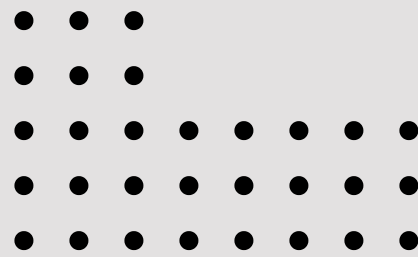
A PESTE

“É ainda por isso que esta epidemia não me ensina nada, senão que é preciso combatê-la ao seu lado. Sei, de ciência certa, que cada um **traz em si a peste**, porque ninguém, não, ninguém **no mundo está isento dela**. Sei ainda que é preciso vigiar-se sem descanso para não ser levado, num minuto de distração, a respirar na cara de outro e transmitir-lhe a infecção. O que é natural é o micróbio. O resto — a saúde, a integridade, a pureza, se quiser — é um efeito da vontade, de uma vontade que não deve jamais se deter. O homem direito, aquele que não infecta quase ninguém, é aquele que tem o menor número de distrações possível. E como é preciso ter vontade e tensão para nunca se ficar distraído.”.



ALBERT CAMUS

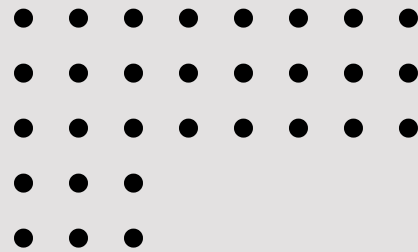
A PESTE



“Depois de um silêncio, o médico soergueu-se um pouco e perguntou-lhe se tinha alguma ideia sobre o caminho que era preciso seguir para se chegar à paz. — Tenho. A **simpatia**.”.



ALBERT CAMUS





JULGAMENTO DE SÓCRATES

JULGAMENTO DE GIORDANO BRUNO

JULGAMENTO DE GALILEU



O PROCESSO

“Alguém certamente havia caluniado Josef K. pois uma manhã ele foi detido sem ter feito mal algum.”

“- Não - disse o homem junto à janela, atirando o livro sobre uma mesinha enquanto se erguia. - O senhor não tem permissão para sair. O senhor está detido.

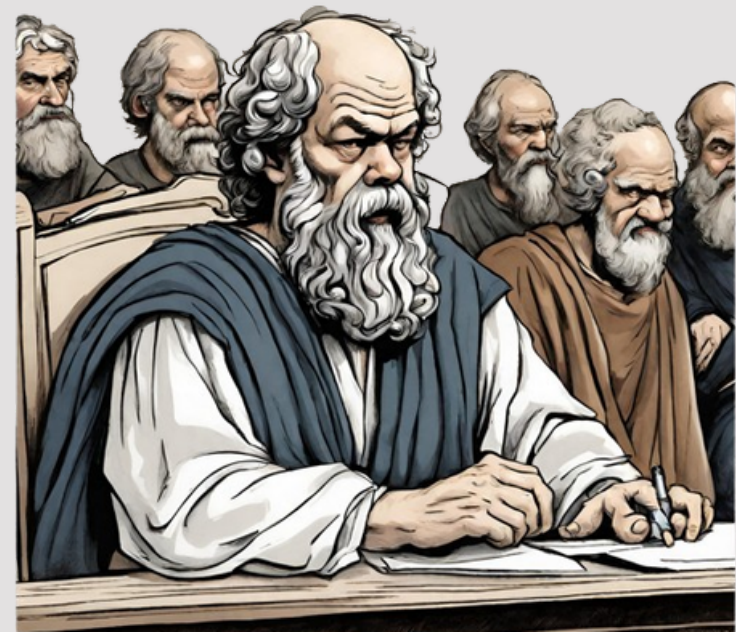
- É o que parece - disse K. - Mas por quê? - perguntou então.

Não fomos incumbidos de dizê-lo. Vá para o seu quarto e espere. O procedimento acaba de ser iniciado e o senhor ficará sabendo de tudo no devido tempo.”



FRANZ
KAFKA

JULGAMENTO DE SÓCRATES



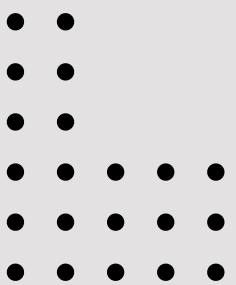
O SÉCULO DE OURO DE PÉRICLES

Na cidade-estado de Atenas, sua democracia é impulsionada por um dos maiores líderes políticos que a Grécia Antiga conheceu. Seu nome era Péricles.

O historiador ateniense Plutarco destaca que Péricles exerceu o poder durante mais de 30 anos, chegando ao topo da política ateniense na década do 460 a.C. até sua morte em 429 a.C.



PÉRICLES



PRINCIPAIS FEITOS POLÍTICOS

1

Criou incentivos econômicos para a participação democrática e cultural.

2

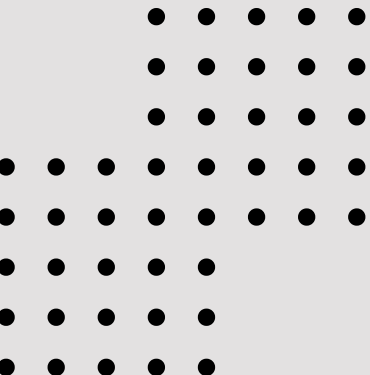
Diminuiu o desemprego de Atenas aumentando a contratação de empregados públicos.

3

Seu governo foi um dos maiores períodos de paz na Antiga Grécia.

4

Construiu os templos na Acrópole.



A GUERRA DO PELOPONESO

A prosperidade ateniense e seu controle político na Grécia Antiga tornaram-se um perigo para a monarquia espartana, o que impulsionou uma longa guerra na região no ano 431 a.C.

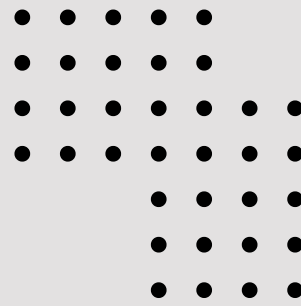
Devido ao talento militar espartano, Péricles ordena o retrocesso dos atenienses até as muralhas da Cidade. Rapidamente, a falta de higiene produzida pela aglomeração de pessoas disseminou uma peste que acabou com a vida de do próprio Péricles no ano 429 a.C.

Com a morte de seu líder, a cidade-estado, que foi reconhecida no mundo pelo seu compromisso com a democracia e a liberdade de expressão, começa uma lenta e contínua degradação até a demagogia.



SÓCRATES

O OCASO DE ATENAS



Um dos filhos de Péricles, que, no ano de 406 a. C., lutou valorosamente na batalha de Arginusa e obteve a vitória, foi condenado à morte pelo tribunal ateniense junto com outros cinco generais que participaram do combate.

A condenação fundou-se na alegação de que, que mesmo sendo vitoriosos, os generais mereciam a morte por não terem socorrido apropriadamente os feridos e resgatado os corpos dos mortos para uma sepultura adequada.

Sócrates, antigo amigo de Péricles, foi o único a protestar contra a execução, já que compreendia que o abandono foi forçado por questões climáticas.

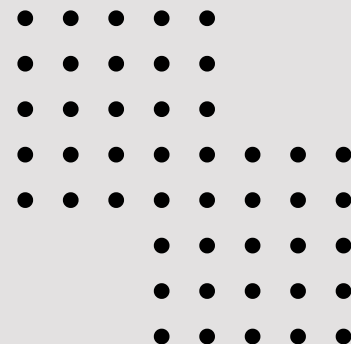
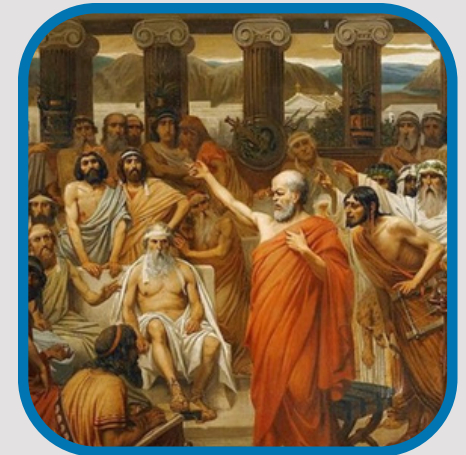


JULGAMENTO DE SOCRÁTES E O NASCIMENTO DA “TEATROCRACIA”

Durante o inverno de 400/399 a.C., Meleto apresentou ao rei de Atenas uma queixa contra Sócrates. Anito e Lícon a subscreviam.

As duas grandes acusações contra Sócrates, que levaram a maioria dos 501 cidadãos a condená-lo à morte, foram atentar contra a religião do Estado e corromper a mocidade: ateísmo e subversão.

Durante todo o julgamento Sócrates teve plena certeza de sua futura condenação, já que considerava que durante muito tempo fora caluniado e difamado por diversos acusadores, que engendraram nos atenienses a ideia de culpabilidade em relação às acusações de Meleto.

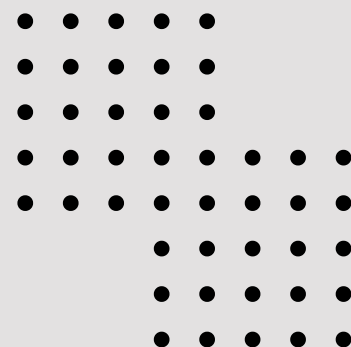


JULGAMENTO DE SOCRÁTES E O NASCIMENTO DA “TEATROCRACIA”

“Por isso, quantos, por inveja ou calúnia, vos persuadiam, e os que, convencidos, procuravam persuadir os outros, são todos, por assim dizer, inabordáveis; porque não é possível fazê-los comparecer aqui, nem refutar nenhum deles, mas devo eu mesmo me defender, quase combatendo com sombras e destruir, sem que ninguém responda.”



“Ora bem, cidadãos atenienses, devo defender-me e empreender remover da vossa mente, em tão breve hora, a má opinião acolhida por vós durante longo tempo.”



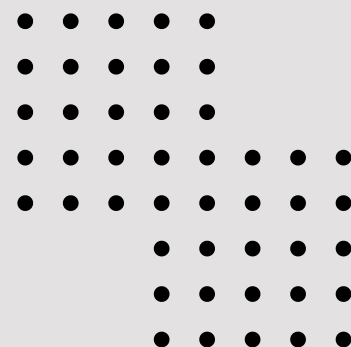
A MISSÃO DO DEUS DE DELFOS

Sócrates explica que essas acusações que foram feitas contra ele são produto de um elogio do Deus de Delfos.

“Uma vez, de fato, indo a Delfos, *Xenofonte* ousou interrogar o oráculo a respeito disso e - não façais rumor, ó cidadãos, por isso que digo – perguntou-lhe, pois, se havia alguém mais sábio que eu. Ora, a pitonisa respondeu que não havia ninguém mais sábio.”



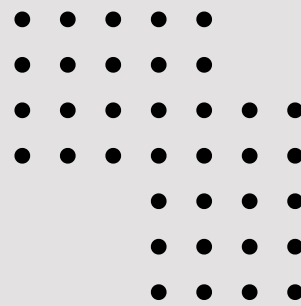
“Em verdade, ouvindo isso, pensei: que queria dizer o deus e qual é o sentido das suas palavras obscuras? Sei bem que não sou sábio, nem muito nem pouco: que quer dizer, pois, afirmando que eu sou o mais sábio?”



OS 12 TRABALHOS DE SÓCRATES

“[...] resolvi buscar a significação do seguinte modo. Fui a um daqueles detentores da sabedoria, com a intenção de refutar, por meio deles, sem dúvida, o oráculo, e, com tais provas, opor-lhe a minha resposta: Este é mais sábio que eu, enquanto tu dizias que sou eu o mais sábio.”

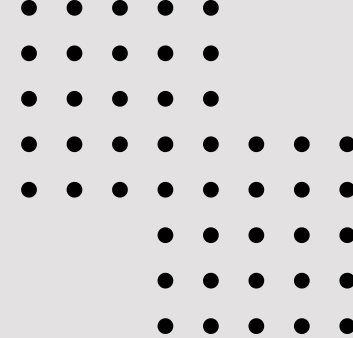
Sócrates procura nos mais ilustres políticos e percebe que eles aparentam ter sabedoria sem tê-la realmente e sintetiza que o político “[...] acredita saber alguma coisa, sem sabê-la, enquanto eu, como não sei nada, também estou certo de não saber.”



OS 12 TRABALHOS DE SÓCRATES

Logo, procura uma sabedoria maior nos poetas e compreende que, como conhecem o mundo por intuição, sem ter domínio de seu saber ou pleno conhecimento do que estão afirmando, os considera menos sábios.

Finalmente, procura nos artífices e descobre que estes estavam instruídos em belas coisas e que de fato conheciam muitas coisas que ele ignorava. Porém, “[...] parece-me que também os bons artífices tinham o mesmo defeito dos poetas: pelo fato de exercitar bem a própria arte, cada um pretendia ser sapientíssimo também nas outras coisas de maior importância, e esse erro obscurecia o seu saber.”



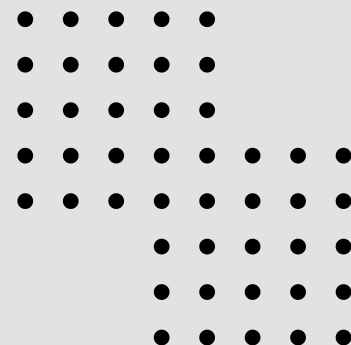
MAIÊUTICA: O USO DISCURSIVO DA DIALÉTICA

Para rebater as acusações, Sócrates decide interrogar Meleto utilizando sua principal ferramenta, a maiêutica.

Primeiro, Sócrates desmonta a acusação de corruptor de jovens, provando - mediante um interrogatório - que Meleto não possuía a menor ideia de formação humana. Segundo, defende que Meleto está fazendo uma acusação paradoxal a respeito da religião.



“Se, pois, creio na existência dos demônios, como dizes, se os demônios são uma espécie de deuses, isso seria propor que não acredito nos deuses, e depois, que, ao contrário, creio nos deuses, porque ao menos creio na existência dos demônios.”



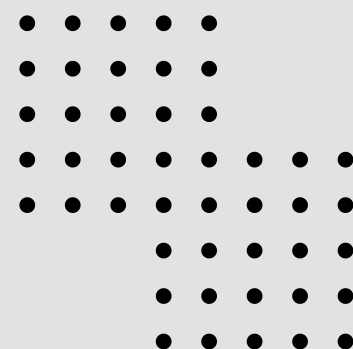
EXECUÇÃO DE SÓCRATES

Apesar dos esforços de Sócrates em livrar-se da acusação de Meleto, a companhia que esta recebeu por parte de Anito e Lícon garantiu sua derrota.

Intimidado pelos juízes atenienses, Sócrates é pressionado para que suplique piedade e ofereça seu exílio como pena alternativa à morte. Finalmente, Sócrates, convencido de sua inocência e consciente de sua idade, decide rejeitar essa alternativa, aceitando a pena de morte por envenenamento por cicuta.



Dos acusadores de Sócrates, dois morreram tempos depois, lapidados pela multidão, como caluniadores: Meleto e Anito. Quanto a Lícon, desapareceu da história.



JULGAMENTO DE GIORDANO BRUNO









CRONOLOGIA DO JULGAMENTO

- 1592: Bruno muda-se para Veneza e passa a morar na casa de Mocenigo. No entanto, Mocenigo passa a acreditar que Bruno possui crenças heréticas. Ele expõe suas preocupações sobre Bruno ao seu confessor, que o incentiva a denunciá-lo ao Santo Ofício, que o prende.
- 1593: Em 20 de fevereiro, Bruno é colocado em um navio e extraditado para Roma. Uma semana depois, ele é colocado em uma prisão perto da Praça São Pedro, onde passará os últimos sete anos de sua vida.
- 1599: No outono, um ex-companheiro de cela de Veneza, Celestino Arrigoni da Verona, mentalmente desequilibrado e convencido erroneamente de que Bruno o havia incriminado, escreve uma carta à Inquisição Romana relatando coisas incriminatórias que ele disse que Bruno lhe havia contado na prisão.



GIORDANO
BRUNO

CRONOLOGIA DO JULGAMENTO

- 1599: O Papa Clemente VIII nomeia o teólogo jesuíta Roberto Belarmino, consultor do conselho da inquisição desde 1592, como cardeal. Belarmino prepara uma lista das oito heresias de Bruno. Bruno recebe 40 dias para abjurar todas as suas heresias identificadas, mas ele se recusa.
- 1600: Um bispo realiza a cerimônia de "degradação solene" de Bruno. Ele é raspado, vestido com as roupas de um leigo e entregue a um oficial de justiça representando o braço secular do governo romano. Bruno é despido, algemado, amordaçado e queimado na fogueira no Campo de' Fiori em Roma.

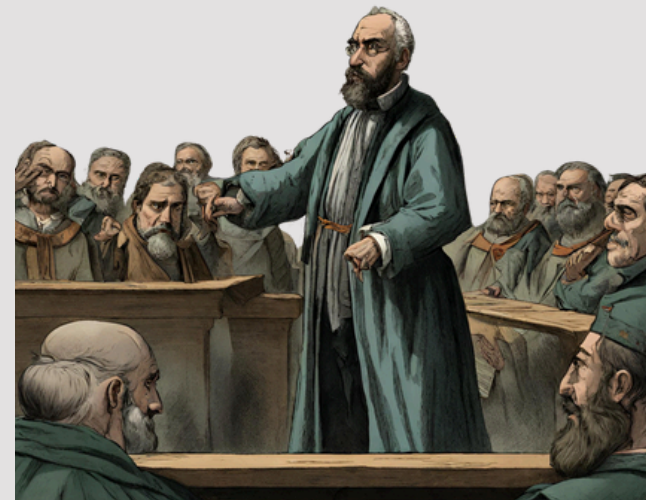


A LUTA PELO RECONHECIMENTO

- 2000: O Papa João Paulo II, por meio de uma carta escrita pelo Cardeal Angelo Sodano, recusa conceder um perdão oficial a Bruno, mas a carta expressa "profundo pesar" pelos "aspectos dos procedimentos" e pelo "resultado violento" do processo contra ele.
- 2014: O teólogo dominicano Frei Betto pediu ao papa Francisco a reabilitação de Giordano Bruno. "Pedi a ele a reabilitação oficial de Giordano Bruno. Acho que a Igreja finalmente pode lhe devolver a dignidade perdida, e fazer assim justiça. Pedi porque acho que o contexto é propício para este tipo de reivindicação", explicou Frei Betto.



JULGAMENTO DE GALILEU GALILEI



O EMBARGO DE 1616

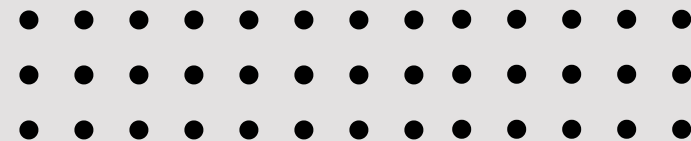
- Roberto Belarmino, o teólogo jesuíta, defendia que era muito improvável que o Sol, na verdade, não se movesse, especialmente porque todo cientista “vivencia que a Terra está imóvel” e vê “que o Sol se move”.
- No dia 25 de fevereiro de 1616, o papa ordenou que o cardeal Belarmino convocasse Galileu e fizesse um alerta para que ele renunciasse a **sustentar ou defender** a opinião de que o Sol ficava parado e a Terra estava em movimento. Ele acrescentou que a recusa em obedecer à ordem resultaria em prisão.



GALILEU
GALILEI

DIÁLOGO SOBRE OS DOIS PRINCIPAIS SISTEMAS DO MUNDO

- Para Galileu, a tarefa de convencer a todos da correção do copernicanismo deve ter assumido a forma de um dever histórico. Foi por isso que ele escreveu em 1632 o Diálogo (como fez com a maioria de seus outros livros) em italiano e não em latim, para que pudesse ser lido por qualquer italiano alfabetizado e interessado.
- No Diálogo, em uma tentativa de agradar ao papa, Galileu foi contra suas convicções científicas pessoais e declarou que havia “assumido o lado copernicano no discurso, procedendo como faria com uma pura hipótese matemática”.



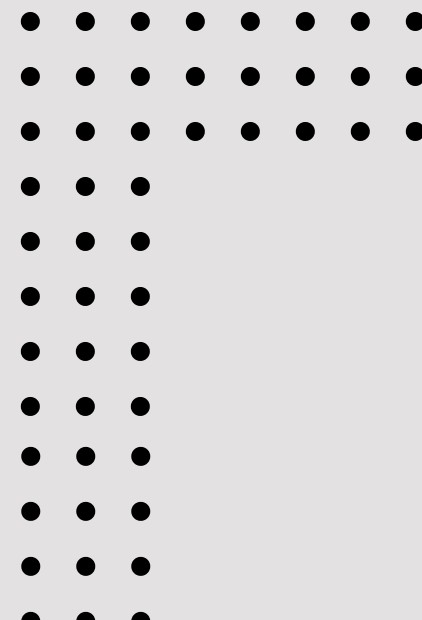
O JULGAMENTO

- Em 1633, o inquisidor Vincenzo Maculano concentrou sua acusação contra Galileu na alegada violação do embargo de 1616, mas baseando-se em um documento possivelmente fraudado que havia sido descoberto nos arquivos da igreja alguns meses antes.
- Esse documento, apresentado no julgamento, datado de 26 de fevereiro de 1616, descrevia uma sequência de acontecimentos que diferia dos fatos conhecidos por Galileu em um aspecto importante. Ele atestava que, imediatamente depois do aviso de Belarmino, Seghizzi interveio e ordenou que Galileu abandonasse o copernicanismo e não o sustentasse, defendesse ou **ensinasse** de nenhuma maneira, e que Galileu prometeu obedecer.



O JULGAMENTO

- “No mês de fevereiro de 1616, o cardeal Belarmino me disse que, uma vez que a opinião de Copérnico, tomada de forma absoluta, era contrária às Sagradas Escrituras, não poderia ser sustentada nem defendida, mas poderia ser estudada e usada hipoteticamente. Em conformidade com isso, mantenho uma declaração do próprio cardeal Belarmino, datada de 26 de maio de 1616, na qual ele diz que a opinião de Copérnico não pode ser sustentada nem defendida, uma vez que é contrária às Sagradas Escrituras.”
- A contradição entre os documentos impulsiona Maculano a tentar oferecer um acordo favorável a Galileu para encerrar rapidamente o julgamento.



O JULGAMENTO

- Pressionado por uma série de relatórios desfavoráveis, especialmente o relatório do jesuíta Melchior Inchofer, forte opositor do copernicanismo, que foi particularmente longo, extremamente detalhado e devastadoramente prejudicial, Galileu aceitou a oferta do suposto acordo e realizou uma confissão abjurando sua obra e sofreu a pena de prisão domiciliar indefinida.
- A humilhação de ter que pronunciar essas palavras, que subvertiam a maior parte do trabalho de sua vida, deve ter sido inimaginável. Aqueles historiadores da ciência que tentam argumentar que, se Galileu tivesse sido de modo geral menos combativo, as coisas teriam tido um desfecho melhor ignoram o fato de que ele foi forçado a abjurar suas profundas convicções sob ameaça de tortura.



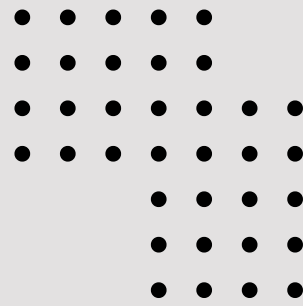
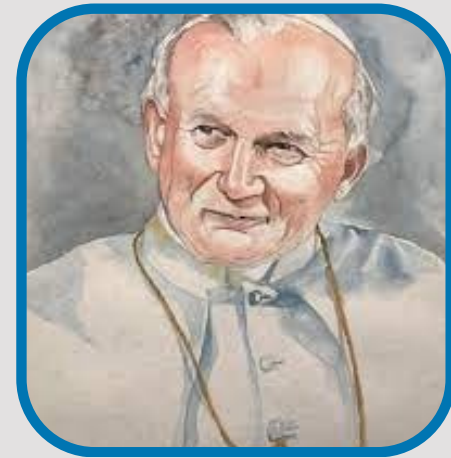
A LUTA PELO RECONHECIMENTO

- 1990: Joseph Ratzinger “A igreja na época de Galileu era muito mais fiel à razão do que o próprio Galileu e também levava em consideração as consequências éticas e sociais da doutrina de Galileu. Seu veredito contra Galileu foi racional e justo, e o revisionismo pode ser legitimado apenas por motivos de oportunismo político.”



A LUTA PELO RECONHECIMENTO

- 1992: João Paulo II: “Graças à sua intuição como um físico brilhante e ao confiar em diferentes argumentos, Galileu, que praticamente inventou o método experimental, entendeu por que apenas o Sol poderia funcionar como o centro do mundo, como era então conhecido, isto é, como um sistema planetário. O erro dos teólogos da época, quando mantiveram a centralidade da Terra, era pensar que nossa compreensão da estrutura do mundo físico era, de alguma forma, imposta pelo sentido literal da Sagrada Escritura.”



ATIVIDADE - UNIDADE 1

- 1) O fenômeno das “fake news” deve ou não ser considerado como contemporâneo? Justifique sua resposta.
- 2) De que maneira o fenômeno das “fake news” prejudicou o combate tanto à pandemia da Covid-19 quanto de doenças que se acreditavam erradicadas?
- 3) Pode a desinformação trazer consequências negativas no comportamento político da sociedade? Exemplifique.



UNIDADE 2

“DEEP FAKE”: SOCIEDADE DE
“MASSAS” E HIPER-REALIDADE

SOCIEDADE DE "MASSAS"

SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE SOCIEDADE DE “MASSAS”

- Antes do século XIX, as “massas” eram percebidas como algo que **existia fora** da sociedade e que a ameaçava com sua barbárie.
- Para Tocqueville, no século XIX, elas encontram-se “**dentro**” da sociedade: erodindo a cultura, **desintegrando a ordem** e dissolvendo o tecido das relações de poder.
- Uma sociedade democrática, eventualmente, fará **desaparecer as antigas distinções de castas**, categorias e classes; qualquer ofício ou dignidade será acessível para todos, o que implicaria que a liberdade e a **independência individual** existiriam em um **segundo plano**.



Alexis de Tocqueville

SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE SOCIEDADE DE “MASSAS”

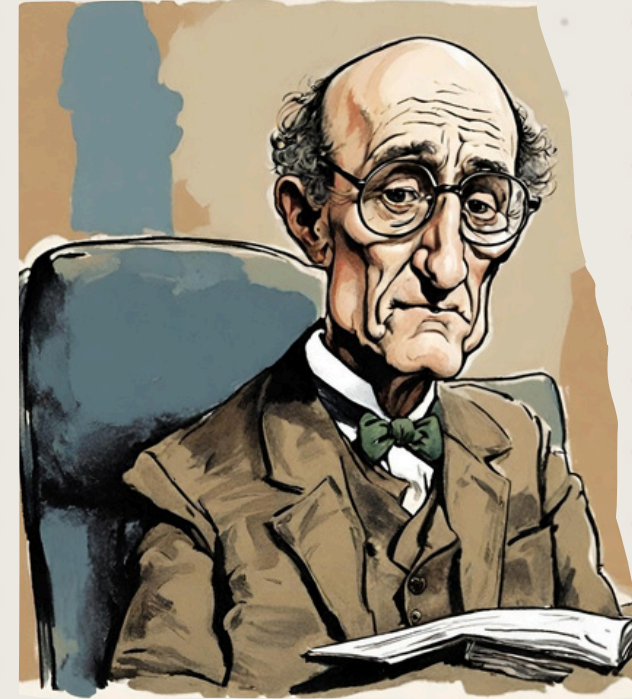
- O que faz opressivo o poder das majorias exercido mediante a democracia é o fato de que Tocqueville projeta sobre as massas uma **imagem de ignorância, fanatismo e curto-prazismo**.
- Sintetiza: “Uma enorme massa de pessoas semelhantes e iguais, que incansavelmente giram sobre si mesmas com o objetivo de poder dar-se os pequenos prazeres vulgares com que satisfazem suas almas”.
- O conceito de massa que começa com o pensamento de Tocqueville **expressa o primeiro desencanto da burguesia**, que vê ameaçada a ordem social por ela e para ela organizada.



Alexis de Tocqueville

SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE SOCIEDADE DE “MASSAS”

- Stuart Mill continua e complementa o trabalho de Tocqueville, projetando a sociedade de “massas” como uma vasta e dispersa agregação de indivíduos isolados.
- Para Mill, a **massa é a mediocridade coletiva que controla cultural e politicamente**. Os governos se transformam em instrumento das tendências e instintos das massas.



Stuart Mill

O Fardo do Homem Branco:

Tomai o fardo do Homem Branco
Enviai vossos melhores filhos.
Ide, condenai seus filhos ao exílio
Para servirem aos vossos cativos;
Para esperar, com chicotes pesados
O povo agitado e selvagem
Vossos cativos, tristes povos,
Metade demônio, metade criança.
[...]

Tomai o fardo do Homem Branco
E colhei vossa recompensa de sempre
A censura daqueles que tornai melhor
O ódio daqueles que guardai
O grito dos reféns que vós ouvi



Rudyard Kipling

SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE SOCIEDADE DE “MASSAS”

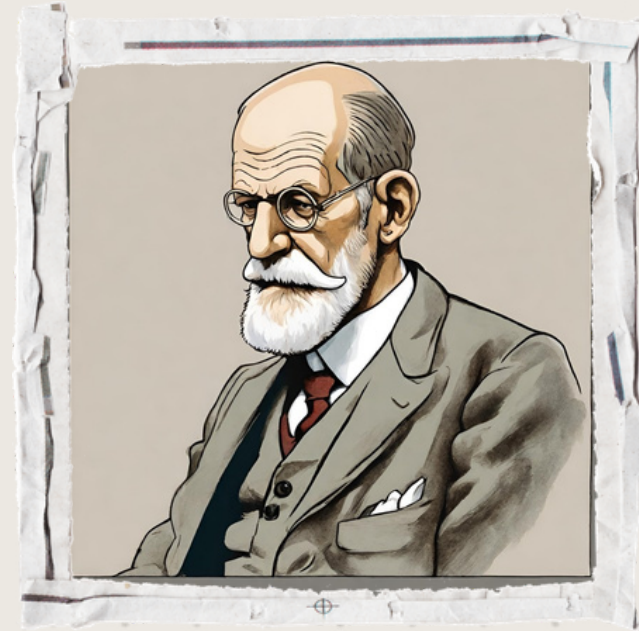
- Gustave Le Bon tenta criar uma **teoria psicológica** para explicar o comportamento das massas.
- Dita teoria consiste em que as massas são um fenômeno psicológico no qual os indivíduos - sem importar o diferentes que sejam entre si - são preenchidos por um espírito coletivo que os impulsiona a realizar um comportamento que nunca fariam isoladamente.
- O comportamento das “massas” é sugestivo, contagioso, primitivo, infantil, impulsivo, irritável, supersticioso e crédulo.
- Para Le Bon, **todo movimento igualitarista é inimigo da civilização.**



Gustave Le Bon

SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE SOCIEDADE DE “MASSAS”

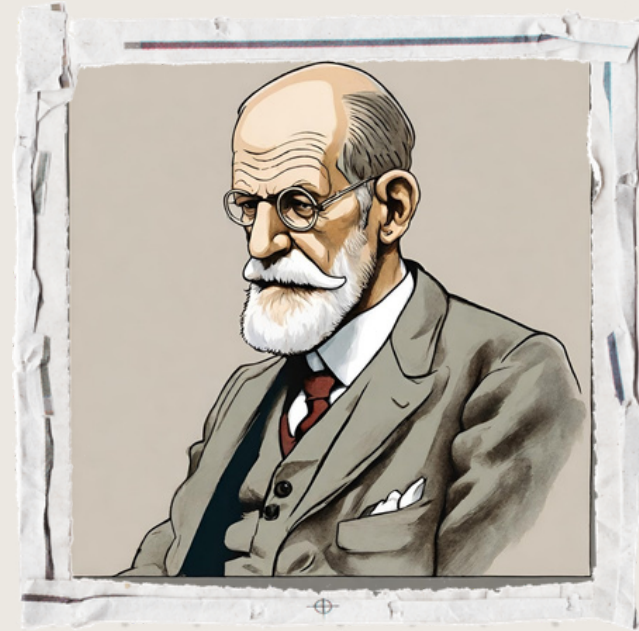
- Sigmund Freud estuda e contesta a teoria proposta por Le Bon. Afirma que o interessante no estudo de Le Bon é introduzir o conceito do inconsciente ao comportamento coletivo. Mas, “para Le Bon, o inconsciente contém antes de tudo os mais profundos caracteres da alma e da raça, o qual não é propriamente objeto da psicanálise”.
- **Essa visão da memória biológica da raça nos conduz diretamente a convalidar a psicologia do nazismo.**
- **Para Freud, o inconsciente está formado basicamente pelo reprimido.**



Sigmund Freud

SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE SOCIEDADE DE “MASSAS”

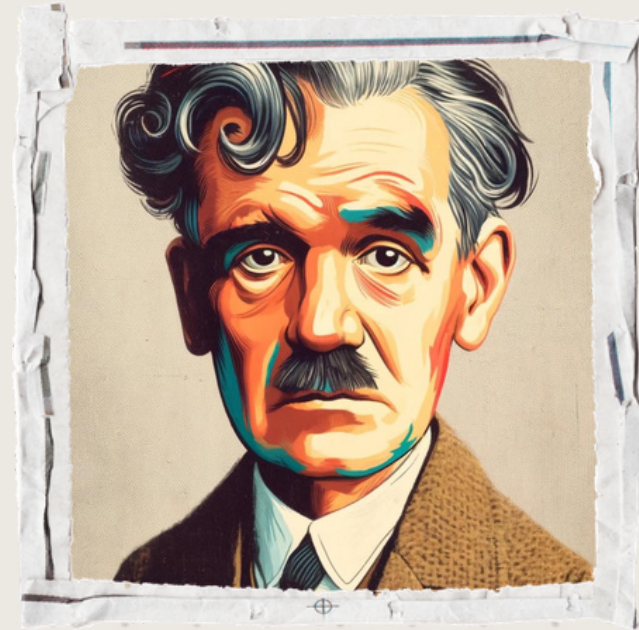
- Desse modo, Freud afirma que o que acontece na massa pode não ser tão diferente do que sucede com o indivíduo, chegando à conclusão de que “o que explode na massa está no indivíduo, porém reprimido.”
- Com essa afirmação, Freud arrebenta as bases dos pensamentos que racionalizam o individualismo burguês.
- Continua Freud: “Também a alma coletiva é capaz de dar vida a criações espirituais de uma ordem genial como o provam, em primeiro lugar, o idioma, e depois os cantos populares, o folclore, etc.



Sigmund Freud

SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE SOCIEDADE DE “MASSAS”

- Wilhelm Reich questiona pessoalmente Freud: “Como é possível que um Hitler ou um Stalin possam reinar como amos sobre oitocentos milhões de indivíduos?”
- Para Reich, a fonte do problema não é a psicologia do líder, seu carisma, etc. A questão é a submissão do homem à autoridade, o que faz com que “onde quer que grupos humanos e frações das classes oprimidas lutem ‘pelo pão e pela liberdade’, o grupo das massas se mantém à margem e reza, ou simplesmente luta pela liberdade no bando de seus opressores.”



Wilhelm Reich

SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE SOCIEDADE DE “MASSAS”

- Gabriel Tarde, em sua obra “A Opinião e a Multidão”, muda como os conceitos são percebidos: a massa agora é percebida como **público** e suas crenças, como **opinião**.
- O novo objeto de estudo será, pois, o público como efeito psicológico da difusão de opinião. Isto é: aquela coletividade **“cuja adesão é só mental”**.
- Essa mudança nos termos expõe a mudança da situação da massa na cultura do século XX: de ser compreendida como ente ativo - barulhento e agitado - a um **ente passivo de uma cultura convertida em espetáculo para “uma massa silenciosa e assustada”**.



Gabriel Tarde

SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE SOCIEDADE DE "MASSAS"

- José Ortega y Gasset começa sua teoria com a inauguração do termo o homem-massa.
- Essa figura apresenta seu lado mau na aglomeração - "essa invasão pelas massas de todos os lugares, inclusive dos reservados às minorias criativas" - e na especialização que desaloja de cada homem de ciência a "cultura integral".
- **No coração do homem-meio, do homem-massa, só há vulgaridade e conformismo.** É como se os detritos do homem ocidental tivessem tomado seu coração. No final da viagem Ortega nos espera com uma fórmula que o resume por inteiro: "A rebelião das massas é mesma coisa que Rathenau chamava a invasão vertical dos bárbaros".



José Ortega y Gasset

SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE SOCIEDADE DE "MASSAS"

- Na sua obra intitulada a "Desumanização da Arte", Ortega defende que a massa é incapaz da cultura - isso vem sendo dito do povo há séculos - e o que salva a arte moderna é que desmascara culturalmente as massas: frente a ela não podem fingir que gozam, tanto lhes aborrece e irrita.
- A cultura criativa, a nova arte, é a vingança da minoria que, em meio ao igualitarismo social e à massificação cultural, nos torna patente que ainda há "classes".
- O mérito de Ortega está em ter feito compreender o grau de opacidade e ambiguidade política com que se reveste em no século XX a questão cultural, e a inversão do sentido do popular que ali se produz.



José Ortega y Gasset

SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE SOCIEDADE DE “MASSAS”

- A violenta experiência do nazismo está no eixo dos estudos da Escola de Frankfurt. Graças a esses estudos, a crítica às sociedades ocidentais deixa de ser limitada a questões econômicas e incorpora a esfera política e cultural em sua tendência à totalização.
- O conceito de Indústria Cultural nasce em um texto de Horkheimer e Adorno publicado em 1947, e o que contextualizou a escrita desse texto é tanto a América do Norte da democracia de massas como a Alemanha nazi.
- A razão ilustrada desemboca na razão instrumental que articula totalitarismo político e massificação cultural como as duas faces de uma mesma dinâmica.



Max Horkheimer



Theodor Adorno

SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE SOCIEDADE DE "MASSAS"

- Ambos filósofos veem na Indústria Cultural uma atrofia da atividade do espectador, que se manifesta com maior clareza no **cinema** - pois, para seguir o argumento do filme, o espectador deve ir tão rápido que não pode pensar e como, além disso, tudo já está dado nas imagens, "o filme não deixa à fantasia nem ao pensar dos espectadores dimensão alguma na qual possam mover-se por sua própria conta, com o que adentra suas vítimas para identificá-lo imediatamente com a realidade".



Max Horkheimer



Theodor Adorno

SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE SOCIEDADE DE "MASSAS"

- Essa Indústria também gera a dessublimação da arte, que não é senão a outra face da degradação da cultura, já que num mesmo movimento a Indústria Cultural banaliza a vida cotidiana e positiva a arte.
- O que de arte estará aí não será mais do que sua casca: o estilo, quer dizer, a coerência puramente estética que se esgota na imitação. E essa será a "forma" da arte produzida pela Indústria Cultural: identificação com a fórmula, repetição da fórmula. Reduzida a cultura, a arte se fará "acessível ao povo como os parques", oferecida ao desfrute de todos, **introduzida na vida como um objeto a mais**, dessublimado.



Max Horkheimer



Theodor Adorno

SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE SOCIEDADE DE “MASSAS”

- Walter Benjamin foi o pioneiro a vislumbrar a mediação fundamental que permite pensar historicamente a relação da transformação nas condições de produção com as mudanças no espaço da cultura, isto é, as transformações do *sensorium* dos modos de percepção, da **experiência social**.
- Benjamin vislumbra que a Indústria Cultural pretende “tirar a envoltura de cada objeto, **triturar sua aura**, é a assinatura de uma percepção cujo sentido para o idêntico no mundo tem crescido tanto que, inclusive, **por meio da reprodução, conquista o terreno do irrepetível**”.



Walter Benjamin

SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE SOCIEDADE DE “MASSAS”

- A Indústria Cultural faz com que as obras de arte tenham um novo alvo, o homem de massa, em posição de usá-las e gozá-las. Antes, as relações sociais colocavam as massas distantes da arte, como algo seletivo. Agora, as massas sentem próximas, com a ajuda das técnicas, até as coisas mais longínquas e mais sagradas.
- O **cinema** constituía para Adorno o expoente máximo da degradação cultural, enquanto que para Benjamin “o cinema corresponde a modificações de longo alcance no aparelho perceptivo, modificações hoje vivenciadas na escala de existência privada por qualquer transeunte no tráfego de uma grande urbe.”



Walter Benjamin

SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE SOCIEDADE DE “MASSAS”

- “As massas buscam dissipação mas a arte reclama recolhimento!”
- Uma massa que "de retrógrada diante de um Picasso se transforma em progressista diante de Chaplin". O **espectador** de cinema se torna um **novo tipo de especialista**, no qual não se opõem, mas se conjugam, a **atividade crítica e o prazer artístico**. Em franca oposição à visão de Adorno, Benjamin vê na técnica e nas massas um modo de emancipação da arte.



Walter Benjamin

HIPER-REALIDADE

SIGNIFICAÇÃO: SINCRÔNICA E DIACRÔNICA

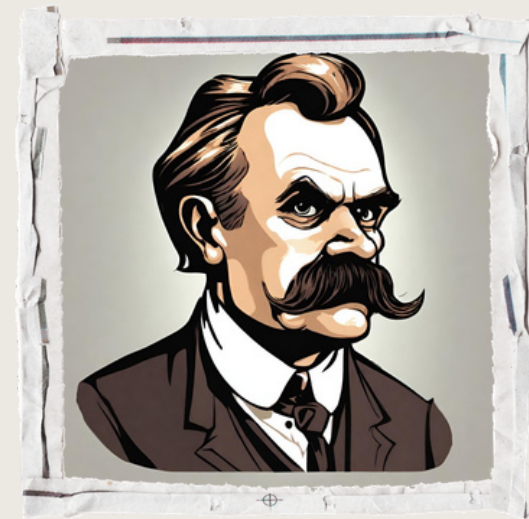
Saussure defendia que os sistemas linguísticos deviam ser estudados **sincronicamente**. Isso consiste em analisar **como as palavras relacionam-se entre si numa determinada situação**.

Tal estudo centra-se em “[...] uma perspectiva, a das pessoas que falam, e todo o seu método consiste em recolher-lhes o testemunho; para saber em que medida uma coisa é uma realidade, será necessário e suficiente averiguar em que medida ela existe para a consciência de tais pessoas.”

Nietzsche defendia que, para compreender-se, por exemplo, a palavra “liberdade”, não bastava simplesmente buscá-la em um dicionário. Seria necessário **procurar sua história**, o que consiste em uma leitura **diacrônica** do termo.



Ferdinand de Saussure



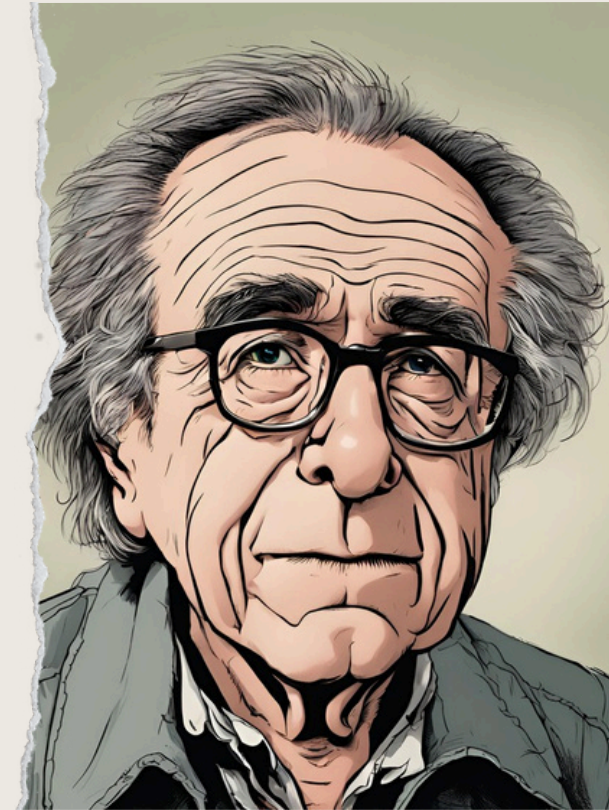
Friedrich Nietzsche





SOCIEDADE DE CONSUMO E OS SISTEMAS DE SÍMBOLOS.

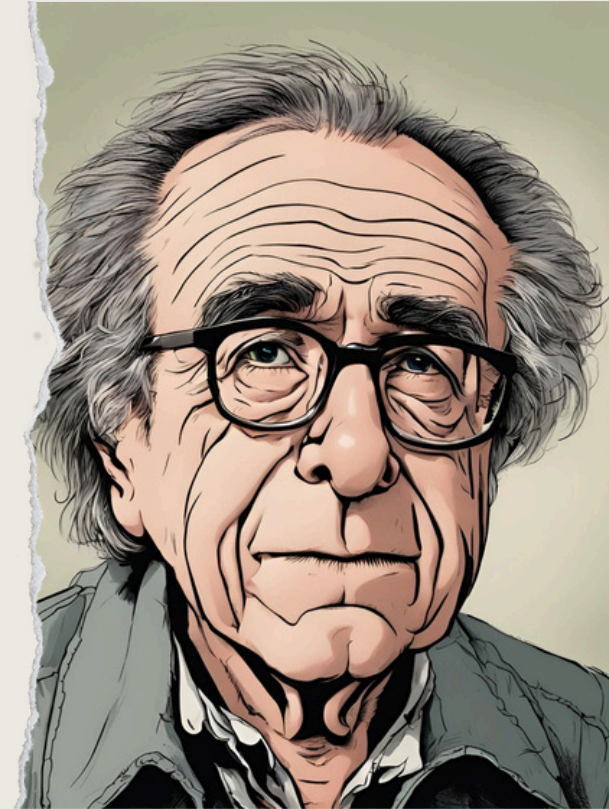
- Baudrillard define nossa sociedade como “**uma ordem de consumo, que se manifesta como ordem da manipulação dos signos.** Em tal medida é possível traçar o paralelo com o **pensamento mágico**, porque ambos vivem dos signos e ao abrigo dos signos”.
- “[...] **é o pensamento mágico que governa o consumo**, é uma mentalidade sensível ao miraculoso que rege a vida cotidiana, é a mentalidade primitiva, no sentido em que foi definida como baseada na crença na onipotência dos pensamentos: no caso presente, trata-se da crença na onipotência dos signos.”



Jean Baudrillard

SOCIEDADE DE CONSUMO E OS SISTEMAS DE SÍMBOLOS.

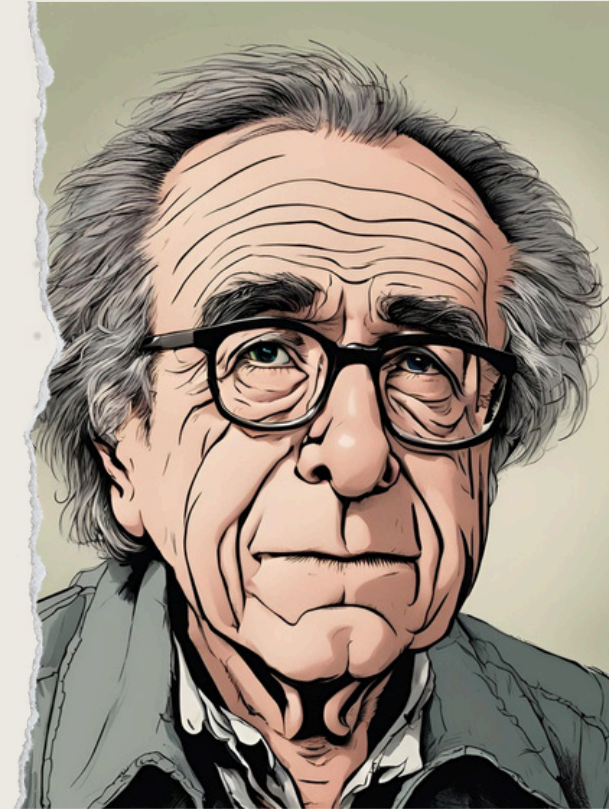
- O lugar de consumo é a vida cotidiana que já não é uma soma de fatos e gestos diários. Agora, por força da banalidade e da repetição, transforma-se em um sistema de interpretação:
- **“Nunca se consome o objeto em si (no seu valor de uso) - os objetos (no sentido lato) manipulam-se sempre como signos que distinguem o indivíduo, quer filiando-o no próprio grupo tomado como referência ideal quer demarcando-o do respectivo grupo por referência a um grupo de estatuto superior”.**



Jean Baudrillard

O CONSUMO COMO LINGUAGEM E A CODIFICAÇÃO

- “O sistema de consumo não se baseia em derradeira instância na necessidade e no prazer, mas num **código de signos** (de objetos/signos) e de diferenças.”
- “**O consumo** constitui uma ordem de significações, como a **linguagem**.”
- “**Não se trata de dizer que não existem necessidades e utilidade natural**, etc. - trata-se de descobrir que **o consumo**, enquanto conceito específico da sociedade contemporânea, **não consiste nelas**.”



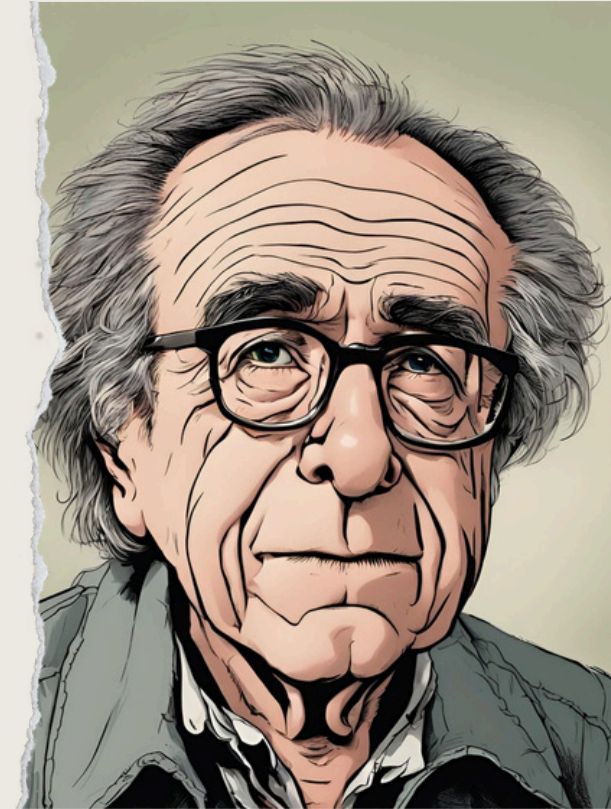
Jean Baudrillard



“Todos esses objetos não têm nada além de singularidade: são abstratos em suas diferenças (seu modo referencial de ser) e se combinam justamente em virtude dessa abstração. Estamos no universo do consumo.”

SOCIEDADE DE CONSUMO E OS SISTEMAS DE SÍMBOLOS.

- “Na troca primitiva, cada relação aumenta a riqueza social; nas nossas sociedades ‘diferenciais’, cada relação social intensifica a carência individual, porque toda a coisa possuída é relativizada na conexão com os outros (ao passo que na permuta primitiva era valorizada por idêntica relação aos outros).”
- “A nossa lógica social é que nos condena à penúria luxuosa e espetacular.”

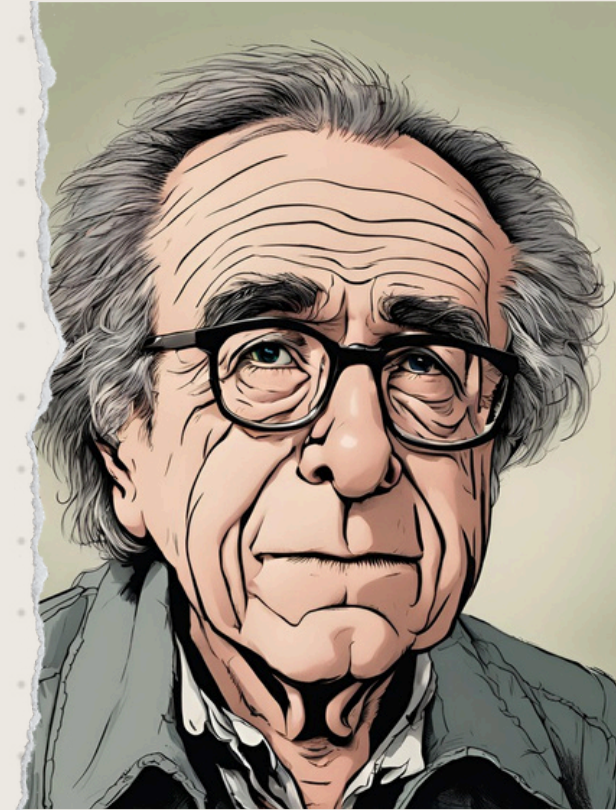


Jean Baudrillard



SOCIEDADE DE CONSUMO E OS SISTEMAS DE SÍMBOLOS.

- “O **consumo** revela-se, pois, como poderoso elemento de **dominação** social (através da atomização dos indivíduos consumidores), mas traz consigo a necessidade de coação burocrática cada vez mais forte sobre os **processos de consumo** - que forçosamente se verá exaltada com crescente energia como o **reino da liberdade**. Não há saída.”.



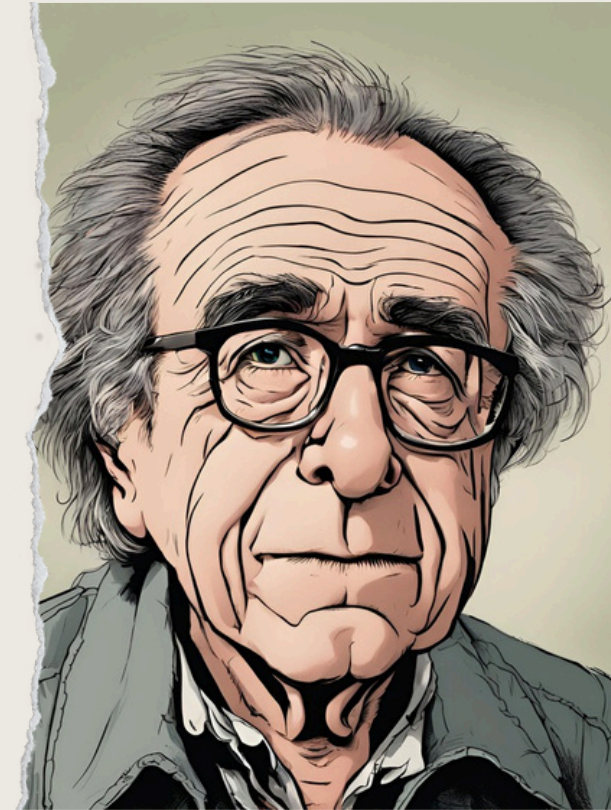
Jean Baudrillard

O MAPA E O TERRITÓRIO

“Naquele império, a Arte da Cartografia alcançou tal Perfeição que o mapa de uma única Província ocupava uma cidade inteira, e o mapa do Império uma Província inteira. Com o tempo, estes Mapas Desmedidos não bastaram e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império que tinha o Tamanho do Império e coincidia com ele ponto por ponto. Menos Dedicadas ao Estudo da Cartografia, as gerações seguintes decidiram que esse dilatado Mapa era Inútil e não sem Impiedade entregaram-no às Inclemências do sol e dos Invernos. Nos Desertos do Oeste perduram despedaçadas Ruínas do Mapa habitadas por Animais e por Mendigos; em todo o País não há outra relíquia das Disciplinas Geográficas.” (BORGES, 2024).

HIPER-REALIDADE: SIMULACRO E SIMULAÇÃO

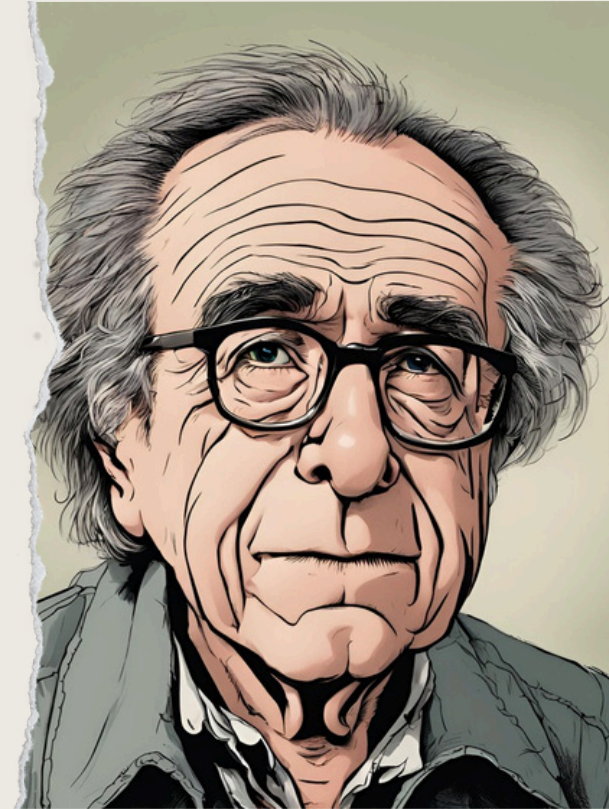
- “Se outrora pudemos tomar pela mais bela alegoria da simulação a fábula de Borges em que os cartógrafos do Império desenham um mapa tão detalhado que acaba por cobrir exatamente o território [...] **esta fábula está terminada para nós e tem apenas o discreto encanto dos simulacros da segunda categoria.** Hoje a abstração não é a do mapa, do duplo, do espelho ou do conceito. A simulação já não é **a simulação** de um território, de um ser referencial, de uma substância. **É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real.**”
- **Agora é o mapa que precede o território.**



Jean Baudrillard

HIPER-REALIDADE: SIMULACRO E SIMULAÇÃO

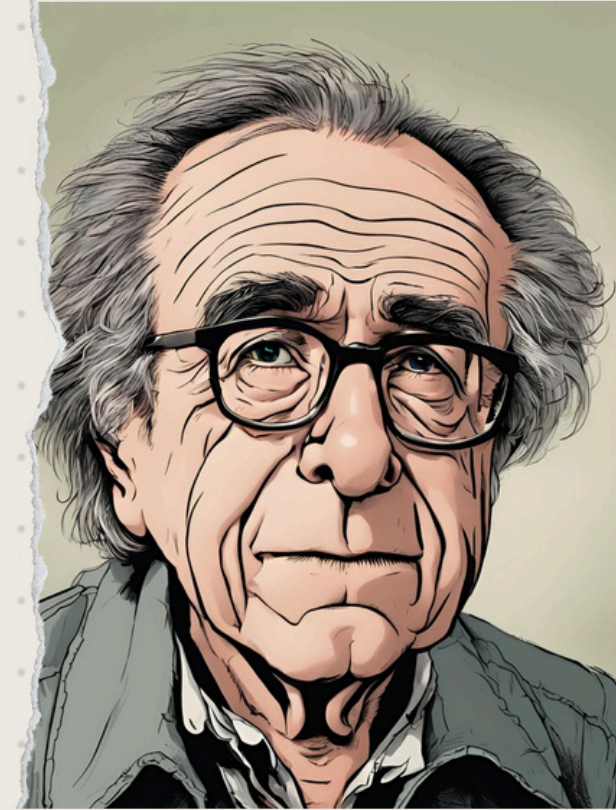
- “Simulação de terceira categoria: “A Disneylândia existe para esconder que é o país ‘real’, toda a América ‘real’, que é a Disneylândia. A Disneylândia é colocada como imaginário a fim de fazer crer que o resto é real, quando toda Los Angeles e a América que a rodeia já não são reais, mas do domínio do hiper-real e da simulação. Já não se trata de uma representação falsa da realidade (a ideologia), **trata-se de esconder que o real já não é real e portanto salvaguardar o princípio de realidade**.”.



Jean Baudrillard

HIPER-REALIDADE: SIMULACRO E SIMULAÇÃO

- **“Watergate.** O mesmo cenário que na Disneylândia, aqui efeito de escândalo escondendo que não há qualquer diferença entre os fatos e sua denúncia (métodos idênticos por parte dos homens da CIA e dos jornalistas do Washington Post). A mesma operação, tendente a **regenerar através do escândalo um princípio moral e político**, através do imaginário um princípio de realidade em dissipação.”.
- **“O poder pode encarnar a sua própria morte para reencontrar um vislumbre de existência e de legitimidade.”.**



Jean Baudrillard

MATRIX: QUE É A REALIDADE?

A realidade não é exatamente o que está à vista.

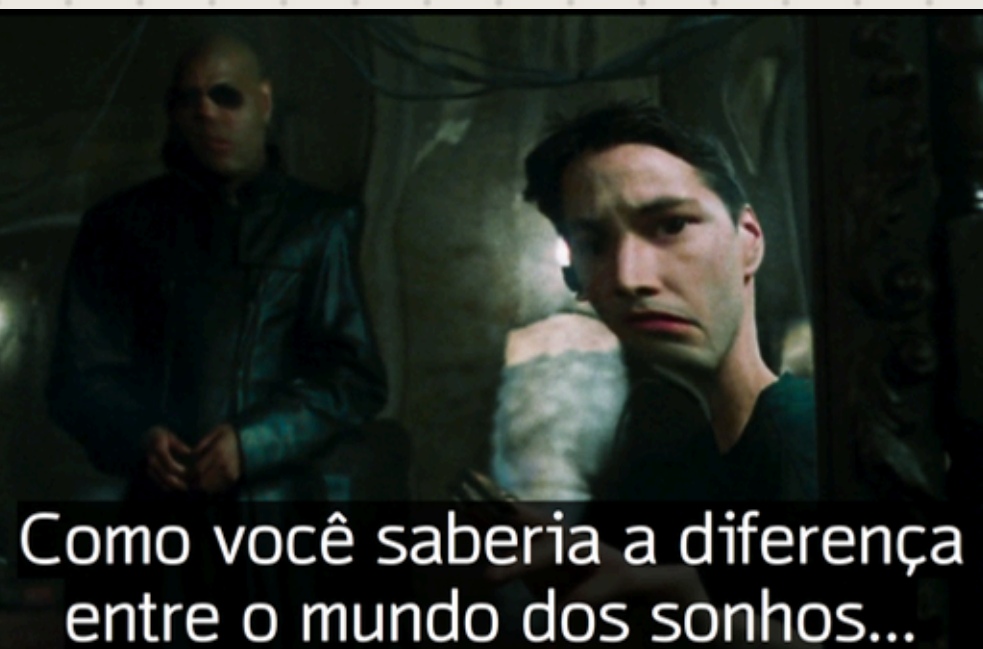
A realidade está sujeita às múltiplas interpretações dos distintos sujeitos humanos ou políticos que habitam este mundo.

Não existe uma realidade apodíctica.



Jacques Lacan: “Não há nenhuma realidade pré-discursiva, cada realidade funda-se e define-se por um discurso.”

Jean-Paul Sartre: “O ser alheio a toda simbolização não aparece em nenhuma parte da experiência humana”.



MATRIX: A CAVERNA DE PLATÃO

O primeiro filme da trilogia “Matrix” apresenta o protagonista chamado “Neo” como um indivíduo preso num mundo de aparências, num **dualismo**, no qual existe primeiro uma realidade digital desenhada a partir de uma realidade material.

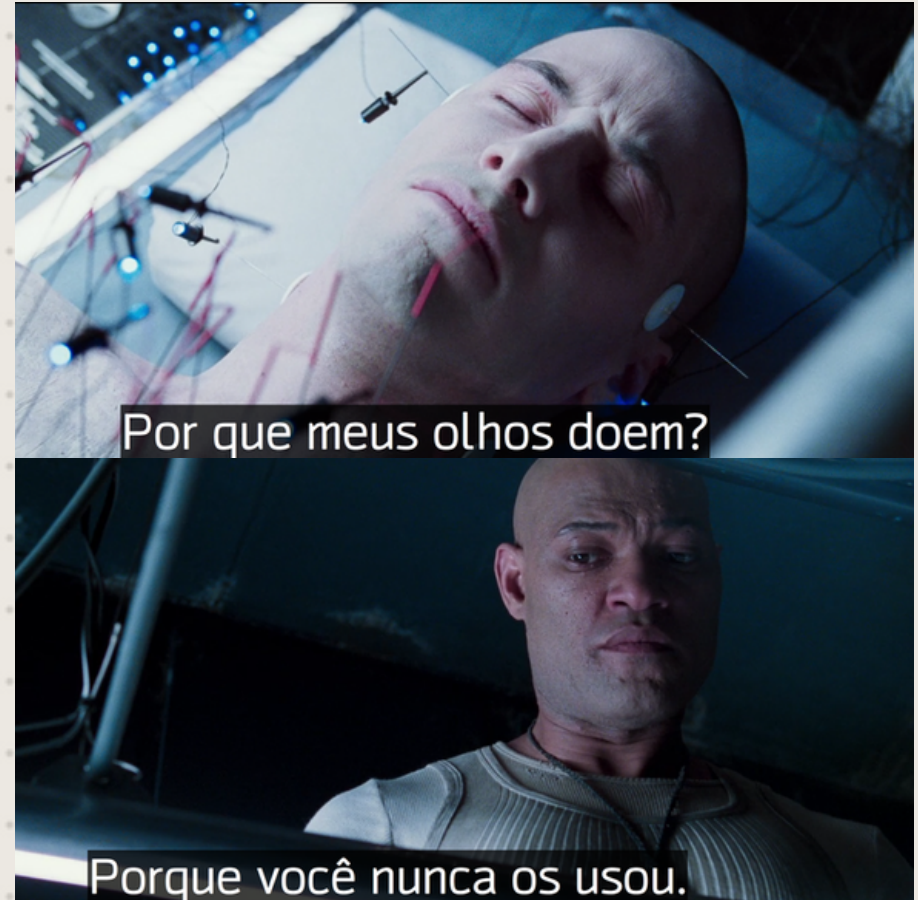
O esgoto representa a liberação da “caverna” moderna que - diferentemente do que ocorre no mito de Platão - não leva imediatamente o prisioneiro à verdadeira luz.



MATRIX: A CAVERNA DE PLATÃO

Na alegoria original, quando o prisioneiro começa a enxergar os objetos fora da caverna, ele sofre uma intensa dor ocular que não lhe permite apreciar a nova realidade de forma imediata e o impele a voltar ao seu confinamento.

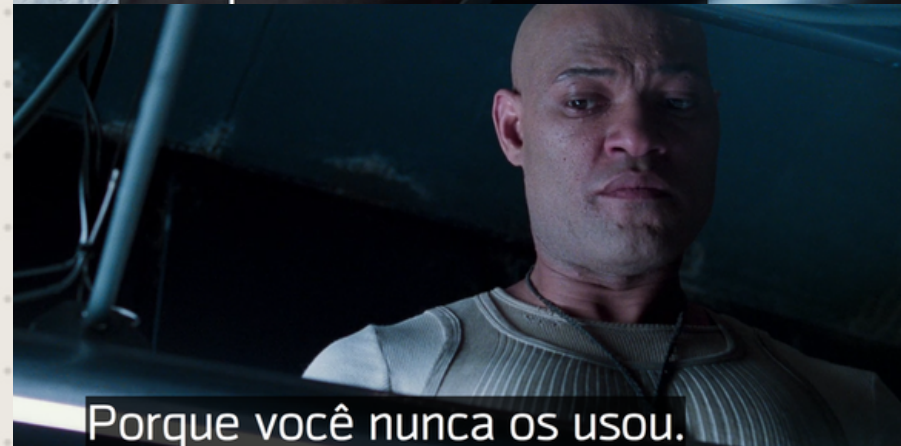
“Sócrates: E se o forçassem a olhar para a própria luz, não achas que os olhos lhe doeriam, que ele viraria as costas e voltaria para as coisas que pode olhar e que as consideraria verdadeiramente mais nítidas do que as coisas que lhe mostram?”



MATRIX: A CAVERNA DE PLATÃO

“Sócrates: É preciso que ele se habitue, para que possa ver as coisas do alto. Primeiro, ele distinguirá mais facilmente as sombras, depois, as imagens dos homens e dos outros objetos refletidas na água, depois os próprios objetos.”

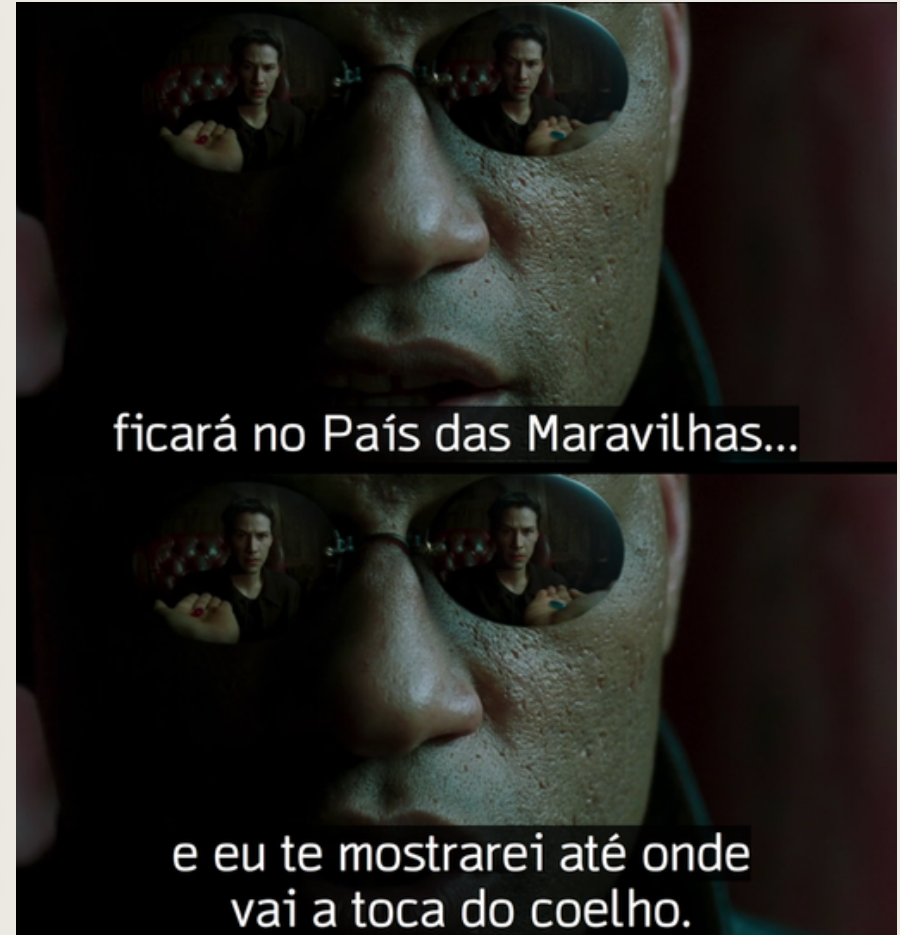
Esse processo de adaptação mencionado por Sócrates **leva ao engano de que Neo será capaz de perceber a verdadeira simulação durante o primeiro filme.**



MATRIX: DIÁLOGO COM JEAN BAUDRILLARD.

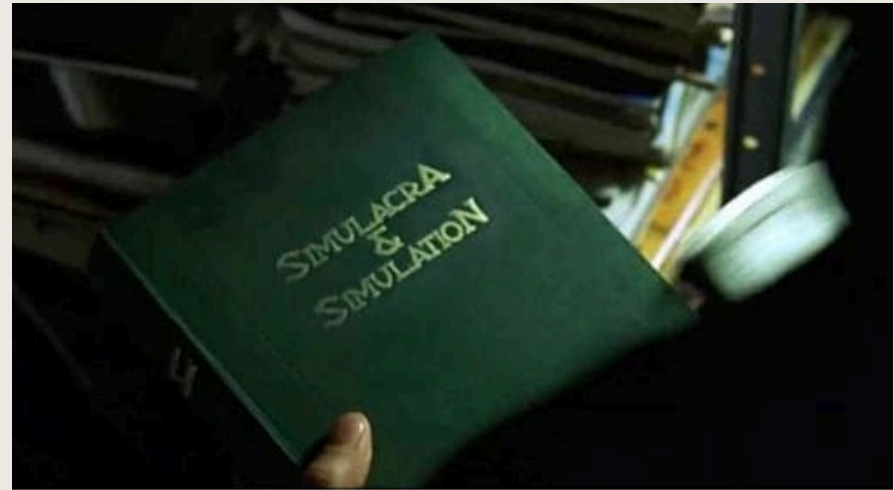
O “deep fake” - as “fake news” promovidas pela IA - guardam algum tipo de relação com a Matrix digital apresentada no começo do filme? Por quê?

Por que o verdadeiro diálogo com o pensamento de Jean Baudrillard começa nessa parte do filme? A pílula vermelha é um elemento de libertação? Por quê?



MATRIX: DIÁLOGO COM JEAN BAUDRILLARD.

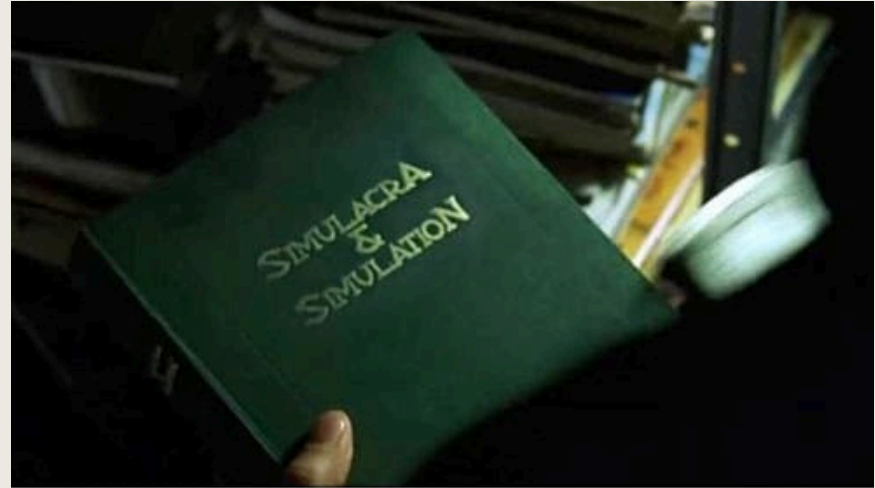
Neo - pseudônimo que utiliza como traficante de software - decide utilizar o livro de Jean Baudrillard “**Simulacro e Simulações**” para esconder seus produtos, advertindo os espectadores de que a trilogia vai seguir uma ideia central da obra de Baudrillard: “**O poder pode encarnar a sua própria morte para reencontrar um vislumbre de existência e de legitimidade.**”.



MATRIX: DIÁLOGO COM JEAN BAUDRILLARD.

O mundo virtual no qual Neo vive foi criado por uma inteligência artificial que conseguiu fazer uma réplica quase perfeita da realidade material. Esse novo tipo de simulação encontra seu similar conhecido como o fenômeno “deep fake”.

“Técnica que consiste em **criar conteúdos aparentemente verdadeiros e autênticos, mas que são falsos; normalmente é feita através do uso de programas de inteligência artificial que alteram o som e a imagem deixando-os o mais próximo do original possível.**”

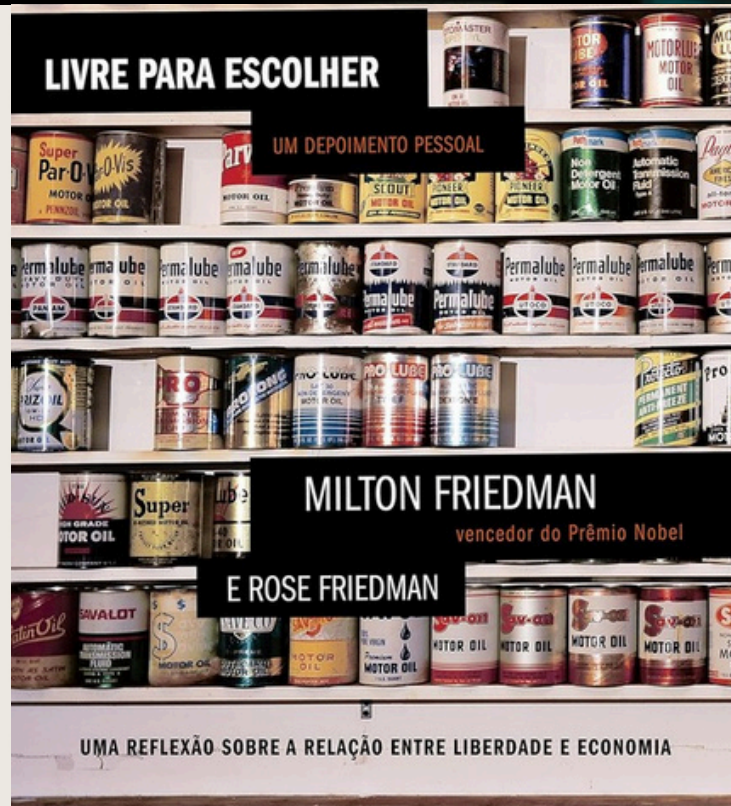
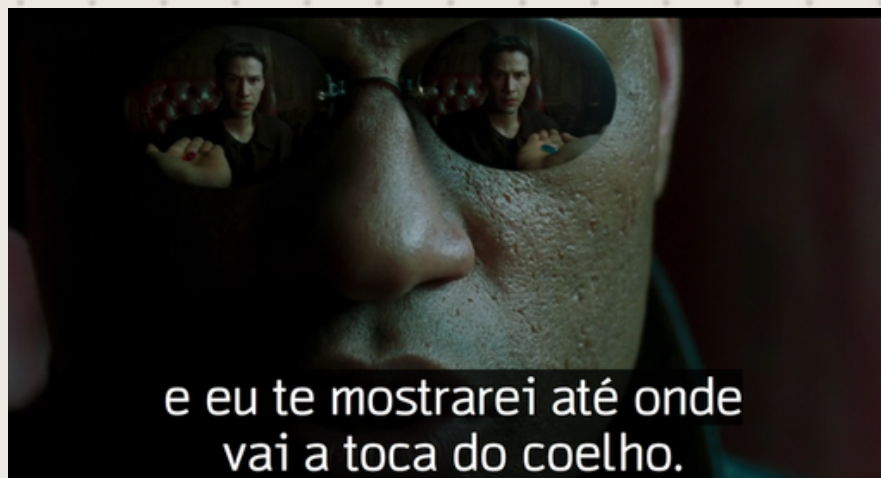


MATRIX: DIÁLOGO COM JEAN BAUDRILLARD.

Para Baudrillard, é impossível defender, em nossas sociedades de consumo, a ideia de que somos completamente livres nas escolhas.

Códigos, sistemas de signos, algoritmos etc. manipulam o sujeito a fazer ou induzir a pensar o pretendido.

A falsa eleição a respeito das pílulas consiste em um hiper-real, uma simulação do terceiro tipo, devido a que esta “já não se trata de uma representação falsa da realidade (a ideologia), trata-se de esconder que o real já não é real e portanto salvaguardar o princípio de realidade.”.



MATRIX: DIÁLOGO COM JEAN BAUDRILLARD.

No auge da tolice, nos EUA, promoveu-se - mediante a liderança do magnata Elon Musk - a ideia de que a extrema direita, representada nesse momento pelo então presidente Donald Trump, era um projeto político revolucionário (quando na prática era reacionário).

A cúspide da desinformação apresenta-se de modo que os republicanos sejam relacionados à pílula vermelha de Neo, ignorando o fato de que as cores escolhidas pelo diretor para ambas as pílulas eram uma referência à falsa dicotomia de que sofre a democracia americana.

Ivanka Trump @IvankaTrump · 7h
Taken!

Elon Musk @elonmusk · 9h
Take the red pill 🌹

4.5K 11.8K 54.6K

Lilly Wachowski @lilly_wachowski
Replying to @IvankaTrump
Fck both of you

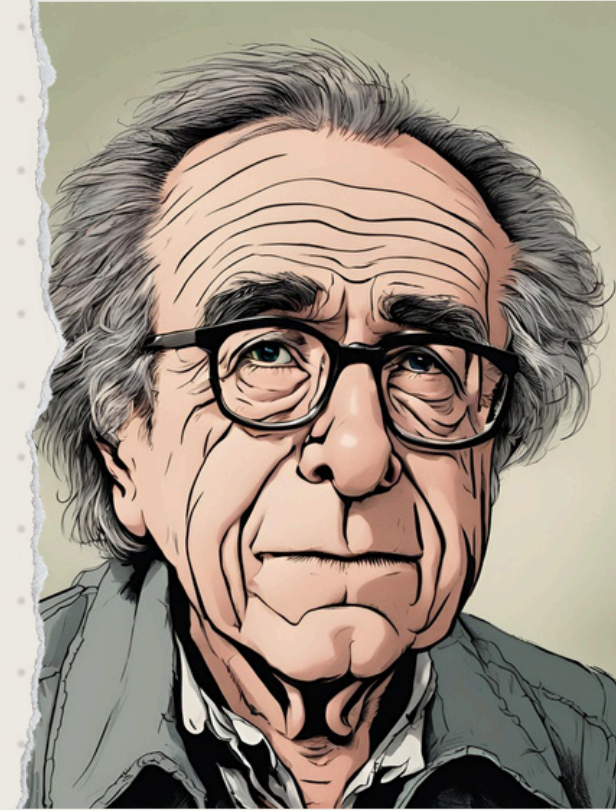


A GUERRA DO GOLFO EXISTIU?

O provocador título do livro “**A Guerra do Golfo Não Existiu**” define o hiper-real por excelência.

Devido a que, no plano real, **as potências orientais e ocidentais** não conseguem testar a correlação de forças pela potência destrutiva de seus armamentos, elas **são impelidas a assumir uma auto dissuasão constante**. Impedidas de praticarem uma guerra tradicional, **unicamente pode-se de simular o conflito**.

“Sujeitos à simulação de guerra como à prisão domiciliária, **somos todos, *in situ*, reféns estratégicos**: a nossa posição é a televisão, onde somos virtualmente **bombardeados diariamente**, ao mesmo tempo que continuamos a cumprir a nossa função de valor de troca.”

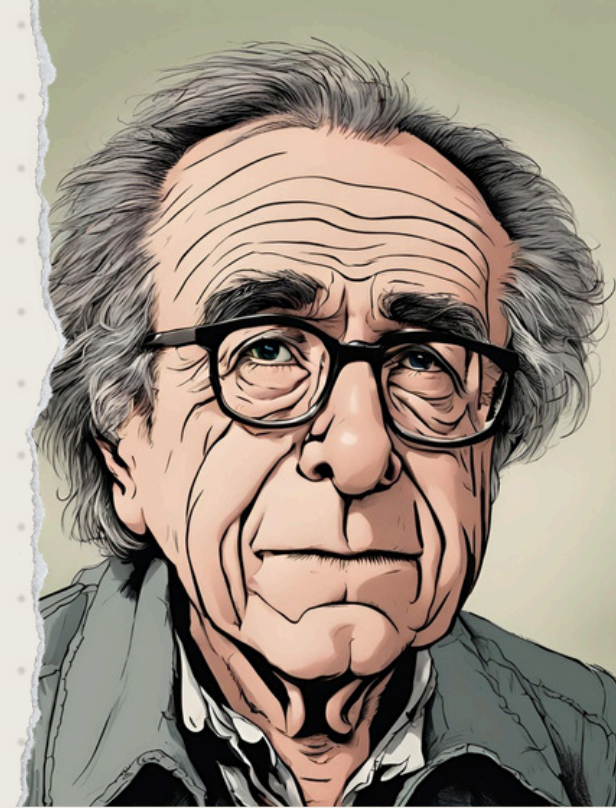


Jean Baudrillard

A GUERRA AO GOLFO, EXISTIU?

A guerra simulacro permite gozar da guerra sem encontrar-se verdadeiramente com ela:

“No estado de guerra desescalado, o do direito à guerra, com a luz verde da ONU, da implantação de precauções e concessões. **É o uso da camisinha estendido ao ato de guerra:** fazer a guerra, como o amor, com camisinha! Na escala Richter, a Guerra do Golfo não alcançaria o grau dois ou três. A escalada é irreal, **como se a ficção de um terremoto tivesse sido criada pela manipulação dos instrumentos de medição.**”

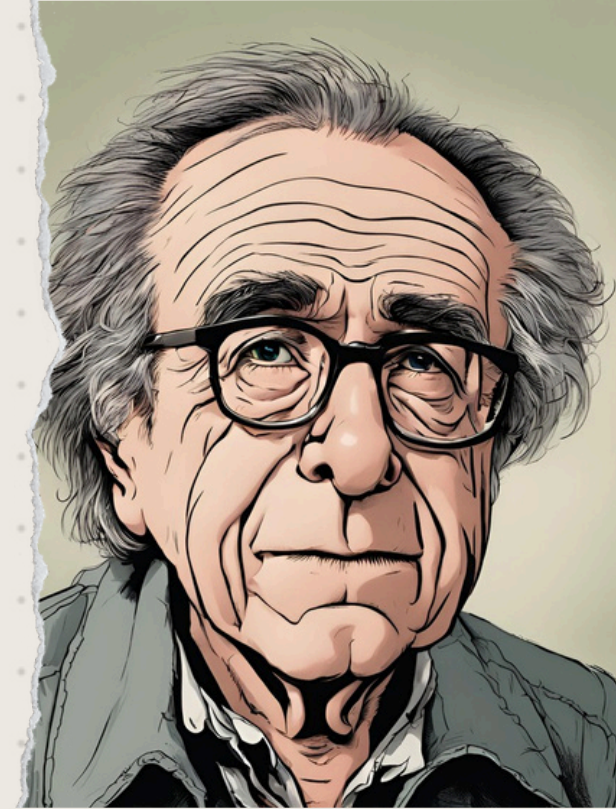


Jean Baudrillard

A GUERRA AO GOLFO, EXISTIU?

“Já não estamos numa lógica de passagem do virtual para o real, mas numa lógica hiper-realista de **dissuadir o real através do virtual.**”

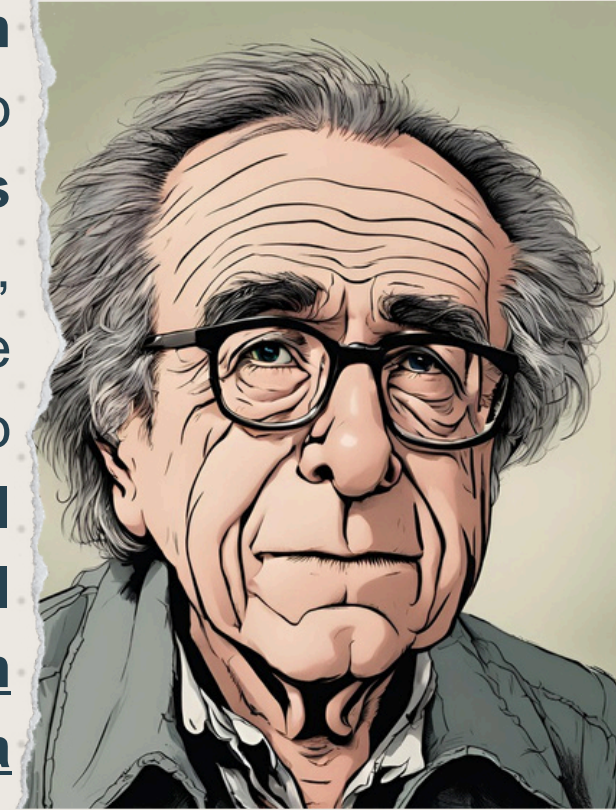
“Parece que esta obsessão em agir determina atualmente todos os nossos comportamentos: **medo obsessivo de tudo o que é real**, de qualquer acontecimento real, de qualquer violência real, de qualquer prazer demasiado real. Contra esta obsessão pela realidade, **criamos um gigantesco dispositivo de simulação que nos permite agir *in vitro*** (é verdade até para a procriação). **À catástrofe do real preferimos o exílio do virtual, cujo espelho universal é a televisão.**”



Jean Baudrillard

A GUERRA AO GOLFO, EXISTIU?

“Os autênticos belicistas são aqueles que vivem da ideologia da veracidade desta guerra, enquanto a própria guerra causa estragos a outro nível, **através da malandragem, da hiper-realidade**, da simulação, através de toda a estratégia mental de dissuasão que se exerce nos fatos e nas imagens, na antecipação do virtual sobre o real, **na antecipação do tempo virtual sobre o acontecimento e na confusão inexorável de ambos. Todos aqueles que nada entendem destes assuntos fortalecem involuntariamente esta barreira de engano que nos rodeia.**”



Jean Baudrillard

ATIVIDADE 2

- 1) Quais são as diferenças entre os filósofos Theodor Adorno e Walter Benjamin a respeito da importância do cinema?
- 2) Como a leitura sincrônica dos símbolos nas sociedades de consumo proposta pelo filósofo Jean Baudrillard interage com o fenômeno das “fake news”?
- 3) Baudrillard destaca que a Guerra do Golfo nunca existiu como uma guerra clássica e afirma que ela sucedeu no plano do hiper-real. Qual é a consequência de que a audiência aceite a desinformação passivamente? Há alguma similitude com o fenômeno das “fake news”? Por quê?

UNIDADE 3:

A subjetividade reflexiva em perigo

Apresentação ao pensamento filosófico de René Descartes.

Por que um método?

Paralelismo entre os desafios do século XVII e os do século XXI.

O QUE SE REPETE, SE PENSA DUAS VEZES

“Uma gama significativa de material já conhecida e muito bem estudada por alguns leitores foi mantida porque em tudo o que já se sabe esconde-se algo digno de pensamento. As repetições podem dar ensejo a repensarmos sempre novamente umas poucas ideias que determinam o todo.”



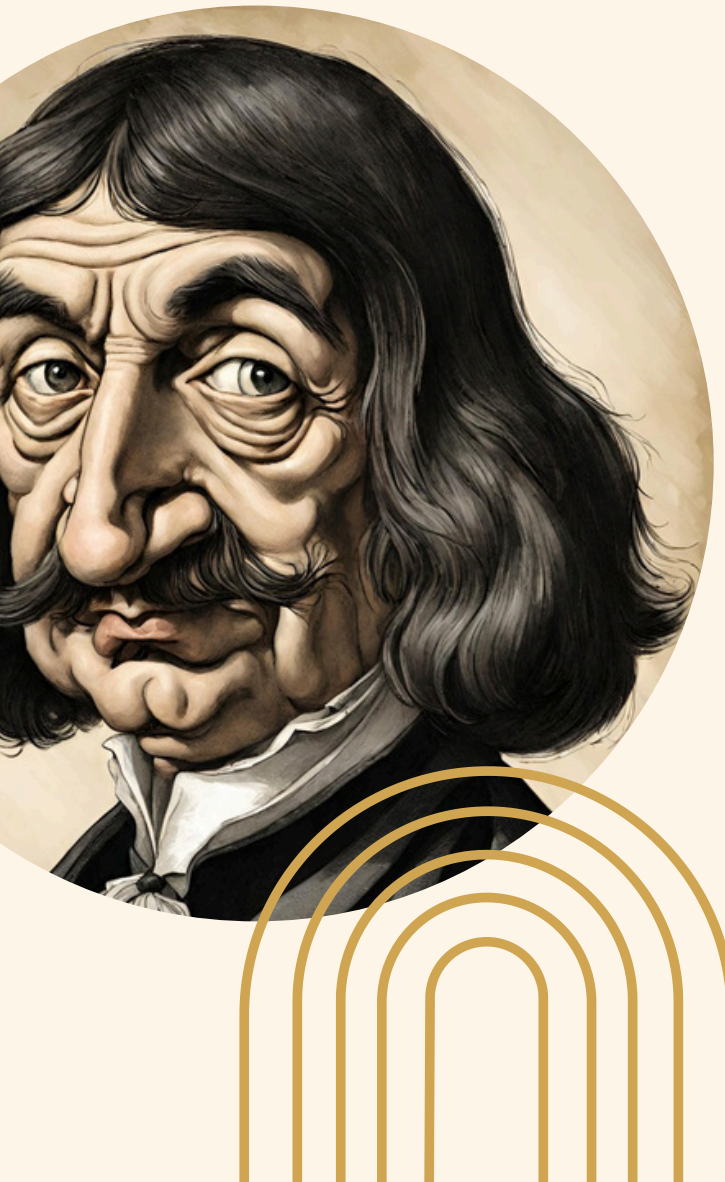
NINGUÉM PODE MORRER POR MIM

Dasein (ente existencial): ser-aí. possibilidade. ser-para-a-morte. É o local no qual o ente se faz a pergunta pelo ser. Toma consciência da iminência de sua finitude liberando-se da angústia da negação para existir autenticamente.

Das man: ainda não. se diz. errância. Vive em estado de negação da iminência da morte. Habita no estado de existência inautêntica conhecido como “ainda não”, procurando sistematicamente evasões ou consolações para não assumir a natureza de seu ser. **Essa evasão o leva à angústia.**



NINGUÉM PODE PENSAR POR MIM



“Meu propósito nunca foi além de procurar reformular meus próprios pensamentos e construir num terreno que é todo meu.”

Para levar a cabo seu propósito, Descartes analisa todo o conhecimento que adquiriu ao longo do tempo e decide que:

“Não é necessário examinar cada uma em particular, o que exigiria um trabalho infinito; mas, já que a ruína dos alicerces acarreta necessariamente a ruína de todo o edifício, enfrentarei primeiramente sobre os princípios sobre os quais se apoiavam todas as minhas antigas opiniões.”

NINGUÉM PODE PENSAR POR MIM



O edifício que Descartes tentava derrubar - para construir seu próprio conhecimento - era o modo como os teólogos (principalmente da Inquisição) empregavam a escolástica, que era um sistema filosófico derivado, em última instância, de Aristóteles desenvolvido no século XIII e que continuou até o renascimento.

O que Descartes enfrentou foi um formidável sistema filosófico de ampla sofisticação e poder.

NINGUÉM PODE PENSAR POR MIM



Descartes afirma que a maioria dos que aspiravam a ser filósofos seguiam cegamente a Aristóteles ou foram saturados de suas opiniões na juventude até que estas dominaram suas perspectivas.

A modo de exemplo, explica que todos os filósofos supõem que os corpos terrestres têm peso. Não obstante, os corpos que consideramos “pesados” caem em direção ao centro da terra e não compreendemos a natureza do que se denomina como “gravidade”, que é o princípio que faz com que os corpos caiam desse jeito.

NINGUÉM PODE PENSAR POR MIM



Para empreender este novo desafio filosófico - ao contrário da escolástica, que confiava num vasto *corpus* de doutrinas herdadas - Descartes propôs “**destruir tudo e começar de novo diretamente desde os fundamentos**”, procurando simplicidade, clareza e auto-evidência.

O revolucionário em Descartes é o fato de não interessar-se por uma pequena audiência acadêmica. Ao contrário disso, ele procura a pessoa comum, visando construir um método de conhecimento universal.

O relato cartesiano

Na juventude

Desde a infância apresentou interesse nas letras, mas quando concluiu seus estudos mudou de opinião.

A crise existencial

Já na classe dos doutos, numa das mais célebres escolas da Europa, sentia que estava cheio de dúvidas e erros.

A falta de experiência

Consciente de sua juventude e das limitações que a vida acadêmica da época oferecia, decide procurar novos conhecimentos “no livro do mundo”.

O novo começo

Disposto a procurar novos conhecimentos, abandona as letras e dedica-se a recolher diversas experiências de pessoas de diversos humores e condições.

Conclusões da viagem

Durante sua viagem, Descartes observa que as opiniões eram tão diversas e questionáveis como as que tinha conhecido anteriormente.

E devido a isso afirma que: “De modo que o maior proveito que eu retirava era aprender [...] **a não crer muito firmemente naquilo que me fora persuadido apenas pelo exemplo e o costume, e assim a livrar-me aos poucos de muitos erros que podem ofuscar nossa luz natural e nos tornar menos capazes de ouvir a razão**”.

Conclusões da viagem

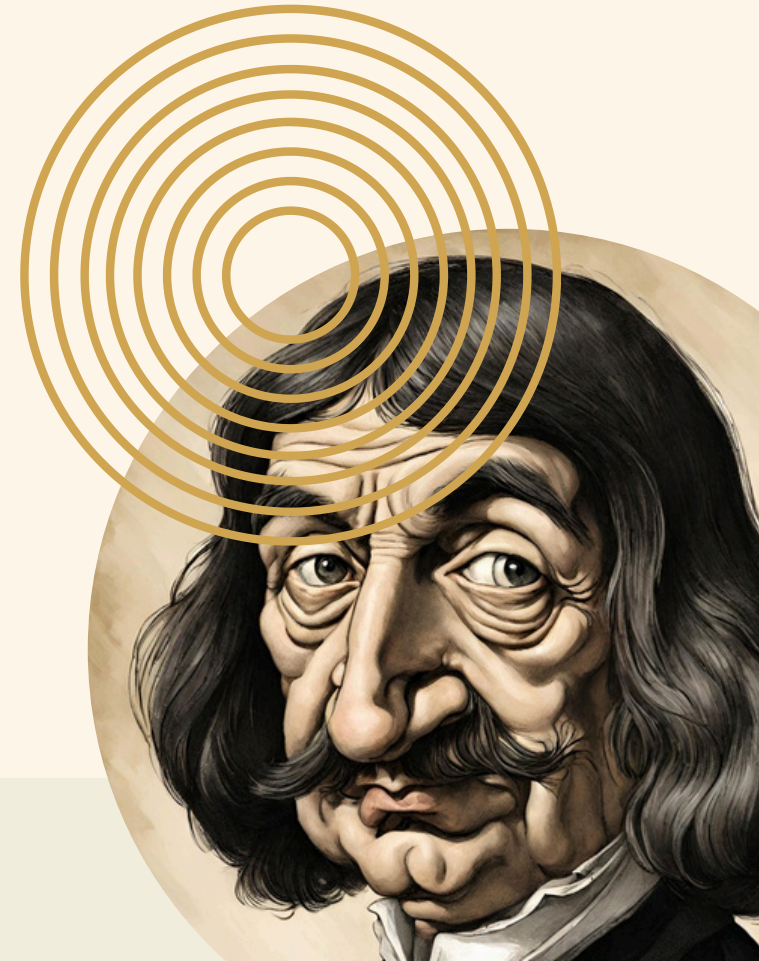
E conclui: “De modo que é bem mais o costume e o exemplo que nos persuadem do que qualquer conhecimento certo, e que no entanto **a pluralidade das vozes não é uma prova que valha para as verdades um pouco difíceis de descobrir**”.

Parcialmente desapontado com o resultado da viagem, Descartes toma a resolução de “**estudar em mim mesmo**, e de empregar todas as forças do meu espírito em escolher os caminhos que devia seguir.”

O método.

01

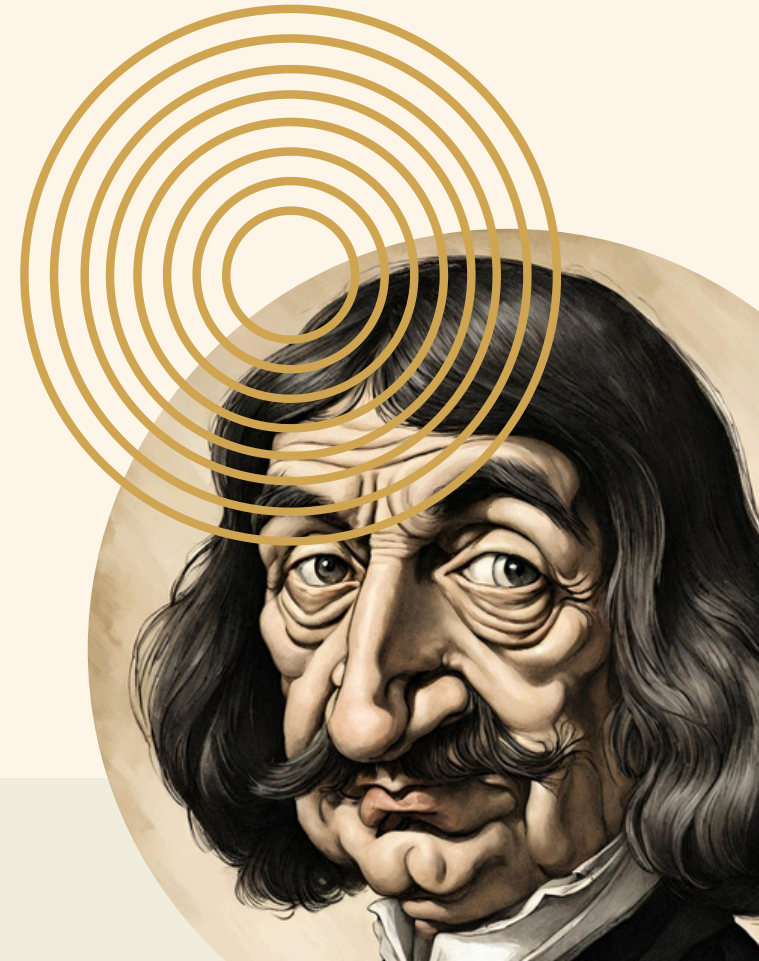
“O primeiro era **não aceitar jamais alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal**: isto é, evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e nada incluir em meus julgamentos senão o que se apresentasse de maneira tão clara e distinta a meu espírito que eu não tivesse nenhuma ocasião de colocá-lo em dúvida.”



O método.

02

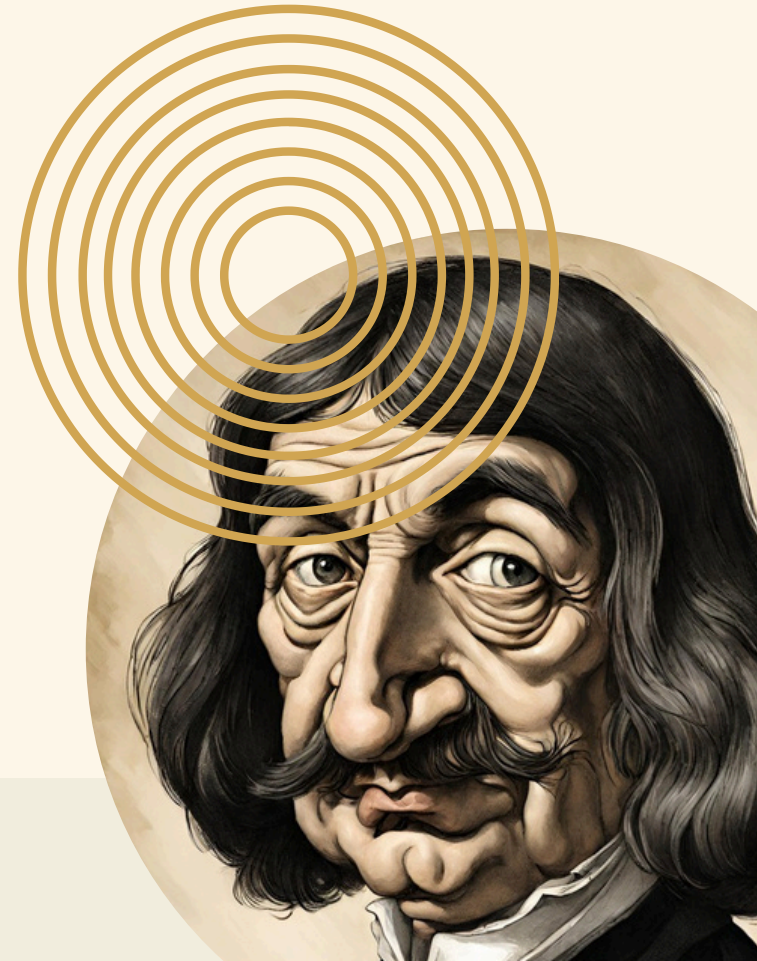
“O segundo, dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas possíveis e que fossem necessárias para melhor resolvê-las”.



O método.

03

“O terceiro, conduzir por ordem meus pensamentos, **começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir aos poucos, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos**, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros.”



O método.

“E o último, fazer em toda parte enumerações tão completas, e **revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir.**”

“O que mais me contentava nesse método é que por ele eu tinha certeza de usar em tudo minha razão, se não perfeitamente, ao menos da melhor maneira possível: além disso eu sentia, praticando-o, que meu espírito se acostumava aos poucos a conceber mais claramente e mais distintamente seus objetos.”



O problema do método.

“Mas, cuidando que seus princípios deviam ser todos tomados da filosofia, na qual eu ainda não encontrava nenhum que fosse certo, pensei que era preciso, antes de tudo, tratar de estabelecê-los nela.”



Em busca do primeiro princípio da filosofia

Primeiro, **rejeita a evidência empírica:**

“Quantas vezes me aconteceu sonhar, durante a noite, que eu estava neste lugar, que estava vestido, que estava junto à lareira, embora estivesse completamente nu em minha cama! [...] o que acontece durante o sono não me parece tão claro e tão distinto como tudo isto.”



Em busca do primeiro princípio da filosofia

Segundo, **rejeita a evidência racional:**

“Suporei, portanto, que há não um verdadeiro Deus, que é a fonte soberana de verdade, mas um certo gênio maligno, tão astuto e enganador quanto poderoso, que empenhou toda a sua habilidade para me enganar.”

“[...] pode acontecer que ele tenha querido que eu me engane todas as vezes que adiciono do dois ao três, ou que conto os lados de um quadrado [...] ter-me feito de tal forma que eu me enganasse sempre.”



Descartes descobre a subjetividade

“Portanto, se ele me engana, não há dúvida de que eu sou; e, por mais que ele me engane, não poderá jamais fazer com que eu não seja nada **enquanto eu pensar que sou algo.**”

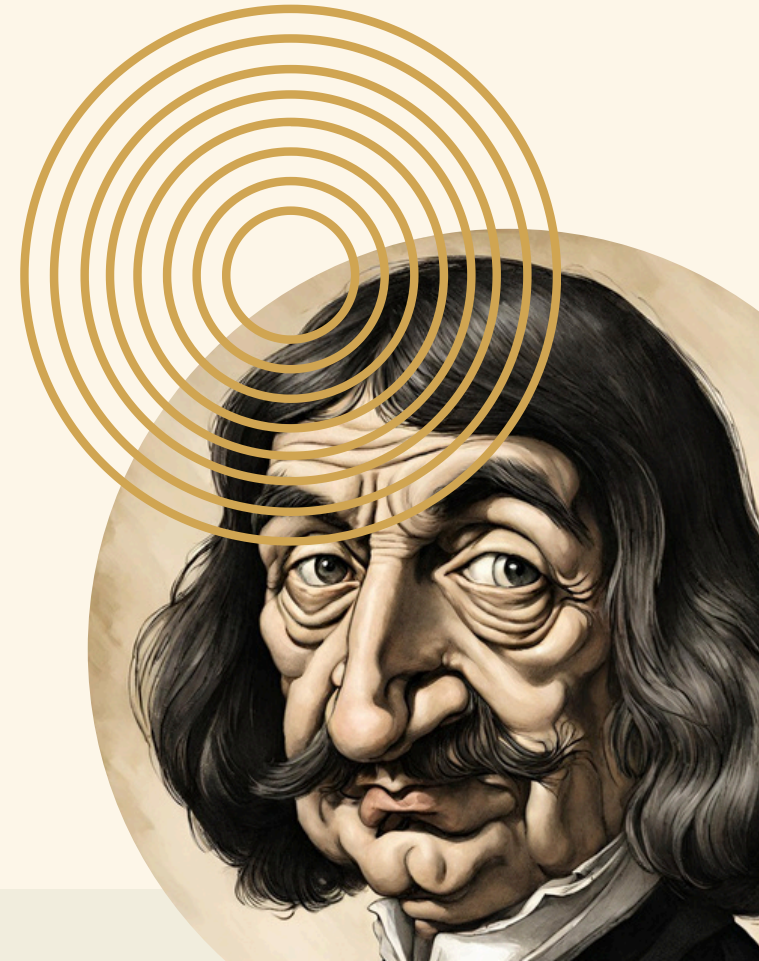
E “quando quis assim pensar que tudo era falso, era preciso necessariamente que eu, que o pensava, fosse alguma coisa. E, observando que esta verdade, **penso, logo existo**, era tão firme e tão segura que as mais extravagantes suposições dos céticos eram incapazes de a abalar, julguei que podia admiti-la sem escrúpulo como o primeiro princípio da filosofia que eu buscava.



Descartes descobre Deus na subjetividade

“Devo examinar se há um Deus, logo que se apresentar a oportunidade para isso; e se descubro que há um Deus, devo também examinar se ele pode ser um impostor, porque, sem o conhecimento destas duas verdades, não vejo que eu possa algum dia ter certeza de alguma coisa”.

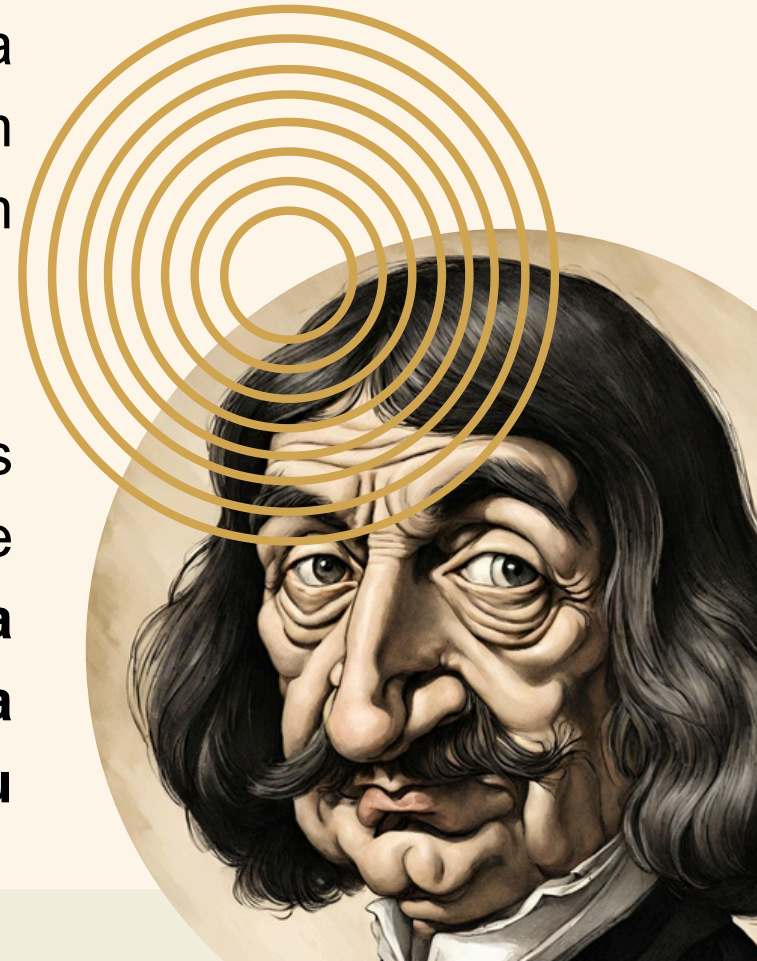
“Como seria possível que eu possa saber que duvido e que desejo, ou seja, que me falta alguma coisa e que não sou totalmente perfeito, se não tivesse em mim alguma ideia de um ser mais perfeito do que o meu, por cuja comparação eu conheceria os defeitos de minha natureza?”



Descartes corta a cabeça de Luis XVI

“Se eu fosse independente de qualquer outro e fosse eu mesmo o autor de meu ser, certamente não duvidaria de coisa alguma, não conceberia mais desejos e, por fim, não me faltaria nenhuma perfeição; pois teria conferido a mim mesmo todas as perfeições das quais tenho em mim alguma ideia e, assim, eu seria Deus.”

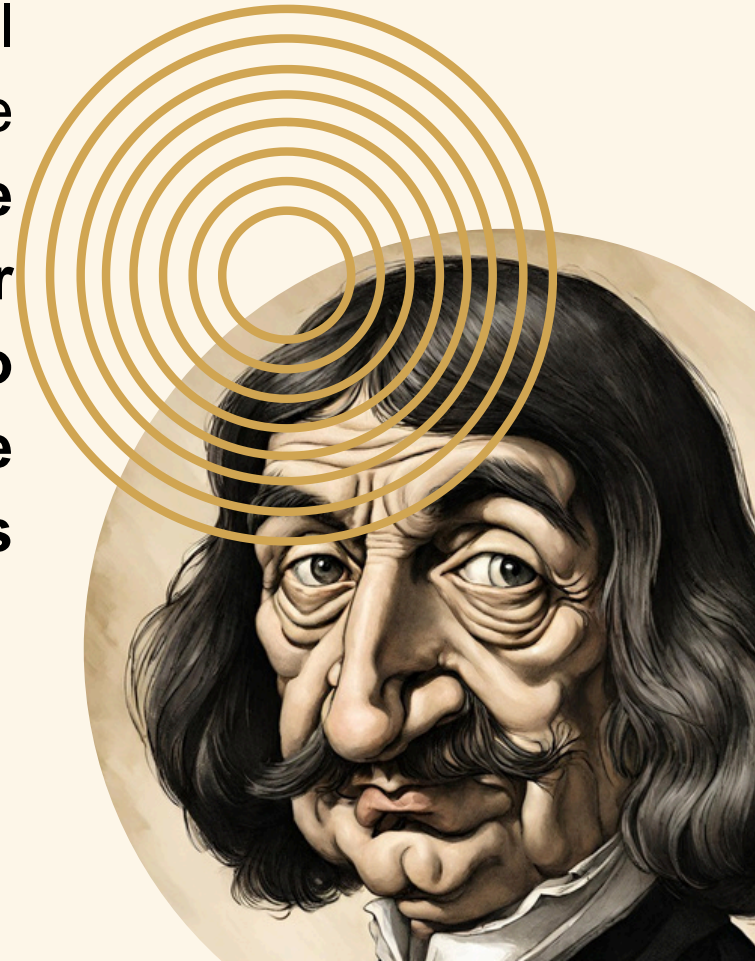
“A ideia de um ser mais perfeito que o meu, pois tirá-la do nada era coisa manifestamente impossível [...] **Assim restava apenas que ela tivesse sido posta em mim por uma natureza que tivesse em si todas as perfeições que eu podia conceber [...] em uma palavra, Deus.**”



Que é um filósofo?

No final da obra intitulada “O Discurso do Método”, Descartes afirma: “Com o que faço aqui uma declaração, que sei perfeitamente não poder servir para tornar-me considerável no mundo, mas também não tenho vontade nenhuma de sê-lo; e **me sentirei sempre mais obrigado com aqueles cujo favor desfrutarei meu tempo sem empecilhos do que me sentiria com aqueles que me oferecessem os mais honrosos empregos da terra.**”

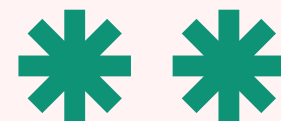
Por que Descartes faz tal afirmação?





subjetividade

DEMOCRÁTICA



o problema

DA LIBERDADE

1) Que é a liberdade?

2) Que diferença existe entre a prática e a compreensão da liberdade?

3) Qual é a relação entre o método cartesiano e a liberdade?



LIBERDADE

cartesiana

Primeiro

A menor atividade de pensamento compromete todo o pensamento autônomo.

Segundo

Devido a que o homem não pode produzir ideia alguma, mas apenas contemplá-las, ele é provido de uma simples faculdade negativa: **dizer que não a tudo o que não é verdadeiro.**

Terceiro

O verdadeiro é coisa humana, devido a que preciso afirmá-lo para que exista.

Quarto

A tarefa do homem consiste em **comprometer-se totalmente com a ordem natural das coisas que existem** para que se transforme numa ordem das verdades.



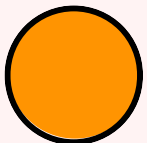
Jean-Paul Sartre



cartesiana

LIBERDADE

Descartes nos confere, acima de tudo, total responsabilidade intelectual completa. Ele experimenta a cada momento a liberdade do seu pensamento contra a cadeia das essências. Também sua solidão. Heidegger disse: “Ninguém pode morrer por mim”. Mas, antes dele, Descartes disse: “**Ninguém pode pensar por mim**”. Finalmente, você tem que dizer sim ou não e **decidir sozinho o que é verdade em nome de todo o Universo.**



Jean-Paul Sartre



cartesiana

LIBERDADE

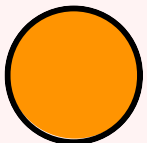
Espírito da ciência

A execução metódica do pensamento leva à conclusão de que todos os sujeitos podem chegar com precisão a conclusões rigorosas, ao tempo que remarca o esforço que tal atividade reclama.

Espírito da democracia

O sufrágio universal não poderia ser fundado em outra coisa que não seja a faculdade universalmente difundida de dizer não ou dizer sim.

A liberdade cartesiana, igual em todos os homens, na absoluta e infinita, obriga-nos a assumir aquela temível tarefa, a nossa tarefa por excelência: **fazer existir uma verdade no mundo, tornar o mundo verdadeiro.**



Jean-Paul Sartre



crítica ao

MÉTODOS

1. A ordem das verdades

Ainda que criativamente descoberta no interior da subjetividade (*res cogita*), a ordem das verdades (*res extensa*) é externa a nós.

2. Ausência de criatividade

Uma fórmula matemática, a rigor, aprende-se de memória e aplica-se sem que se tenha verdadeira compreensão da mecânica da equação a ser resolvida.

crítica ao

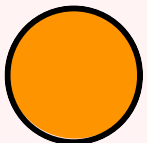
MÉTODO

A ordem das verdades

Já que a ordem das verdades existe fora de mim, o **que vai definir a autonomia para mim não é a invenção criativa, mas a negação**. Negar até não podermos mais negar é como somos livres. Portanto, **a dúvida metódica torna-se o próprio padrão do ato livre**

A dúvida afeta todas as proposições que afirmam algo fora do nosso pensamento, ou seja, posso colocar entre parênteses todas as coisas existentes. **Estou em pleno exercício da minha liberdade quando, vazio, transformo em nada tudo o que existe.**

A hipótese do Gênio Maligno, de fato, mostra claramente que o homem pode evitar todos os enganos, todas as emboscadas; há uma ordem do que é verdadeiro, porque o homem é livre.



Jean-Paul Sartre



crítica ao

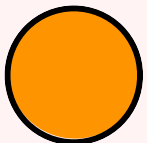
MÉTODO

Ausência de criatividade

Cada regra do Método (exceto a primeira) é **uma máxima de ação ou invenção**. A análise que a segunda regra prescreve não exige um julgamento livre e criativo que produza esquemas e conceba divisões hipotéticas que se verificarão pouco depois?

E, quanto à ordem que a terceira regra defende, **não deveríamos ir à sua procura e prefigurá-la no meio da desordem**, em vez de nos submetermos a ela? **A prova é que será inventado se não existir de fato: “Assumindo também uma ordem entre objetos que naturalmente não têm vantagem uns sobre os outros”**.

Em uma palavra, as regras do Método estão no nível do esquematismo kantiano, representam, em suma, normas muito gerais para um julgamento livre e criativo. Não foi Descartes o primeiro que, enquanto Bacon ensinava os ingleses a seguir a experiência, exigiu que o físico a precedesse com hipóteses?



Jean-Paul Sartre



o pensamento

JEAN-PAUL SARTRE

O nada

A **consciência** intencional **carece de conteúdo**.
“O homem é um buraco no ser”.

Compromisso

Inventor da categoria do escritor (intelectual) que está comprometido com seu tempo.

Solidão

Somos o resultado de nossas escolhas. **Ninguém pode escolher o que devemos ser por nós**.

Sartre e

O SER

Ser-em-si: é aquilo que é. Sempre é o mesmo. Uma rocha, uma montanha, uma árvore etc. **Nunca vai ser alguma coisa diferente do que é.**

Ser-para-si: é o ser cujo ser consiste em projetar na dimensão do futuro.

Para Sartre, **o homem está composto tanto por** seu passado (todas as eleições que tomou durante a vida) - **o ser-em-si** - quanto por seu presente no qual está sempre projetado ao futuro - seu **ser-para-si**.

No presente, o ser do homem não é o que é, e, como está sempre projetado ao futuro, é o que não é.

Sartre e

O NADA

Para Sartre, a **consciência não reside em si**, ela está lançada no mundo. A consciência não encontra um local no qual descansar pacificamente, **ela está projetada ao mundo e, portanto, em perigo.**

À diferença das **coisas**, que **unicamente “são”** e **não podem ser outra coisa diferente do que são**, o **homem** - no tempo presente - **não é**, devido a que **ele está lançado** no mundo, ao futuro e, também, **a seus projetos**, o que **lher** permite **“ser possibilidade”**.

Ser no mundo, para a realidade humana, entendida como pura negatividade, significa existir em constante transformação, sendo nossas escolhas e, projetados ao futuro, podendo ser - no futuro - a negação de nossas escolhas anteriores.

Sartre e o

COMPROMISSO

O compromisso em situação é uma questão moral: não posso ser alheio a um mundo imoral e, se o mundo é imoral, algo tenho que fazer para que seja menos imoral.

“Não queremos sentir vergonha de escrever e não temos vontade de falar para não dizer nada, mesmo se quiséssemos não poderíamos fazê-lo, ninguém pode falar sem dizer nada. Devido a que não falar também é falar, calar-se é continuar falando.” (SARTRE, O que é literatura)

Ninguém pode ser alheio à política, vivemos dentro da *polis* (a sociedade civil), na qual presenciamos diariamente as tragédias que acontecem e que, inevitavelmente, nos levam a comprometer-nos com elas. Sem esquecer que ninguém pode evitar o compromisso, evitá-lo é comprometer-se, só que de um modo mais indigno.

Sartre e a

SOLIDÃO

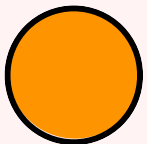
O homem:

Não pode conseguir o auxílio de um sinal qualquer que o oriente no mundo, pois considera que **é o próprio homem quem decifra o sinal como bem entende.**

Não pode se apoiar unicamente numa moral estabelecida, esperando que esta “tenha a resposta a todos os problemas”. Os valores são vagos, amplos, e cada problema apresentará múltiplas soluções que causarão diversos benefícios e prejuízos.

Não pode procurar conselho, pois, quando pedimos um conselho, comumente, já conhecemos o conselheiro e, portanto, já sabemos aproximadamente qual é o conselho que vamos receber dele. **Pedir um conselho é engajar-se com a resposta ainda antes de recebê-la.**

Pensa, portanto, que o homem, sem apoio e sem ajuda, está condenado a inventar o homem a cada instante.

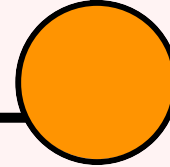


Jean-Paul Sartre



GRUPO

dialética do



Ocorrem comportamentos de imitação ou contágio: “Cada um vê no Outro o seu próprio futuro e a partir daí **descobre o seu ato presente no ato do Outro.**”. Sartre chama esta primeira face do grupo de **“grupo em fusão”**.

Uma vez que o “grupo em fusão” tenha cumprido a sua tarefa (tomar a Bastilha, por exemplo), o que lhe deu a sua unidade profunda (o perigo imediato) desapareceu. **Resta apenas reviver a unidade passada através de atos mágicos:** atravessar a Bastilha, entrar num recinto onde ainda se pode encontrar um inimigo. Mas **acaba de surgir uma nova figura no grupo: o “grupo da permanência”**. Sua criação original será o **juramento**.

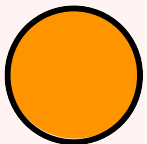
GRUPO

dialética do

Tendo o perigo externo desaparecido ou diminuído, **o grupo deve lutar contra a dissolução da liberdade, criando um medo interno, o seu próprio medo.**

Alcançamos o **fraternidade-terror**. **O grupo tenta eliminar a liberdade que caracteriza cada um dos seus integrantes: todo agente prático, na sua liberdade, é potencialmente um traidor, pode tornar-se um Outro. O juramento, portanto, é Terror.** “A liberdade de cada um exige a violência de todos contra ele e contra a de qualquer terceiro como sua defesa contra si mesmo (...) Juro, como indivíduo comum: **exijo que me matem se eu me separar**”. **Quando matamos o traidor, “cada pedra atirada, cada golpe dado constitui uma nova prestação de juramento”.**

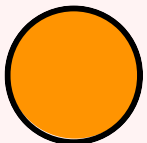
Hugo, personagem da obra de teatro “Mãos Sujas”, pertence a um grupo: o partido. Ele recebe a seguinte ordem: “Você irá até a casa do Hoederer e colocará três balas na barriga dele”. É uma ordem simples. Hugo vai até a casa de Hoederer e coloca as três balas na barriga. Obedece mas algo surpreendente acontece: não há mais ordem, a ordem vai embora e o deixa completamente sozinho. “A ordem ficou para trás e eu avancei sozinho e matei completamente sozinho e... e nem sei mais por quê.”



Jean-Paul Sartre

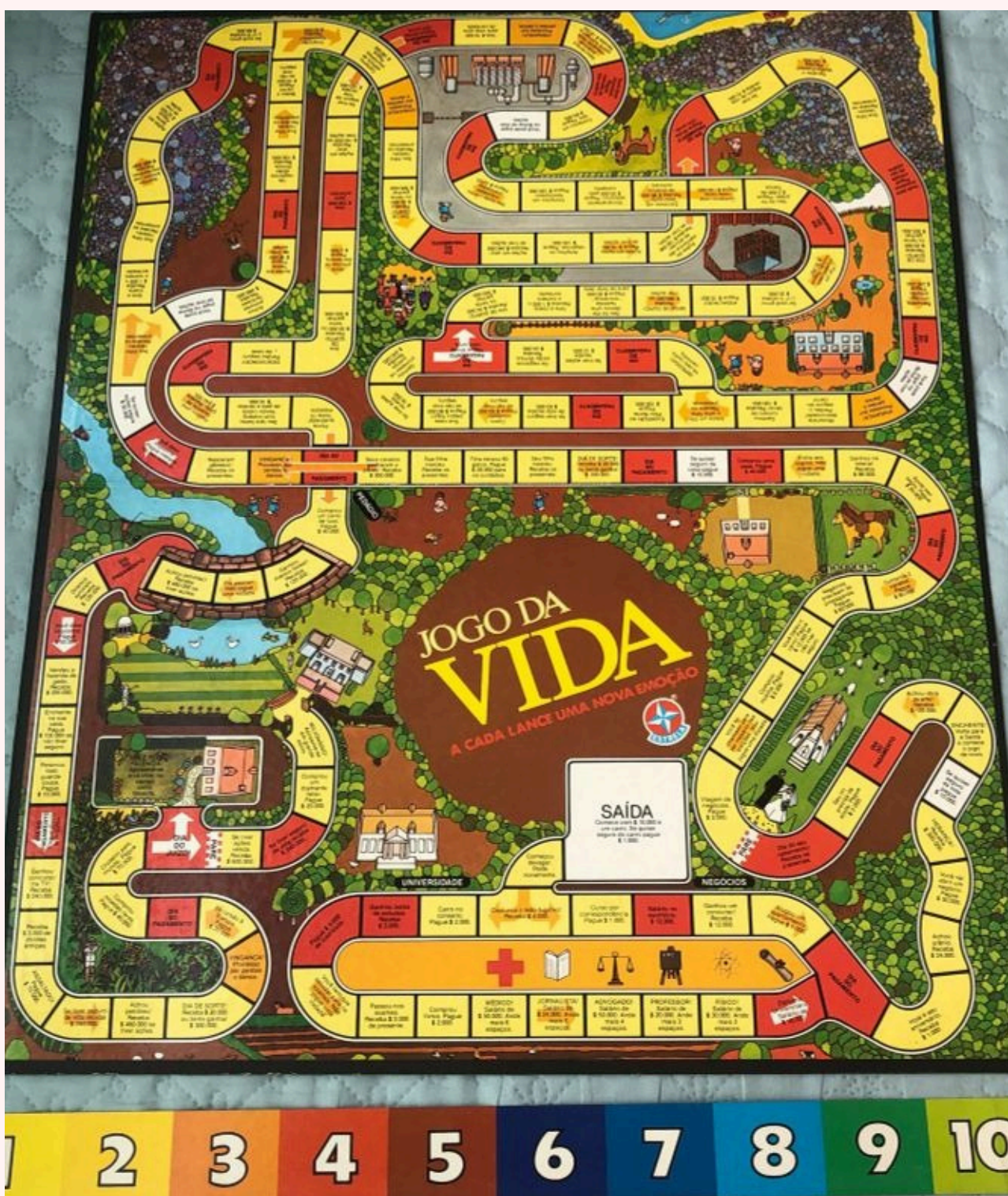


A situação de Hugo é uma dialética entre o ser (que é o grupo) e o nada (que é a liberdade do agente prático). O nada corrói constantemente o grupo. O nada é a liberdade de cada um dos agentes práticos.



Jean-Paul Sartre







Falência!: Retira-se ao campo e se converte em filósofo.

o problema

DA LIBERDADE

- 1) Por que o método cartesiano pode ser considerado como uma proposta que navega entre o espírito da ciência e o espírito da liberdade?**
- 2) Por que Jean-Paul Sartre considera a dúvida metódica como um ato fundamental da liberdade humana?**
- 3) Qual é a relação entre a “dialética do grupo” e a proliferação de “fake news”? Exemplifique.**





Unidade 5



A República de Weimar

Depois da derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, a cidadania proclamou uma nova constituição na cidade de Weimar, que entrou em vigor em 11 de agosto de 1919.

A jovem república caracterizou-se pela instabilidade política e as

sucessivas crises econômicas.

Em 1923, Adolf Hitler protagonizou uma tentativa de golpe de Estado denominado "O Golpe da Cervejeira", que seria a semente para que o nazismo suplantasse definitivamente a República de Weimar.



O fim da República de Weimar

Destacam-se uma série de três acontecimentos para explicar o ascenso e a consolidação do líder do partido Nacional Socialista no poder, a redação de uma nova constituição e o começo do Terceiro Reich.



**Decreto do Incêndio
do Reichstag**



**Lei de Concessão
de Plenos
Poderes**



**Noite das Facas
Longas**



Decreto do Incêndio do Reichstag



Imaginando o ascenso ao poder pela via democrática, Adolf Hitler tenta repetir o sucesso das eleições de julho 1932 - nas quais obteve 37% dos votos - mas tanto em novembro de 1932 quanto em

janeiro de 1933 não consegue superar os 33% e percebe que sua popularidade diminuía enquanto o apoio aos comunistas e aos social-democratas crescia ou se matina firme.

Já decidido a abandonar a via democrática, aproveita um incêndio no parlamento perpetrado "supostamente" por um simpatizante do partido comunista, fato que Hitler utiliza para promulgar o Decreto do Incêndio do Reichstag.

Decreto do Incêndio do Reichstag



Tal **decreto** **garantiu a suspensão das liberdades civis**, como a liberdade de imprensa, liberdade de expressão, liberdade pessoal, direito de associação e de reuniões públicas, privacidade

nos correios e telefones, proteção da casa e propriedades.

O decreto também permitiu absorver as faculdades estaduais, centralizando o poder na figura de Hitler, e estabelecer a pena de morte para queima de edifícios públicos de forma retroativa.

Lei de Concessão de Plenos Poderes



Utilizando o Decreto do Incêndio do Reichstag, Adolf Hitler remove do parlamento as 81 cadeiras do partido comunista e 20 cadeiras das 120 que tinha o partido social democrata para garantir uma

nova maioria parlamentar que lhe permitisse reformar a constituição com uma nova lei, titulada “Lei para a Remoção da Angústia do Povo e do Reich” .

Com a aprovação da nova lei, Adolf Hitler absorve as atribuições legislativas do parlamento. Tais atribuições garantiam-lhe que as leis sancionadas pelo Reich pudessem ser contrárias à constituição vigente ou liberdade para assinar tratados internacionais sem controle parlamentar.

LEY DE BASES Y PUNTOS DE PARTIDA PARA LA LIBERTAD DE LOS ARGENTINOS

Ley 27742

Disposiciones.

El Senado y Cámara de Diputados de la Nación Argentina reunidos en Congreso, etc. sancionan con fuerza de Ley:

LEY DE BASES Y PUNTOS DE PARTIDA PARA LA LIBERTAD DE LOS ARGENTINOS

TÍTULO I

Declaración de emergencia

Artículo 1°- Declárase la emergencia pública en materia administrativa, económica, financiera y energética por el plazo de un (1) año.

Deléganse en el Poder Ejecutivo nacional las facultades dispuestas por la presente ley, vinculadas a materias determinadas de administración y de emergencia, en los términos del artículo 76 de la Constitución Nacional, con arreglo a las bases aquí establecidas y por el plazo dispuesto en el párrafo precedente.

A Noite das Facas Longas



Paranóico em seu recente ascenso ao poder, em 1934, Adolf Hitler decide utilizar seu corpo militar de elite, denominado "SS (Schutzstaffel)", e a polícia secreta do Estado, chamada de "Gestapo (Geheime Staatspolizei)", para realizar uma gigantesca purga na Alemanha com o objetivo de livrar-se principalmente das "SA", comandadas por Ernest Rhom e popularmente conhecidas como "camisas pardas". Motivados por ambições próprias, os

"camisas pardas" eram o único impedimento a Hitler de tomar completamente o controle do partido nazista e da Alemanha. Durante a noite do 30 de junho de 1934, foram assassinadas, no mínimo, 85 pessoas, integradas pelos críticos de Hitler, antigos inimigos e os líderes das "SA".

Leis da propaganda política de Joseph Goebbels

01

Simplificação e do Inimigo Único

04

Transfusão

02

Ampliação e Desfiguração

05

Unanimidade e de Contágio

03

Orquestração

Lei da Simplificação e do Inimigo Único

A propaganda reconhece-se como inimiga do pensamento, **seu conteúdo deverá ser o mais resumido e sintético possível**, evitando comunicar ideias complexas.

Com o intuito de ter uma maior penetração na massa, **a publicidade política deverá limitar-se apenas a um único objetivo**. Pelo que **deverá gerar um efeito “contágio”**, no qual todas as características positivas ou negativas sejam relacionadas com um único indivíduo.

“Atacar-se-á sempre, conseqüentemente, a indivíduos ou a pequenas frações, e nunca a massas sociais ou nacionais em conjunto. Assim, Hitler jamais pretendeu combater a classe operária marxista, mas alguns ‘marxistas-judeus que seguravam os cordões’, jamais a Igreja, mas ‘uma súpica de padres hostis ao Estado’”.
(DOMENECH, A Propaganda Política).

Lei da Simplificação e do Inimigo Único

A simplificação usa constantemente uma série de enumerações com o objetivo de confundir em uma mesma aversão, por exemplo, a um político opositor, a um membro do clero e a um filósofo crítico. “É o que se chama **o método de contaminação, mediante o qual um partido sugere que as divisões dos adversários não passam de artifícios destinados** a enganar o povo, pois, na realidade, se entendem contra ele.” (DOMENECH, A Propaganda Política).

Uma peculiaridade da **propaganda nazista era que, uma vez delimitado o “inimigo” e simplificada a mensagem, era possível fazer uma transposição dos próprios defeitos.** Como aponta Paul Reiwald, “o fato de emprestar-se ao inimigo os próprios defeitos e atribuir-lhe os atos que se está a ponto de praticar, tornou-se, graças a Hitler, a peculiaridade da propaganda nacional-socialista”. (DOMENECH, A Propaganda Política).

Lei da Ampliação e Desfiguração

Para produzir uma propaganda em “atacado” **é necessário vulgarizar seu conteúdo para aumentar a quantidade de usuários com a capacidade de consumi-la.**

“Lê-se no Mein Kampf: ‘Toda propaganda deve estabelecer seu nível intelectual segundo a capacidade de compreensão dos mais obtusos dentre aqueles aos quais se dirige. **Seu nível intelectual será, portanto, tanto mais baixo quanto maior a massa de homens que se procura convencer**’.” (DOMENECH, A Propaganda Política).

A **desfiguração de fatos** – exaltando, por exemplo, uma frase casual ou o passo inocente de um navio desconhecido como fatos perigosos para a população – **é amplamente utilizada na propaganda política**, por exemplo:

“A imprensa alemã apresentava uma greve nos Estados Unidos; ela não dizia: ‘Roosevelt realiza uma arbitragem, recusada pelos grevistas’, e, sim: ‘Os grevistas respondem à estúpida política social de Roosevelt com a recusa da arbitragem’” (DOMENECH, A Propaganda Política).

Lei da Orquestração

Para **uma propaganda não ser esquecida devido ao bombardeio informativo que sofre o indivíduo, é necessário que ela se repita incansavelmente.**

Partindo da afirmação de Goebbels "A Igreja Católica mantém-se porque repete a mesma coisa há dois mil anos. O Estado nacional-socialista deve agir analogamente.", estabelece-se que essa mensagem simplificada, de fácil compreensão e com um único objetivo deve, também, repetir-se durante grandes períodos de tempo.

Não obstante, a repetição incessante de uma mesma mensagem será sumamente tediosa e contraproducente na fixação da mensagem na massa. Por isso, a **publicidade precisa renovar-se constantemente, exibindo os diversos aspectos que a compõem.**

Lei da Orquestração

Como insiste Hitler em Mein Kampf: “A propaganda deve limitar-se a pequeno número de idéias e repeti-las incansavelmente. **As massas não se lembrarão das idéias mais simples a menos que sejam repetidas centenas de vezes. As alterações nela introduzidas não devem jamais prejudicar o fundo dos ensinamentos a cuja difusão nos propomos, mas apenas a forma.** A palavra de ordem deve ser apresentada sob diferentes aspectos, embora sempre figurando, condensada, em uma fórmula invariável, à maneira de conclusão”.

Esse tipo de renovação, quando vem de diferentes fontes, termina dando uma aura de **verossimilhança** ao “fato” apresentado. Por exemplo, Goebbels contava com o controle total da imprensa alemã e, para preparar as agressões à Polônia, “os jornais das regiões fronteiriças principiaram por fornecer ‘informações’ acerca das atrocidades sofridas pelas minorias alemãs; a seguir, **esses relatos foram ‘reproduzidos’ por todos os jornais como se viessem de fontes diferentes, e, conseqüentemente, aparentando autenticidade complementar.**” (DOMENECH, A Propaganda Política).

Lei da Orquestração

Uma boa orquestração, é, por outra parte, **um mecanismo de silenciamento.**

Goebbels insistia em que **era preciso fazer constantemente revelações, mudar os argumentos, a tal ritmo que as respostas do adversário não acompanhassem a atenção do público.** De modo que “suas respostas sucessivas não conseguirão recobrar o fluxo ascendente das acusações, e o único recurso será recuperar a iniciativa, se puder, e atacar com maior rapidez ainda.” (DOMENECH, A Propaganda Política).

Lei de Transfusão

É impossível inocular uma ideia na população a partir do nada. **A propaganda eficiente**, regra geral, **trabalha sempre sobre o preexistente**, seja uma mitologia nacional (uma revolução, uma batalha, etc.) ou o complexo de ódios e de preconceitos típicos (os filósofos são todos maconheiros, ergo, na faculdade de humanidade só tem droga).

“Princípio conhecido por todo orador público é o de que **não se deve contradizer frontalmente uma multidão, mas de início, declarar-se de acordo com ela, acompanhando-as antes de amoldá-la ao escopo visado.**” (DOMENECH, A Propaganda Política).

Lei de Unanimidade e de Contágio

A falha comum das pesquisas de “opinião” a respeito de qualquer assunto deve-se a que um indivíduo pode afirmar duas opiniões diferentes ou, inclusive, contrárias a respeito da mesma questão. Esse fenômeno é fundado no fato de que o indivíduo é amplamente sugestionado pelo grupo social a que pertence (Igreja, partido político, time etc.), ainda que essa visão coletiva seja contrária à sua visão privada.

“A maioria dos homens tende antes de tudo a ‘harmonizar-se’ com os seus semelhantes [...] Decorre desse fato que inúmeras opiniões não passam, na realidade, de uma soma de conformismo, e se mantêm apenas por ter o indivíduo a impressão de que a sua opinião é a esposada unanimemente por todos no seu meio. Em consequência, será tarefa da propaganda reforçar essa unanimidade e mesmo criá-la artificialmente.”. (DOMENECH, A Propaganda Política)

